

Autor bestseller do *Sunday Times*

M. J. ARLIDGE

O MESTRE DO THRILLER

# UM, LIDO, TÁ

Um vive e um morre.  
Não há outra sorte.

TOP  
SEL  
LER

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM

Autor bestseller do *Sunday Times*

M. J. ARLIDGE

O MESTRE DO THRILLER

# UM, DO, L! TÁ

Um vive e um morre.  
Não há outra sorte.

TOP  
SEL  
LER

M. J. ARLIDGE

UM,  
LÍ, DÓ,  
TÁ



os livros em primeiro lugar



O Sam está a dormir. Podia matá-lo agora. Está de costas voltadas para mim, não seria difícil. Se me mexesse, será que ele se agitaria? Tentaria deter-me? Ou sentir-se-ia apenas satisfeito com o fim deste pesadelo?

Não consigo pensar nesses termos. Tenho de tentar recordar o que é real, o que é bom. Mas, quando se está preso, os dias parecem intermináveis e a esperança é a primeira a morrer.

Esgoto a minha mente à procura de memórias felizes para afastar os pensamentos sombrios, mas são cada vez mais difíceis de encontrar.

Só aqui estamos há dez dias (ou serão 11?), e ainda assim a vida normal já me parece uma recordação distante. Estávamos a tentar arranjar boleia para regressarmos de um concerto em Londres quando tudo aconteceu.

Chovia torrencialmente, e tinha passado uma série de carros que nem sequer abrandaram. Estávamos ensofados até aos ossos e prestes a desistir, quando finalmente parou uma carrinha. Lá dentro estava quente e seco. Ofereceram-nos café de um termo. Só o cheiro bastou para nos animar. O sabor era ainda melhor. Não percebemos que seria o nosso derradeiro sabor a liberdade.

Quando despertei, tinha a cabeça a latejar e sangue a cobrir-me a boca. Já não me encontrava na carrinha acolhedora, mas sim num local frio e escuro. Estaria a sonhar? Assustei-me com um ruído atrás de mim. Mas era só o Sam a levantar-se tropegamente.

Tínhamos sido assaltados. Assaltados e abandonados. Arrastei-me para a frente, arranhando as paredes que nos enclausuravam. Azulejo frio e duro. Fui de encontro ao Sam e, por breves momentos, agarrei-o, inspirando aquele cheiro que tanto adoro. Depois o momento passou, e apercebemo-nos do horror da nossa situação.

Estávamos numa piscina de saltos abandonada. Degradada, mal estimada, tinham-lhe retirado as pranchas, os letreiros e até as escadas. Tudo o que podia ser aproveitado, fora-o. Só ficara um profundo tanque liso do qual era impossível sair.

Estaria aquela cabra demoníaca a ouvir os nossos gritos? Provavelmente. Pois, quando finalmente parámos, aquilo aconteceu. Ouvimos um telemóvel a tocar e, por um breve e glorioso momento, pensámos que se trataria de alguém que viria resgatar-nos. Mas então vimos a parte da frente do telefone voltada para nós a brilhar, no fundo da piscina ao nosso lado. O Sam não se mexeu, por isso fui a correr. Porquê eu? Porque é que tenho de ser sempre eu?

— Olá, Amy.

A voz do outro lado parecia distorcida, desumana. Eu queria pedir misericórdia, explicar que se tratava de um erro terrível, mas o facto de saberem o meu nome pareceu furtrar-me toda a convicção. Não disse nada, por isso a voz prosseguiu, implacável e fria:

— Queres viver?

— Quem são vocês? O que é que nos...

— Queres viver?

Por momentos, senti-me incapaz de responder. A minha língua não se moveu. Mas depois:

— Sim.

— No chão, junto ao telefone, vais encontrar uma arma. Tem uma bala. Para o Sam ou para ti. É o preço da tua liberdade. Tens de matar para viver. Queres viver, Amy? Não consegui falar. Apeteceu-me vomitar.

— Então, queres?

E a chamada desligou-se. Foi então que o Sam perguntou:

— O que é que disseram?

O Sam está a dormir ao meu lado. Posso fazê-lo agora.

## 2

A mulher gritou de dor. E depois deu-se o silêncio. Nas costas dela formavam-se linhas arroxeadas. Jake ergueu de novo o cabo do chicote e, com um estalido, lançou-o mais uma vez para baixo. A mulher curvou-se, gritou e pediu:

— Outra vez.

Raramente dizia outra coisa. Não era do tipo falador. Ao contrário do que acontecia com algumas das clientes dele. As gerentes, contabilistas e funcionárias presas a relações sem sexo estavam sempre desesperadas por conversar — desesperadas por caírem no gongo do homem a quem pagavam para lhes bater. Ela era diferente: um livro fechado. Nunca mencionou como o descobrira. Ou o que a levava a aparecer. Divulgou as suas instruções — as suas necessidades — com clareza e agressividade e depois pediu-lhe que avançasse.

Começavam sempre por lhe prender os pulsos. Duas tiras de couro tachonadas bem apertadas, para que os braços ficassem presos à parede. Grilhetas de ferro nos tornozelos prendiam-lhe os pés ao chão. As peças de roupa seriam cuidadosamente pousadas na cadeira ali presente, e então ali estava ela de pé, acorrentada, em roupa interior, à espera do castigo.

Não houve lugar a encenações. Nada de «por favor, não me magoe, paizinho» ou «sou uma rapariga muito, muito marota». Limitou-se a querer que ele a magoasse. De certa forma, foi um alívio. Ao fim de algum tempo, qualquer trabalho se tornava uma rotina, e às vezes era agradável não ter de alinhar nas fantasias de vítimas infelizes que gostam de imitar alguém. Ao mesmo tempo, era frustrante a recusa dela em assumir um relacionamento adequado com ele. O elemento mais importante de qualquer relação SM é a confiança. Os submissos têm de saber que estão em segurança, que o dominador lhes conhece a personalidade e necessidades e que ele consegue oferecer-lhes uma experiência satisfatória, confortável para ambos os lados. Se não se tem isso, então rapidamente se transforma em agressão ou até abuso — e essa não era, definitivamente, a onda de Jake.

Portanto, ele foi avançando passo a passo: uma pergunta estranha aqui, um comentário estranho ali. E, com o passar do tempo, percebeu o essencial: ela não era efetivamente de Southampton, não tinha família e aproximava-se dos 40 sem que isso a incomodasse. Ele também percebeu através das sessões que tiveram juntos que a dor era a cena dela. O sexo não entrava na equação. Não queria ser provocada ou excitada. Queria ser castigada. As sovas nunca foram longe de mais, mas eram duras e contínuas. Ela tinha corpo para aguentar — era alta, musculada e tonificada —, e os vestígios de antigas cicatrizes sugeriam que não era nova na cena do SM.

Ainda assim, e apesar de tanto a ter sondado, de todas as perguntas muito bem formuladas, havia apenas uma coisa de que Jake tinha a certeza. Uma vez, quando ela estava a vestir-se, um cartão de identidade com foto deslizou para fora do bolso do casaco e caiu ao chão. Ela apanhou-o num ápice; achou que ele não tinha visto, mas vira. Ele achava que conhecia relativamente bem as pessoas, mas esta apanhara-o de surpresa. Se não tivesse visto a identidade dela, nunca teria adivinhado que era agente da polícia.

### 3

A Amy está agachada perto de mim. Agora já não há embaraços, e ela urina no chão sem qualquer vergonha. Observo enquanto o fino fio brilhante de urina embate na tijoleira, pequenas gotas a saltar até lhe atingirem as cuecas sujas. Há umas semanas, teria desviado o olhar, mas agora não.

A urina dela serpenteia lentamente pela inclinação, até se juntar à poça estagnada de detritos que foi crescendo na extremidade mais baixa. Estou fixado na sua progressão, até que finalmente desaparecem as derradeiras gotas e acaba o entretenimento. Ela regressou ao seu canto. Não há desculpas nem reconhecimento. Transformámo-nos em animais, sem querermos saber de nós, nem um do outro.

Nem sempre foi assim. No início, ficámos furiosos e mostrámo-nos desafiadores. Estávamos determinados a não morrer aqui. Juntos, sobreviveríamos. A Amy subiu aos meus ombros, partindo as unhas ao tentar agarrar-se aos azulejos, e esticou-se para chegar ao rebordo da piscina. Quando não resultou, tentou saltar a partir dos meus ombros. Mas a piscina tem uma profundidade de quase cinco metros, talvez mais, e a salvação pareceu eternamente inatingível.

Experimentámos o telefone, mas estava bloqueado por um código PIN e, depois de termos tentado umas quantas combinações, acabou por ficar sem bateria. Gritámos e berrámos até ficarmos com a garganta arranhada. Em resposta, escutámos apenas o nosso eco, a trocar de nós. Às vezes, até parece que estamos noutro planeta, sem qualquer outro ser humano num raio de quilómetros à nossa volta. O Natal aproxima-se, deve andar gente à nossa procura, mas é difícil crer nisso, aqui, envolvidos neste silêncio terrível e inesgotável.

Fugir não é opção, por isso agora limitamo-nos a sobreviver. Roemos as unhas até os dedos sangrarem e depois sugámos avidamente o sangue. Lambemos a condensação dos azulejos ao amanhecer, mas os nossos estômagos continuavam a doer. Falámos em comer a nossa roupa... mas depois pensámos melhor no assunto. À noite está um frio de rachar, e a única coisa que nos impede de morrer de hipotermia são as nossas escassas peças de roupa e o calor que vamos buscar um ao outro.

É imaginação minha, ou os nossos abraços estão cada vez menos calorosos? Menos confiantes? Desde que aconteceu, agarramo-nos dia e noite um ao outro, esperando que ambos possamos sobreviver, desesperados para não sermos deixados sozinhos neste lugar horrível. Para passar o tempo, jogamos alguns jogos, imaginando o que faremos depois de chegar a cavalaria: o que comeremos, o que diremos às nossas famílias, o que iremos receber no Natal. Mas, aos poucos, esses jogos vão sendo abandonados conforme nos apercebemos de que fomos trazidos para aqui com um propósito, sem direito a um final feliz.

— Amy?

Silêncio.

— Amy, por favor, diz qualquer coisa.

Ela não olha para mim. Não fala comigo. Será que a perdi de vez? Tento imaginar o que estará a pensar, mas não consigo.

Talvez não haja mais nada a dizer. Tentámos tudo, explorámos todos os milímetros da



nossa prisão, à procura de formas de escapar. A única coisa em que não tocámos foi a pistola. Continua ali pousada, a chamar por nós.

Ergo a cabeça e apanho a Amy a olhar para ela. Os nossos olhares cruzam-se, até ela desviar os olhos. Seria ela capaz de lhe pegar? Há 15 dias, eu teria dito que isso era completamente impossível. Mas agora? A confiança é algo muito frágil: difícil de conquistar, fácil de perder. Já não tenho a certeza de nada.

Sei apenas que um de nós vai morrer.

Ao sair para o ar fresco da noite, Helen Grace sentiu-se relaxada e feliz. Abrandando o ritmo, saboreou aquele momento de paz, lançando um olhar divertido para a multidão de pessoas a fazer compras que a rodeava.

La para o mercado de Natal de Southampton. Alinhado ao longo do flanco sul do centro comercial WestQuay, o mercado era um evento anual, uma oportunidade de comprar presentes originais feitos à mão que não figuram em qualquer lista de desejos da Amazon. Helen odiava o Natal, mas todos os anos, sem falta, comprava algo para Anna e Marie. Era o único prazer festivo de que não abdicava, e aproveitava sempre ao máximo o momento. Comprava joias, velas aromatizadas e outras bugigangas, mas também não poupava nos comestíveis, deitando a mão a tâmaras, chocolates e pudim de Natal obscenamente caro e a um belo embrulho de pastilhas de creme de hortelã, de que Marie gostava particularmente.

Foi buscar a sua *Kawasaki* ao parque de estacionamento do WestQuay e saiu disparada por entre o trânsito do centro da cidade, dirigindo-se para sudeste, rumo a Weston. Acelerou para longe da animação e da abundância, rumo à miséria e ao desespero, puxada inexoravelmente pelas cinco torres monolíticas que ali dominavam a linha do horizonte. Durante anos, saudaram aqueles que chegavam por mar a Southampton e, no passado, bem mereceram tal honra, dado que eram imponentes, futuristas e otimistas. Mas atualmente a história era bem diferente.

A Torre Melbourne era, de longe, a mais dilapidada. Há quatro anos, uma fábrica ilegal de droga explodira no 6.º andar. Houve muitos danos, que arrancaram o coração do edifício. A Câmara prometeu a reconstrução, mas a recessão pôs de parte tais planos. Tecnicamente, a renovação ainda estava agendada, mas já ninguém acreditava que isso sucedesse. Por isso, o prédio permaneceu tal como estava, ferido e mal-amado, abandonado pela maioria das famílias que lá costumavam viver. Era agora território de drogados, de ocupantes ilegais e daqueles que já não tinham para onde ir. Era um lugar sórdido e esquecido.

Helen estacionou a sua moto a uma distância segura das torres e prosseguiu a pé. Por norma, à noite as mulheres não percorriam sozinhas a propriedade, mas Helen nunca temeu pela sua segurança. Era conhecida na zona, e as pessoas mantinham-se afastadas, o que calhava bem. Naquela noite estava tudo calmo, à parte uns quantos cães a farejar em volta de um carro calcinado, pelo que Helen abriu caminho por entre as seringas e os preservativos e entrou na Torre Melbourne.

No 4.º andar, parou em frente ao apartamento 408. Em tempos, fora uma agradável e confortável casa camarária, mas agora parecia o Fort Knox. A porta da frente estava pejada de cadeados, mas o mais espantoso eram as grades de metal, muito bem fechadas com aloquetes, que reforçavam a entrada principal. Os *graffiti* abjetos («anormal», «atrasada», «mongoloide») que revestiam o exterior permitiam perceber por que razão o apartamento se encontrava tão protegido.

Era a casa de Marie e Anna Storey. Anna tinha uma deficiência profunda e era incapaz de falar, de se alimentar sozinha ou de ir à casa de banho. Anna, agora com 14 anos, necessitava que a sua mãe de meia-idade fizesse tudo por ela, pelo que Marie fazia

o melhor que podia. Viviam da caridade e de subsídios, compravam comida no Lidl, poupavam no aquecimento. Teriam vivido bem com isso — eram as cartas que tinham sido lançadas, e Marie não era pessoa de amarguras — se não fosse pelos vândalos da zona. O facto de não terem o que fazer e de virem de lares destruídos não era desculpa. Aqueles rapazes não passavam de rufias maldosos que gostavam de rebaixar, atormentar e atacar uma mulher e uma criança vulneráveis.

Helen sabia de tudo isso porque desenvolvera um interesse especial por eles. Um dos inúteis, um marginal violento com a cara coberta de acne chamado Steven Green, tentara incendiar o apartamento delas. Os bombeiros chegaram a tempo, e os danos ficaram limitados ao corredor e à sala da frente, mas o efeito em Marie e Anna revelara-se devastador. Estavam completamente aterrorizadas quando Helen as interrogou. Fora uma tentativa de homicídio, e alguém teria de ser responsabilizado. Ela deu o seu melhor, mas o caso nunca foi a julgamento por não haver testemunhas. Helen incitou-a a mudar-se, mas Marie foi teimosa. O apartamento era o lar da sua família e fora especialmente adaptado para lidar com as limitações motoras de Anna — porque haveriam elas de ter de se mudar? Marie vendeu os bens de valor que ainda lhe restavam para reforçar a segurança do apartamento. Quatro anos mais tarde, a fábrica de droga explodiu. Antes disso, o elevador funcionava bem e o apartamento 408 era basicamente um lar feliz. Agora era uma prisão.

Os Serviços Sociais deveriam aparecer regularmente, para se inteirarem do estado delas, mas evitavam aquele local como se fosse a peste e as visitas eram, no mínimo, fugazes. Portanto, Helen, que tinha pouco que a mantivesse em casa à noite, aparecia para as visitar. Daí a sua presença quando Steven Green e companhia regressaram para acabar o trabalho. Como de costume, ele estava pedrado e tinha na mão uma lata de gasolina que tentava acender com uma mecha caseira. Não teve oportunidade para isso. O cassetete de Helen apanhou-o no cotovelo e depois no pescoço, deixando-o estendido no chão. Os outros foram apanhados desprevenidos pela aparição súbita de uma agente da polícia e largaram as bombas de combustível para fugir. Alguns conseguiram-no, outros não. Helen fora bem treinada para apanhar as pernas de suspeitos em fuga. Contrariou o ataque e pouco depois teve o distinto prazer de ver Steven Green e três dos seus melhores amigos a levarem com uma pesada pena de prisão. Havia dias em que o trabalho era mesmo compensador.

Helen suprimiu um tremor. Os corredores sombrios, as vidas desfeitas, os *graffiti* e a imundície eram demasiado sugestivos da sua própria infância para não provocarem uma reacção. Avivavam memórias que se esforçara arduamente por reprimir e que voltou a ser obrigada a afastar. Estava ali por Marie e Anna — recusou-se a permitir que algo lhe ensombrasse o espírito.

Bateu três vezes, o código especial delas, e depois de muitos cadeados destrancados a porta abriu-se.

— Precisa de comida?

— Vá-se lixar — ouviu-se lá de dentro como seria de esperar.

Helen sorriu quando Marie abriu a grade exterior para que ela entrasse. Os pensamentos sombrios já estavam a desaparecer: as «calorosas» boas-vindas surtiam sempre esse efeito. Já lá dentro, Helen distribuiu as prendas, recebeu as suas e sentiu-se envolvida por uma paz profunda. Por um breve momento, o apartamento 408 tornou-se o seu santuário num mundo sombrio e violento.

A chuva caiu desalmadamente, limpando-lhe as lágrimas. Deveria ter sido purificador, mas não foi — estava muito longe de lá chegar. Precipitou-se loucamente sobre a folhagem intrincada do bosque, sem prestar atenção à direção. Precisava apenas de continuar a avançar. Sempre. Sempre. Sempre.

Sentiu picos a arranharem-lhe o rosto e pedras a lacerarem-lhe os pés. Mas seguiu em frente. Com o olhar, procurou desesperadamente alguém, algo, mas só viu árvores. Por momentos, foi assoberbada por um pensamento terrível: ainda estaria sequer em Inglaterra? Gritou por ajuda, mas os gritos dela eram débeis; tinha a garganta demasiado arranhada para conseguir melhor.

No País das Maravilhas de Inverno de Sampson, as famílias formavam pacientemente fila para a Gruta do Natal. O local era, na verdade, um punhado de toldos levantados à pressa sobre terra de cultivo enlameada, mas as crianças pareciam adorar. Freddie Williams, pai de quatro, acabara de trincar o seu primeiro pastel de carne e frutos da época quando a viu. Por entre a chuva copiosa, ela apareceu como uma assombração. O pastel de Freddie ficou parado a meio caminho quando ela coxeou lenta mas persistentemente pelo local, de olhos fixos nele. Após uma observação mais atenta, verificou que não era fantasmagórica, só dava pena: enlameada, a sangrar e pálida como um cadáver. Freddie não queria contacto com ela — parecia louca —, mas as pernas dele não se moveram, permaneceram imóveis face àquele olhar feroz. Ela percorreu os derradeiros metros mais depressa do que ele esperara, e de repente ele estava a recuar quando ela se atirou a si. O pastel dele deu uma cambalhota no ar e aterrou com um chape numa poça.

Na esquadra local, embrulhada numa manta, não pareceu menos louca. Ela não lhes revelaria de onde vinha nem de onde era. Parecia nem sequer saber que dia era. Na verdade, a única coisa que lhe conseguiram arrancar foi que se chamava Amy e que naquela manhã assassinara o namorado.

Helen pisou o travão e deteve-se no exterior da Esquadra Central da Polícia de Southampton. O edifício futurista de vidro e calcário impunha-se diante dela, sobressaindo de forma impressionante sobre a cidade e as docas. Tinha apenas um ano ou dois e era, de todos os pontos de vista, impressionante. Celas do melhor que havia, uma unidade do Serviço de Acusação da Coroa, equipamento para teste de SmartWater[1], tinha tudo o que era necessário num moderno edifício da polícia. Ela estacionou e entrou no prédio.

— A dormir em serviço, Jerry?

O sargento de serviço ao balcão despertou do seu sonho acordado e tentou mostrar um ar atarefado. Sentavam-se sempre um pouco mais direitos quando Helen entrava. Não se devia apenas ao facto de ela ser inspetora-detetive; tinha também algo que ver com a postura dela. Entrando no edifício com o seu equipamento *motard* de couro, ela era um metro e oitenta de ambição e vigor. Nunca chegava tarde, nunca estava ressecada, nunca adoecia. Vivia e respirava trabalho com uma ferocidade que eles só podiam imaginar.

Helen dirigiu-se de imediato aos gabinetes da Equipa de Incidentes Graves. O edifício-bandeira de Southampton podia ser revolucionário, mas a cidade que vigiava permanecia inalterada. Ao estudar os casos em aberto, curvou-se um pouco diante da familiaridade de tudo aquilo. Uma discussão doméstica que acabou em homicídio: duas vidas arruinadas e uma criança levada pela Segurança Social. A tentativa de assassinio de um adepto dos Saints por parte de seguidores do Leeds United de passagem pela cidade. E mais recentemente o brutal assassinio de um homem de 82 anos num assalto com agressão que correu mal. O agressor deixou cair a carteira roubada ao fugir do local, deixando à polícia uma impressão digital nítida e uma rápida identificação. O criminoso era bem conhecido da polícia de Southampton: mais um marginal que arrasou uma família apanhada desprevenida em vésperas do Natal. Helen iria reunir-se naquela manhã com o Serviço de Acusação da Coroa para analisar os pormenores. Abriu o dossiê e percebeu que o caso contra aquele pequeno rufia deveria ser completamente irrefutável.

— Não te ponhas muito à vontade. Temos um caso.

Mark Fuller, detetive-superintendente, aproximou-se. Polícia atraente e talentoso, Mark trabalhara bem de perto com Helen nos últimos cinco anos. Homicídios, raptos de crianças, violações, tráfico sexual — ajudara-a a resolver inúmeros casos desagradáveis, e ela começara a apoiar-se na dedicação, intuição e coragem dele. No entanto, um divórcio complicado deixara as suas marcas, e ultimamente tornara-se imprevisível e falível. Helen ficou pesarosa ao constatar que, mais uma vez, ele cheirava a álcool.

— Uma jovem diz que matou o namorado.

Mark retirou uma fotografia da pasta e passou-a a Helen. Tinha o conhecido selo «Desaparecidos» no canto superior direito.

— O nome da vítima é Sam Fisher.

Helen olhou para baixo para o instantâneo de um homem bastante jovem. Aprumado, com um ar otimista, com um toque até de alguma ingenuidade. Mark deteve-se por alguns momentos, permitindo a Helen que examinasse a fotografia, antes de lhe entregar outra.

— E a nossa suspeita. Amy Anderson.

Ao pegar na imagem, Helen não conseguiu disfarçar a surpresa. Uma bela rapariga de ar boémio, de 21 anos, no máximo. Com um cabelo comprido esvoaçante, espantosos olhos cor de cobalto e lábios delicados, era a definição perfeita de juventude e inocência. Helen pegou no casaco.

— Então, vamos lá.

— Conduzes tu ou...

— Eu conduzo.

Desceram até ao parque em silêncio. Pelo caminho, Helen foi buscar a sua agente estagiária, que andava a trabalhar em casos de desaparecidos. A irrepreensivelmente ativa Charlene Brooks, também conhecida como Charlie, era uma boa agente, diligente e intrépida, que se recusava liminarmente a vestir-se como uma polícia. Naquele dia vestia calças justas de couro. Não era da responsabilidade de Helen preocupar-se com o modo de vestir dela, mas, ainda assim, sentiu-se tentada.

No carro, o álcool bafiento no hálito de Mark revelou-se ainda mais intenso. Helen olhou-o de soslaio antes de abrir a janela.

— E então, o que é que temos? — perguntou ela.

Charlie já tinha a pasta aberta.

— Amy Anderson. Dada como desaparecida há pouco mais de duas semanas. Vista pela última vez num concerto em Londres. Enviou um e-mail à mãe na noite de 2 de dezembro a dizer que ia de boleia para casa com o Sam e que regressaria antes da meia-



noite. Desde então, não houve mais sinais dela. A mãe dela telefonou-nos.

— E depois?

— Ela apareceu hoje de manhã em Sampson. Diz que matou o namorado e depois bloqueia. Não disse mais nada a ninguém.

— E onde é que ela esteve este tempo todo?

Mark e Charlie entreolharam-se, antes de ele acabar por responder.

— Foi exatamente essa a minha pergunta.

Estacionaram o carro no parque do País das Maravilhas de Inverno e dirigiram-se à esquadra local. Ao entrar no desgastado contentor que servia de instalações, Helen ficou chocada com o que viu. A jovem encolhida sob uma manta puída parecia selvagem, perturbada e dolorosamente magra.

— Olá, Amy. Sou a inspetora-detetive Helen Grace. Podes chamar-me Helen. Posso sentar-me?

Não respondeu. Helen instalou-se cuidadosamente na cadeira em frente.

— Gostava de falar contigo por causa do Sam. Pode ser?

A rapariga olhou para cima, com uma expressão horrorizada a espalhar-se pelas suas feições arrasadas. Helen observou-lhe atentamente o rosto, comparando-o mentalmente com a foto que vira antes. Se não fosse pelos penetrantes olhos azuis e a cicatriz antiga no queixo, teriam tido dificuldade em identificá-la. O seu cabelo, em tempos lustroso, estava escorrido, cheio de nós e gorduroso. As unhas estavam sujas. O rosto, os braços e as pernas sugeriam um frenesi de autopunição. E depois havia o cheiro. Era aquele tipo de cheiro que se impõe a tudo o resto. Adocicado. Pungente. Revoltante.

— Preciso de encontrar o Sam. Podes dizer-me onde está?

Amy cerrou os olhos. Uma lágrima solitária escapou-se do confinamento a que estava sujeita e desceu-lhe pela face.

— Onde é que ele está, Amy?

Após um demorado silêncio, ela por fim sussurrou:

— No bosque.

Amy recusou-se categoricamente a deixar o abrigo do contentor, por isso Helen teve de recorrer ao cão. Deixou Charlie a fazer companhia a Amy, levando Mark consigo. *Simpson*, o *retriever*, enfiou o nariz nos trapos ensanguentados que em tempos foram a roupa de Amy e depois saiu disparado pelo bosque.

Não foi difícil perceber onde ela estivera. O avanço pelo bosque fora de tal modo às cegas, tão aparatoso, que deixara grandes buracos no matagal espesso. O caminho por ela percorrido estava decorado com pedaços de roupa e de pele. *Simpson* cheirou-os, saltando para o meio da folhagem. Helen acompanhou o ritmo dele, e Mark mostrou-se determinado a não ser deixado para trás por uma mulher. Mas arfava e transpirava álcool.

O edifício isolado apareceu à vista. Umas piscinas públicas municipais, com a demolição já há muito prometida, uma triste relíquia dos tempos de diversão há muito tidos. *Simpson* arranhou a porta fechada a cadeado e depois afastou-se, correndo em redor do edifício antes de se deter junto a uma janela partida. Sangue fresco ornamentava as vidraças partidas. Tinham encontrado o casulo de Amy.

Foi difícil lá entrarem. Apesar da deterioração da construção, tinha havido cuidados para evitar que alguém entrasse ou saísse do local. Mas para que servia aquela proteção? Não vivia ninguém nas redondezas. Acabaram por forçar o cadeado, e iniciou-se o habitual bailado de pés enfiados em revestimentos esterilizados a deslizar pelo chão.

E ali estava ele. Uns cinco metros abaixo deles, na piscina de saltos. Deu-se uma pequena espera enquanto procuraram uma escada comprida, e depois Helen desceu para

o fundo da piscina, ficando cara a cara com o Sam de Amy. Era um rapaz atinado, contratado por uma firma de advogados, mas não se perceberia isso ao olhar para ele. Parecia o cadáver de um qualquer sem-abrigo que se encontraria nas ruas. Tinha a roupa manchada com urina e excrementos, e as unhas estaladas e sujas. E o rosto. O rosto magro estava contorcido num esgar horrendo; medo, sofrimento e horror estampados nas suas feições retorcidas. Em vida, fora belo e um vencedor. Na morte, era repugnante.

---

[1] Trata-se de um sistema aplicado a artigos de valor para prevenção de roubos; consiste num líquido invisível e inofensivo que deixa um identificador de longa duração apenas visível com raios ultravioleta.  
[N. T.]

Alguma vez deixariam de a torturar?

Amy achou que estaria a salvo no Hospital Central de Southampton. Que seria deixada a sós para sarar e fazer o luto. Mas estavam determinados em atormentá-la. Recusaram-se a permitir que ela comesse ou bebesse, apesar de lhes ter implorado. Tinha a língua inchada e o estômago demasiado contraído, alegaram, e os intestinos poderiam rasgar-se se por lá circulassem sólidos. Por isso, ligaram-na a um tubo de soro. Talvez fosse a atitude correta, mas não era o que ela desejara. Quando é que alguma vez eles estiveram duas semanas sem ver comida? O que sabiam eles?

Também tinha um tubo a pingar morfina, o que ajudou um pouco, embora tivessem sido extremamente cuidadosos para não ser em excesso. Ela controlava a morfina com a mão esquerda, pressionando o botão quando a dor se revelava excessiva. A mão direita estava algemada à cama. As enfermeiras adoravam aquilo como o raio, especulando bem alto sobre o que ela teria feito. Teria matado o seu bebé? Teria matado o marido? Estavam mesmo a divertir-se.

E então, pobre coitada, permitiram que a mãe dela entrasse. Amy ficou agressiva, gritando e berrando até a sua desconcertada mãe ter de se retirar por ordem do médico. Em que merda é que eles estavam a pensar? Não podia ver a mãe, para já não. Não naquele estado.

Ela só queria que a deixassem sozinha. Concentrar-se-ia ferozmente nas coisas à sua volta, a fitar o intrincado entrançado de algodão da fronha da almofada, especada durante horas a fio a olhar para o filamento hipnótico e brilhante da lâmpada da mesinha de cabeceira. Daquela forma, poderia alhear-se de tudo, manter os pensamentos ao largo. E, quando do nada surgia uma imagem de Sam, pressionava o botão da morfina e por momentos afastava-se para um lugar mais feliz.

Mas ela sabia bem lá no fundo do seu coração que não seria deixada em paz por muito tempo. Os demónios estavam a cercá-la, arrastando-a de novo para o sofrimento atroz que deixara para trás. Conseguia ver os polícias no exterior, à espera de entrar para interrogá-la. Não perceberam que ela não queria responder àquelas perguntas? Não sofrera já o suficiente?

— Diga-lhes que não posso recebê-los.

A enfermeira, que estava ocupada a analisar o relatório dela, olhou para cima.

— Diga-lhes que estou com febre — prosseguiu Amy —, que estou a dormir...

— Querida, não posso impedi-los — replicou a enfermeira num tom calmo. — É melhor pôr fim a isto, não?

O sofrimento dela não tinha fim. Amy estava perfeitamente ciente disso. Matara o homem que amava, e não havia como dar a volta a isso.

— Explicas-me como é que saíste da piscina, Amy?

— Uma escada.

— Não vi lá nenhuma escada.

Amy mostrou um olhar carrancudo e virou a cara. Puxando os cobertores do hospital até ao queixo, mais uma vez recolheu-se dentro de si própria. Helen observou-a, intrigada. Se estava a mentir, era uma excelente atriz. Lançou um olhar a Mark e prosseguiu:

— Que tipo de escada era?

— Uma escada de corda. Foi atirada para baixo logo depois de eu...

As lágrimas apoderaram-se dos olhos de Amy, que deixou descair a cabeça até ao peito. Havia umas leves queimaduras nas palmas das mãos de Amy. Consistentes, talvez, com alguém que suba atabalhoadamente uma escada de corda? Helen esbofeteou-se mentalmente: por que razão estaria ela sequer a considerar essa possibilidade? A história de Amy não fazia sentido. Segundo ela, foram recolhidos numa autoestrada, drogados, raptados e depois deixados a passar fome — até serem obrigados a matar. Porque é que alguém faria isso? Até ver, Amy e Sam eram dois bons miúdos, mas a resposta para aquele crime horrível teria de estar algures no seio das vidas deles.

— Fala-me da tua relação com o Sam.

Ao ouvir aquilo, Amy desatou a soluçar.

— Talvez seja uma boa altura para uma pausa, inspetora-detetive. — A mãe de Amy insistira na presença de um procurador.

— Ainda não terminámos — atirou Helen.

— Mas já percebeu que ela está exausta. Certamente que pode...

— A única coisa que eu vejo é um rapaz morto chamado Sam Fisher. Que foi atingido a tiro pelas costas. Bem de perto. Pela sua cliente.

— A minha cliente não nega que puxou o gati...

— Mas não nos explica porquê.

— Já vos disse porquê — reagiu de imediato Amy.

— Sim, e é uma grande história. Mas não faz qualquer sentido.

Helen deixou que as suas palavras pairassem no ar. Sem que fosse preciso dizer-lhe algo, Mark aproveitou a deixa para pressionar ainda mais.

— Ninguém te viu. Nem à carrinha. Os camionistas não viram nada. Nem a brigada de trânsito. Os outros miúdos que pediram boleia nessa estrada também não viram nada. Por isso, porque é que não te deixas de tretas e nos dizes o que te levou a matar o teu namorado? Ele bateu-te? Ameaçou-te? Porque é que ele te levou para aquele lugar horrível?

Amy nada disse, recusando-se sequer a olhar para cima. Era como se Mark nem tivesse falado. Helen reassumiu o controlo da conversa, mas num tom mais brando.

— Não penses que és a primeira, Amy. A apaixonar-se por um tipo simpático que afinal era sádico e violento. A culpa não é tua, ninguém está a julgar-te, e se conseguires explicar-me o que aconteceu, o que correu mal, juro que posso ajudar-te. Ele agrediu-te? Houve mais gente envolvida? Porque é que ele te levou até ali?

Nada. Pela primeira vez, a impaciência apoderou-se do tom de voz de Helen.

— Há duas horas tive de dizer à mãe do Sam que ele foi assassinado. Aquilo de que ela precisa, aquilo de que os irmãos e irmãs mais novos do Sam precisam, é alguém que possam responsabilizar por isto. E neste momento és a única pessoa que encaixa no perfil. Por isso, pelo teu próprio bem, tal como pelo deles, deixa-te de tretas e diz-me a verdade. Porque é que o fizeste, Amy? Porquê?

Seguiu-se um longo silêncio. Depois Amy olhou para cima, com um olhar brilhante por entre as lágrimas.

— Ela obrigou-me.

— E então, chefe, o que te parece?

Pela primeira vez na vida, Helen não soube como responder. Sim ou não, culpado ou inocente, Helen Grace sempre teve resposta a dar. Mas não agora. Aquilo era algo diferente. Toda a sua experiência dizia-lhe que Amy mentia. A história do rapto era suficientemente louca, mas o facto de o autor ser uma mulher solitária era um argumento decisivo. Mulheres assassinas matam os maridos, os filhos ou pessoas que têm ao seu cuidado. Não se dedicam a raptar estranhos nem optam por cenários de alto risco como o que foi descrito por Amy, onde eram ultrapassadas em número pelas vítimas. Mesmo que aquela o tivesse feito, como é que tinha força para levar dois adultos de uma carrinha para uma piscina de saltos? Helen estava mais do que tentada a acusar Amy. Talvez quando tivesse de se confrontar com uma acusação de homicídio revelasse finalmente a verdade.

Contudo, por que motivo haveria ela de inventar tal história a não ser que fosse verdade? Amy era uma rapariga esperta e equilibrada, sem historial de doenças mentais. O seu testemunho revelara-se sempre claro e consistente. A descrição da «raptora» fora precisa — cabelo louro escuro cortado à escovinha, óculos de sol, unhas curtas sujas — e mantida religiosamente. Até em relação aos pormenores, como o facto de puxar excessivamente pelo motor nas velocidades mais baixas. E era notório que ela amava — amava mesmo — Sam e que estava arrasada com a sua morte. Toda a gente os descreveu como inseparáveis, duas metades de um todo. Conheceram-se na Universidade de Bristol e depois ambos se candidataram a um mestrado em Ciências para poderem manter-se juntos, adiando a entrada no mercado de trabalho e uma possível separação. Não tinham muito dinheiro, mas durante o tempo que passaram juntos andaram à boleia por todo o país, raramente indo de férias com terceiros.

Os técnicos forenses ligaram-na à arma, pelo que não houve dúvidas de que foi ela a fazê-lo, mas também confirmaram a história dela relativa ao cativeiro. O estado físico deles — o cabelo, as unhas —, assim como os dejetos humanos no tanque, tudo sugeria que teriam estado ali pelo menos durante duas semanas antes de ela o ter matado. Teriam perdido a esperança e tirado à sorte? Feito um acordo?

— Porquê ele e não tu?

Amy voltara a ir-se abaixo, mas Helen insistira com a pergunta. Amy lá acabou por conseguir falar.

— Porque ele me pediu.

Um gesto de amor, portanto. Um autossacrifício. Que raio de coisa para se ter a pesar na consciência... se fosse verdade. E era isso que estava a incomodá-la: a evidência de que Amy estava destruída pelo sucedido. Não apenas traumatizada. Estava destruída, a implodir sob o peso da culpa. Era uma sensação que Helen conhecia demasiado bem, independentemente de tudo o que pudesse sentir em relação a Amy. Talvez tivesse sido demasiado dura com aquela jovem vulnerável.

Não podia ser verdade. Porque é que alguém haveria de fazer uma coisa como aquela? Que raio tinham eles — «ela» — a ganhar? Nem sequer lá estava para ver, segundo relatou Amy; por isso, qual era o interesse? Não podia ser verdade, e, ainda



assim, quando Helen respondeu à pergunta muito direta de Mark, deu por si a dizer:

— Acho que ela está a dizer a verdade.

Ben Holland odiava a sua viagem semanal a Bournemouth. Para ele, não fazia sentido, era um dia perdido. Mas a empresa era inflexível na pretensão de que os funcionários dos seus diversos escritórios se encontrassem pessoalmente; por isso, uma vez por semana, Ben e Peter (Portsmouth) partilhavam sanduíches e café com Malcolm e Eleanor (Bournemouth) e Hellie e Sarah (Londres). Deveriam discutir as questões mais importantes da lei marítima, litígio bancário e autenticação internacional — antes de começarem a falar mal dos respetivos clientes. Por vezes, era ligeiramente informativo, até dava para divertir, mas, assim que se fazia contas à duração das viagens de ida e volta até Portsmouth, tudo parecia uma colossal perda de tempo.

Aquela estava a revelar-se ainda pior do que o costume. Como era habitual, Ben dera boleia a Peter de e para a reunião em Bournemouth, permitindo ao seu colega mais velho que bebesse ao almoço. Peter era um associado com mente ágil e um bom registo de resultados. Era também grosseiro, repetitivo e sofria de mau cheiro corporal. Já era suficientemente mau estar numa sala de reuniões com Peter. Agora, Ben estava enfiado no carro com ele por mais de duas horas. Pelo menos assim teria sido, se não tivesse ficado sem gasolina.

Ben pegou no telemóvel, a praguejar entredentes. Consternado, arregalou os olhos.

— Não tem rede.

— O quê? — reagiu Peter.

— Não tem rede. E o teu?

Peter verificou o seu telemóvel.

— Nada.

Um longo silêncio.

Ben esforçou-se por conter a raiva. Que mal tinha ele feito para estar ali, no meio de New Forest, com Peter, com a noite a anunciar-se? Ben enchera o depósito na estação de serviço da Esso logo à saída de Bournemouth (a gasolina lá era mais barata), e, ainda assim, nem uma hora depois o depósito ficara vazio. Não deu crédito à luzinha do combustível quando esta se acendeu e tinha a certeza de que a gasolina deveria dar pelo menos para chegar a Southampton. Mas, pouco depois de a luz de aviso ter piscado pela primeira vez, o carro deteve-se de repente. Às vezes, a vida podia ser muito madrastra. Teriam de ir a pé até uma estação de serviço? Passar a noite juntos!

— Seguro com serviço de platina, para quê? — questionou Peter, solidário.

Ben olhou para cima e para baixo para a pequena rua no bosque. Peter não estava a dizê-lo, mas fora ideia de Ben cortar caminho por New Forest. Ele fazia sempre isso, evitando a M27 em redor de Southampton ao utilizar um atalho pouco conhecido que o levava a Calmore, mas hoje virara-se o feitiço contra o feiticeiro. Ben tinha a sensação de que isso iria ser mencionado, mas apenas quando o contratempo fosse resolvido. Peter iria aproveitar bem a situação. Estava apenas à espera da altura ideal.

— Vais tu a pé ou trato eu disso? — questionou Peter.

Era uma pergunta retórica. Imperava a regra da antiguidade, e, além disso, Peter tinha «joelhos com problemas». Portanto, Ben não teve escapatória. Olhando para o mapa, viu que havia algumas casas de campo de férias a uns dois ou três quilómetros

dali. Talvez, caso se apressasse, conseguisse lá chegar antes de ficar demasiado escuro.

Levantou a gola para se proteger do frio, assentiu com a cabeça na direção de Peter e iniciou a marcha penosa pela estrada fora.

— *We'll meet again...* — cantarolou Peter. *Parvo*, pensou Ben.

Mas então, de repente, um golpe de sorte. No crepúsculo, Ben distinguiu dois pontinhos de luz. Estreitou os olhos. Era mesmo, sem dúvida. Faróis. Pela primeira vez nesse dia, Ben sentiu o corpo a relaxar. Afinal, Deus existia. Acenou vigorosamente, mas a carrinha já estava a abrandar para prestar ajuda.

*Graças a Deus*, pensou Ben. A salvação.

Diane Anderson já não via a filha há mais de três semanas. E naquele momento também não estava a vê-la, apesar de Amy estar colada ao seu peito num abraço sufocante. Tinham-na limpo no hospital — um duche e uma lavagem ao cabelo —, mas ainda não parecia Amy.

A atraente agente da polícia, Charlie, acompanhara-as a casa. Disse que era para ajudar Amy, para que se sentisse segura ao regressar ao mundo lá fora, mas ela era uma espia. Diane tinha a certeza disso. Estava ali para esperar, observar e relatar. A sua filha ainda não estava livre. Os dois agentes de uniforme parados à porta não deixavam dúvidas quanto a isso. Estavam ali para protegê-la ou para impedir que fugisse? Ainda assim, pelo menos afugentavam a comunicação social. Uma repórter do pasquim local conseguiu gritar pela ranhura do correio, perguntando nos termos mais rudes o que levava Amy a matar o namorado. O facto de a jornalista ser jovem só piorou as coisas. O que se passava com aquela gente?

«A Amy alvejou o Sam.» Fora nesses termos que a mais implacável — a inspetora-detetive Grace — pusera as coisas. Não fazia qualquer sentido. Amy nunca dispararia sobre ninguém, muito menos contra Sam. Nunca pegara sequer numa arma. Aquilo não era os Estados Unidos.

Ela voltara-se para o marido, Richard, na esperança de que ele corrigisse a polícia, que esclarecesse as coisas, mas o rosto dele era um espelho do dela: puro espanto. Por momentos, ela foi percorrida por um acesso de raiva (Richard nunca estava presente quando era efetivamente preciso), antes de se levantar e mais uma vez enfrentar o amargo presente. Amy amava Sam. Em muitos momentos idílicos, Diane pensou em como seria se — quando — eles se casassem. Sempre assumira que Amy seguiria as práticas modernas e iriam morar juntos sem se casarem. Porém, Amy surpreendera-a ao confidenciar-lhe que fazia questão de dar o nó quando chegasse a altura certa. Mas, como era típico de Amy, teria de haver algo diferente. Não havia hipótese de se vestir de branco e estava determinada a que fosse Diane a acompanhá-la ao altar, e não o pai. Alinharia Richard naquilo? As outras pessoas iriam gostar ou achariam estranho? Com um sobressalto, Diane constatou que estava a sonhar acordada. Com um casamento que nunca iria acontecer.

Nada daquilo fazia sentido. Sam não era violento nem agressivo, por isso não podia ter sido em autodefesa. A inspetora-detetive Grace revelara-se furiosamente carrancuda em relação ao sucedido: «É melhor que a Amy lhe conte quando achar adequado.» Mas Amy não proferira uma palavra. Estava muda. Diane tentou que ela se abrisse, preparando-lhe batidos de malte, oferecendo-lhe bolinhos em miniatura (um prazer de infância), enchendo o quarto que agora partilhavam com todos os seus brinquedos e bibelôs antigos. Mas nada daquilo resultara. Por isso, ficaram ali sentados, um trio extremamente tenso. Charlie na ponta do sofá, a tentar não derramar o chá, Diane a servir mais bolos indesejados e Amy a olhar para o vazio, uma versão recatada da rapariga vibrante que em tempos fora.

Era uma emboscada. A mulher estava à espera e atacou assim que Helen saiu do carro.

— Tem uns minutos, inspetora?

O coração de Helen afundou-se. Já estava a começar.

— Prazer em vê-la, Emilia, mas, como pode ver, estou muito ocupada.

Helen seguiu em frente, mas um braço deteve-lhe a marcha. Helen lançou-lhe um olhar fulminante — *A sério?* —, e a sua adversária percebeu a deixa, pelo que largou lentamente o braço.

Imperturbável, Emilia Garanita exibiu um amplo sorriso. Tinha uma figura impressionante: vigorosa e elegante, mas também destroçada e desfigurada. Em adolescente arrasava corações, mas quando tinha apenas 18 anos fora vítima de um terrível ataque com ácido. Vendo o perfil dela a partir da esquerda, era bela e atraente. Da direita, sentia-se somente pena: as feições desfiguradas, o olho artificial imóvel. Era conhecida na zona como *A Bela e o Monstro* e era a repórter-chefe de Crime do *Southampton Evening News*.

— O caso Amy Anderson. Sabemos que o matou, mas não sabemos porquê. O que é que ele lhe fez?

Helen tentou dissimular o seu desprezo; tinha a certeza de que fora Emilia a gritar através da ranhura do correio de casa dos Andersons, mas não seria inteligente antagonizar a imprensa numa fase tão precoce de uma investigação.

— Foi alguma coisa sexual? Ele batia-lhe? Procuram mais alguém? — insistiu.

— Já conhece o procedimento, Emilia. Assim que tivermos algo para contar, o departamento de ligação aos *media* entra em contacto. Agora, se me dá licença...

— Estou apenas curiosa por tê-la libertado. Nem sequer necessitou de fiança. Por norma, fá-los transpirar um pouco mais antes disso, não é?

— Nós não fazemos ninguém «transpirar», Emilia. Já sabe que sou uma rapariga que segue as regras. E é por isso que toda a comunicação com a imprensa será pelas vias habituais, OK?

Helen mostrou o seu melhor sorriso e seguiu o seu caminho. Vencera a primeira escaramuça daquilo que viria a ser, sem dúvida, uma longa campanha. Emilia tinha o crime a correr-lhe nas veias. A mais velha de seis filhos, tornou-se famosa quando o seu pai, um traficante, foi condenado a 18 anos de prisão por utilizar os filhos como correios de droga. Desde que eram pequenos, Emilia e os cinco irmãos foram obrigados a engolir preservativos de cocaína quando regressavam às docas de Southampton vindos dos muitos cruzeiros que faziam às Caraíbas. Quando o seu pai, português, foi para a prisão, os chefes dele tentaram obrigar Emilia a regressar à vida de correio de droga para que os ajudasse a recuperar as perdas. Ela recusou, por isso castigaram-na: dois tornozelos partidos e meio litro de ácido sulfúrico no rosto. Ela escreveu um livro sobre o assunto que acabou por encaminhá-la para o jornalismo. Tirando o facto de ainda coxear, não temia ninguém e era incansável no que tocava a perseguir uma história.

— Incomode sempre que quiser — gritou Emilia enquanto Helen entrava apressadamente na morgue da polícia.

Helen sabia que a vida acabara de se complicar um pouco. Mas agora não tinha

tempo para pensar nisso.

Tinha um encontro marcado com um cadáver.

Ele parecia um fantasma. O rosto despreocupado e atraente que se via, radioso, na sua página de *Facebook* não tinha nada que ver com a máscara sombria de morte que Helen tinha agora à frente. O corpo macilento de Sam jazia deitado na mesa de autópsias diante dela, troçando da pessoa feliz e esperançosa que em tempos fora. Era uma visão profundamente perturbadora.

Helen virou-lhe costas e alheou-se daquilo ao verificar os progressos do patologista, Jim Grieves. Mesmo após 30 anos de profissão, Jim levou uma eternidade a limpar-se e a vestir-se para a autópsia. O interminável lavar de mãos fê-lo parecer uma Lady Macbeth dos tempos modernos (se bem que com excesso de peso), e observar as suas tentativas desajeitadas para enfiar as mãos em luvas esterilizadas levou a que desse vontade de ir lá tratar disso por ele. Na verdade, alguns agentes já o fizeram. Outros acharam que ele já não tinha idade para aquilo, mas Helen era de opinião contrária e nunca o apressava. Valia a pena esperar por ele, e havia algo de vagamente miraculoso na lenta transformação de um pesado simplório cheio de tatuagens num incisivo patologista de bata que ajudara a resolver muitos dos casos de Helen.

— O que estou prestes a revelar vem acompanhado das habituais ressalvas, pois, mais uma vez, estou a ser pressionado...

Helen sorriu — por norma, reagia assim aos resmungos de Jim — e deixou-o prosseguir. Ela estava a pressioná-lo, mas não tinha alternativa. Fora terrível revelar a morte de Sam à mãe dele, em parte por Helen ter tão pouco para lhe dizer. Olivia Taylor enviuvara alguns anos antes, por isso não tinha um companheiro que a apoiasse. Sozinha, teve de se desenrascar para ajudar os filhos a começarem a lidar com a morte do adorador irmão, e Helen tinha de lhe dar as ferramentas para o fazer. Por isso, teria de ser rápida a corroborar ou a deitar por terra a história de Amy.

Jim parou de resmungar. Voltou-se para o corpo de Sam e iniciou o seu resumo:

— Disparo único nas costas. A bala entrou sob a omoplata do ombro direito e deteve-se na caixa torácica. Estou a usar termos técnicos, por isso diz-me se houver algo que não compreendas, OK?

Helen ignorou aquele comentário. O sarcasmo de Jim era uma característica de todos os médicos-legistas que ela conhecera. Ele prosseguiu sem esperar uma reação.

— Causa de morte: paragem cardíaca. Possivelmente causada por perda de sangue, mas mais provavelmente devido ao choque do impacto. Ele já estava em muito mau estado antes de ser baleado. Há provas de emaciação no tronco, membros e rosto: repara nas cavidades oculares fundas, no sangue em redor das gengivas, na perda de cabelo. Bexiga e intestinos basicamente vazios, o estômago continha pedaços de tecido, cabelos, mástique de tijoleira e também carne humana.

Jim contornou a mesa para levantar o braço direito de Sam.

— A carne era dele próprio, mordida no antebraço direito. Pelo aspeto, diria que arrancou três ou quatro pedaços antes de desistir.

Helen fechou os olhos, com a apreensão do horror dos últimos dias de Sam, e depois obrigou-se a abri-los de novo. Jim levantou o antebraço despedaçado de Sam para que ela pudesse ver bem e depois pousou-o de novo com gentileza.



— Diria que ele não comeu ou ingeriu líquidos adequadamente durante pelo menos duas semanas, talvez mais. Durante esse tempo, o corpo terá vivido das reservas de gordura e, quando estas se esgotaram, terá começado a ir buscar nutrientes aos órgãos internos. Quando foi morto, estava eminente um colapso total dos seus órgãos. Pelo que fui informado em relação ao estado de saúde da rapariga, ela estaria no mesmo estado. Mais uns dias, e ambos teriam morrido de causas naturais.

Jim fez mais uma pausa, desta feita para vasculhar a sua papelada.

— Quanto ao sangue: é o que se esperaria de alguém a sofrer de desidratação extrema, rapidamente a caminho do colapso total dos órgãos. A única componente invulgar eram os vestígios de elementos de benzodiazepina. Calculo que também encontres vestígios no sangue dela e, principalmente, nos dejetos.

Helen assentiu com a cabeça; o pessoal forense já identificara vestígios de sedativos potentes nas excreções recuperadas da piscina. Helen controlou a sua crescente ansiedade, mas tudo apontava agora para um único caminho. Jim prosseguiu por mais uns dez minutos, e depois Helen interrompeu-o. Já tinha tudo aquilo de que precisava.

Contra todas as expetativas, a história de Amy começava a ganhar crédito. Os técnicos forenses tinham descoberto partículas de corda num dos cantos da piscina, batendo certo com a utilização, por parte de Amy, de uma escada de corda como meio de fuga. Além disso, a roupa recuperada tinha enormes manchas de terra, sugerindo que Amy e Sam poderiam ter sido arrastados desde uma viatura em terreno aberto até à piscina abandonada. Poderia uma mulher ter arrastado, ela própria, Sam — com mais de 75 quilos — ou teria necessitado de um cúmplice?

Ao regressar à Esquadra Central de Southampton, Helen percebeu que dali em diante aquilo iria consumi-la por completo. Não descansaria enquanto não resolvesse aquele estranho crime. Ao entrar na sala de operações, ficou satisfeita por constatar que Mark já estava a fazer avançar as coisas. Havia muitas questões práticas e burocráticas capazes de bloquear uma grande investigação como aquela, e Helen necessitava que tudo funcionasse como um relógio afinado. Mark era um típico detetive-superintendente — um instrumento abrasivo mas eficaz —, adepto de pôr toda a gente alinhada na mesma direção. Reunira uma boa equipa de agentes (os detetives Bridges, Grounds, Sanderson, McAndrew), além do grupo de apoio; a investigação já se desenvolvia à frente dela. Assim que entrou, Mark aproximou-se de imediato.

— O que é que vamos dizer à imprensa, chefe?

Era uma boa pergunta, na qual Helen andava a matutar desde que saíra de junto de Jim Grieves. Emilia Garanita não ia afastar-se, e iriam surgir outros como ela. Uma jovem disparara sobre o namorado num local abandonado. Era horrível e, portanto, uma boa história para um jornal.

— O mínimo possível. Até controlarmos a situação, não podemos deixar escapar que há terceiros envolvidos. Por isso, vamos chamar-lhe um caso doméstico, mas seremos parcios em pormenores. A imprensa vai insinuar todo o tipo de coisas sobre o Sam e o que levou a Amy a matá-lo...

— Mas não queremos denegrir desnecessariamente o nome dele.

— Exatamente. Ele e a mãe merecem mais do que isso.

— OK, então vamos ser muito contidos.

Ele regressou ao trabalho. Andava inquestionavelmente nos limites — magro, por barbear e carrancudo —, mas, quando em forma, era um bom colega para se ter na equipa. Helen esperou que se aguentasse assim.

Satisfeita por estar tudo bem encaminhado, permitiu-se tirar cinco minutos para apreciar um chá. Estava cansada; o interrogatório a Amy fora esgotante, e a visita à

morgue, ainda pior. Queria desligar-se por alguns momentos, mas a sua mente não lho permitiu. A morte horrorosa de Sam afetara-a bastante, e não conseguia libertar-se da imagem daquele rosto sem vida e contorcido. Que coisa para a mãe dele ter de ver.

Estava tão embrenhada nos seus pensamentos que nem reparou em Charlie até ela estar praticamente em cima de si.

— Chefe, vai querer ver isto.

O dia já se revelara repleto de surpresas desagradáveis, mas Helen pressentiu que vinha aí mais uma.

Charlie passou-lhe um par de fotos: dois homens de negócios bem vestidos, um na casa dos 30, outro um pouco mais velho.

— Ben Holland e Peter Brightston. Dados como desaparecidos há três dias. Viajavam de regresso de uma reunião de trabalho em Bournemouth. Nunca chegaram a casa.

Uma sensação de mal-estar começou a apoderar-se de Helen.

— O carro deles foi encontrado em New Forest. A polícia local e os guardas florestais bateram todos os milímetros da floresta. Nenhum sinal deles.

— E? — Helen achou que havia mais.

— Casacos, malas e carteiras ainda no carro. Os telemóveis foram encontrados perto. Os cartões SIM foram deliberadamente destruídos.

Assim sendo, era mais um rapto. E este ainda mais estranho do que o primeiro. Dois adultos inteligentes, fortes e capazes de tomar conta de si próprios desapareceram sem deixar rasto.

Como é que alguém se desperta a si próprio enquanto sonha? Quando se está no meio de um pesadelo, como é que se escapa ao abismo?

Ben Holland desfiou estes pensamentos vezes sem conta. Só podia estar a sonhar. *Estava a sonhar.* Talvez ele e Jennie tivessem ido comprar uma garrafa de *Bison Grass* depois do trabalho? Talvez ele estivesse naquele momento a sonhar estimulado por vodka? A qualquer instante iria acordar com a cabeça a latejar e um sorriso estúpido estampado no rosto...

Ben abriu os olhos. Sempre o soubera, claro: o cheiro ali em baixo era opressivo, como é que poderia ter imaginado que estaria noutro local qualquer? E, mesmo que pudesse, a choradeira constante de Peter iria despertá-lo para a realidade. Desde que haviam sido raptados, Ben deixara-se tomar pela raiva e pela incredulidade. Mas Peter optara pelo desespero.

— Peter, por amor de Deus, és capaz de te calar?

— Vai-te foder — lançou de imediato em resposta.

*Onde é que estão agora as tuas capacidades de liderança?*, pensou Ben maldosamente.

Estavam encurralados. Não fazia sentido, mas era verdade. Num minuto, estavam na carrinha, descontraídos e felizes; no minuto seguinte, despertaram ali. Grogues, feridos e cobertos por uma camada de pó espessa e pegajosa. Ben levantara-se a custo, sem querer acreditar, cerrando um pouco os olhos para ver melhor na escuridão e tentar perceber o que havia em volta. Estavam numa espécie de silo gigante ou nalgum tipo de armazém, cujo chão se apresentava coberto por carvão. Era por aquilo que estavam cobertos, pó de carvão a infiltrar-se pelas orelhas e olhos, deixando-lhes a língua áspera e suja. Instintivamente, arrastou-se até aos lados. O caminho era difícil, com a superfície constantemente a alterar-se sob os seus pés, mas acabou por lá chegar. Aço frio e liso. Apoiando-se na parede, deu a volta a custo, na esperança, contra todas as expetativas, de encontrar uma porta, um alçapão, uma escapatória. Mas as paredes eram lisas, e, depois de um par de voltas, desistiu. Olhando para cima, reparou numa luz a entrar pela linha de junção de um enorme alçapão. Fora por ali que haviam caído naquele estranho inferno.

Foi então que Ben se apercebeu dos cortes e dos ferimentos que lhe cobriam o rosto e o tronco. Era um salto de uns bons seis metros desde o alçapão, e o carvão amontoado no fundo não tornou a aterragem mais suave. De repente, começou a sentir muitas dores. O choque estava a passar, e o seu corpo açoitado começava a protestar. Um ruído fez com que se voltasse. Peter avançava aos tropeções na sua direção; tinha estampado no rosto um espanto bronco e estúpido. Procurava explicações, mas não iria obter nenhuma da parte de Ben. E foi enquanto ali estavam de pé, exaustos e sem esperanças, que o telefone tocou. Por momentos, ambos ficaram estáticos, mas depois lançaram-se os dois em simultâneo ao telefone, com Ben a chegar lá primeiro.

Depois de lhes ser dado o ultimato mortal, ambos se riram de forma alienada, como se tudo aquilo não passasse de uma piada disparatada. No entanto, lentamente as gargalhadas evaporaram-se.

— Vamos ligar para o escritório. — De repente, Ben sentiu necessidade de sair

daquele buraco.

— Boa ideia. Liga à Carol, ela saberá o que fazer — disse Peter, incentivando Ben.

Ben premiu os números que tão bem conhecia. Mas o telefone estava bloqueado por um código PIN. Quatro pequenos dígitos separavam-nos da liberdade.

— Que números tentamos?

Os olhos de Ben estavam já a incidir no sinal de bateria no canto superior direito do ecrã, a piscar indicando que estava fraca.

— Temos poucas tentativas. Que números tentamos?

A voz de Ben era tensa, pois começava a aperceber-se da tarefa impossível que tinham entre mãos.

— Não sei. Talvez 1, 2, 3, 4?

Ben lançou-lhe um olhar fulminante.

— Foda-se, sei lá — respondeu Peter furiosamente. — Em que ano nasceste?

Era um sinal de desespero, mas tão bom quanto qualquer outra coisa. Ben experimentou o ano de nascimento de Peter e depois o seu. Estava a tentar uma terceira combinação quando o telefone se foi abaixo.

— Merda.

A palavra ecoou pelo espaço curvo.

— O que foi?

O par manteve-se quieto, a olhar desoladoramente para o alçapão acima deles. A luz infiltrou-se pelas ranhuras, iluminando a arma que repousava tranquilamente entre os dois.

— Nada. Não foi nada...

As palavras de Ben extinguiram-se lentamente conforme se virou e recuou para o escuro. Deixando-se cair no carvão, sentiu-se de repente subjugado pelo desespero. Porque é que aquilo lhes estava a acontecer? Que tinham eles feito?

Lançou um olhar a Peter, que andava de um lado para o outro, a resmungar consigo próprio. Ben nunca gostara de Peter, mas, por favor, não queria matar o tipo! Talvez a arma não fosse real. Levantou-se para ir verificar, mas o olhar que Peter lhe lançou fez com que voltasse de imediato a sentar-se.

Ben sentou-se no seu inferno privado. Nunca se dera muito bem em espaços fechados. Sempre gostara de saber onde havia uma rota de saída, fosse em que situação fosse. Mas agora estava encurralado e, pior do que isso, encurralado debaixo de terra. Enterrado vivo. Já tinha as mãos a começar a tremer. Sentiu-se atordoado e a transpirar, com luzes a dançar-lhe à frente dos olhos. Já não tinha um ataque de pânico há anos, mas estava a sentir um a chegar. O mundo fechava-se em redor dele.

— Tenho de sair daqui. — Ben levantou-se tropeçadamente. Peter voltou-se, surpreendido e desalentado. — Por favor, Peter, tenho de sair. AJUDEM-ME! ALGUÉM, POR FAVOR, ME AJUDE!

Ele gritou e berrou para tentar evitar o ataque de pânico, mas sentiu-se com tonturas e teve de parar. Certamente que alguém os encontraria e salvaria. Tinha de ser. A alternativa era inimaginável.

Mark Fuller pôs-se a andar pouco depois de Charlie ter lançado a sua bomba. Abrira-se uma linha de investigação completamente nova, mas por ora seriam os analistas de dados e os agentes da polícia fardados que carregariam o fardo. Estava em curso uma dupla e tripla verificação maciça de dados, e, assim que o desaparecimento dos dois homens fosse confirmado como suspeito, seriam destacados os agentes do Departamento de Investigação Criminal. O dia seguinte provavelmente iria ser longo para Mark, Charlie e o resto da equipa, por isso Helen mandou-os para casa para uma boa noite de sono. Mas Mark não tinha intenções de dormir.

Em vez disso, atravessou a cidade rumo a Shirley, nos subúrbios, estacionando numa pacata zona residencial. Nunca usava o seu próprio carro, para não se denunciar. O *Golf* amolgado com janelas fumadas fora concebido para desviar as atenções do seu propósito, e resultava: os transeuntes consideravam-no mais uma tentativa de um adolescente de tentar dar estilo a uma sucata velha. Era a posição estratégica ideal para observar sem ser detetado.

Apareceu uma miúda de 7 anos à janela, e Mark ergueu-se no assento, de olhos colados nela. Ela observou a rua lá fora e depois cerrou as cortinas, isolando-se do mundo. Mark amaldiçoou a sua sorte: havia dias em que Elsie ficava ali uns 20 minutos ou mais. Fixava o olhar aqui, acolá, e, com o passar do tempo, Mark convencera-se de que ela o procurava. Era uma fantasia, mas alimentava-lhe a alma.

O som de saltos altos no pavimento fê-lo deslizar para baixo no assento. Era uma estupidez, dado que ninguém conseguia vê-lo. Mas ela levava-o a fazer aquelas coisas estranhas. Mark não podia permitir que ela o descobrisse ali. Observou enquanto a mulher em excelente forma física se encaminhava para a casa. Antes de inserir a chave na fechadura, a porta abriu-se e ela caiu nos braços de um homem alto e musculado. Beijaram-se demorada e intensamente.

E ali estava, resumidamente. A sua ex-mulher nos braços de outro homem, com Mark abandonado ao frio. Foi acometido por uma vaga de raiva. Dera tudo àquela mulher, e ela destroçara-lhe o coração. Que dissera ela quando pedira uma pausa no breve casamento deles? Que não o amava o suficiente. Era o assassinio de carácter mais destrutivo. Ele não tinha nada de errado. Só não era o suficiente.

Tinham casado demasiado jovens. E tiveram um bebé muito rapidamente. Mas, por uns tempos, o caos e a emoção da primeira paternidade mantiveram-nos juntos. Partilharam o receio de que o bebé deixasse de respirar se não lhe prestassem atenção, a paranoia, que tira o sono a qualquer um, de que estariam a fazer as coisas erradas, mas também a imensa alegria de verem a sua menininha crescer e desenvolver-se. Mas, aos poucos, Christina começou a cansar-se dos rigores da maternidade — a rotina entorpecedora, as privações — e lançou-se de novo na sua carreira. O que tornou os argumentos dela ainda mais obscenos durante as azedas audiências sobre a custódia. Levou ao extremo a sua condição de mãe, opondo a sua natureza adorável, vida estável e emprego bem pago à vida imprevisível e perigosa de Mark enquanto polícia de Southampton, sem se esquecer de lançar umas piadas ocasionais sobre os problemas de bebida dele. E o que é que fez quando ficou com a custódia exclusiva de Amy? Regressou

de imediato ao trabalho a tempo inteiro e entregou os cuidados da filha deles ao amante, que residia lá em casa. A mulher que em tempos alegara amar Mark do fundo do coração acabou por revelar-se uma cabra falsa e vingativa.

Christina e Stephen entraram, e tudo ficou tranquilo. Elsie iria tomar banho e vestir-se para dormir. Aconchegada no seu robe e pantufas *Hello Kitty* que Mark lhe oferecera, iria enroscar-se em frente às histórias de dormir dos CBeebies. Já eram muito infantis para a idade dela, mas havia uma ligação sentimental e nunca as perdia. De repente, Mark sentiu a raiva a dar de si, derrubada por uma profunda tristeza. Também ele achara difícil a paternidade — os banhos sucessivos, as histórias, levar a bebé para brincar com outras crianças —, mas teria dado tudo para regressar a esses tempos.

Foi uma estupidez ir até ali. Mark ligou o motor e afastou-se rapidamente da casa, na esperança de deixar na rua os seus problemas. Mas, enquanto conduzia, eles regressaram à sua mente como um bando de macacos, acicatando-o com o seu fracasso, a sua insignificância, a sua solidão. Dirigia-se a casa, mas mudou de repente de direção, descendo Castle Way a grande velocidade. Havia um *pub* junto às docas onde vendiam bebidas ilegalmente. Desde que se chegasse pela meia-noite, podia-se beber a noite toda. Era exatamente o que pretendia fazer.

O lar dos Brightstons era uma imponente casa vitoriana geminada na próspera Eastleigh. Helen andou para a frente e para trás, furiosa e frustrada. Combinara encontrar-se ali às 9.30 com Mark. Já eram quase 10 horas, e não havia ainda sinal dele. Deixou-lhe a terceira mensagem no voicemail do telefone, depois não perdeu mais tempo e tocou à campainha. Porque tinha ele de estar sempre a fazer asneiras?

A porta foi aberta por Sarah Brightston, uma atraente mulher com quarenta e tantos anos. Envergando roupa cara e impecavelmente maquilhada, não revelou quaisquer emoções ao deparar com a polícia à sua porta e convidou Helen a entrar.

— Quando é que participou o desaparecimento do seu marido?

As delicadezas tinham terminado, por isso Helen foi direta ao assunto.

— Há dois dias.

— Mesmo não tendo ele aparecido na noite anterior?

— O Peter é um amante da vida. Às vezes, em demasia. As viagens a Bournemouth eram uma pândega, e seria típico do Peter ter apanhado uma bebedeira e ter dormido numa pensão da terra. Mas não é um homem indiferente, teria telefonado na manhã seguinte para falar comigo e com os rapazes.

— E tem alguma ideia de onde poderá estar agora?

— O pobrezito talvez se tenha perdido. Devem ter tido algum problema no carro e tentaram ir a pé até uma oficina. Provavelmente, terá bebido de mais e torceu um tornozelo ou coisa do género... Seria típico dele. Nunca foi lá muito coordenado.

Falou com bastante convicção: sem dúvida que na sua mente o marido estava vivo e bem. Helen admirou o espírito forte dela, mas também ficou intrigada.

— Quantas pessoas tem no terreno à procura deles? — prosseguiu Sarah.

— Todos os agentes disponíveis.

Aquilo pelo menos não era mentira. As buscas decorriam a todo o gás, mas nada tinham encontrado, e a cada hora que passava cresciam os receios de Helen em relação à segurança deles. A estrada por onde os dois homens passaram tê-los-ia levado para fora da floresta em Calmore, uma via extensa embora pouco complicada. O tempo estava frio mas bom, portanto...

Helen sabia do fundo do coração que a provação de Amy e o desaparecimento de Peter estavam ligados, mas proibira todos os outros de sugerir isso — oficialmente, era ainda uma investigação de pessoas desaparecidas. Helen não revelara a Sarah que era polícia criminal de profissão. Mais tarde, haveria tempo para isso.

— O seu marido tinha algo em mente? Algo que o incomodasse? — perguntou Helen, retomando o interrogatório.

Sarah abanou a cabeça. Os olhos de Helen vaguearam pelo interior bem mobilado. O vencimento de Peter era generoso, e Sarah trabalhava no ramo das antiguidades, por isso não tinham problemas de dinheiro.

— Alguém pediu dinheiro ao Peter recentemente? Reparou nos últimos tempos alguma alteração na vossa situação financeira? Mais dinheiro? Menos?

— Não, estava tudo... normal. Vivemos bem. Sempre foi assim.

— E como descreveria o seu casamento?

— Terno. Leal. Forte.

Ela enfatizou a derradeira palavra, como se tivesse menosprezado a pergunta.

— E problemas no trabalho? — questionou Helen, mudando o rumo da conversa.

Peter e Ben trabalhavam para uma prestigiada firma de procuradores com interesse particular em leis marítimas. Havia muito dinheiro envolvido nos seus demorados casos, em especial no que tocava a transportes marítimos. O desaparecimento deles poderia ser benéfico para alguém.

— Houve algum caso em que ele tenha sofrido pressões?

— Que me tenha dito, não.

— Andava a trabalhar mais do que o habitual?

Sarah abanou ligeiramente a cabeça.

— Ele discutia consigo os casos?

Sarah alegou que desconhecia os casos que Peter tinha em mãos, pelo que Helen anotou mentalmente que deveria aprofundar esse tema com a firma dele. Mas, entretanto, teve a estranha sensação de que andava às apalpadelas. Observando as paredes à procura de inspiração, o seu olhar incidiu numa fotografia emoldurada de Peter numa praia soalheira, o sorridente *pater-famílias* no núcleo de um grupo de férias. Sarah seguiu o olhar dela e contou-lhe todos os pormenores, prosseguindo com a descrição dos seus planos para o futuro: uma viagem de família a Boston na Páscoa. Sarah estava resoluta na sua crença de que Peter iria aparecer e que as coisas iriam regressar à normalidade. Helen quis acreditar nisso, mas não foi capaz. Dentro de si, temeu que Sarah nunca mais visse o marido.



A noite ia a meio, e Peter Brightston estava gelado até aos ossos. Sempre usara fatos leves, até no inverno, dada a sua tendência para transpirar — um hábito do qual agora se arrependia amargamente. Algures em New Forest estava o carro de Ben e, no interior deste, o casaco forrado que Sarah lhe oferecera pelo aniversário. Praguejando violentamente, aconchegou-se ainda mais com o casaco do fato.

Ao expirar pesadamente, o seu fôlego gelado dançou-lhe à frente. Era praticamente tudo aquilo que conseguia ver: lá fora, a noite estava escura como breu. Sentia Ben perto de si, mas não conseguia vê-lo. O que estaria ele a fazer? Ben era basicamente um tipo às direitas, mas em espaços fechados não era de confiança. Havia algumas horas, quase desmaiara, na sequência de uma espécie de ataque de pânico, e gritara durante o sono. As paredes de aço que os enclausuravam amplificaram as suas noites de terror, dando a tudo aquilo uma sensação de pesadelo e gerando nas entranhas de Peter um pânico entorpecedor e enervante. Será que alguém os encontraria a tempo? Ou iriam morrer naquele pesaroso buraco?

Peter lançou então um olhar na direção onde estaria Ben e, aproveitando-se da vantagem da escuridão, enfiou a mão no bolso. Nunca viajava sem um pacote de pastilhas de menta — não queria chegar a casa a feder a álcool — e lenta e cautelosamente retirou o último doce do embrulho agora vazio. Enfiou-o rapidamente na boca. Quando ali foram despejados, tinha meio pacote no bolso. Ingerira-os sem dizer nada a Ben. Estava certo de que Ben faria o mesmo, por isso, porque não? Quaisquer resquícios de consciência tinham sido afastados pela fome crescente que se desenvolvia no estômago. Revirou repetidamente o doce pela boca, permitindo que o açúcar se dissolvesse lentamente e lhe escorresse pela garganta. Era quente, doce e reconfortante.

O que faria agora? Os seus parques mantimentos estavam esgotados. E não conseguia dormir, o que só o deixava com mais fome. Que raio ia ele — eles — comer agora? Carvão? Riu-se amargamente e engoliu o doce. Ouviu-se um eco estranho, e ele já estava suficiente nervoso. Tinha de manter a calma. Sofrera dois ataques cardíacos nos últimos cinco anos e não precisava de mais um, não ali em baixo.

De início, ficara chocado com o encarceramento, mas desde então mantivera-se bem ativo, procurando desesperadamente alguma forma de escapar. As paredes do silo estavam enferrujadas nalguns pontos, e depois de muito forçar conseguiu puxar uma lasca de metal com cinco centímetros. Já era algo com que podia trabalhar. Batera com aquilo na superfície, tentando fazer um buraco na parede, e até tentou usá-lo como grampo para o ajudar a escalar até à salvação. Mas foi tudo em vão, e, derrotado, deixou-se abater no chão.

De repente, tinha lágrimas a escorrerem-lhe pela face. A ideia de morrer num buraco sem ar, longe dos seus rapazes, deixou-o completamente transtornado. Levava uma boa vida. Fizera coisas boas. Ou, pelo menos, tentara. Não merecia aquilo. Ninguém merecia aquilo. Afastando furiosamente o carvão para o lado, fez um pequeno buraco para se instalar e acomodou-se para passar a noite. Estaria Ben ainda a dormir? Agora estava sossegado, e Peter não tinha a certeza. Deveria ter confortado Ben nas suas noites de terror? Será que Ben o iria recriminar por não o ter feito? Será que isso iria afetar o seu

raciocínio, agora que estavam... Peter deixou que o pensamento se desvanecesse, não queria ir por aí. Mas a verdade é que não fazia ideia do que Ben estaria a pensar ou a sentir. Conhecia-o enquanto colega, não enquanto homem. Ben sempre fora muito reservado em relação ao seu passado; porque seria? Seria ele a razão de ali estarem? Instigado pelo pensamento, Peter estava prestes a chamar por Ben, mas de repente mordeu a língua. O melhor seria não o acusar de nada: não havia modo de perceber como iria reagir.

Conforme se deitou no seu leito gélido, Peter repreendeu-se a si próprio por nunca se ter dado ao trabalho de conhecer Ben melhor. Mas a verdade nua e crua é que nunca se pode conhecer verdadeiramente outra pessoa.

E esse pensamento iria manter Peter desperto toda a noite.

A sala de operações fervilhava de atividade. Fotografias de Amy e Sam estavam a ser afixadas no quadro, juntamente com mapas com a rota deles de Londres a Hampshire, diagramas e imagens que mostravam a configuração da piscina abandonada, listas de amigos e familiares, e por aí fora. Sanderson, McAndrew e Bridges não largavam os telefones à procura de potenciais testemunhas, enquanto operadores de computador inseriam os pormenores pertinentes no HOLMES[2], cruzando os dados daquele rapto com as dezenas de milhares de crimes armazenados na base de dados da polícia. O detetive Grounds estava junto deles, a observar atentamente os resultados.

Mark ficou parado junto à porta, hesitante, incapaz de entrar. Tinha a cabeça a latejar e estava constantemente a ser assolado por uma tremenda vontade de vomitar; a azáfama que ia naquela sala deixou-lhe a cabeça às voltas. Sentiu a tentação de virar costas e fugir, mas sabia que tinha de enfrentar as consequências. Entrou e dirigiu-se diretamente à secretária de Charlie.

— Mesmo a tempo — comentou ela, animada. — A reunião da equipa começa daqui a dez minutos. Eu ia inventar uma desculpa para ti, mas já que aqui estás...

Em dias como aquele, Mark gostava mesmo de Charlie. Apesar do seu comportamento lamentável e da falta de profissionalismo geral, Charlie nunca o julgava. Apoiava-o sempre e era leal. Mark sentiu uma pontada de remorsos por a ter deixado mal.

— Deixa-me ir buscar-te um café. Podes espreitar-te e pôr-te a postos para irmos partir a loiça — prosseguiu.

Charlie ia a levantar-se para tratar disso, quando se ouviu a voz de Helen, bem alto e bem nítida.

— Superintendente Fuller. Que bom que se juntou a nós.

Mark sentiu o coração a afundar-se. A sua suspensão de pena foi de curta duração. Rodando sobre os calcanhares, percorreu o longo caminho da vergonha até ao gabinete de Helen. A equipa fez de conta que estava atarefada, mas toda a gente se manteve atenta ao condenado.

Mark fechou a porta atrás de si e voltou-se para encarar Helen. Ela não lhe ofereceu uma cadeira, pelo que ele permaneceu de pé. Nitidamente, ela queria que o resto da equipa o visse. A vergonha de Mark subiu mais um patamar.

— Desculpa, chefe.

Helen olhou para cima, desviando a atenção do trabalho que tinha em mãos.

— Desculpo o quê?

— Por ter falhado o nosso encontro. Por ser tão pouco profissional. Por...

Mark preparara o discurso a caminho da esquadra, mas agora estava a escapar-lhe. Esforçou-se por controlá-lo, mas estava a fugir-lhe por entre os dedos. A dor de cabeça intensificou-se, as tonturas tornaram-se maiores — só queria estar bem longe dali.

Helen estava a olhar para ele, mas a expressão dela era difícil de decifrar. Seria fúria? Desilusão? Ou apenas aborrecimento?

Um longo silêncio. E ela por fim falou.

— E então?

Mark ficou a olhar, sem saber ao certo o que ela pretendia.

— Vais dizer-me o que se passa? Estás atrasado, estás bêbedo. Para um homem ainda novo, pareces um farrapo.

Não havia como contestar aquilo, pelo que Mark permaneceu calado. Sabia por experiência própria que não deveria interromper Helen quando ela estava a todo o gás.

— Sei que passaste por uma situação complicada, Mark, mas digo-te que estás prestes a dar cabo de tudo aqui. Acredita que o Whittaker adoraria ter uma desculpa para se ver livre de ti. Não quero que isso aconteça, por isso conta-me o que se passa. Estamos com um caso complexo em mãos, e preciso que o meu substituto esteja aqui presente de corpo e alma.

— Fui sair e bebi uns copos...

— Tenta de novo.

A cabeça de Mark começou a latejar ainda mais depressa e com mais intensidade.

— OK, muitos copos, mas ia ter com uns amigos e...

— Tenta de novo. E, se voltas a mentir-me, pego no telefone e eu própria ligo ao Whittaker.

Mark olhou para o chão. Odiava que o intenso foco das atenções fosse o seu problema com a bebida, sentia a reprovação. Toda a gente sabia que Helen não bebia, por isso como é que ele poderia admitir que se embebedava todas as noites sem parecer completamente ridículo?

— Aonde é que foste?

— Ao Unicorn.

— Meu Deus. E?

— Estive lá a beber das 8 da noite às 8 da manhã. Cerveja, uísque, vodka.

Ali estava: as cartas todas na mesa.

— Há quanto tempo é que isso dura?

— Há dois meses. Talvez três.

— Todas as noites?

Mark encolheu os ombros. Não conseguiu sequer reunir coragem para dizer «sim», embora fosse essa a resposta óbvia. Tornou-se evidente — tanto para Helen como para Mark — que ele estava bem encaminhado na via do alcoolismo. Ele viu um vislumbre do seu reflexo na parede de vidro atrás de Helen. Na sua mente, continuava a ser o tipo atraente de há um ano — alto, esguio e cabelo encaracolado grosso —, mas estava num buraco profundo, e isso era notório. A pele não tinha vida, os olhos perderam o brilho. Um caos ambulante por barbear.

— Acho que já não aguento mais.

Saiu assim, sem mais nem menos. Não pretendia dizê-lo. Não quis dizê-lo. Mas precisava mesmo de falar com alguém. Helen sempre fora justa com ele. Teria de ser honesto com ela.

— Acho que não é justo para ti ou para a equipa arrastar isto ainda mais...

Helen fitou-o. Pela primeira vez nesse dia, Mark reparou num suavizar da expressão dela.

— Sei como te sentes, Mark, e, se precisas de algum tempo para ti, não há problema. Mas não vais deixar-me desamparada.

A voz dela revelava uma profunda determinação.

— És demasiado bom para desperdiçar. És o melhor detetive-superintendente com quem alguma vez trabalhei.

Mark não soube o que dizer. Estava a contar com uma ensaboadela, mas o tom de voz dela era amável, e a oferta de ajuda pareceu-lhe genuína. Era verdade que já tinham passado por muito juntos (resolver os homicídios de Pager Street no ano anterior fora o ponto alto da carreira de Mark), e com o passar do tempo criara-se um laço profissional

muito forte entre ambos. De muitas formas, a amabilidade dela era pior do que uma valente repreensão.

— Quero ajudar-te, Mark — prosseguiu ela —, mas vais ter de me ajudar. Estamos no meio de uma investigação de um homicídio, por isso, quando te digo que te quero em determinado sítio às 9.30, é bom que lá estejas. Se não és capaz de o fazer, ou não queres, então eu trato de tudo para que sejas transferido ou suspenso. Percebeste?

Mark assentiu com a cabeça.

— Acabaram-se os pequenos-almoços de vodca — prosseguiu Helen. — Acabaram-se as idas ao *pub* à hora de almoço. Acabaram-se as mentiras. Se confiares em mim, ajudo-te, e juntos ultrapassaremos isto, mas preciso que confies em mim. Confias em mim?

Mark ergueu os olhos para a fitar.

— Claro que sim.

— Ótimo. Então, vamos a isso. Reunião de equipa daqui a cinco minutos.

E com aquilo ela retomou o trabalho. Mark saiu do gabinete, surpreendido mas aliviado. Helen Grace nunca deixava de o surpreender.

---

[2] Acrónimo de «Home Office Large Major Enquiry System», um sistema de gestão de investigação utilizado pelas forças da lei do Reino Unido, particularmente útil em casos complexos de grande envergadura. [N. T.]

Seguindo de moto para o seu apartamento no centro da cidade, Helen reviveu mentalmente a conversa com Mark. Teria sido demasiado dura? Demasiado branda? Estaria a repetir erros que já antes cometera? Ainda estava a repisar o assunto quando fechou a porta de casa atrás de si. Depois de fazer deslizar a tranca, dirigiu-se de imediato ao chuveiro. Já estava a pé há 48 horas e precisava de se sentir de novo limpa.

Virou a cara para a frente, com a água a sová-la no pescoço e nos seios, antes de se voltar. A água quente a fumar a atingiu-lhe as costas e sentiu de imediato a dor a percorrer-lhe o corpo. De início, fê-la sofrer, mas lentamente as picadas esmoreceram, e Helen voltou a sentir-se relaxada.

Depois de se secar com uma toalha, dirigiu-se ao quarto. Já seca, deixou cair a toalha ao chão e observou-se ao espelho de corpo inteiro. Nua, era uma visão atraente, mas poucos a haviam visto daquela forma. Cautelosa no que tocava à intimidade e desconfiada das inevitáveis perguntas, os encontros dela foram quase sempre despreocupados e de curta duração. Não que os homens se importassem: na sua grande maioria, pareceram extremamente agradados por encontrar uma mulher disposta a ir para a cama com eles e que depois os deixava em paz.

Ao abrir o guarda-roupa, Helen evitou as filas de *jeans* e blusas, preferindo umas calças de fato de treino e um top: teria de ir mais tarde a uma aula de *box combat* e não via interesse em trocar duas vezes de roupa. Fez uma pequena pausa para observar os uniformes da polícia, muito bem guardados em sacos imaculados, que usara quando fazia patrulhas. Foram esses dias que fizeram dela o que era. O primeiro dia em que atou o seu cabelo atrás, apertou o colete protetor e saiu para as ruas foi um dos mais felizes da sua vida. Pela primeira vez, sentiu-se integrada. Sentiu-se importante. Sentiu-se grata com o modo como alterou o seu aspeto e o que sentia — o anonimato assexuado do uniforme aliado à segurança e força que proporcionava. Era como um disfarce, mas um que toda a gente reconhecia e apreciava. Havia uma pequena parte dela que desejava regressar a esse tempo, mas era demasiado ambiciosa e insatisfeita para ter permanecido agente de giro por muito tempo.

Deixando de parte a nostalgia, preparou uma chávena de chá e foi para a sala de estar. Era uma divisão grande e espartana. Nada de fotografias nas paredes, nada de revistas espalhadas. Asseada e bem arranjada, com tudo no seu devido lugar.

Helen escolheu um livro e começou a ler. As estantes estavam carregadas de livros. Livros sobre comportamento criminoso, crimes em série, uma história de Quantico: todos tinham ar de muito uso. Não apreciava ficção por aí além — Helen não acreditava em finais felizes —, mas estimava o conhecimento. Ao folhear uma das suas obras preferidas sobre psicologia criminal, acendeu um cigarro. Já tentara por diversas vezes deixar de fumar, mas acabava sempre por vacilar, por isso desistiu. O prazer que continuava a proporcionar-lhe permitia-lhe aguentar a autocensura. *Toda a gente tem direito a um ou dois vícios*, disse a si mesma.

De repente, lembrou-se de Mark. Teriam as suas palavras surtido o efeito desejado, ou estaria ele naquele preciso momento no Unicorn, a afogar as mágoas? O vício dele poderia vir a custar-lhe o emprego ou até a própria vida. Ela esperou do fundo do

coração que conseguisse recompor-se. Não queria perdê-lo.

Helen tentou concentrar-se no livro, mas leu as palavras sem lhes apreender o sentido e rapidamente teve de voltar atrás para compreender a lógica. Nunca fora boa a desfrutar de momentos de ócio: era uma das razões por que trabalhava tanto. Helen deu uma passa mais intensa; as habituais sensações desagradáveis estavam de novo a apoderar-se dela. Apagou a beata do cigarro e pousou o livro na mesa de apoio, pegou no saco de ginástica e desceu em direção à moto. Talvez devesse dar uma saltada à sala de operações a caminho do ginásio, podia ter surgido alguma coisa. De uma maneira ou de outra, iria estar ocupada nas próximas duas horas, e dessa forma as trevas não triunfariam.

*Não me consigo lembrar da primeira vez que vi o meu pai a bater na minha mãe. Seja como for, já não me lembro efetivamente de coisas que vejo. O que recordo com mais nitidez são os sons. O som de um punho numa cara. De um corpo a embater na mesa da cozinha. De um crânio a atingir uma parede. Choradeiras. Gritos. Os abusos intermináveis.*

*É algo a que nunca nos acostumamos. Mas acaba-se por ficar à espera que aconteça. E, de cada vez que acontece, fica-se um pouco mais zangado. E um pouco mais desamparado.*

*Ela nunca deu luta. Foi o que me irritou. Limitou-se a aceitar. Como se o merecesse. Seria mesmo isso o que ela achava? Seja como for, se ela não ia fazer-lhe frente, eu ia. Da próxima vez que ele lhe batesse, ia intrometer-me.*

*Não precisei de esperar muito. O melhor amigo do meu pai, o Johnno, morreu de overdose de heroína, e depois do funeral o meu pai bebeu sem parar ao longo de 36 horas. Quando a minha mãe tentou fazer com que parasse, ele deu-lhe uma cabeçada: partiu-lhe o nariz e deixou-a a sangrar. Eu não ia aceitar aquilo. Por isso, pontapeei o parvalhão nos tomates.*

*Ele partiu-me o braço e os dentes da frente e esganou-me com o cinto. Achei mesmo que ia matar-me.*

*Uma psiquiatra em tempos sugeriu que essa era a raiz da minha incapacidade de ter relacionamentos sérios com homens. Limitei-me a assentir com a cabeça, mas o que me apeteceu mesmo foi cuspir-lhe na cara.*



Seria possível morrer de medo? Peter já não se mexia há horas.

— Peter?

Ainda nada; a esperança cresceu no coração de Ben. Talvez o coração dele tenha soçobrado, subjugado pela autocomiseração dramática. Sim, fora isso. E isso seria fantástico. A solução perfeita. A sobrevivência do mais apto.

Ben sentiu-se de imediato de rastos. Estava a desejar a morte de alguém. Era desprezível pensar naquilo sequer, tendo em conta o que ele passara. E, de qualquer modo, mesmo que estivesse morto, será que isso contava? Seria libertado? Afinal de contas, não o matara.

Os pensamentos de Ben recuaram até à raptora. Não a reconhecera; era impressionante com aquelas tranças pretas compridas e os lábios cheios rosados. Assim sendo, porque é que os escolhera? Seria alguma piada de um *reality show* doentio? Iria alguém aparecer de repente e revelar que a pistola só tinha pólvora seca? O tom de voz dela ao telefone sugeria o contrário. Ela queria sangue.

Ben começou a chorar. Já tinha havido tanto derramamento de sangue na sua vida que lhe parecera de uma crueldade extrema terminar assim os seus dias.

Ora. Porque não? Ver apenas se Peter está ou não morto. Parece morto, por isso, que mal faria?

— Peter? Peter?

Ben levantou-se devagarinho. Era impossível fazê-lo em silêncio, por isso optou por fazê-lo ostensivamente. Espreguiçando-se e bocejando, disse:

— Peter, lamento, mas vou ter de ir cagar. Desculpa.

Nada.

Ben deu um passo na direção da arma. E mais outro.

— Ouviste-me, Peter?

Ben dobrou-se lentamente. A articulação do joelho estalou — o som ecoou pelo silo, que merda —, e ele deteve-se.

Então, lentamente, sem fazer barulho, pegou na pistola. Deitou uma olhadela a Peter, à espera de que ele se erguesse, assustado, mas não o fez. Desejou que o tivesse feito. Pelo menos assim seria uma luta.

A cavilha de segurança saltava à vista, pelo que a destravou. A seguir apontou a arma às costas de Peter. Não, assim não. Poderia falhar. Ou apenas feri-lo. Quem sabe o que poderia fazer a merda de um ricochete naquela lata de metal. Matá-los a ambos? Sim, seria irónico.

*Deixa-te de rodeios.* Ben aproximou-se mais um passo.

— Peter?

*Está mesmo morto.* Ainda assim, era melhor certificar-se. Para ter a certeza de que escaparia. E de repente surgiu-lhe na mente a imagem de Jennie. A noiva dele. Que ficaria destroçada. Que ele iria ver em breve. Que iria perdoá-lo. Claro que o perdoaria. Ele fez apenas o que tinha de ser feito. O que qualquer um teria feito.

Aproximou-se mais um passo.

Ben baixou a arma, de modo que o cano ficasse praticamente encostado à nuca de Peter. *É agora*, pensou, e começou a premir o gatilho. Foi então que Peter de repente se levantou e enfiou uma lasca de metal bem no olho esquerdo de Ben.

Helen não chegou a ir ao ginásio. Assim que entrou na sala de operações, Charlie agarrou-se a ela para não mais a largar. A animada detetive estava com uma expressão muito séria. Após uma conversa breve em voz baixa, o par saiu de imediato da sala.

— Noite lésbica no ginásio — brincou o agente Bridges, tentando, sem sucesso, ocultar o facto de estar caidinho pela muito heterossexual Charlie.

Helen e Charlie avançaram apressadamente por entre o trânsito citadino do centro, rumo à Unidade de Medicina Legal. A viagem de cinco minutos poderia levar 25 na hora de ponta, e, com pessoas às compras para o Natal e outras a invadirem Southampton para as festas, aquele seria um desses dias. A época de festas no trabalho estava no seu auge. Helen resmungou de frustração face aos carros que obstruíam as faixas dos autocarros. Acionou as luzes e a sirene, e de má vontade abriram-lhe alas. Ela acelerou, passando por cima de uma poça de vômito recente e pulverizando o surpreendido culpado. Charlie conteve um sorriso.

O *Lexus* prateado de Ben Holland estava em cima da plataforma à espera de ser inspecionado quando Helen e Charlie entraram na Unidade de Medicina Legal. Sally Stewart, o esteio da unidade, aguardava-as.

— A Charlie já a pôs a par do essencial, mas acho que devia ver isto com os seus próprios olhos.

Caminharam por debaixo do carro e olharam para cima. Sally apontou com a sua pequena lanterna para o arco da roda traseira.

— Bastante sujo, como seria de esperar, dada a quantidade de quilómetros que o vosso condutor percorria semanalmente. Mas o arco desta roda parece, e cheira, pior do que os outros. Porquê? Porque foi marinado com gasolina.

Fez-lhes sinal para que voltassem a sair, e, assim que se afastaram todas, Sally baixou o carro quase até ao nível da vista.

— E aqui está a explicação.

Ajudada por um subalterno, Sally removeu cuidadosamente o guarda-lamas do lado direito do veículo. As entranhas do carro de luxo foram devidamente expostas, e agora a lanterna de Sally incidia sobre o depósito de combustível. Hellen arregalou os olhos.

— O depósito foi perfurado. Não é um buraco muito grande, mas, dada a sua localização no lado de baixo do depósito, seria uma questão de tempo até este se esvaziar por completo. A julgar pelos sedimentos no arco da roda, diria que o depósito estava bem cheio quando o vosso par partiu de Bournemouth. Terá esvaziado com rapidez e constância (pela minha estimativa, à razão de cerca de 1,5 litros por minuto), o que quer dizer que o vosso condutor terá ficado sem gasolina mais ou menos a meio de New Forest. Embora eu não entenda o que o terá levado a seguir esse caminho.

Helen nada disse. A mente dela já estava a girar a toda a velocidade, a tentar processar aquele novo desenvolvimento.

— A sua próxima pergunta seguinte é saber se foi feito acidentalmente? Tudo é possível, mas diria que não. O furo é demasiado limpo, demasiado redondo... como se alguém tivesse martelado um pequeno prego no fundo do depósito. Se foi sabotagem, foi simples e eficaz.

E, com aquilo, foi-se embora. Não lhe cabia pensar nas razões, a sua missão era apenas providenciar os factos. Helen e Charlie entreolharam-se; era evidente que estariam a pensar o mesmo. Tendo acabado de encher o depósito, Ben não estaria a controlar o indicador de combustível e provavelmente só se terá apercebido de que estava sem gasolina quando já era demasiado tarde. Mesmo quando se acendeu a luz de aviso, Ben só terá tido um ou dois minutos até o depósito se esvaziar por completo.

— Ela teria de saber — pensou Helen em voz alta. — Ela teria de saber que o Ben e o Peter faziam aquela viagem todas as semanas. Que o Ben enchia sempre o depósito nas bombas da Esso. Deve ter feito uma pesquisa: a capacidade do depósito, o consumo médio de combustível, o tamanho ideal do furo...

— Para que eles fossem obrigados a parar exatamente onde ela desejava — referiu Charlie, concluindo o pensamento de Helen.

— Ela andava a persegui-los. É o nosso ponto de partida. Vamos apostar na família da Amy... Quaisquer sinais de atenções indesejadas, arrombamentos suspeitos, qualquer coisa. O mesmo com os Hollands e os Brightstons.

Seria o lance de abertura. Helen esperou que desse dividendos, mas tinha a sensação de que o jogo seria longo, duro e mortífero. Era óbvio que estavam a lidar com alguém organizado, inteligente e preciso. A motivação dos crimes permanecia um mistério, mas já não havia dúvidas quanto ao calibre daquela assassina. A questão principal era saber onde estariam Peter e Ben. E se ambos voltariam a ser vistos com vida.

Horas depois do ocorrido, a adrenalina ainda estava no auge. A raiva ainda não soçobrara perante a culpa, pelo que Peter Brightston andou de um lado para o outro enquanto insultava a sua vítima. O tipo ia matá-lo a tiro, com um tiro na nuca: de que raio é que estava à espera?

Riu-se amargamente ao lembrar-se de ter oferecido emprego a Ben na empresa — à frente de candidatos com mais qualificações — por ter gostado da coragem dele, do dinamismo. E era assim que ele lhe retribuía? Aquele tipo nem pensara duas vezes, ia simplesmente rebentar-lhe a cabeça. Cretino. Mas teve o merecido castigo, uivando de dor quando Peter lhe arrancou a lasca.

O punho de Peter agarrou a arma improvisada, onde o sangue de Ben estava lentamente a coagular. Apesar de o pior já estar feito, Peter não iria — não poderia — desistir.

Fora em autodefesa. Claro que fora. Teria de continuar a dizê-lo a si próprio. No entanto, moldara a sua arma com tanto cuidado, tão às escondidas, que só poderia estar a enganar-se a si próprio ao alegar que não fora planeado, certo? Ele sabia que Ben não gostava dele. Que o desrespeitava. Que gozava com ele nas suas costas. Alguma vez houve dúvidas de que Ben tentaria escapar? Peter percebera isso e agiu em conformidade. Era a única coisa sensata a fazer. Tinha mulher e filhos. E Ben, o que tinha? Uma noiva que toda a gente sabia ser burra e gananciosa. O casamento deles prometia rivalizar com o de Katie Price em termos de piroseira: um coche cor de rosa, vestidos merengue, póneis e pajens, um tema para revistas sociais de que se falaria durante...

Ben está morto. Jorra sangue do buraco que tem no rosto. Não haverá casamento.

Silêncio. O silêncio mais horrível e solitário que Peter alguma vez suportou. Um assassino a sós com a sua vítima. *Oh, meu Deus.*

De repente, uma luz ofuscante. O alçapão abriu-se, com o sol do meio-dia a infiltrar-se, queimando-lhe os olhos. Caiu-lhe algo pesado na cabeça.

Uma escada de corda.

Encheu os pulmões de ar puro, de oxigénio, e todo o seu corpo entrou em convulsão com uma sensação de euforia. Estava livre, estava vivo. Sobrevivera.

Coxeou ao longo da pacata estrada rural. Já ninguém passava ali, por isso, que hipótese tinha de encontrar alguém que o salvasse? Apesar de ter conquistado a liberdade, ainda suspeitava que tudo não passava de uma artimanha. Que ela estava a rir-se dele enquanto ele arrastava o corpo dorido pela estrada fora. Que voltaria a ser caçado. Peter resignara-se a morrer naquele buraco escuro; será que ela iria mesmo honrar o acordo que tinha feito? Mais à frente, Peter avistou sinais de vida e estugou o passo.

Riu-se ao ver aquilo. Lia-se «bem-vindo» em letras alegres sobre a porta da loja de conveniência. Era tão amistoso que o fez chorar. Abriu as portas com um empurrão e foi recebido por um mar de rostos assustados: reformados e miúdos da escola chocados com aquela visão horrorosa. Com o rosto salpicado de sangue e a cheirar a urina, Peter

precipitou-se na direção da caixa registradora. Desfaleceu antes de lá chegar, tombando sobre um expositor com uma promoção de *Doritos*. Ninguém se mexeu para ajudá-lo. Parecia um cadáver.

A Central Elétrica de Dunston erguia-se orgulhosamente na extremidade ocidental de Southampton Water. Nos seus tempos áureos, a central alimentada a carvão gerava eletricidade para a Costa Sul e muito para lá dela. Mas fora encerrada em 2012, vítima da determinação governamental de reorganizar o fornecimento de energia da Grã-Bretanha. Dunston era antiga, ineficaz e não podia competir com as alternativas com baixos níveis de carbono que estavam a ser construídas por todo o Reino Unido. O pessoal foi colocado noutros locais, e o local, selado. Só deveria ser desmantelada dentro de dois anos, pelo que por ora era apenas um memorial vazio a um passado glorioso. A enorme chaminé central lançava uma extensa sombra sobre o local do crime e gerou um arrepio em Helen conforme ela avançou rumo ao cordão policial que se agitava violentamente com o vento oriundo do mar.

Mark acompanhou o passo de Helen, e percorreram rapidamente o local. Ele fizera questão de a levar lá de carro desde a esquadra. Não bebera e parecia um pouco mais fresco. Afinal, talvez as palavras de Helen tivessem feito a diferença. Enquanto caminhavam lado a lado, o olhar de Helen incidiu em vários pontos, analisando todas as possibilidades.

Tinham sido colocados alarmes no local, mas, depois de os ladrões de cobre terem estragado o sistema de alarme pela enésima vez, foi decidido não se incomodarem mais em arranjá-lo. Tudo o que valia a pena cortar já fora levado. O que implicou que ela apenas tivesse de retirar a corrente do portão principal para entrar com o carro. Haveria trilhos de pneus? Pegadas? O alçapão no topo do silo subterrâneo de carvão era de fácil acesso assim que se chegava ao local e, apesar de muito pesado para uma única pessoa o levantar, poderia ter sido puxado sem dificuldade por uma carrinha com uma corrente. Sulcos profundos de pneus junto ao silo sugeriram que fora exatamente isso o que sucedera. Faltava saber como transportava as vítimas.

— Como é que ela os levou da carrinha para o fosso? — questionou Mark, lendo-lhe a mente.

— O Ben teria cerca de 1,80 m, mas era magro. O que te parece? Uns 75 kg?

— Sim. Uma mulher é capaz de arrastar sozinha esse peso morto, mas o Peter...

— Eu diria uns 90 kg. Talvez mais.

Helen inclinou-se para baixo, para ver melhor. O chão junto à abertura do alçapão estava, sem dúvida, muito remexido, mas em consequência de ambas as vítimas terem sido arrastadas lá para dentro ou por causa do aterrorizado Peter a sair para fora?

Era nitidamente um mau procedimento. Um polícia experiente sabe que não deve fazer juízos precipitados e instintivos sobre a natureza de um crime ou a identidade do seu autor. Mas Helen sabia que aquele era o segundo homicídio. Mesmo que se ignorasse a prova de sabotagem no carro de Ben, a história de Peter Brightston era tão próxima da de Amy que a ligação era inegável. A dor, a culpa e o horror estampados na expressão de Peter quando o apanharam eram idênticos aos de Amy. Aqueles tipos eram cartões de visita vivos, um testemunho em carne e osso do sadismo de alguém. Qual era o objetivo de tudo aquilo?

Era agora evidente que lidavam com um assassino em série. Helen fizera cursos, lera

estudos de casos, mas nada a preparara para aquilo. Por norma, o móbil, a ligação à vítima, eram fáceis de perceber, mas não naquele caso. Não se tratava de algo contra as mulheres, não era um crime sexual, e entre as vítimas parecia não haver correlação em termos de idade, género ou posição social. Helen sentiu-se a ser sugada para um túnel comprido e escuro. Foi assolada por uma vaga de desânimo e teve de se beliscar para despertar. Iria apanhar a responsável por aquilo. Claro que iria.

Helen e Mark aproximaram-se da boca do fosso. Helen pediu que trouxessem uma escada; estava ansiosa por chegar rapidamente lá abaixo, impaciente por ficar a par do pior. O alçapão já estava aberto, pelo que espreitou lá para dentro. E ali, na escuridão, jazia o corpo. O homem que Peter assassinara. Ben Holland.

— Queres descer tu ou vou eu?

A pergunta de Mark era bem-intencionada, e ele esforçara-se por não parecer paternalista. Mas Helen tinha de ver com os seus próprios olhos.

— Não há problema. Isto não demora muito.

Cuidadosamente, ela desceu a escada até ao ventre do silo. O cheiro ali em baixo era intenso. Gás fundido com pó de carvão e excrementos. A equipa forense encontrara vestígios fortes de um sedativo potente, benzodiazepina, nos excrementos de Sam e Amy. Ali provavelmente iriam encontrar o mesmo. Helen fez incidir a sua atenção no corpo. Estava de cara voltada para baixo, com uma poça de sangue coagulado em volta da cabeça. Acautelando-se para não lhe tocar, Helen ajoelhou-se e esticou o pescoço até ao outro lado para ver o rosto da vítima. Repugnância seguida de surpresa. Repugnância pelo buraco sangrento onde antes estivera o olho esquerdo. E surpresa por constatar que não se tratava de Ben Holland.



Jake ficou espantado por voltar a vê-la tão cedo. Até agora, ela revelara-se bastante previsível: uma sessão de uma hora por mês. Sentiu-se tentado a não atender quando a campainha tocou; já passava das 11 da noite, e, por motivos de segurança, todos os encontros tinham de ser marcados com antecedência. Mas, quando viu o rosto dela no monitor, ficou preocupado. Preocupado e intrigado.

Passava-se algo. Ela não olhou para ele quando entrou no apartamento e nem comentou o facto de já ser tão tarde. Por norma, ele era brindado com um sorriso fugaz ou pelo menos um olá. Mas aquela noite isso não aconteceu. Ela estava ausente, ensimesmada, até menos comunicativa do que era habitual. Pousou o dinheiro na mesa e despiu-se sem olhar para ele. Depois tirou o sutiã e as cuecas, pondo-se nua à frente dele. Aquilo não estava certo; aquele tipo de coisas, por norma, gerava problemas. Ele era um dominador, não um prostituto. Providenciava um serviço, mas não esse tipo de serviço.

Jake já tinha o discurso preparado quando ela se encaminhou para ele, mas passou-lhe ao largo na direção do seu armário de apetrechos. Mais uma regra violada: apenas a ele era permitido escolher o método de punição. Fazia parte do espetáculo; o submisso não sabia ao certo como seria punido. Mas Jake nada disse, pois algo nas ações dela naquela noite não tolerava argumentações. Jake sentiu um leve arrepio de medo e excitação. Era como se o jogo tivesse sido virado do avesso e já não estivesse aos comandos. Ela ignorou os pingalins e, em vez disso, dirigiu-se de imediato aos chicotes com tachões. Passou os dedos sobre os mesmos, antes de escolher o mais perigoso. Aquilo era apenas para masoquistas *hardcore*, não fazia bem o género dela, mas ela passou-lho e depois encaminhou-se para a parede. Ele algemou-a. Ainda não tinham trocado qualquer palavra.

Ele sentiu-se estranhamente hesitante, como se não soubesse ao certo em que jogo estava a alinhar. Por isso, o primeiro golpe foi algo suave.

— Com mais força.

Ele obedeceu, mas não foi o suficiente.

— MAIS FORÇA.

E ele assim fez. E dessa vez jorrou sangue. O corpo dela estremeceu com a dor e depois pareceu relaxar conforme um fio de sangue lhe escorreu pelas costas.

— Outra vez.

Onde é que aquilo iria acabar? Jake não foi capaz de dizer. A única coisa que sabia ao certo era que aquela mulher desejava sangrar.

— Conta-me outra vez o que se passou.

Amy cerrou os olhos e deixou cair a cabeça. Charlie parecia ser boa pessoa e tratara-a com todo o cuidado, mas por que razão tinha de fazer aquilo? Desde que fora libertada da custódia da polícia, tentara tudo e mais alguma coisa para esquecer o assunto. De início, a mãe seguira-a por todo o lado como um cão de guarda, mas recuara depois de Amy se ter passado. Momentaneamente livre da sua sombra, procurara sobras de bebidas para se embriagar e a reserva secreta de *Valium* da mãe, e, quando isso deixou de funcionar, recorreu aos comprimidos para dormir do pai. Grande erro. Nos seus sonhos — pesadelos — Sam estava sempre presente. A sorrir-lhe. A rir-se. Era insuportável, e ela acordava aos gritos, para dar por si junto à porta de entrada a sacudir o cadeado, desesperadamente a tentar fugir. Decidiu então que iria permanecer acordada para o resto da vida, nunca cedendo ao sono, e que evitaria todo o tipo de contacto humano. Mas ali estava de novo a polícia, a fazê-la recordar a sua horrível traição.

— Estavam a pedir boleia. Chovia. Uma carrinha parou.

Amy assentiu com a cabeça, em silêncio.

— Descreve-me a carrinha.

— Já fiz um depoimento, eu...

— Por favor.

Um profundo suspiro, ofegante. Uma sensação de sufoco. E de repente as lágrimas voltaram a brotar; Amy obrigou-se a contê-las.

— Era uma carrinha *Transit*.

— De que marca?

— *Ford? Vauxhall?* Qualquer coisa do género. Era branca.

— O que é que ela te disse? As palavras exatas, por favor.

Amy fez uma pausa, pouco disposta a regressar a essas recordações.

— «Precisam de ajuda?», foi isso o que ela disse. «Precisam de ajuda?» A seguir, abriu a porta do passageiro, havia espaço suficiente para três na cabina, pelo que entrámos. Foda-se, quem me dera que não o tivéssemos feito.

E dessa vez ela chorou. Charlie deixou-a estar por alguns momentos, antes de lhe passar um lenço.

— Ela tinha algum sotaque?

— Do Sul.

— Consegues ser mais específica?

Amy abanou a cabeça.

— E depois, o que é que ela disse?

Amy voltou a contar tudo, passo a passo. A mulher dissera que era engenheira de aquecimento e que regressava a casa depois de uma chamada de emergência. Amy não se recordava de ter visto algum logótipo ou nome na carrinha, talvez os houvesse, mas não estava à procura. Ela falara do marido, que era um inútil no que tocava a coisas práticas, e dos filhos, dois. Perguntou-lhes aonde iam numa noite fria de inverno e depois ofereceu-lhes uma bebida.

— Que palavras é que usou?

— Ela reparou que eu estava a tremer um bocado e disse: «Já te aquecias um pouco.» Foi isso. E então, ofereceu-nos o termo dela.

— A bebida estava quente? A que é que cheirava?

— Cheirava àquilo que era. Café.

— E o sabor?

— Era bom.

— Qual era o aspeto dela?

Quando é que aquilo ia acabar?

— Tinha cabelo louro curto. Usava uns óculos escuros espelhados na cabeça. Fato-macaco. Brincos tipo *piercing*, penso eu. Unhas curtas e negras. Vi-as no volante. Mãos sujas. Só lhe vi o rosto de lado. Nariz robusto, lábios grossos. Sem maquilhagem. Estatura média. Parecia normal. Completamente normal, foda-se.

E com aquilo Amy abandonou a sala de estar e dirigiu-se ao piso de cima, sufocada em lágrimas, debatendo-se para respirar. Assolada pela mais terrível das culpas, permitiu-se ter um acesso de raiva. Para Sam fora fácil. Ele morrerá. O sofrimento dele acabara. Mas o dela iria persistir. Nunca lhe seria permitido esquecer o que fizera. Olhando pela janela do seu quarto no sótão para as pedras do passeio lá em baixo, Amy pensou se Sam a receberia bem se decidisse juntar-se a ele. De repente, sentiu-se tentada pela ideia e agarrou o manípulo, mas a tranca da janela estava fechada e a chave desaparecera. Até a sua família a torturava.

— Qual era o aspeto dela?

Peter Brightston estremeceu. Desde que o tinham recolhido que estava a tremer. Todo o seu corpo tremia, assinalando o ritmo do trauma de uma forma estranha e primitiva. Helen estava certa de que a qualquer momento ele se iria abaixo. Mas os médicos do hospital deram-lhe total liberdade para falar com ele, por isso...

Ele não a olhou nos olhos. Limitou-se a fitar as próprias mãos, puxando os tubos intravenosos que saíam dele como tentáculos.

— Qual era o aspeto dela, Peter?

Uma longa pausa, antes de ele responder por entre dentes cerrados:

— Parecia gira como o raio.

Helen foi apanhada de surpresa.

— Descreva-a.

Inspirou profundamente antes de responder.

— Alta, musculada... cabelo preto... cabelo preto como breu. Comprido. Até muito abaixo dos ombros. T-shirt branca justa. Boas mamas.

— E a cara?

— Maquilhada. Lábios grossos. Não consegui ver os olhos. Óculos com lentes coloridas da *Prada*.

— Da *Prada*, tem a certeza?

— Gostei deles. Até os fixei. Pensei em dar um par à Sarah pelo nosso aniversá...

E então começou a soluçar.

Acabaram por extrair algo mais dele. A mulher conduzia uma *Vauxhall Movano* vermelha que pertencia ao marido. Vivia com o companheiro e com os três filhos em Thornhill. Estavam a mudar-se para Bournemouth e andavam a poupar dinheiro tratando eles próprios da mudança, daí a carrinha. Era conversadora, alegre e jocosa, e por isso lhes tinha oferecido a garrafinha metálica do marido, mal escondida, como sempre, sob o mapa de estradas no porta-luvas. Peter aceitara, claro, e depois passara-a a Ben. Nessa parte do testemunho, Peter voltou a calar-se.

Helen deixou Charlie a tomar conta dele. Charlie era boa a lidar com homens. Era de uma beleza mais convencional do que Helen e tinha modos fáceis e nada ameaçadores; não admirava que os homens andassem sempre à sua volta. Nos seus momentos mais mesquinhos, Helen achava-a branda, mas sem dúvida que tinha a sua utilidade e a seu tempo daria uma boa polícia. Mas Mark era a sua caixa de ressonância e era dele que necessitava agora.

O White Bear ficava enfiado numa rua lateral atrás do hospital. Helen escolhera deliberadamente — provocadoramente — aquele local como um teste, e até agora Mark estava a sair-se bem, bebendo uma água tónica. Era estranho encontrarem-se num *pub*; quase parecia um encontro, e ambos sentiram isso. Mas havia coisas mais importantes com que se ocuparem.

— E então, com o que estamos a lidar? — perguntou Mark, iniciando a conversa.

Ele percebeu que a mente de Helen fervilhava, tentando compreender os últimos e

inesperados desenvolvimentos.

— O Ben Holland não é o Ben Holland. O verdadeiro nome dele é James Hawker.

Sempre que Helen pensava em James, surgia-lhe inevitavelmente a mesma imagem: um jovem salpicado de sangue com um ar completamente perdido. Em estado catatónico devido ao choque.

— O pai dele era um homem de negócios. Era também um fantasista e um vigarista. O Joel Hawker perdeu tudo num negócio que correu mal e decidiu pôr fim à vida e levar consigo a família, em vez de enfrentar as consequências... Começou por matar os cavalos, e depois o cão da família, antes de deitar fogo aos estábulos. Os vizinhos ligaram para os bombeiros, mas eu cheguei lá primeiro.

A voz de Helen vacilou um pouco ao recordar a cena. Mark observou-a com toda a atenção.

— Na altura, eu era polícia de giro. Vi o fumo e ouvi gritos vindos do interior da casa, por isso dirigi-me para lá. A mulher estava morta, a filha mais velha e o namorado também, e no momento em que apareci ele estava a atacar o James com uma faca de trinchar.

Helen fez uma pausa antes de prosseguir.

— Derrubei-o. Bati-lhe mais do que era preciso. Recebi um louvor por isso, mas também um aviso relativamente à minha conduta futura.

Helen logrou mostrar um sorriso pesaroso, ao qual Mark correspondeu.

— Mas não quis saber. Quem me dera ter-lhe batido ainda mais.

— E então o James mudou de nome.

— Não farias o mesmo? Ele não queria aquele tipo de notoriedade a acompanhá-lo para o resto da vida. Andou uns tempos a fazer terapia, tentou lidar com o assunto, mas o que queria mesmo era fazer de conta que aquilo não acontecera. Tentei manter-me em contacto com ele, mas afastou-se de mim um ano ou dois depois dos homicídios. Não queria que lhe lembrassem o que se passou. Fiquei triste, mas compreendi e desejei que tudo lhe corresse bem. E correu-lhe tudo bem.

Era verdade. James prosseguiu os estudos, arranjou um bom emprego e acabou por encontrar uma rapariga — afável, inocente — que quis casar-se com ele. Para um início de vida tão miserável e deprimente, saíra-se bem. Até alguém obrigar o seu colega a furar-lhe um olho e a matá-lo. Sem dúvida que fora autodefesa, mas era isso que tornava tudo pior. James/Ben odiava a violência; o que terá ele suportado para o levar a tentar matar Peter?

Era demasiado retorcido, demasiado infeliz para ser descrito por palavras. No entanto, era com isso que estavam a lidar.

— Achas que estão ligados? Os assassinios do Joel Hawker e a morte do Be... do James? — interpôs-se Mark, interrompendo os pensamentos de Helen.

— Talvez. Mas a Amy e o Sam não faziam parte disso. Onde é que eles se encaixam?

Instalou-se o silêncio entre eles. Talvez houvesse ligações a efetuar, mas de momento eram difíceis de identificar.

Por isso, o que lhes restava? Um par de assassinios sádicos e sem motivo que pareciam extremamente desligados um do outro e uma criminosa, que ou era uma loura desmazelada engenheira de aquecimento ou uma dona de casa maliciosa de peito grande e cabelo preto comprido e entrançado. O que lhes restava era, isso sim, uma grande confusão, e ambos sabiam disso.

Enquanto Mark passou os olhos pelo *pub*, sentiu a necessidade a crescer. A toda a volta dele, havia homens e mulheres a rir-se, a dizer piadas e a beber. Vinho, cerveja, bebidas espirituosas, cocktails, bebidas mais leves, todas despejadas descontraidamente pelas gargantas abaixo.

— Estás a safar-te bem, Mark.

As palavras de Helen despertaram-no. Fitou-a com desconfiança. A última coisa que desejava era pena.

— Sei que é difícil, mas é o princípio do fim. Vamos melhorar. Vamos fazer isto juntos, OK?

Mark assentiu com a cabeça, reconhecido.

— Podias ter-me mandado lixar e inscreveres-te nos Alcoólicos Anónimos, que eu teria compreendido. Mas não me parece que eles te conheçam. Não sabem o que temos de aguentar no dia a dia. O modo como isso se reflete em nós. É por isso que vou ajudar-te. Sempre que precisares de companhia, sempre que precisares de ajuda, estarei aqui por ti. Haverá alturas, muitas vezes, em que vais desejar muito, muito beber. E está tudo bem, vai acontecer, gostes ou não. Mas fazemos assim: só bebes se for na minha presença. E, quando te disser para parares, paras. Está bem?

Mark não manifestou o seu desagrado.

— É assim que vamos ganhar isto. Mas, se descobrir que desrespeitaste a regra, que me mentiste, então deixo-te cair. Estamos combinados? Ótimo.

Ela foi ao balcão e regressou com uma garrafa de cerveja na mão. Empurrou-a por cima da mesa na direção dele. A mão de Mark tremia ligeiramente quando lhe pegou. Molhou lá os lábios. A cerveja fresca deslizou-lhe pela garganta abaixo. Mas, então, ela retirou-lha das mãos. Por momentos, ele teve vontade de lhe bater. Mas o álcool chegou-lhe ao estômago. E, por momentos, tudo melhorou. Ele percebeu que ela ainda lhe segurava a mão. Instintivamente, começou a acariciar-lhe a mão com o polegar. Helen afastou a mão.

— Permite-me que deixe as coisas bem claras, Mark. Isto não tem a ver *connosco*. Tem a ver contigo.

Ele interpretara mal a situação. E agora sentia-se um idiota. A afagar a mão da sua superior. Que idiota. Saíram pouco depois. Helen ficou a vê-lo partir de carro, presumivelmente para se assegurar de que não se enfiava de novo no *pub*. O otimismo reconfortante estimulado pela cerveja vespertina estava agora a dissipar-se, e Mark sentiu-se vazio e sozinho.

Já ao anoitecer, o *Golf* de Mark foi estacionado no exterior do que em tempos fora o lar da família. Elsie estaria lá em cima no seu quarto, com a *Sheepy*, banhada pela luz verde da sua lâmpada noturna. Não conseguia vê-la, mas sabia que ela estava ali, e isso encheu-o de amor. Não era o suficiente, mas teria de servir... para já.

O detetive-superintendente Michael Whittaker estava à espera de Helen quando ela regressou à Esquadra Central de Southampton. Era um homem de 45 anos carismático — amante de atividades ao ar livre, bronzado, em boa forma —, adorado pelo pessoal de secretariado feminino, que sonhava com fisgar aquele solteiro poderoso e bem-sucedido. Era igualmente astuto, com olho para detetar tudo o que pudesse ajudar, ou entravar, a sua carreira. Nos seus tempos áureos, fora excelente a apanhar ladrões, até que um tiroteio feio num roubo mal sucedido a um banco o deixara sem meio pulmão e preso a uma secretária. Incapaz de regressar ao terreno para dirigir operações, tinha inclinação para fazer valer o seu estatuto quando sentia que as coisas estavam a avançar demasiado devagar ou a descontrolar-se. Sobrevivera — e prosperara — ao longo de tanto tempo por nunca se esquecer de se manter atento aos pormenores.

— Como é que ela atua? — rosnou a Helen. — Age sozinha ou tem ajuda?

— Para já, é difícil dizer — respondeu Helen. — Trabalha discretamente e não deixa vestígios, o que sugere que trabalha sozinha. É meticulosa, precisa, e suspeito que pouco propensa a envolver terceiros numa operação tão cuidadosamente planeada. Recorre a drogas, e não à força, para subjugar as vítimas, e também isso indicará que não quer ou não precisa de ajuda. A questão seguinte, obviamente, é perceber como os transporta. São levados numa carrinha tipo *Transit* onde será fácil ocultá-los, enquanto dominados, até chegarem ao seu destino. Opta por locais remotos e abandonados para os prender, para que haja poucas hipóteses de ser avistada a retirá-los da carrinha. Precisarão de ajuda para os levar? Possivelmente, se bem que as quatro vítimas tenham abrasões em redor dos tornozelos. O que poderá sugerir que teriam os tornozelos atados para serem arrastadas. Tinham marcas semelhantes nas pernas, tronco e cabeça, que podem encaixar com o facto de serem puxadas sobre terreno irregular, mas isso seria bastante duro. Mesmo se se atasse corda em redor, digamos, dos tornozelos do Peter Brightston, seriam 90 quilos de peso morto para arrastar. Possível mas difícil.

— E as carrinhas? — questionou de imediato Whittaker, sem dar folga a Helen.

— Nada de concreto. A Amy não sabe ao certo a marca da carrinha, e não há câmaras de trânsito junto ao local onde foi apanhada que nos possam ajudar. O Peter tem a certeza de que foi raptado numa carrinha *Vauxhall Movano*, mas todos os meses são roubadas dúzias delas só em Hampshire. É vermelha, o que ajuda um pouco, mas ela pode tê-la pintado. Como foram apanhados em New Forest e transportados por caminhos rurais até à Central Elétrica de Dunston, não há gravações de câmaras de trânsito ou de circuitos fechados de televisão que nos possam ajudar.

Whittaker suspirou.

— Espero não me ter precipitado ao promovê-la, Helen.

Falou num tom equilibrado.

— Tive a esperança de que um dia pudesse substituir-me... mas casos como estes podem causar danos a uma carreira. Precisamos de detenções, Helen.

— Entendido, superintendente.

— Aquela vaca da Garanita tem estado acampada no maldito átrio, a agitar o resto dos jornalistas locais. Um par de jornais nacionais abordou o assunto hoje de manhã.

Os idiotas da ligação aos *media* estupidificam sempre que telefonam do *The Times*, e depois cai tudo em cima de mim. O que é que lhes estamos a contar?

— A morte do Sam está a ser tratada como crime doméstico. Não estamos à procura de mais ninguém, etc. A morte do Ben está a ser abordada como um acidente. A história é que ele e o Peter Brightston estavam em Dunston a tratar de negócios da firma, deu-se um acidente trágico, e por aí fora. Para já, a imprensa parece estar a comer a história.

Whittaker permaneceu em silêncio. Nunca admitiria que os *seus* superiores lhe andavam a pisar os calos, mas Helen já sabia como funcionavam as coisas. Em casos como aquele, a merda sobe e depois desce ainda com mais ímpeto.

— A qualquer altura, a história pode vir por água abaixo, por isso divulgaremos tudo se acharmos que é o indicado. Informe a imprensa de que há uma terceira parte envolvida. Peça a ajuda do público...

— Demasiado cedo — interrompeu Whittaker. — Ainda não temos o suficiente. Iriamos parecer uns imbecis.

— Sim, senhor.

Helen apercebeu-se da ansiedade dele — e do desagrado —, e isso surpreendeu-a. Por norma, era mais calmo. Ela quis acalmar os medos dele — no passado, sempre o conseguira —, mas daquela vez não tinha nada para oferecer. Whittaker tinha a tendência para reagir automaticamente quando a pressão se impunha. E não era disso que Helen estava a precisar. Por isso, esforçou-se bastante para o tranquilizar, pondo-o ao corrente dos grandes esforços em curso para localizar a assassina, e aos poucos ele começou a descontraír-se. Sempre confiara em Helen, e, se havia alguém que conseguiria manter as coisas na linha, seria ela. Embora alguém como Whittaker nunca o admitisse, Helen era exatamente o tipo de agente que os superiores adoravam. Feminina, abstinência, uma *workaholic*, sem interesse em engravidar. Com Helen, não havia perigo de alcoolismo, subornos, licenças de maternidade ou outras situações desagradáveis. Trabalhava como um dínamo e sem mais ninguém melhorava a taxa de casos resolvidos. Por isso, mesmo que ocasionalmente os desiludisse, iam tolerar isso, pois figurava entre os melhores.

Helen falou de forma tão positiva que por alguns segundos até se sentiu animada pelas suas próprias palavras. Mas, na moto, de regresso a casa, essa falsa confiança começou a evaporar-se. No dia seguinte seria véspera de Natal, e toda a Southampton estava tomada pelo espírito festivo. Era como se coletivamente tivesse sido decidido ignorar as manchetes sinistras do *Evening News* em prol das celebrações contínuas. As bandas do Exército de Salvação tocavam ininterruptamente canções da época, luzes berrantes piscavam alegremente sobre as lojas, e por todo o lado era possível ver sorrisos animados nos rostos das crianças. Mas Helen não sentia a alegria do Natal. Tudo aquilo lhe parecia um espetáculo de mau gosto e desapropriado. Algures lá fora andava uma assassina que matava sem problemas de consciência e nunca deixava rasto. Estaria naquele preciso momento ocupada a perseguir as suas próximas vítimas? Estariam já aprisionadas e a implorar por piedade? Helen nunca se sentira tão perdida. Naquele caso, parecia não haver uma base sólida, nada de hipóteses seguras. Seria derramado mais sangue, e por ora nada mais lhe restava fazer senão aguardar para ver quem se seguiria.



*É engraçado pensar nas coisas de que uma pessoa se lembra, não é? Porque é que aquela rena não me sai da cabeça? Mesmo para a altura, tinha muito mau aspeto, uma rena miserável de olhos abatidos. Parecia morta. Mas não conseguia deixar de olhar para ela enquanto esperávamos naquela fila comprida. Talvez me tenha tornado demasiado desesperada. Ou talvez não. É possível sobrevalorizar estas coisas.*

*Era Natal, e, para variar, a vida corria bem. O meu pai tinha ido para fora; teria outra família com quem estar no Natal? Nunca descobri, por isso erámos só as raparigas em casa. A minha mãe estava a beber, mas eu delinquei um plano para evitar que se embebedasse demasiado. Para lhe salvar a pele, eu própria apanhei uma bebedeira. Dei um salto à loja da esquina, para comprar umas latas, mas também para ir buscar algo sólido. Pão, batatas fritas de pacote, o que fosse. Quando regressei, sentei-me com a minha mãe enquanto ela bebia. Acho que se sentiu um pouco incomodada por beber à minha frente, sem o meu pai lá para a incitar, e aos poucos cortou na bebida, até quase não beber. Nunca fomos muito próximas, mas nesse Natal estávamos bem. E foi por isso que ela nos levou ao centro comercial.*

*Música ambiente, decorações baratas e o odor a medo. Tanto quanto era perceptível, os pais estavam em pânico, encurralados por uma festa que mais uma vez surgira demasiado depressa. A nossa lista de compras era pequena — muito pequena —, mas ainda assim levou bastante tempo. Foi preciso ter a certeza de que o segurança da BHS estava ocupado antes de a minha mãe enfiar roupas e joias pirosas de imitação nas nossas calças de fato de treino. O nosso brinde era depois irmos ver o Pai Natal. Dado que o tipo que fazia isso era um professor da escola católica local, o brinde provavelmente foi todo dele.*

*Recordo-me muito bem do rosto dele. Sentou-me no seu joelho e, com o seu melhor ho ho ho, perguntou-me o que eu mais desejava para o Natal. Sorri, olhei para ele e respondi:*

*— Gostava que o meu pai morresse.*

*A seguir a isso, fomos rapidamente embora. O Pai Natal ficou a cochichar com as mães horrorizadas, cabras que adoravam insultar pobres como nós. Conforme passámos apressadamente, dei àquela rena miserável um valente gancho. Não cheguei a ver os estragos: saímos porta fora antes de o segurança conseguir apanhar-nos.*

*Pensei que a minha mãe me fosse bater ou, pelo menos, gritar comigo. Mas não o fez. Limitou-se a chorar. Sentou-se na paragem de autocarros e chorou. Foi de meter dó, e é uma das minhas recordações mais felizes.*

A visita dela foi um prazer inesperado. Raramente tinham visitas — quem no seu perfeito juízo iria até ali? —, e quem o fazia não seria para nada de bom. Ladrões ou bandidos. Era frequente encontrar ali a polícia, já a Segurança Social era para esquecer. Era uma verdadeira piada.

A mãe dela dera um salto quando souu a campainha. Marie estava tão embrenhada a ver as estrelas a dançar na televisão em *Strictly* que não dera pelos passos a percorrer o corredor. Mas Anna ouvira. Sempre que ouvia ruídos no exterior, o seu coração batia um pouco mais depressa. Nenhum dos outros apartamentos estava ocupado, por isso, a não ser que fossem drogados à procura de uma casa vazia ou ciganos a farejar, então só poderiam vir por causa delas. As passadas abrandaram e depois detiveram-se no lado de fora da porta de entrada. Ela quisera avisar a mãe e resmoneou o melhor que pôde, mas Flavia estava a dançar *foxtrot* e Marie estava colada ao televisor. E então soou a campainha, com intensidade e confiança. Marie olhou para Anna — um momento de hesitação — e depois decidiu ignorar o toque.

Anna ficou contente. Não gostava de visitas. Não apreciava surpresas. No entanto, estava curiosa, pois as passadas pelo corredor eram leves e faziam *toc toc*. Parecia alguém de saltos altos. Isso levou Anna a rir-se entredentes. Não ouvia nada assim desde que as prostitutas se tinham ido embora.

A campainha voltou a tocar. Apenas uma vez, com educação mas insistente. E então ouviram a voz dela, a chamá-las pelos nomes, a perguntar se podia falar com elas. Marie baixou o som da televisão; se não as ouvisse, talvez achasse que não estavam e fosse embora. Na realidade, não valia a pena: a luz e o ruído do apartamento eram como um raio de luz nas trevas. E então a campainha soou pela terceira vez, e dessa vez Marie levantou-se e arrastou as pantufas até à porta. Anna viu-a a ir, odiava ser deixada sozinha. E se acontecia alguma coisa lá fora?

Mas Marie regressou, seguida por uma bela mulher carregada com uns sacos de plástico. Até parecia uma assistente social, só que não tinha um ar deprimido e as roupas eram boas. Ela olhou em redor pelo quarto e depois avançou na direção de Anna, ajoelhando-se para ficar ao mesmo nível.

— Olá, Anna, eu sou a Ella.

Tinha um sorriso tão caloroso. Anna gostou logo dela.

— Estava agora mesmo a explicar à tua mãe que trabalho para uma organização chamada Estrelas Cadentes. Já debes ter visto os nossos anúncios no jornal local. Sei que a tua mãe gosta de to ler.

Ela cheirava muito bem. A rosas.

— Todos os anos levamos cestos de natal a famílias como a vossa, que têm dificuldade em sair e ir dar uma volta. O que é que te parece? Bem?

— Não queremos pena nesta casa — interrompeu Marie com rispidez.

— Não é pena, Marie — frisou Ella, levantando-se. — Trata-se apenas de dar uma ajuda. E não é obrigada a aceitar. Pode acreditar que há muito mais gente que gostaria de deitar a mão a estas guloseimas!

A palavra «guloseimas» pareceu despertar algo. Marie sentou-se em silêncio enquanto

Ella tirou as latas e os pacotes do saco. Era um verdadeiro tesouro: delícias turcas e chocolate com gengibre no cimo das guloseimas habituais; e ainda sopas, batidos e sumos concentrados para Anna. Teve de ser algo muito bem pensado; Anna surpreendeu-se por alguém se importar o suficiente para se dar a tanto trabalho. Ella não poderia ter sido mais atenciosa, fazendo uma série de perguntas a Marie sobre Anna: o que gostava dela que lhe lessem? Era fã da série *Tracy Beaker*? O que via ela na televisão? Anna deliciou-se com todas aquelas atenções.

Aquele ano tiveram sorte. Aquele ano constavam das preocupações de alguém. Marie ficou radiante, e o espírito festivo suavizou um pouco quando foi procurar xerez. Anna olhou para a sua visita. Estava a sorrir e a assentir com a cabeça, mas pareceu-lhe tensa. Anna achou que talvez estivesse com a agenda apertada, mas não podia ser, porque, quando Marie regressou, Ella insistiu em abrir os pastéis de carne com frutos. Não se serviu de nenhum, mas fez questão que Marie comesse. Tinham acabado de ser feitos; uma padaria de St Mary's Road preparara gratuitamente dúzias deles para se enquadrar no espírito natalício.

Ella pareceu relaxar depois de Marie ter despachado um. E foi então que as coisas começaram a correr de forma estranha. Marie começou a sentir-se mal, com tonturas e enjoos. Tentou levantar-se, mas não conseguiu. Ella apressou-se a ajudar, mas então, de repente e sem aviso, empurrou Marie para o chão. O que é que ela estava a fazer? Anna quis gritar, berrar e lutar, mas apenas conseguiu resmungar e chorar. Agora Ella estava a prender a mãe ao chão. Estava a atar-lhe rudemente as mãos atrás das costas com um arame de aspeto terrível. *Por favor, pare, pare*. Estava a enfiar-lhe qualquer coisa na boca, estava a gritar-lhe. Porquê? O que é que ela fez de errado? E então «Ella» olhou para Anna. Parecia uma pessoa diferente. O seu olhar era agora gélido, e o sorriso ainda mais frio. Avançou na direção de Anna. Esta debateu-se internamente, mas o seu corpo inútil estava paralisado e indefeso. E então a mulher colocou um saco na cabeça da rapariga, e ficou tudo às escuras.

*Sandra Lawton. Idade: 33. Perseguidora.*

Helen examinou minuciosamente o ficheiro. Sandra Lawton era uma romântica obsessiva que se enfurecia quando era rejeitada, já fora condenada três vezes por aterrorizar uma pessoa ao persegui-la. Não era errado dizer que o tratamento não parecia estar a resultar, e era cada vez mais forte a crença dela de que homens elegantes e instruídos em cargos de poder desejavam secretamente levá-la para a cama.

Helen passou ao ficheiro seguinte. Sandra era louca, mas não era violenta.

*Isobel Screed. Idade: 18. Ciberperseguidora.*

Mais uma vez, Helen rejeitou-a. A rapariga era uma magricela que passava a vida a atormentar atrizes de novelas por SMS e no *Twitter*. Ameaçou arrancar as entranhas e coisas do género, mas, pelo ar dela, nunca saiu do quarto, por isso podia ser posta de parte. A clássica cibercobarde.

*Alison Stedwell. Idade: 37. Posse de arma letal. Genuínas lesões corporais. Diversas acusações de intimidação.*

Aquela era mais prometedora. Uma agressora em série e experiente que tentara disparar com uma besta contra um colega de trabalho que andava a perseguir, antes de ser detida e mais tarde internada num hospital psiquiátrico. Regressou agora à comunidade, aparentemente sob vigilância, e há vários meses que não prevaricava. Seria ela capaz de organizar uma coisa como aquela? Helen afundou-se na cadeira. Quem é que ela estava a querer enganar? Alison podia ser um belo bico de obra, mas não era propriamente subtil — a sua perseguição era deliberadamente visível — nem sequer uma beleza. A descrição de Peter Brightston de uma brasa de cabelo preto não encaixava de forma nenhuma no rosto com buracos nos dentes que olhava para Helen a partir do ecrã. Mais uma para riscar da lista.

Havia horas que estava a usar o HOLMES, a verificar todas as perseguidoras britânicas condenadas nos últimos dez anos. Mas foi um trabalho infrutífero. A pessoa que procuravam era excecional, bem distante das perseguidoras desajeitadas que Helen tinha agora diante dos olhos. A perseguidora que procuravam deve ter vigiado as suas vítimas ao longo de semanas, pois só assim poderia saber da propensão de Amy e Sam para andarem à boleia, assim como as particularidades das viagens de Ben e Peter a Bournemouth. Foi impressionante o modo como planeou os seus raptos de formas que permitiram a sua execução em estradas remotas, em zonas sem rede de telemóvel. Mas também foi brilhante o modo como descobriu locais para os manter presos sem que ninguém os descobrisse ou ouvisse, onde poderiam lentamente enlouquecer com a fome e o terror. Uma pessoa assim não estaria enfiada nas entranhas do HOLMES; seria, isso sim, uma lenda viva, tema recorrente de seminários e bibliografia da polícia.

Depois da descoberta relativa ao carro de Ben, Helen e Charlie voltaram a entrevistar Amy, Peter e as respetivas famílias, à procura de provas de perseguição. Amy e Sam eram do tipo descontraído, pouco atentos ao que se passava à sua volta, e viviam num movimentado *campus* universitário. Nada — nem ninguém — se destacara como sendo estranho. Peter Brightston disse que teria reparado se uma mulher atraente o seguisse, mas isso parecia não passar de fanfarronada: ele não tivera motivos para suspeitar de

algo ou para se manter atento. Já Ben era de outra estirpe; era um homem cauteloso e cuidadoso, mas já não estava por cá para responder a perguntas e a noiva dele insistira que ele não lhe manifestara quaisquer receios no período anterior ao rapto.

A única pequena falha que descobriram surgiu a partir do carro de Ben. A assassina dispusera apenas de um curto lapso de tempo para fazer um furo no depósito de Ben. No máximo, umas três ou quatro horas, dado que nesse dia a reunião do escritório de Bournemouth fora mais curta do que o habitual. Ben, por norma, estacionava no parque do escritório, mas nesse dia estava cheio devido a um almoço com clientes, pelo que deixou o carro no parque público ao virar da esquina. Helen, instintivamente, achou que qualquer coisa que saísse da rotina habitual poderia ter apresentado um problema à assassina e, por isso, valia a pena investigar. O circuito fechado de televisão mostrou Ben e Peter a estacionarem no 4.º piso, perto dos elevadores. Saíram, e cinco minutos mais tarde passou por lá um vulto feminino com um anoraque verde-lima e um boné branco da *Kappa*. Estaria a inspecionar o local? Provavelmente sim, porque, pouco depois, apareceu de repente uma mão enluvada em frente à câmara de segurança, pulverizando-a com tinta, para inutilizá-la. Helen pedira as filmagens para que fossem analisadas, melhoradas, se possível, e incumbiu Sanderson de verificar as gravações do circuito fechado das imediações do parque público, de modo a traçar a rota da suspeita até ao edifício, mas para já teriam de trabalhar com o que havia. Não era muito, mas era uma vista fugaz da assassina e parecia confirmar tudo o que Amy e Peter haviam contado sobre ela. Principalmente o facto de ser uma mulher. Houve elementos da equipa — particularmente Grounds e Bridges — que questionaram se seria efetivamente uma mulher a estar por detrás de tudo. Mas agora já tinham a resposta.

Helen encerrou o HOLMES, saiu e dobrou a esquina na direção do *pub* Parrot and Two Chairmen. Era o dia da festa de Natal da esquadra, e apesar de Helen, dadas as circunstâncias, achar o evento altamente desapropriado, tinha de marcar presença. Não era algo a que os agentes de maior patente devessem esquivar-se — uma loucura, tendo em conta que o objetivo dos subalternos quando pretendiam descontraírem-se era não terem os chefes por perto.

Helen viu a sua equipa e abriu caminho por entre a multidão para ir ter com eles. Sentiam-se incomodados por não estarem a tratar do caso quando havia tanto para fazer, mas estavam a dar o seu melhor. Mark, em particular, estava bem-disposto e exibia orgulhosamente a sua água tônica como se fosse um troféu à sobriedade. Era um papel que lhe assentava bem; o seu rosto magro já tinha mais cor, os olhos brilhavam com mais intensidade. Saudou Helen calorosamente e pareceu ansioso por incluí-la na galhofa do grupo sobre o pesadelo do Ano Novo, etc. Ela achou que ele estava a exagerar um pouco e, em mais de uma ocasião, detetou um olhar de reconhecimento da parte de Charlie.

— E então, quem é que sonha com um beijo debaixo do azevinho?

Whittaker. Fora do gabinete, era um homem completamente diferente. Desapareciam a ansiedade e a politiquice, que eram substituídas por uma bonomia natural.

— Tantas raparigas bonitas, e tão pouco tempo — disse ele, lançando olhares lascivos fingidos às mulheres ali reunidas.

— Já passei por isso — replicou sarcasticamente Helen. — Não me deixou com grandes recordações.

— Então que seja a Charlie — prosseguiu Whittaker. — Anime o meu Natal.

Charlie ficou completamente corada, sem saber ao certo como lidar com os avanços engraçados do detetive-superintendente já um pouco tocado.

— Ela é casada, chefe. Ou é como se fosse — interpôs-se Helen.

— Ouvi dizer que ela vivia em pecado, o que deve querer dizer que há uma hipótese

— respondeu Whittaker, imperturbável.

— Eu seguiria em frente, chefe. A oferta é grande.

— É pena. Temos de saber reconhecer quando perdemos.

Os olhos dele incidiram na jovem e atraente agente McAndrew.

— Se está assim tão desesperado, terei todo o gosto em fazer-lhe a vontade — atirou Mark. Helen riu-se, tal como os outros, mas Whittaker não achou piada. Nunca pareceu muito interessado nos seus agentes masculinos; eram as mulheres que lhe despertavam o interesse.

— Obrigado, mas passo. Agora, se me dão licença...

E foi à procura de outros para atormentar. A conversa retomou o seu curso, com o agente Sanderson a perguntar a toda a gente aonde iriam passar o Natal. Helen entendeu aquilo como uma deixa para partir.

Surpreendeu-se ao constatar que estivera no *pub* por bem mais de uma hora — uma pausa para descansar a cabeça —, mas agora, ao encaminhar-se de regresso à esquadra no ar frio da noite, a mente dela voltou a focar-se no caso. Queria seguir a pista da benzodiazepina. Onde é que a assassina se abastecia? Seria um rumo a seguir?

Helen regressou à sala de operações vazia e deu seguimento à sua caçada à assassina inalcançável.

A raiva dela estava a atingir o auge, e quis gritar até rebentar os pulmões. Os últimos dias tinham sido aterradores e confusos para Anna, mas a recusa da mãe dela em falar-lhe estava a piorar terrivelmente as coisas.

Quando Ella lhe enfiou a saca na cabeça, o primeiro pensamento de Anna foi o de que iria sufocar; não conseguiu mexer a cabeça e, se tivesse as vias respiratórias tapadas, iria ter uma morte lenta e inexorável. Mas, felizmente, a saca não estava muito apertada e era feita de uma espécie de fibra natural, pelo que lhe era possível respirar. Face a tal benesse, pôs-se à escuta, esforçando-se por ouvir o que estava a acontecer. Estariam a ser assaltadas? Estaria a sua mãe a ser assassinada? Mas não aconteceu nada, nenhum som além da porta da frente a ser fechada e do ruído do gradeado a ser mexido. Estaria Ella a ir-se embora? Estaria a sua mãe a ir-se embora? *Por favor, meu Deus, não me deixes aqui sozinha*, rezou Anna. Mas ninguém respondeu às suas preces, e por isso ficou ali sentada, uma miúda completamente sozinha, mergulhada numa escuridão profunda.

Ficou ali sentada durante horas até que de repente surgiu uma luz ofuscante quando lhe retiraram a saca da cabeça. Assustada, fechou os olhos e depois abriu-os lentamente, debatendo-se para se ambientar à liberdade. Enquanto ali esteve sentada, imaginara todo o tipo de cenários horríveis — o apartamento revolvido, a mãe assassinada —, mas, ao olhar então ao redor, tudo pareceu relativamente... normal. Nada fora levado, e mais uma vez estava apenas ela e a mãe em casa. De início, Anna ficou aliviada, à espera de que Marie lhe explicasse que a mulher louca tinha roubado umas coisas e que estava outra vez tudo bem. Mas a mãe nada disse. Anna resmoneou e tentou atrair-lhe a atenção, enquanto os seus olhos giraram nas cavidades, tentando desesperadamente estabelecer contacto ocular. Mas Marie não olharia para ela. Porque não? O que acontecera para a fazer ter vergonha de olhar para a própria filha?

Anna começou de novo a chorar. Tinha apenas 14 anos, não fazia a mínima ideia do que ali se passava. Contudo, a sua mãe não olhou para cima nem a confortou. Em vez disso, saiu da sala. Passaram-se três, talvez quatro dias desde que Ella aparecera, e durante esse tempo a sua mãe nada lhe disse de significativo. Leu-lhe, levou-a à casa de banho, aconselhou-a a dormir, mas não conversou com ela. Anna nunca se sentira tão desprezada. E tão completamente às escuras. Sempre fora um fardo, Anna sabia disso, e sempre amara a mãe sem reservas pela paciência e pela ternura com que a tratava. Mas agora odiava-a. Odiava-a do fundo do coração pela crueldade que lhe estava a infligir.

Já passara do ponto de morrer de fome. O estômago dela estava cada vez mais apertado, sentia-se tonta, tinha a boca tão seca que até sentia o sabor a sangue. Mas a mãe recusava-se a dar-lhe comida. Porquê? E por que razão não se alimentava a si própria? Que raio estava a acontecer?!

Um ruído vindo do corredor. Batidas terríveis e gritos. Punhos a bater, a mãe em pranto. De repente, Marie regressou à sala. Passou por Anna, com um ar enlouquecido e transtornado. Estava a abrir a janela. Por viverem numa torre de apartamentos, as janelas dobravam-se a meio e abriam-se apenas um pouco para que ninguém se conseguisse atirar: uma medida inteligente, dada a população desesperada que ali vivia. Mas, se a ideia for apanhar com uma brisa ligeira na cara, isso já é possível.

Marie estava agora a gritar, a implorar por ajuda. A gritar por alguém — quem quer que fosse — que ali fosse salvá-las. E foi então que Anna percebeu. Eram prisioneiras. Era isso o que a mãe não lhe revelara. Ella trancara-as ali, encarcerara-as. Estavam encurraladas.

Daí a mãe gritar à noite. Apesar de isso ser quase impossível, esperava que passasse alguém que a ouvisse. Que alguém se importasse. Mas Anna, por experiência própria, sabia que não deveria contar com a amabilidade de estranhos. Quando a sua mãe, desesperada, se deixou cair no chão, Anna percebeu finalmente que estavam sepultadas na sua própria casa.



Deveriam cancelar o Natal? Fora a primeira pergunta que Sarah fizera a Peter assim que o levou do hospital. Não lhe perguntou pelo estado de saúde — era visível que estava a fazer progressos lentos mas firmes — nem sequer quis conversar sobre o sucedido. Ninguém queria falar daquilo. Mas ela queria saber o que fazer em relação ao Natal. Peter queria festejá-lo em casa, como era habitual, com a costumeira reunião de primos e familiares? Uma espécie de Natal com o tema «a vida continua e estamos felizes por estares vivo»? Ou quereriam reconhecer que a vida de repente se tornara demasiado sombria e que não havia motivos para festejos?

No final, decidiram fazer como era habitual. No que lhe dizia respeito, Peter queria evitar amigos e familiares. Já não aguentava os sussurros solícitos e as perguntas por fazer que lhes enchiam as mentes. Mas o pensamento de ficar a sós com Sarah no Natal era ainda mais aterrador. Cada segundo que era deixado a sós era um segundo em que poderiam começar a proliferar pensamentos sombrios e recordações ainda mais sombrias. Tinha de manter a mente ocupada, concentrar-se em coisas boas, mesmo sendo tudo hipocrisia, tédio e ansiedade.

Ao princípio, sentira-se tentado a odiar a mulher. Estava nitidamente perdida, sem saber ao certo como lidar com o seu marido assassino. Ela era incapaz de digerir o que acontecera, por isso andara de um lado para o outro a fazer mil e uma coisinhas para mostrar a sua preocupação: tudo sem o mínimo interesse. No entanto, com o passar dos dias, Peter percebeu que afinal a amava pelas pequenas gentilezas dela e porque nitidamente não o culpava pelo sucedido. Conseguiu sorrir ao perceber que aquele ano ela banira os biscoitos salgados. Não fazia ideia do que acontecera naquele buraco infernal, mas percebeu instintivamente que o seu marido aquele ano não apreciaria grandes estardalhaços. Ela tinha razão, e Peter sentiu-se grato por isso — e por muitas outras coisas.

O pessoal apareceu como de costume e, bolas, como estavam animados. Ignoraram por completo o polícia de uniforme de guarda à porta, nitidamente demonstrando uma alegria natalícia com tanto de frenética como de forçada. Foram oferecidas e recebidas muitas garrafas, dando a ideia de que toda a gente tinha decidido em conjunto que precisavam de uma bebida forte. Os presentes continuaram a chegar, como se um momento de pausa nos festejos pudesse revelar-se fatal. As pilhas de prendas por abrir cresceram até ameaçar tomar conta do quarto.

De repente, Peter sentiu-se claustrofóbico. Levantou-se abruptamente e escapuliu-se da sala. Dirigindo-se à cozinha, tentou destrancar a porta das traseiras, mas atrapalhou-se por completo com as mãos. Praguejando, acabou por conseguir abri-la e depois saiu em passos largos para o jardim gélido. O ar frio acalmou-o, e decidiu fumar um cigarro. Desde que regressara do hospital, retomara o hábito de que se livrara alguns anos antes, e claro que ninguém se atrevera a comentar. Uma pequena vitória.

De repente, deu por Ash atrás de si. O seu sobrinho mais velho.

— Estava a precisar de uma pausa. Será que te posso cravar um desses? — perguntou, a apontar para os cigarros de Peter.

— Claro que sim, Ash. Serve-te à vontade — respondeu Peter, passando a Ash o maço

e o isqueiro.

Peter observou-o a acender desajeitadamente o cigarro. Ash não era grande fumador e era ainda pior a representar. Peter percebeu de imediato que Ash fora enviado até ali fora para se manter de olho nele. No hospital, os médicos tinham passado mais de uma hora a debater com Sarah o estado mental de Peter, enchendo a já demasiado ansiosa cabeça dela com uma horda de cenários catastróficos. O que queria dizer que Peter estava sob apertada vigilância de prevenção ao suicídio, embora ninguém o assumisse. Era mesmo uma patetice: naquele momento, não tinha sequer forças para isso, embora só Deus soubesse que essa ideia lhe passara várias vezes pela cabeça. Ash continuou a tagarelar, Peter resmungou e sorriu, mas ele até poderia ter estado a falar chinês. Peter não prestou a mínima atenção ao que ele estava a dizer.

— Vamos entrando?

Ash não pareceu estar a apreciar o seu cigarro, daí Peter ter posto fim ao sofrimento dele. Regressaram para dentro para se juntarem à barafunda da festa. A refeição já fora levada, e tinham montado os tabuleiros de jogo. Não havia como escapar àquilo, pelo que Peter se instalou para mais uma dose de tortura chinesa. Esforçou-se ao máximo por parecer divertido, mas a mente andava a vaguear por outro lado. Algures do outro lado da cidade, a noiva de Ben Holland estava a ter um Natal negro, odiando a vida — odiando o homem — que lhe roubara o seu amor apenas umas semanas antes do casamento. Como poderia ela seguir em frente? Como poderia qualquer um deles seguir em frente?

Peter sorriu e lançou o dado, mas por dentro estava a morrer. É difícil apreciar o Natal quando se tem as mãos sujas de sangue.

O cheiro a especiarias era inebriante, e Helen inspirou profundamente. O único elemento do Natal que Helen positivamente apreciava era o modo desafiante como remava contra a maré. Nunca gostara de peru, e, no seu entender, o pudim de Natal era uma das coisas mais desagradáveis que alguma vez provara. Na perspetiva dela, alguém que não goste da quadra natalícia deve empenhar-se no que aprecia e seguir por outro caminho. Por isso, enquanto outros se confrontavam em lojas de brinquedos e gastavam 80 libras numa ave criada ao ar livre, Helen escolhia um rumo distinto, seguindo o máximo possível na direção oposta. E o *takeaway* do Mumraj no dia de Natal era o ponto alto da sua rebelião anual.

— *Murgh Zafrani, Peshwari Nan, Aloo Gobi*, arroz *Pilau* e dois *poppadoms* com coentro picado extra ao lado — matraqueou Zameer Khan enquanto empacotava o pedido de Helen. Era uma figura local e já dirigia o seu popular restaurante há mais de 20 anos.

— Perfeito.

— Sabe que mais? Já que é Natal, e isso, vou meter aqui também uns *After Eights*. O que lhe parece?

— É o meu herói — respondeu Helen, espreitando o seu *takeaway* e sorrindo-lhe em agradecimento.

Era um pedido grande, e Helen acabava sempre a comer sobras no dia a seguir ao Natal, mas um dos prazeres do dia de Natal era espalhar aquele festim de comida indiana na mesa da cozinha e lenta e deliberadamente ir enchendo o prato com ele. Pegando na encomenda, Helen regressou ao seu apartamento. Lá dentro não havia decorações de Natal nem postais; na realidade, as únicas coisas novas no apartamento eram os dossiês do caso dos raptos de Amy e Peter que Helen levava para casa para rever. Passou a maior parte da noite a analisá-los minuciosamente, sem intervalos, e de repente constatou que estava esfomeada. Abriu o forno e virou-se para pegar num prato para aquecer. Ao fazê-lo, o braço dela embateu no saco do *takeaway*, empurrando-o de cima da mesa de trabalho. Caiu de imediato no chão de tijoleira, e as frágeis caixas de cartão abriram-se, espalhando comida picante por todo o lado.

— Merda, merda, merda.

Helen só limpou aquilo na manhã seguinte. O limão do detergente do chão misturou-se com os óleos indianos e gerou um odor acre e desagradável. Helen ficou a olhar para lá por alguns momentos, em choque, e de repente começou a sentir lágrimas a picarem-lhe os olhos. Ficou furiosa e irritada e quis pisar aquela porcaria, mas, no limite, conseguiu controlar a violência, acabando por se dirigir à casa de banho.

Helen acendeu um cigarro e sentou-se no rebordo frio da banheira. Estava zangada consigo própria por causa da reação exagerada e deu uma valente passa no cigarro. Por norma, a nicotina era relaxante, mas naquele dia parecia-lhe amarga. Enojada, atirou o cigarro para a sanita, e ficou a ver a faúlha a esmorecer na água. Tratava-se de uma imagem adequada ao seu estado de espírito. Todos os anos ela fazia caretas ao Natal, e todos os anos ele dava-lhe um soco na cara. Foi envolvida por um rodopio de sensações sombrias, como se fossem um redemoinho de neve demoníaco, lembrando-a de que ninguém a amava e não valia nada. Lentamente, esses pensamentos começaram a

apoderar-se dela, e quando a depressão começou a roer-lhe o cérebro, deitou-se ao armário da casa de banho e às lâminas de barbear discretamente escondidas no interior.

A lâmina cortou o peru, permitindo que os sucos escorressem livremente. Charlie, com um chapéu de papel na cabeça, estava nas suas sete quintas. Adorava tudo o que tinha que ver com o Natal. Assim que as folhas começavam a cair, o entusiasmo de Charlie não parava de crescer. Sempre fora muito organizada, comprando todos os presentes em outubro e encomendando o peru em novembro, para que, quando dezembro finalmente chegasse, pudesse aproveitar ao máximo. As festas, as canções natalícias, embrulhar presentes junto à lareira, aninhar-se a ver um filme de Natal: isto era o ponto alto do ano dela.

— Já podemos abrir os presentes?

A sobrinha de Charlie, Mimi. Impaciente como sempre.

— Só depois do almoço. Já conheces as regras.

— Mas ainda falta tanto tempo...

— Assim vai ser ainda melhor quando finalmente chegar a hora. — Charlie não ia ceder; o Natal assentava em rituais familiares idiossincráticos.

— Quem é que estás a tentar enganar? — interpôs-se Steve. — Só estás a adiar o inevitável anticlímax.

— Fala por ti — disse Charlie, contrariando o namorado. — Esforcei-me muito nas minhas compras de Natal. Se não fazes o mesmo, isso é problema teu.

— Mais tarde vais ter de engolir essas palavras. Ai vais, vais — respondeu Steve, com presunção.

Charlie já sabia o que ia receber da parte de Steve: *lingerie*. Ele já há algum tempo que andava a deixar pistas, e, além disso, presentemente a vida sexual deles era extremamente ativa. Mais do que tudo o resto, Charlie queria um bebé. Achava que estava na altura ideal; na realidade, era o presente que efetivamente desejava. Ainda não acontecera, embora já andassem a tentar há algum tempo, e pela primeira vez a ansiedade de Charlie começara a intensificar-se. E se se passasse algo de errado com ela? A ideia de não ter família era horrível — sempre quisera dois ou três filhos, pelo menos.

No entanto, era Natal, época pouco adequada a pensamentos negativos, pelo que Charlie empurrou as suas preocupações para o fundo da mente. Era dia de Natal, o melhor dia do ano, por isso, enquanto distribuía o peru, exibiu o seu maior sorriso e deu o seu melhor para espalhar a alegria natalícia.

Já não ia ter de esperar muito. O estado de espírito de Mark já estava a melhorar só de pensar em voltar a ver Elsie. Naquele ano Christina cedera-lhe o dia a seguir ao Natal; a primeira coisa que iria fazer no dia seguinte seria ir buscar a sua menina para um dia animado cheio de atividades. Fora um ano de merda, mas pelo menos ia terminar em grande. Marcara patinagem no gelo, reservara bilhetes para o cinema, uma mesa no Byron's para comer *cheeseburgers*: ia ser a maior de todas as festanças.

A perspetiva de um dia para passear com Elsie ajudara-o a aguentar-se bem durante as últimas 36 horas. Como de costume, deixara os seus presentes em casa de Christina na véspera de Natal. Elsie não estava — fora com a mãe à igreja local assistir a uma missa para crianças —, pelo que encontrara Stephen ali. Este aceitou educadamente as prendas e depois perguntou a Mark se queria entrar para tomar uma bebida. Mark teve vontade de lhe dar um soco nos dentes. Como é que se atrevia a fazer de anfitrião naquela que em tempos fora a *sua* casa? Iriam conversar sobre o quê? Sobre o que o Pai Natal lhes traria de presente? Não percebeu se Stephen o fizera de propósito — pareceu

suficientemente sincero, mas talvez fosse um bom ator; Mark não ficou por lá para confirmar. Quando a raiva começava a impor-se, Mark sabia por experiência própria que o melhor era afastar-se. Desde que lá fora que tinha o sangue a fervilhar e, por mais de uma vez, amaldiçoou os ponteiros do relógio por avançarem tão lentamente, mas... finalmente a sua hora estava a chegar. Quem espera sempre alcança.

Já lá ia mais um Natal.

Marie estava deitada na cama, a olhar para o teto. Seria aquela a última coisa que veria na vida? Aquele pobre teto descolorido e irregular? Até então, nunca a incomodara, mas agora já estava a olhar para lá há uma semana e estimulou nela uma raiva intensa e absurda. Ela nem sequer deveria estar ali: deveria estar na divisão da frente com Anna. Desde que acontecera, sabia que lhe deveria ter revelado a verdade, mas como encontrar as palavras certas? Era tão horrível, tão inacreditável. O que poderia dizer-lhe? Assim sendo, manteve-se calada. Dia horrível após dia horrível. A filha não sabia de nada sobre o ultimato mortal nem sobre a arma que ela escondera na mesinha de cabeceira. Anna estava completamente perturbada e confusa, mas teria de permanecer assim, porque Marie não iria — não podia — revelar-lhe a verdade.

Era má mãe. Má pessoa. Só podia ser, para ter atraído tal desgraça. Escolhera um malandro para se casar e concebera uma criança que mal se podia mexer. Sem dar quaisquer motivos para isso, provocara infindáveis abusos e inúmeros atos de violência gratuita. E agora aquilo. O golpe mais cruel de todos, aquele que poria definitivamente fim à triste existência delas. Ela desistira de tentar perceber por que razão aquilo estava a suceder-lhes — era assim e ponto final. Também abdicara de lutar. A linha telefónica estava cortada desde que Ella partira; as portas, trancadas por fora; e ninguém respondia aos seus gritos. Uma vez pareceu-lhe ver um vulto — uma criança, talvez — quando estava a berrar pela janela. Mas foi-se embora a correr. Quando se está enfiado num pesadelo perpétuo, é difícil saber o que é real e o que não é.

Anna estava de novo a chorar. Era uma das únicas funções que ela conseguia desempenhar, e isso abalou de imediato Marie. A sua filha sentia-se só e assustada, duas coisas que Marie jurara que nunca iria permitir.

Marie deu por si de pé. Quando se dirigia à porta, deteve-se. *Não faças isso.* Mas tinha de ser, ela sabia que sim. A única arma de que dispunham contra o mundo era o amor e a solidariedade uma pela outra, e Marie estupidamente estragara isso devido ao seu próprio medo e cobardia. Era de meter dó, patético. Tendo decidido não revelar a verdade a Anna sobre a situação difícil em que se encontravam, agora sabia que tinha de o fazer. Era a sua única arma. A única esperança delas.

Todavia, Marie deteve-se. Tentou encontrar as palavras para desculpar a sua crueldade, o seu silêncio. Mas revelou-se impossível saber o que dizer, por isso, reunindo coragem, saiu do quarto e dirigiu-se à sala de estar. Achou que ia ser recebida pelo olhar acusador de Anna, mas, milagre dos milagres, a rapariga estava a dormir. Os gritos tinham finalmente esgotado a jovem adolescente, e por um momento ela estava livre do seu pesadelo. Anna estava calma.

E se ela nunca mais acordasse? Marie ficou de súbito animada com essa ideia. Sabia que nunca dispararia contra a sua própria filha: era uma impossibilidade. Mas havia outras formas. Nos anos decorridos desde que fora traçado o diagnóstico a Anna, Marie lera sobre inúmeros casos de mães que puseram termo à vida dos filhos por serem incapazes de lidar com as graves deficiências deles. Alegaram que era para pôr fim ao sofrimento dos respetivos filhos, mas fora também para acabar com o delas. A sociedade encarava-as com comiseração, então, porque não poderia suceder o mesmo com ela?

Qualquer coisa seria melhor do que ficar ali a morrer lentamente à fome. Em breve os corpos delas iriam revoltar-se, por isso, qual era a alternativa?

Marie deu por si de volta ao quarto. Dirigindo-se à cama, pegou na fina almofada e deu-lhe uma volta nas mãos. Tinha a mente em plena atividade. Teria a coragem para fazê-lo? Ou iria faltar-lhe o sangue-frio? De súbito, assomou-lhe vômito à boca; deixou-se cair de joelhos e vomitou violentamente no caixote do lixo. Recompondo-se, reparou que ainda tinha a almofada bem agarrada nas mãos.

O melhor era não hesitar ou vacilar. Então, Marie saiu rapidamente do quarto e regressou à sala, onde a filha dormitava tranquilamente.

Não o deveria ter feito, mas não consegui resistir. Procurei, em vão, formas de o magoar. Mas nunca fui capaz. E de repente aquilo caiu-me no colo...

A minha mãe encontrou-o à volta das latas de lixo na ponta do terreno. Um rafeirozito engraçado com uma mancha branca no olho direito. Giro, mas com um aspeto um bocado miserável. Ela viria a oferecê-lo ao meu pai como prenda de aniversário. Pensou que ele se deixaria ficar por ali se tivesse algo de que tratar. Um plano simples, mas que até resultou. Está bem, ele continuou a desaparecer ocasionalmente por uns dias, para ir beber, lutar e dar umas quecas com as cabras da terra, mas afeiçoou-se àquele pateta. Estava sempre a fazer-lhe festas, enquanto nós ficávamos a ver, ignoradas.

É engraçado, mas, assim que se sabe que se vai fazer algo mau, imediatamente tudo parece melhorar. Sentimo-nos leves, eufóricos, livres. Ninguém sabe o que estamos a planear. Ninguém pode deter-nos. É o nosso segredinho sórdido. Os dias anteriores a fazê-lo foram dos mais felizes da minha vida.

No final, acabei por optar por veneno. O porteiro do nosso prédio estava sempre a queixar-se dos ratos; por mais pó que pusesse, não conseguia livrar-se deles. Por isso, não foi difícil sacar um pouquinho do pó. O pateta do cão era uma ladrãozeco ganancioso, que não resistia a um pouco de comida. Como tal, preparei-lhe um prato especial. A pior e mais barata comida de cão, recheada com veneno para ratos. Ele engoliu tudo sofregamente.

Mais tarde, ao ver a confusão, desatei a rir-me. Merda e vômito de cão espalhados pelo chão da cozinha. A vida esvaiu-se dele por ambas as extremidades, e acabou por morrer num par de horas. A minha mãe ficou completamente aterrorizada e quis deitá-lo ao lixo antes que o meu pai regressasse, para fazer de conta que o rafeiro tinha fugido, ou coisa do género. Mas ele apareceu mais cedo e apanhou a minha mãe em flagrante.

Passou-se da cabeça, agredindo-a aos berros. Mas ela estava tão baralhada quanto ele. No final, ele descobriu lá fora no lixo o tubo de veneno vazio. Foi mesmo um erro estúpido, mas eu ainda era nova. Entrou de rompante no quarto com o tubo na mão, e eu, estúpida como era, sorri. E não foi preciso mais nada.

Pisou-me a cabeça, pontapeou-me a barriga, acertou-me com o pé no meio das pernas. Depois agarrou-me pelo pescoço e pressionou a minha cabeça contra o aquecedor de três barras. Encostou e desencostou, encostou e desencostou. Não sei quanto tempo aquilo durou. Desmaiei no fim de 20 minutos.



As decorações estavam a ser desmontadas, e a vida regressava ao normal. Havia algo de particularmente triste e deprimente num gabinete ainda enfaixado com fitas decorativas depois de terminadas as festividades natalícias. Algumas pessoas apreciavam mantê-las por um janeiro adentro, mas Helen não era uma delas e incumbira um agente mais solícito de retirar todas as bugigangas e bandeirolas. Helen queria a sua sala de operações de volta ao estado adequado. Queria voltar a concentrar-se.

Previsivelmente, Whittaker quis uma atualização, pelo que Helen se dirigiu de imediato ao seu gabinete. A cobertura da comunicação social do homicídio de Sam acabara um pouco — uma grande apreensão de cocaína no porto de Portsmouth atraía por ora as atenções dos repórteres de crime locais —, e Whittaker estava minimamente satisfeito, razão pela qual desta vez a conversa foi breve.

De volta à sala de operações, Helen percebeu de imediato que se passava algo; sentiu a tensão no ambiente, sem ninguém se atrever a olhá-la nos olhos. Charlie foi rapidamente ter com ela e depois deteve-se, sem saber ao certo como começar. Foi a primeira vez que Helen a viu de língua presa.

— O que é que aconteceu? — quis saber Helen.

— O Sanderson acabou de receber uma chamada de um agente.

— E?

— Estão na Torre Melbourne.

*Oh, por favor, não.*

— Mãe e filha encontradas mortas em casa. Marie e Anna Storey. Lamento muito.

Helen fitou-a como se ela estivesse louca, como se estivesse a contar-lhe uma piada de mau gosto, mas a expressão de Charlie era tão solene e tão carregada de dor que Helen percebeu de imediato que dizia a verdade.

— Quando?

— A chamada foi recebida há meia hora. Mas estava com o chefe e...

— Devias ter-me chamado. Por amor de Deus, Charlie, porque é que não foste lá buscar-me?

— Quis saber mais pormenores antes.

— Que pormenores? Porquê?

— Acho... achamos que este pode ser o terceiro rapto.

Com a equipa de olhos postos nela, Helen esforçou-se terrivelmente por manter a compostura. Fez avançar os procedimentos habituais, mas a sua mente seguia já a meio caminho para o outro lado da cidade. Tinha de ir ver com os próprios olhos se era mesmo possível. De moto a caminho da Torre Melbourne, pensou em tudo — bom e mau — que tinham passado juntas. Seria aquele o fim que desde sempre estivera traçado para elas? Era aquela a recompensa por anos de um esforço tão grande?

Há dias em que a vida nos dá um soco no estômago. Helen sentiu-se enjoada quando Charlie lhe deu a novidade. Desejou desesperadamente que se tratasse de um erro e quis do fundo do coração poder voltar atrás no tempo para de alguma forma fazer com que aquilo não fosse verdade. Mas não era possível: Marie e Anna estavam mortas. Uma equipa de peritos em demolições que fazia o reconhecimento da propriedade detetara

uma estranha mensagem de SOS, toscamente pintada numa lençol pendurado numa janela do 4.º andar. Investigaram, mas não apareceu ninguém, apesar de as luzes e a televisão permanecerem ligadas, por isso ligaram à polícia. Os agentes lá enviados não ficaram muito agradados; levaram bastante tempo a arrancar a grade de ferro, e a porta de entrada tinha tantos cadeados que foram necessárias várias tentativas para a forçar. Estiveram sempre convencidos de que tudo aquilo era uma perda de tempo, que os ocupantes estavam deliberadamente escondidos ou pedrados, ou algo do género. Contudo, ao entrarem, depararam com mãe e filha estendidas, juntas, no chão da sala de estar.

O pensamento inicial deles foi o de que se tratara de suicídio. Porta trancada por dentro, e vamos a isso. Só que, depois de investigarem melhor, não encontraram quaisquer chaves — nem das trancas nem dos cadeados que prendiam a grade. Mais estranho ainda, as vítimas tinham uma arma carregada. Estava caída no chão ao lado delas, por usar. Não havia laqueações, frascos vazios de comprimidos ou lixívia; em nenhum lado havia sinais visíveis de suicídio. Um exame ao exterior não mostrou sinais de entrada forçada, e aparentemente nada teria sido levado. Era tudo muito estranho, elas estavam apenas... mortas. As moscas a esvoaçar em redor dos corpos sugeriram que já estariam mortas há algum tempo.

Helen indicou ao polícia fardado que vasculhasse o prédio e os terrenos em volta — «estamos à procura de um telemóvel» — enquanto ela se juntou aos peritos forenses reunidos em redor dos corpos. Ela nunca perdera a calma em frente a colegas, mas daquela vez não foi possível. Revelou-se demasiado chocante ver as duas ali naquele estado. Tinham passado por tanto, sofrido tanto, mas o amor estivera sempre presente. Nunca faltaram sorrisos e gargalhadas, mesmo no meio da degradação e das agruras diárias. Helen estava convencida de que não se tratara de suicídio puro e simples, e a presença da arma ajudou a que não lhe restassem dúvidas.

Helen entrou na cozinha minúscula para se recompor. Indolentemente, abriu os armários, o frigorífico. Não havia comida. Nem sequer comida em lata ou de conserva. Desaparecera tudo o que fosse comestível, mas... o caixote do lixo estava vazio. Não havia invólucros ou garrafas espalhadas. Assim que a ideia começou a alojar-se na sua mente, Helen sentiu o vômito a subir-lhe à garganta. Obrigou-o a retroceder e encaminhou-se para a banca. Abriu a torneira. Nada. Tal como calculara. Pegou no telefone. Desligado.

Helen sentou-se pesadamente na cadeira mais próxima.

— Achas que é obra dela?

Mark tinha entrado na divisão. Helen assentiu com a cabeça antes de responder.

— Ela trancou-as cá dentro. Tirou-lhes a comida, cortou-lhes a água e o telefone e deixou ficar a pistola. Não vamos encontrar as chaves dos cadeados ou das trancas porque ela as levou...

Mãe e filha encarceradas na sua própria casa, incapazes de escapar, incapazes de chamar alguém que pudesse preocupar-se com elas. Era a forma mais solitária de morrer. Se havia algum consolo no facto de *ela* não ter vencido, de não ter conseguido levar Marie a matar a própria filha, Helen não o sentiu.

Aquele fora o dia mais negro de sempre. O pior desde que tudo acontecera. Aquele fora o dia do funeral de Ben. Para começar, Peter Brightston evitara a sua vítima como se fosse o diabo: não quisera saber o quanto estariam a sofrer a noiva e os amigos dele, nem o que poderiam pensar. Mas, com o passar dos dias, deu por si cada vez mais tempo ligado à Internet, a verificar a página de homenagem a Ben, as mensagens no *Facebook* dele, imiscuando-se na vida que destruíra.

Há três dias, vira pormenores sobre o funeral a serem colocados pelo melhor amigo de Ben. Não deu mostras de ser uma coisa em grande, e Peter deu por si a pensar em quem iria estar presente por parte da empresa. Todos os sócios marcariam presença e, claro, a maior parte da equipa de Ben. Mas será que também iriam os assistentes pessoais? Seria Peter a única pessoa ausente? Num momento de loucura, pensou se deveria ir, antes de pôr de parte a ideia. Se os amigos de Ben o vissem, fá-lo-iam em pedaços. E quem os poderia censurar? No entanto, uma grande parte de Peter quis estar presente. Para se despedir. Para pedir desculpa.

Pensara em escrever à noiva de Ben, mas Sarah convencera-o a não o fazer. Naturalmente, ela tinha razão.

Num acesso de irritação, desafiou-a e sentou-se para escrever a Jennie, mas não lhe saiu uma única palavra. Tudo o que ele pretendia dizer — «não queria fazê-lo, quem me dera poder voltar atrás» — soara tremendamente vazio e despropositado. O que ele queria, o que ele sentia, era algo que a ela não interessava. O que lhe interessava era o facto de ele ter cravado um ferro no rosto do noivo para salvar a própria pele.

E valera a pena? Peter já não tinha a certeza. Depois de a adrenalina e o choque se terem esgotado, não sentiu nada além de um vazio esmagador, como se tivesse perdido o paladar, o olfato e o tato e agora se limitasse a existir em vez de viver.

O que faria agora com a sua vida? Poderia regressar ao trabalho? Seria aceite? Qualquer coisa seria melhor do que enlouquecer aos poucos em casa.

Se ao menos Ben tivesse puxado o gatilho... Poderia tê-lo feito. Dispôs de tempo para isso. Hesitou por ser um medricas ou por ser honrado? Se tivesse puxado o gatilho, seria então ele a estar imerso num mar de culpa, enquanto Peter estaria em paz e sossego debaixo da terra.

Filho da mãe egoísta.

A dada altura, toda a gente tem de traçar um limite. E para Jake chegara a hora. Já não era agradável, divertido, nem sequer profissional, era uma situação desagradável em vias de se descontrolar. Ele estava com um cliente quando ela apareceu, mas ela não parecera importar-se. Sentara-se no exterior do apartamento, com o rosto virado para o chão, enquanto Jake terminava a sua sessão. Mas o ambiente estragara-se por completo, e ele teve de prometer ao cliente descontente uma sessão gratuita, só para se ver livre dele. Tais situações não eram boas para o negócio; a cena SM na Costa Sul era um mundo pequeno, e as histórias espalhavam-se rapidamente.

Ela pediu desculpa, mas não foi sentido. Revelou-se incoerente e muito sensível. Jake questionou-se se ela teria estado a beber e perguntou-lho. Ela não gostou e recordou-lhe que ele era dominador e não médico. Ele deixou passar, não quis provocá-la, e sugeriu uma sessão curta e moderada para acalmar as coisas. A seguir talvez pudessem conversar.

Mas não era isso o que ela procurava. Ela queria uma hora completa, e não uma sessão contida. Queria tanta dor quanta ele pudesse infligir. Mais do que isso, queria ser insultada: quis que ele lhe dissesse que era horrível e má, uma cabra inútil, que deveria ser morta, ou até pior. Queria que ele a destruísse.

Perante a recusa, ela enfureceu-se, mas ele teve de ser sincero. Não teria problemas em rebaixar algumas pessoas — se fosse isso o que as apaziguasse —, mas a ela não. Não se devia apenas ao facto de gostar dela, mas também por ter percebido intuitivamente que não era aquilo de que ela precisava. Muitas vezes pensou se andaria algures a fazer terapia; se não fizesse, estava tentado a sugerir-lho. Em vez de levar as sessões para um nível ainda mais extremo, Jake achou que estava na hora de traçar um limite e sugerir algumas vias alternativas que ela poderia explorar.

— Estás a gozar comigo? — explodiu Helen. — Como é que te atreves a dizer-me o que fazer?

Jake ficou surpreendido com a força da explosão.

— É só uma sugestão, se não é para ti, tudo bem. Mas não me sinto confortável a seguir nesta dire...

— Não te sentes *confortável*. Por favor, não passas de um prostituto. Sentes-te confortável com o que quer que eu te pague para fazeres.

Ela avançou na direção dele, e por momentos Jake achou que ia atacá-lo, tal era a fúria. Ele tinha sempre um *taser* escondido por perto, mas nunca tivera de usá-lo. Não seria irónico se tivesse de o estrear com ela? Mas, felizmente, quando Jake estava prestes a pegar-lhe, ela deu meia-volta e abandonou o apartamento, batendo a porta com estrondo.

Jake controlou-se para não ir atrás dela. Não eram amigos, ela não passava de uma cliente. Ele já antes ultrapassara esse limite e arrependeu-se para toda a vida. Era melhor afastar-se já sem olhar para trás. Gostara dela, mas não pedira para ser insultado. Já andava há demasiado tempo naquilo para alinhar numa situação assim. Com um suspiro, baixou os estores e afastou-a definitivamente da sua vida.

Helen acelerou até aos 160 km/h, e a sua moto rugiu na faixa de ultrapassagem. Já era tarde, e a circunvalação encontrava-se praticamente vazia. Ela aproveitou ao máximo a liberdade, dando-lhe cada vez mais gás. A velocidade era um bálsamo: por momentos, os acontecimentos horrendos e devastadores dos últimos dias desaparecerem-lhe da mente.

Faltava apenas um par de quilómetros. A ideia do que tinha pela frente levou-a a concentrar-se. Tinha um trabalho a fazer. E tinha de o fazer bem, pois havia vidas em jogo. Conhecera pessoalmente três das vítimas, Ben, Marie e Anna. Já era coincidência a mais. Seria relevante o facto de as conhecer? Ou terá sido algo no passado traumático delas que despertou a atenção da assassina?

Amy era a carta fora do baralho. Helen não a conhecia, e, tanto quanto sabia, Amy não tinha registo criminal. O mesmo se passava em relação a Sam. Por isso, se a ligação a Helen era importante, porque é que foram escolhidos? Era tarde, e a mãe de Amy não lhe iria agradecer por aparecer para lhe fazer mais perguntas, mas não tinha alternativa.

O pai dela abriu a porta, pronto para lançar mais uma boa dose de insultos. Emília Garanita e os colegas eram uma presença constante na vida deles desde que Amy regressara a casa, e os Andersons estavam prestes a atingir o ponto de rutura. Ao constatar que se tratava de Helen, conteve os insultos e deixou-a entrar.

Foi acompanhada até à sala de estar, e deixaram-na à espera enquanto Diane Anderson foi chamar a filha ao quarto. Helen observou minuciosamente as paredes, à procura de inspiração. Umas quantas fotografias de uma família feliz — mãe, pai e filha querida — devolveram-lhe o olhar, troçando da sua ignorância.

Amy era a imagem da agressividade, claramente insatisfeita por ser forçada a retornar ao seu pesadelo. Na verdade estivera a dormir — algo raro —, e Helen teve de se esforçar ao máximo para a espicaçar. Lentamente, conforme Amy foi percebendo que talvez não estivesse a ser encarada como a má da fita, começou a animar-se, respondendo sincera e abertamente às perguntas de Helen. Amy nunca tivera problemas com a polícia e sem dúvida que nunca travara conhecimento com Helen. Metera-se Sam em trabalhos alguma vez? Que ela soubesse, não. Ele queria ser advogado e sempre deixara muito claro que qualquer problema com a lei poderia refletir-se na sua carreira de eleição. Em consequência disso, houve quem o achasse algo desinteressante, mas Amy valorizara a sua sensatez e a sua segurança. Sempre estivera presente para o que ela precisasse... até ela lhe dar um tiro pelas costas.

Amy estava de novo a fechar-se em copas; o seu sentimento de culpa mais uma vez abria caminho até à sua consciência, arrastando-a de novo para o fundo. A mãe quis acompanhá-la de regresso ao quarto, mas Helen insistiu para que ela e o marido permanecessem para lhe responder a algumas perguntas. Diane Anderson revelou-se brusca nas respostas, e a dada altura Helen perdeu a paciência, ameaçando detê-la a menos que se sentasse e fizesse o que ela pedia. Diane obedeceu, e nos 30 minutos seguintes Helen bombardeou o casal com perguntas relativas às vidas deles. Tinham tido alguma vez problemas com a lei? Tinham-se alguma vez cruzado com Helen na sua qualidade de polícia? Mas, excetuando uma infração três anos antes, quando Richard fora apanhado a conduzir com álcool a mais no sangue, não havia nada. E alguma

ligação a Ben? Ou a Anna e Marie? Helen insistiu, mas percebeu que não valia a pena: vinham de contextos completamente diferentes e moviam-se em mundos distintos.

Richard Anderson acompanhou-a à porta. Ela aparecera já tarde e manchara a sua reputação sem proveitos tangíveis. Tinha de haver uma ligação — Helen estava certa disso —, mas por ora permanecia desconhecida.

Ela estava a pôr o cadeado na moto no estacionamento da esquadra quando ouviu passos a aproximarem-se por detrás. Retraiu-se quando sentiu um braço a pousar-lhe no ombro, mas sem necessidade, pois percebeu de quem se tratava.

Mark deixara-lhe inúmeras mensagens no telemóvel. Estava preocupado com ela.

— Estás bem?

Era uma pergunta de resposta difícil, por isso, Helen limitou-se a assentir com a cabeça.

— Saíste tão depressa de casa da Marie... Nem sequer tive hipótese de falar contigo.

— Eu estou bem, Mark. Na altura, fiquei abalada, mas agora estou bem. Só precisava de um tempinho para mim.

— Pois. Claro.

Mas ele não estava muito convencido. Ela estava frágil mas tão ausente... Na casa, estivera a chorar, o que chocara toda a gente, mas agora regressara à sua maneira de ser, esquiava. Ele não achava que ela fosse muito de gritar, nunca a vira no ginásio, não tinha namorado, marido ou filhos; então, como é que extravasava a sua raiva? Ele, pelo menos, era óbvio: dedicava-se à bebida. Ela era um verdadeiro enigma, recusando-se a revelar fosse o que fosse de si própria. Aquilo deixava-o completamente frustrado.

— Obrigada, Mark.

Ela pousou a mão no braço dele, apertou-o quase impercetivelmente e a seguir dirigiu-se à esquadra. Por momentos, Mark sentiu-se de novo um adolescente, estupidamente extasiado com uma coisa sem qualquer importância.

— Vamos rever o que temos.

Helen convocara toda a equipa a comparecer na sala de operações, para examinarem minuciosamente as provas.

— Testemunhas?

— Até agora, nada — respondeu o detetive Bridges. — Ainda estamos no local, mas a maioria são drogados à procura de uma recompensa ou pessoas que gostam de aparecer. Um viu um carro escuro, outro viu uma moto, outro viu um ovni... A linha direta está muito ativa, mas basicamente são velhotas e miúdos a querer divertir-se.

De que estava Helen à espera? Marie e Anna terão estado ali cerca de duas semanas. Porque se recordaria alguém de algo já com tanto tempo?

— OK, e o relatório patológico?

Charlie atirou-se de cabeça; não valia a pena tentar embelezar as coisas.

— Ambas as vítimas ficaram descarnadas e tremendamente desidratadas. A Anna Storey morreu asfixiada. Foi encontrada junto ao corpo dela uma almofada com vestígios de saliva e ranho.

Helen tentou não reagir. Afinal, Marie matara a filha... se bem que com ternura. O que de alguma forma só piorou as coisas. Charlie prosseguiu:

— A Marie Storey morreu de paragem cardíaca, depois de vários órgãos terem sucumbido. Devido à fome e aos efeitos da desidratação.

Mark apercebeu-se do efeito que aquelas palavras estavam a ter em Helen — e em

— todos os elementos da equipa — e por isso lançou as suas migalhas de boas notícias.

— Não há circuitos fechados de televisão em nenhum lado perto da propriedade, foram vandalizados há décadas. Os peritos forenses varreram o apartamento de cima a baixo sem resultados positivos, mas encontraram uma pegada parcial na beira de um dos canteiros de flores junto à entrada da torre. Um salto alto que se estima ser de tamanho 38. Os agentes no terreno andam a dar voltas com uma imagem da mulher de anoraque verde-lima e boné *Kappa*, para ver se aparece alguma coisa.

— Muito bem. E a pistola? — prosseguiu Helen.

— Ainda carregada quando a encontraram. Sem sinal de ter sido usada — explicou a agente McAndrew, pegando no testemunho. — É uma *Smith & Wesson*, provavelmente do início dos anos 90. A arma do Ben Holland era uma *Glock*, e a que matou o Sam Taylor era uma *Taurus* modificada.

— Aonde é que ela as vai buscar? — interpôs-se Helen. — Será uma ex-militar? Polícia? Verifiquem se alguma das armas recolhidas na amnistia do ano passado foi dada como desaparecida.

McAndrew retirou-se apressadamente para dar seguimento ao pedido de Helen. Sem provas evidentes para discutir — os sedativos utilizados não necessitavam de prescrição médica, os telemóveis eram de cartões pré-pagos — e com poucos dados nas declarações das testemunhas que permitissem traçar o retrato daquela assassina camaleónica, só lhes restava agarrarem-se ao padrão e ao motivo. Porque é que *ela* estava a fazer aquilo? Obrigava as suas vítimas a alinhar num diabólico um, dó, li, tá, plenamente convencida de que o atirador acabaria por sofrer muito mais do que a vítima. Seria essa a questão, o prazer, o trauma continuado do sobrevivente? Helen lançou a questão. Se assim fosse, a assassina regressaria para observar essas vítimas de trauma, para gozar a sua vitória? Talvez devessem reforçar a segurança e pôr mais homens a vigiar Amy, Peter, etc. Os custos subiriam em flecha, mas se calhar valeria a pena.

— Como é que ela sabe qual deles será morto? — perguntou Charlie.

— Boa pergunta. Será que ela conhece assim tão bem os pares que consegue prever qual será a vítima? — contrapôs Helen.

— Não pode saber, certo? — replicou o detetive Sanderson.

Helen concordou.

— Parece pouco provável. Ela não pode prever como as pessoas reagirão sob esse tipo de pressão. O que nos leva à pergunta: serão as vítimas escolhidas completamente ao acaso?

Era o mais provável. Alguns assassinos em série planeiam e perseguem, mas a maioria seleciona as vítimas mais pela oportunidade do que pela identidade. Fred West apanhava pessoas que andavam à boleia, Ian Brady raptava crianças que faltavam à escola, o Estripador de Yorkshire atacava aleatoriamente...

Só que... Helen conhecia pessoalmente duas das vítimas. Revelou-o aos presentes na sala, mas todos permaneceram em silêncio. De que estava à espera? De uma teoria extraordinária em que a culpa estava relacionada com ela ou de uma negação robusta e firme de que o conhecimento que tinha das vítimas era importante? Não obteve nenhuma, porque, tal como Mark venceu, Helen nunca conhecera Amy. Ele naturalmente tinha razão: era uma teoria interessante, mas não era perfeita. Amy era a peça que ficava de fora; não havia padrão.

— E se ela escolhe as vítimas por serem alvos fáceis? — interveio Charlie mais uma vez. — Por estarem isoladas e vulneráveis?

A equipa murmurou em concordância.

— A Amy e o Sam formavam um casal pacato. Ela não é propriamente muito dada ao convívio, e ele também não era. Eram recatados, com alguns amigos chegados. O Ben



Holland fechou-se sobre si próprio. Com o tempo tornou-se mais confiante e ficou noivo, mas ainda vivia sozinho, embora faltassem poucas semanas para se casar. A Anna e a Marie estavam sozinhas no mundo. Talvez a assassina escolha as vítimas porque o *pode* fazer?

Helen deu por si a assentir com a cabeça, mas mais uma vez não era uma teoria infalível. Não é que não fossem sentir a falta deles. Amy era muito próxima da mãe, e a mãe de Sam integrava ativamente a vida dele. Ben estava noivo e ia casar-se: a sua falta seria certamente sentida. Anna e Marie não se relacionavam com ninguém, mas os Serviços Sociais acabariam por encontrá-las.

A chave residia em encontrar uma ligação entre as vítimas. Ou em provar que eram raptadas simplesmente por formarem pares.

Helen deu por finda a reunião. Foram distribuídas tarefas — passar a pente fino bases de dados à procura de alguém com condenações que pudessem causar ressentimento em relação a Helen, ou então assassinos com queda para um sadismo requintado ou para jogos —, embora, no fundo, Helen não esperasse que daí resultasse alguma coisa.

Era um enigma, puro e simples.

Toda a gente ficou surpreendida quando Peter Brightston anunciou de repente que ia regressar ao trabalho. Os seus colegas tinham insistido com ele para que tirasse três meses — ou seis, se pretendesse —, em parte por preocupação, mas mais por receio pelo modo como as pessoas reagiriam ao tê-lo de volta. Peter era rude, mas as pessoas simplesmente gostavam dele, quanto mais não fosse por conhecer a lei de trás para a frente.

Mas ele apunhalara Ben. Matara um colega. E não havia nada no manual de recursos humanos sobre como lidar com uma situação daquelas. A sensação era a de que ele não seria acusado; a polícia revelara-se recatada, mas persuasiva, ao defender que se tratara de um terrível acidente. E Peter seguira essa linha, não dando a nenhum deles os pormenores por que tanto ansiavam, mas que, ainda assim, temiam.

Quando ele apareceu após algumas semanas de descanso e recuperação, foi contra os conselhos dos médicos e conselheiros. Mas Peter mostrou-se determinado — janeiro era sempre um mês muito movimentado na empresa —, e o que podiam eles fazer? Despedi-lo quando ele não fora acusado de nada? Pôr fim à sua ligação profissional de 20 anos e despachá-lo por causa de um acidente? A verdade é que ninguém sabia o que fazer, por isso, como seria de prever, nada fizeram.

Ele chegou bem cedo numa manhã de segunda-feira. Diligente como sempre. Nesse dia, enquanto Peter enviava alguns e-mails e preparava uma pouco comum chávena de café, o escritório estava estranhamente silencioso. Mas ninguém agendara reuniões com ele — *ambienta-te nas calmas, Peter* —, e os seus colegas rapidamente arranjaram desculpas para fugir para o escritório de Bournemouth ou para levar um cliente para um demorado almoço. Depois do crescente frenesi face ao seu regresso, as educadas perguntas sobre a sua saúde e bem-estar duraram apenas meia hora, e a seguir tudo regressou à normalidade.

A não ser pela cadeira vazia. O lugar de Ben não fora preenchido — afinal de contas, ainda havia pouco tempo fora o funeral —, pelo que a sua secretária e cadeira estavam desocupadas. Os bens pessoais foram ensacados e devolvidos à noiva, por isso, todo o posto de trabalho parecia despido. Um buraco vazio onde em tempos estivera uma vida.

Estava na linha de visão de Peter. Estava na linha de visão de toda a gente. Um lembrete persistente do sucedido. Toda a gente — desde a gerência aos funcionários da cantina — esperou que fosse difícil para Peter. O que ninguém esperara foi que, às 15.30 do seu primeiro dia após o regresso, Peter subisse ao telhado do escritório, gritasse o nome da mulher e saltasse por cima do resguardo de segurança para a sua morte.

*Japão? Austrália? México?*

*Tínhamos um globo em criança. Um daqueles que se iluminavam. Só Deus sabe porquê, ou de onde teria vindo. Não erámos muito instruídos, e a geografia da minha mãe não passava da loja de bebidas mais próxima. Mas eu adorava aquele globo. Era o centro de todas as minhas fantasias. Passava a mão sobre a sua superfície lisa, saltava continentes em segundos, era fácil imaginar que era livre.*

*Imaginei-me a pedir boleia até ao porto, com a mochila cheia de provisões — não podiam faltar as bolachas Jammie Dodgers — para uma longa viagem. Treparia pela escorregadia corrente da âncora, com eles do tamanho do nosso corpo, e assim que chegasse a bordo enfiar-me-ia no bote salva-vidas. O meu corpo estremeceria quando sentisse o enorme navio afastar-se de terra, e na sua jornada por oceanos, defronte de continentes, eu estaria a salvo e aconchegada no meu pequeno esconderijo.*

*Acabariámos por atracar nalgum local longínquo e exótico. Esgueirar-me-ia pela corrente e assentaria os pés numa terra nova. A minha terra nova. O início de uma nova aventura.*

*Por vezes, a fantasia vaguearia e aproximar-se-ia perigosamente da realidade. Pegava num par de sacos de plástico e enchia-os com triângulos de queijo, biscoitos Club e um saco-cama bolorento.*

*E saía porta fora, fechando-a suavemente atrás de mim. Ia pelo passeio nojento e pela rua abaixo. Liberdade.*

*Mas algo — ou alguém — trazia-me sempre de volta a casa, antes de eu conseguir sair do bairro.*

*Tu trazias-me sempre de volta.*

Os mirones são um alvo fácil, não são? São pessoas mórbidas que se alimentam do infortúnio dos outros. No entanto, quem de nós pode dizer que não olharia? Que não olhamos quando passamos lentamente por um choque em cadeia na autoestrada ou nos detemos junto a um cordão policial? O que procuramos? Sinais de vida? Ou sinais de morte?

Peter Brightston atraiu, sem dúvida, uma grande multidão, ansiosa por ver o aspeto de 90 quilos de carne e ossos depois de embaterem contra o passeio. Helen e a sua equipa chegaram apenas alguns minutos depois dos paramédicos. Mas, ao contrário das pobres almas cuja função era juntar os restos mortais dele, Helen, Charlie e Mark não estavam interessados em Peter. Ele fora visto por colegas a saltar: não se punha a hipótese de ter havido coerção, era um caso evidente de suicídio. Não, o que interessava a Helen eram os mirones. Os que foram ali apreciar a carnificina.

Algo disse a Helen que a assassina não iria abandonar as suas vítimas assim que pusesse as coisas em movimento. O suicídio de Peter era seguramente o clímax de todas as esperanças e sonhos. O cartão de visita vivo incapaz de lidar com a culpa que a raptora o obrigara a suportar. Dessa vez, a assassina não tivera de fazer nada. Apenas recostar-se e apreciar o seu trabalho. Qualquer um faria o mesmo, certo?

Daí terem trazido câmaras. A partir de diversas localizações discretas — algumas elevadas, algumas ao nível da rua —, monitorizaram a multidão, registando o interesse mórbido das massas pelo desespero de um homem de meia-idade.

Rever as filmagens mais tarde revelou-se extremamente deprimente. Registaram o momento em que apareceu a mulher dele, Sarah. Estava desvairada, descontrolada. Ainda nem sequer interiorizara devidamente o rapto e o reaparecimento de Peter. Desde então, não conseguira perfurar a abrangente melancolia dele; tentara conselheiros, mas a couraça dele era demasiado resistente. E agora aquilo. Todo o seu mundo — e o seu lugar nele — destruído numa questão de semanas. Antes, era um mundo de conforto, escola privada, férias na neve e uma sensação de serenidade e satisfação. Agora, o mundo parecia um local sombrio, repleto de sadismo e de perigos.

— Vamos andar um pouco para a frente — sugeriu Helen, e ninguém discordou.

Por momentos, as imagens aceleraram e depois retomaram a velocidade normal. Um desfile interminável de paramédicos e pessoas de boca aberta.

— Procuramos uma mulher de estatura média, entre 1,65 m e 1,75 m de altura, magra. Nariz saliente, lábios grossos. Peito entre médio e grande. Orelhas furadas — lembrou Mark ao grupo.

Mas, enquanto dizia aquilo, questionou-se se estariam a perder o seu tempo. Mesmo que vissem a assassina, iriam reconhecê-la? Tinham os retratos-robô elaborados por Amy e Charlie num quadro, mas eram toscos e apressados, com diferentes tipos de cor de cabelo, por exemplo. Fitariam a assassina nos olhos sem a reconhecer?

Pouco depois, a gravação chegou ao fim.

— Chefe, o que pretende fazer agora? — perguntou Charlie.

Já tinham visto as filmagens duas vezes sem que ninguém tivesse detetado algo de interesse. Mas era difícil avaliar toda a gente — havia tantas pessoas no ecrã —, pelo

que, após uma breve hesitação, Helen respondeu:

— Vamos ver mais uma vez.

Prepararam mais um visionamento. Mark ofereceu as suas *Oreo* a toda a gente; todos precisavam de um reforço de açúcar e ficaram gratos por assaltar as reservas de doçaria dele. Fixaram de novo os olhos no ecrã e tentaram concentrar-se ainda mais.

— Ali.

Charlie falou tão alto que Mark e Helen até saltaram. Charlie puxou a gravação para trás antes de voltar a reproduzi-la. E então, de repente, deteve-a.

— Olhem ali.

Estava a apontar para uma mulher enfiada no meio da multidão, que observava os paramédicos a carregarem o saco com o corpo para uma maca de rodas.

— Se aproximar um pouco a imagem, podemos ver melhor...

— Quem é ela? — interrompeu Helen.

— Já a vi antes. No funeral do Ben Holland. Estava sozinha e desapareceu assim que a missa terminou. Na altura, não pensei muito no assunto, mas, na verdade, não a vi a falar com ninguém por lá.

O rosto da mulher apareceu então aumentado no ecrã. Seria a primeira vez que estariam a ver a sua assassina em série? Observaram atentamente o rosto. Tinha a cara magra, com um nariz proeminente, loura com o cabelo puxado para trás, ar respeitável. Poderia ser a mulher dos retratos-robô. Naqueles casos é tão difícil de garantir; há um desejo de tal maneira intenso de que se encaixem que por vezes os olhos enganam.

A caminho do lar dos Andersons, Helen sentiu-se profundamente aliviada. E algo mais: otimista. Finalmente, tinha algo com que trabalhar. Olhou para a imagem impressa da mulher enquanto Mark conduzia; quem seria aquela mulher?

Foram recebidos na casa dos Andersons com a habitual má vontade. É curioso como as vítimas ficam ressentidas com a intromissão da polícia, mesmo quando necessitam da ajuda dela. Sentada na sala de estar, Helen não perdeu tempo e foi direta ao assunto.

— Temos uma imagem da suspeita, Amy. Gostaríamos que a examinasses.

Agora a presença deles já tinha interesse. Helen reparou que os pais de Amy se entreolharam; estariam também eles a começar a sentir esperança? Deu a fotografia impressa a Amy. Ela examinou-a com atenção e depois fechou os olhos, convocando à sua mente a recordação da raptora. Voltou a abrir os olhos. Olhou de novo para a imagem.

Seguiu-se um longo silêncio, até que disse:

— Pode ser ela.

*Pode?*

— Até que ponto estás certa disso, Amy?

— É difícil dizer. Para ter a certeza, teria de a ver em carne e osso, mas sem dúvida que pode ser ela. O cabelo, o nariz... sim, pode ser ela.

Não era perfeito, mas para já bastaria. Amy passou a fotografia aos pais, que estavam bastante ansiosos por ver a cabra que lhes raptara a filha. Helen quis arrancar-lhes a imagem; não era altura de distribuir prendas.

— Eu conheço-a — ouviu-se a voz de Diane Anderson, seca e bem nítida.

Por momentos, ninguém disse nada. Até que Helen falou:

— Está a dizer que já a viu antes?

— Conheci-a. Falei com ela. Sei quem ela é.

Helen olhou para Mark. Finalmente uma ligação entra as vítimas. Levava muito tempo, demasiado, para ali chegar. Mas agora tinham uma principal suspeita. Helen sentiu uma vaga de adrenalina a disparar pelo corpo e por breves momentos lembrou-se

do que a levava a ingressar na polícia.

O entusiasmo dela foi de curta duração. Assim que saiu de casa dos Andersons, Helen avistou o *Fiat* vermelho de Emilia Garanita, atravessado de lado, em frente ao caminho de entrada, bloqueando-lhe a saída. E lá vinha Emilia, com um sorriso inabalável estampado no rosto.

— Sabe o que lhe pode acontecer por obstruir o trabalho da polícia, Emilia?

— Mas de outra forma não conseguiria falar consigo, pois não? — ripostou, inocentemente. — Nunca devolve as minhas chamadas, e a vossa ligação aos *media* sabe menos sobre o caso do que eu, por isso, o que hei de fazer?

— Tire daí o carro. — Mark estava a perder a paciência, mas a sua recompensa foi um olhar de puro desprezo.

— Quero falar consigo sobre o Peter Brightston — prosseguiu Emilia.

— Uma tragédia.

— É estranho ter-se suicidado logo a seguir ao acidente do Ben. Tratou-se apenas de um acidente, certo?

— É essa a nossa crença.

— Só que alguns colegas de trabalho dele andam a espalhar o rumor de que ele matou o Ben. Quer comentar isso, inspetora?

— As pessoas vão sempre especular, Emilia, já sabe disso.

Helen recusava-se a alinhar num jogo com regras definidas por outros.

— Se algo mudar, eu informo-a, mas não é uma linha ativa de...

— O que é que levou ao desentendimento deles? Amor? Dinheiro? Eram *gays*?

Helen forçou a passagem.

— Está a fazer-me perder o meu tempo, Emilia. E, tanto quanto sei, isso é crime.

Helen e Mark entraram no carro descaraterizado. Mark ligou convictamente o motor, lançando um olhar mortífero a Emilia. Ela olhou-o com desprezo e depois fez recuar lentamente o seu carro. Helen sentiu-se aliviada e agradada por Anna e Marie não terem vindo à baila; as mortes delas foram anunciadas como tendo causas naturais, e ninguém pareceu contrariá-lo... até ao momento.

Conforme se afastavam no carro, Helen espreitou pelo espelho retrovisor para se certificar de que ela não os seguia. Por uma vez, Emilia entendeu que a discrição era algo a valorizar e abdicou da perseguição. Helen soltou um suspiro de alívio. Não havia a mínima possibilidade de ela ter público para o que estava prestes a fazer.

Hannah Mickery estava a preparar um jantar festivo quando Helen lhe apareceu à porta de casa. Era tão respeitável e atraente quanto aparecia no seu site. Um bom exemplo do que o dinheiro pode fazer por alguém. As garrafas de *Clos de Vougeot* já decantadas por antecipação para os seus convidados reforçaram a sensação onnipresente de riqueza.

Ela tinha tanto que Helen teria pensado que seria um excelente partido. Contudo, vivia sozinha. Fora a primeira curiosidade que espantara Helen. Mais tarde, na sala de interrogatórios, Hannah Mickery insistiria que se devia ao trabalho. Dava tanto aos seus clientes que poucas vezes dispunha de tempo para socializar ou sair com alguém. O jantar festivo que Helen arruinara já tinha sido adiado duas vezes devido ao seu emprego imprevisível. O ressentimento face a Helen pela intrusão condicionou de imediato o ambiente da sala.

Tinha o advogado ao seu lado. Também ele era caro. Mickery esperou sempre que fosse ele a intervir e só quando não o fazia é que ela respondia à pergunta. Formavam uma equipa forte, respeitável e credível. Seriam difíceis de desacreditar, caso aquilo alguma vez fosse a julgamento.

Ela insistiu que só estivera no local do falecimento de Peter devido à sua ligação com Ben. Enquanto psiquiatra, acompanhara Ben durante algum tempo após os horríveis acontecimentos da infância dele. Homicídio era o pior tipo de casos, pior ainda do que suicídio, o qual, pelo menos, tem uma dimensão trágica na sua futilidade e desespero puros. Mas como é que se aconselha um jovem depois de o pai ter destruído a sua família? Como é que se lida com o facto de se ver alguém que amamos destruir a nossa vida e de ficarmos sozinhos no mundo?

Hannah achou que estava a fazer progressos com o jovem Ben — ou James, como se chamava na altura. E quando, três anos mais tarde, ele deixou de visitá-la, estava mais ou menos reerguido. Operacional.

— Mantiveram-se em contacto? — lançou de súbito Helen, já irritada com o tom amável das recordações de Hannah.

— Não, mas mantive-me a par da vida dele. Através do *Facebook*, e coisas do género.

— Porquê?

— Porque gostava dele. Queria que ele sobrevivesse. Fiquei emocionada quando soube que se ia casar.

— E como é que ficou quando *descobriu* que tinha sido assassinado?

— Arrasada. Obviamente.

Dito sem sentimento. Assim pareceu a Helen.

— E quando um amigo me disse que o assassino dele se suicidara, eu... bem, não fui capaz de acreditar.

— Por isso, teve de ver com os seus próprios olhos.

— Sim, acho que sim. Não é muito agradável, nem saudável, mas quis ver.

— É verdade que propôs os seus serviços ao Peter Brightston depois de ele ter escapado do cativeiro?

Deu-se uma pausa. Um olhar de relance ao seu advogado e depois um «sim».

— Apesar de ele ter matado o seu amigo Ben?



— O Peter estava nitidamente num caminho de risco. E fora libertado sem ser acusado...

— Como é que soube que ele seguia num caminho de risco? Viu-o depois de ser libertado?

Dessa vez, a pausa foi mais demorada. Bastante, mesmo, até que voltou a falar:

— Fui uma vez a casa dele. Toquei à campainha e pedi para falar com ele. Ofereci os meus serviços, mas não se mostrou interessado.

— Como sabia onde ele vivia?

— Não foi difícil descobrir. Bastou ler os jornais.

— Então, perseguiu-o até à casa dele?

— Não sei se gosto desse termo, inspetora — interveio o advogado.

— As minhas desculpas, Sandy, não o imaginava tão sensível. Há quanto tempo trabalha com a Diane Anderson? — perguntou Helen, devolvendo a sua atenção à suspeita.

— Há um par de meses. Fui-lhe recomendada por um colega. O melhor amigo dela morreu de repente, e ela necessitou de ajuda. Mas, na realidade, ela não se empenhou muito. Acho que encarava o recurso a um psiquiatra como uma fraqueza.

— Durante esse período, conheceu a Amy?

— Não. Embora, naturalmente, tivesse conhecimento da existência dela.

— Por isso, não haveria motivos para que a Amy a reconhecesse?

— Inspetora... — interpôs-se o advogado. Ele percebeu para onde seguia o rumo da conversa. Mas Helen conseguiu que ela respondesse efetivamente à pergunta.

— Não, nunca nos encontrámos.

Passaram aos álibis. Hannah estava em casa na noite do rapto de Amy — não havia testemunhas, dado que ficara a trabalhar sozinha na suas papeladas —, mas alegou ter estado com um cliente quando Ben desapareceu. Não tinha secretária nem assistente, por isso apenas o cliente poderia confirmar ou negar.

— Fale-me da Marie Storey.

Não estavam à espera daquilo.

— Tratou-a há uns anos, depois do suicídio do marido dela.

Fora Mark quem descobrira aquilo. Era curioso constatar como a equipa lentamente se unia em torno daquele caso. Mais uma troca de palavras com o advogado, e depois:

— Fui destacada para o caso dela pelos Serviços Sociais de Hampshire. O marido pôs termo à própria vida com lixívia, tanto quanto me lembro. Não conseguiu lidar com o que a vida lhe tinha reservado. A mãe, Marie, no entanto, era forte. Teve de ser, pela Anna.

— Lembra-se bem dos nomes delas.

— Tenho boa memória.

Helen deixou aquilo assentar.

— Esteve recentemente com elas?

— Não.

— Falou com elas?

— Não. Naturalmente, li sobre a morte delas. Acabei por concluir que se tinha tornado demasiado pesado para a Anna. Os jornais não adiantaram muitos pormenores.

— Porque é que deixou de tratá-la?

— Cortes na Segurança Social. Não foi decisão minha.

— Como encara os seus clientes? Apenas como o que são, clientes? Ou como pacientes? Amigos?

— Encaro-os como clientes. Pessoas que posso ajudar.

— Alguma vez percebeu que não gostava deles?

— Nunca. Podem revelar-se frustrantes, mas isso já seria de esperar.

— A sério que nunca deu por si a ficar desagradada com as fraquezas deles, com a pena que sentem de si próprios, os seus «ai, pobre de mim»?

— Nunca.

Ela defendia-se bem — como uma profissional —, e pouco depois o advogado disse que chegara a altura de terminar o interrogatório. Alegou que tinham de a deixar ir, que não tinham nada para acusá-la. Mas Helen não quis saber. Enquanto esteve a interrogar Hannah, Mark pedira e obtivera um mandado de busca para a casa e para o consultório dela. Se não fosse de uma maneira, seria de outra.

Uma suspeita. Com ligações a três vítimas diferentes. Alguém que as conhecia — e às vulnerabilidades delas — intimamente. Agora, tudo aquilo de que precisavam eram provas. Pela primeira vez desde o início da investigação, Helen sentiu que estavam finalmente a ir a algum lado.

Tratou-se de uma estranha forma de celebração. Ela, agarrada a um sumo  $J_2O$ ; ele, a embalar uma tônica levemente reconfortante. Não era lá muito *rock 'n' roll*. Mas, ainda assim, sabia bem. Nenhum deles alguma vez deparara com um caso como aquele. Eram raros os homicídios múltiplos e, quando ocorriam, tendiam a redundar num festival de assassinios. Uma explosão de raiva destruidora, mas que esmorecia depressa. O nível de cuidado e planeamento que levava àqueles homicídios era algo diferente. Apesar de nenhum polícia alguma vez o admitir, aquele tipo de crimes era profundamente desconcertante. Cria a sensação de que a experiência de nada vale, que os instintos estão errados e que o treino é lamentavelmente inadequado. Aquele tipo de crimes destrói o sistema que mantém a fé intacta.

Mas agora tinham uma pista. Nada de muito concreto, ainda, mas um polícia fica sempre feliz quando há uma boa pista. Algo — ou alguém — que permita avançar com as coisas. Mark observou a sua superior a falar muito animadamente sobre o caso. Sempre fora atraente, mas agora havia algo mais. Um entusiasmo, uma sensação de otimismo e esperança, que por norma não estavam à vista. A revelação era o sorriso dela. Raramente visto, mas difícil de esquecer.

Ele apercebeu-se da crescente atração que estava a sentir por ela e mostrou-se determinado a resistir-lhe. Nunca mais iria permitir que uma mulher tivesse aquela ascendência sobre ele. No entanto, queria penetrar naquela couraça e descobrir mais sobre ela. Com o que é que ela sonhava quando era criança? Era popular? Era rica? Gostavam os rapazes dela?

— Cresceste por estas bandas?

Uma fraca abertura, mas Mark nunca fora muito bom em conversas. Ela abanou a cabeça.

— *Sarf London*. [3] Não se nota?

Estaria ela a namoriscar com ele?

— Não ficaste com o sotaque.

— Resolvi o problema. Um grande amigo meu da polícia disse-me logo que, quanto mais sofisticada fosse a minha forma de falar, mais depressa subiria na vida. Não passa de um preconceito, mas toda a gente nos acha mais inteligentes.

— Deve ter sido aí que falhei.

— Não és assim tão mau.

Ela estava a namoriscar com ele.

— Não te imaginava assim tão desonesta.

— Bem, ainda não me conheces assim lá muito bem, pois não?

Era um «anda cá» ou um «afasta-te»? *Estou mesmo destreinado*, pensou Mark. Ela foi ao balcão e regressou com uma cerveja loura. Mark ficou a olhar para ela, entusiasmado, excitado, dilacerado: o seu desejo por ela a debater-se com o desejo por álcool. Ela ofereceu-lhe o copo.

— Hoje tivemos um bom dia. Por isso, podes beber um pouco. Já conheces as regras... desde que eu esteja presente, está tudo bem.

Ele pegou no copo. E bebeu. Mas apenas um pouco; quis mostrar-lhe que tinha tudo

controlado, que não era fraco. Ele odiara-se e à sua vida por tanto tempo. Agora que estava a trepar para fora do abismo, ia revelar a sua força. Devolveu-lhe o copo. Ela sorriu-lhe, de forma calorosa e encorajadora.

— Porque é que te alistaste na polícia, Mark?

Agora era a vez dela de fazer perguntas.

— Porque mais ninguém me aceitaria.

Ela riu-se com a resposta.

— A sério, na escola dei cabo de tudo. Era uma boa escola, de elite, mas não conseguia estar à altura. Não conseguia estar atento. Só queria pôr-me a andar da sala de aulas.

— Para ir atrás das miúdas?

— E o resto. Depois de dois anos a snifar cola e a incendiar cabinas telefónicas, o meu velho pôs-me fora de casa. Passei três noites a dormir no chão em casa da minha irmã, depois pensei: «Que se foda.» Assim, alistei-me.

— O meu herói.

— O meu pai quase teve um ataque de coração. Achou que era brincadeira. Mas surpreendi toda a gente. E gostei. Gostei do facto de todos os dias ser diferente. De nunca se saber o que aí vinha. E gostei da farra com os rapazes. Nessa altura, não havia superiores mulheres.

Ela ergueu uma sobancelha. E depois foi ao balcão buscar mais uma rodada. Portanto, aquilo não era um mero copo depois do trabalho. Mark tentou imaginar como deveria comportar-se, mas, quando ela chegou, não se sentiu mais esclarecido. O decote dela saltou-lhe à vista quando Helen pousou as bebidas na mesa. Acidentalmente ou não, foi impossível de dizer.

— E tu? Porque é que te alistaste?

Uma breve pausa, após o que ela respondeu:

— Para ajudar as pessoas.

Resposta curta e direta ao assunto. Era tudo? E então:

— Quando fui à casa do Ben. Vi a carnificina. E ajudei o rapaz a evitar um destino igual. Foi o que me bastou. Não consegui parar. Depois disso, não podia afastar-me.

— És boa nisso. A salvar as pessoas, quero eu dizer.

Ela fitou-o intensamente. Ele hesitou e depois prosseguiu:

— Se não fosse por ti, por esta altura já teria desistido. Nunca te contei, mas cheguei a escrever uma carta de demissão. Estava pronto a entregá-la. Para desistir. Mas salvaste-me. Salvaste-me de mim próprio.

Disse-o com profunda emoção e do fundo do coração. Por momentos, Mark sentiu-se embaraçado com a sua abertura, com aquele despojamento. Mas era verdade: sem ela, quem sabe onde estaria. Ela fitou-o, subitamente circunspecta. Teria ele estragado tudo? Helen debruçou-se então por cima da mesa e beijou-o.

Lá fora, ele sorriu ao lançar-lhe a deixa mais pirosa que lhe ocorreu.

— Em tua casa ou na mi...

— Na tua.

---

[3] «*Sarf London*» é uma forma de dizer «South London» (sul de Londres), com o sotaque da própria zona. [N. T.]

O apartamento de Mark estava um caos. Ele não planeava seduzir a sua superior, e os restos da refeição da noite passada ainda estavam à vista. De qualquer forma, mudara a roupa da cama nessa manhã, e esta estava limpa e fresca quando se afundaram nela.

Ela nunca fora muito de conversa fiada. E isso verificou-se mais uma vez. Nestas coisas, por norma é o homem quem dita o ritmo — ou tenta fazê-lo —, mas não foi o que sucedeu neste caso. Mark ficou surpreso, e ao mesmo tempo excitado, com a forma como a sua chefe assumiu o comando.

— Eu oferecia-te uma bebida, mas...

Ela nem se deu ao trabalho de replicar. Limitou-se a atravessar o apartamento e a beijá-lo. Depois, deixando cair o casaco no chão, perguntou-lhe onde ficava o quarto. Uma vez lá dentro, atirou-o para a cama e deitou-lhe a mão ao cinto.

Mark já fizera amor muitas vezes, mas percebeu que se tratava da primeira vez que era *com ele* que faziam amor. Zangado por ser forçado a submeter-se, tentou colocar-se por cima. Agora que se sentia excitado, de repente quis dominá-la — fodê-la, ser ele a mandar —, mas ela prendeu-o, escarranchada à força em cima dele.

Ela estava a amá-lo ou simplesmente a retirar prazer dele? Mark percebeu de repente que isso era algo importante. Que mesmo agora, quando ela se baixava na direção dele, provocando um suave arrepio que percorreu ambos, desejou que significasse algo, e que não fosse apenas um pouco de diversão. Os homens, em teoria, deveriam ser dissociados em relação ao sexo. Capazes de se desligarem das emoções e de pensarem com o pénis. Mas Mark nunca fora assim.

Tentou mais uma vez controlá-la, para que pudesse ser ele a passar para cima, mas ela puxou-o agressivamente para baixo. Nitidamente, ainda não estava pronta para isso, por isso Mark decidiu submeter-se. Com a batalha terminada, começaram a fazer amor com mais descontração e ternura. Helen abrandou o ritmo, e finalmente os corpos deles moveram-se em conjunto. Para surpresa de Mark, ela pareceu estar a apreciar. A apreciá-lo a ele. Roçando os mamilos nos lábios dele, Helen enfiou a mão no meio das suas próprias pernas, satisfazendo-se enquanto balouçou para trás e para a frente em cima dele.

Mark estava agora a debater-se desesperadamente para sustentar o seu orgasmo. Uma coisa era comer a chefe. Outra, bem diferente, era comê-la desajeitadamente. Ou demasiado depressa. Por isso, esforçou-se, invocando todo o tipo de imagens monótonas e mundanas para suprimir a excitação, mas, assim que Helen retomou o seu ritmo (ao pressentir o orgasmo dele), só poderia terminar de uma maneira.

Ele quis desculpar-se. Mas não teve a certeza se isso seria autorizado. Ela ajudou-o a escapar-se.

— Foi bom.

Mark, mais uma vez, sentiu todas as dúvidas a dissiparem-se. Puxou-a para si, com afeto, e para sua surpresa ela não resistiu. Aconchegou-se ao lado dele para aproveitar a felicidade pós-coito.

Enquanto permaneceram ali deitados, com o lençol praticamente sem os tapar, Mark passou o olhar pelo corpo dela. Nas convulsões da paixão, ele sentiu arranhões nas costas

dela, mas não lhes prestou grande atenção. Agora, menos alheado e mais curioso, fitou-os com mais atenção. Ficou chocado. O resto do corpo dela era tão macio, tão imaculado, tão... perfeito.

Ela ter-se-á apercebido do que ele estava pensar, pois puxou o lençol para cima das costas. Conversa encerrada antes mesmo de começar. Ficaram ali deitados por uns momentos em silêncio. Então, ela virou-se para ele e disse:

— Isto fica só entre nós, OK?

Não era uma ordem, nem sequer era assustador. Não, era suplicante, quase tímido. Mark sentiu-se mais uma vez surpreendido naquele que era o dia de todas as surpresas.

— Claro. Completamente.

Ela foi então tomar um duche, deixando Mark soterrado em interrogações.

Helen atravessou a rua para se dirigir à sua moto. Sabia que Mark a observava da janela lá em cima, mas não lhe deu a entender isso. Não estava com joguinhos; só não estava pronta para acenos e beijos soprados. De qualquer forma, sentiu-se feliz por ter os olhos dele pousados em si e abrandou deliberadamente o passo para poder apreciar isso por mais alguns segundos.

Trepou para a sua *Kawasaki* e ligou a ignição. A sua roupa de couro e o capacete eram outra espécie de armadura, um espaço onde podia ser ela, sozinha e sem que ninguém a incomodasse. Mas hoje, pela primeira vez em muito tempo, achou que não necessitava disso. Que não tinha de se esconder do mundo. O que acontecera com Mark não fora planeado, fora inesperado — e talvez por isso tenha parecido tão acertado. Quando Helen dispunha de tempo para pensar, as coisas por norma complicavam-se em demasia e depois nunca se concretizavam. Mas hoje tudo corra como devia ser. Tentou imaginar o que iria na cabeça de Mark. Talvez pensasse que ela era estranha, e não seria o primeiro. Ou talvez a tivesse achado intrigante. Neste ponto, era o máximo que ela poderia querer e iria definitivamente agarrar-se a isso.

Estava na hora de partir. O doido ainda estava a observar, com a cortina apenas vagamente a ocultar o seu vulto despido. Para o bem dele, como para o dela, era melhor ela partir. Assim, deu gás e acelerou pela rua fora. Conforme o vento lhe açoitou o corpo, percebeu que hoje estava decididamente a sentir algo invulgar.

Sentia-se feliz.

Martina tirou o sutiã e apontou os seios despidos na direção da outra rapariga. Caroline — era esse o seu nome? — reagiu, lambendo-lhe os mamilos com um desejo fervoroso e teatral. Martina atirou a cabeça para trás a gemer — e a sua atenção foi de imediato atraída por uma amolgadela no teto da carrinha. Como é que aquilo acontecera?

Ela já fizera aquilo tantas vezes que era impossível concentrar-se. Enquanto o corpo se arqueia e ondula para o prazer de outra pessoa, damos por nós a pensar se conseguiremos chegar ao *pub* antes de fechar, ou se deveremos ir ao Egito nas férias, ou quanto terá pago a outra rapariga para que lhe pusessem implantes nas mamas. É espantoso o modo como os nossos pensamentos se podem tornar mundanos, especialmente quando a rapariga — Carol, e não Caroline — está prestes a comer-nos. Martina geme na altura indicada. Os clientes, naturalmente, nunca adivinham. Estão tão absortos com aquilo que veem — duas mulheres de peito grande a devorarem-se uma à outra — que nem dão pelos sinais indiciadores de tédio. Mesmo que dessem, ela não queria saber.

Ainda assim, aquele trabalho é ligeiramente diferente da maioria. Por norma, era feito diante de um homem de negócios solitário a masturbar-se perante a sua fantasia lésbica materializada ou, nos casos mais lucrativos, em frente a dois tipos ricos ansiosos por se envolverem. A parte do lesbianismo não passava, para eles, de um aperitivo: mal podiam esperar para se enfiarem no meio das raparigas, montando-as um a seguir ao outro, congratulando-se mutuamente em silêncio pela sua riqueza, imaginação e depravação. Eram uns parvalhões, mas pagavam bem, por isso, esses espetáculos eram sempre bem-vindos.

Era muito mais raro uma mulher contratar duas raparigas. Especialmente uma tão bem vestida como Cyn. Ainda mais raro era a mulher não se envolver. A maioria das mulheres que contratabam prostitutas tinha casamentos felizes, mas não se sentia sexualmente satisfeita. Mulheres que desejavam o estatuto e o aparato da vida familiar normal, mas que ansiavam pelo toque de outra mulher. Para elas, o espetáculo não era importante, mas sim o contacto. Porém, Cyn era diferente. Era já a sua quarta vez, e ela nunca pousara um único dedo nelas. Nem sequer se tocara a si própria. Em todos os encontros acontecia o mesmo: ia buscá-las na carrinha dela, levava-as a New Forest e depois ficava a ver as duas raparigas a penetrarem-se mutuamente com um dildo e a fazerem outras coisas. A princípio ficaram algo desconfiadas — seria aquilo alguma espécie de sexo pseudoexibicionista? —, mas, na verdade, ela era completamente inofensiva. Martina pensou muitas vezes no que iria naquela cabeça. Que proveito retiraria ela daquilo?

A última peculiaridade era o pagamento. Ela percebera logo desde o início que Martina era uma rapariga de festas, frequentadora de discotecas. E desde então nunca lhe pagava em dinheiro. Em vez disso, oferecia drogas a Martina. Teria acesso facilitado a elas, porque o valor na rua do que ela oferecia ultrapassava em muito o dinheiro que lhe devia pelo serviço. Ela, de alguma forma, deveria arranjá-las baratas... ou à borla, vaca sortuda.

Terminaram — um frenesi de orgasmo mútuo simulado — e, alguns segundos depois,



estavam de novo a vestir-se. O corpo de Martina era atlético e forte — era alta, para uma rapariga —, e Cyn perscrutou-lhe a silhueta com o olhar, antes de lhe dizer:

— Hoje tenho uma coisa especial para ti.

Cyn estendeu-lhe um pequeno saco transparente de comprimidos. Estava cheio de pastilhas brancas grandes com a insígnia de uma águia.

— Acabaram de chegar de Odense. Acho que vais gostar. Com estas belezinhas, nem vais precisar de anfetaminas, podes acreditar.

Martina despejou metade nas mãos ávidas de Caroline, e a seguir, sem hesitarem, ambas engoliram uma. O sabor era invulgar — amendoado, doce —, e depois Caroline perguntou aonde iriam naquela noite.

Martina ia livrar-se dela — aquela noite ia visitar a irmã —, mas as palavras não lhe saíram. De repente, sentiu a cabeça às voltas. Martina oscilou como se se tivesse levantado muito depressa, desequilibrando-se e desorientando-se. Riu-se e endireitou-se. Cyn estava a falar com ela — a perguntar se se sentia bem —, mas a voz dela já soava abafada e distante. Tinha uma mão pousada sobre o seu ombro, que de repente lhe pareceu muito pesada, na verdade, toda ela de repente sentiu-se pesada. Que raio estava a acontecer? E depois ali estava Caroline, deitada de bruços no chão da carrinha. Como é que ela foi ali parar? O que...

De repente, ficou tudo às escuras.

Helen assegurou-se de que seria a primeira a chegar ao gabinete. Depois de na noite anterior se ter abandonado de tal maneira a si própria na companhia de Mark, começaram a surgir as dúvidas. A habitual atitude defensiva de Helen — o círculo fechado — estava de novo a apoderar-se dela. Tentou contrariá-la, desta vez determinada a não ceder, mas não sabia que cara iria mostrar quando voltasse a vê-lo, daí ter ido trabalhar cedo, para dispor de tempo para se preparar.

Mark foi pontual e dedicou-se de imediato às suas tarefas. A maior parte da equipa já tinha chegado. Helen olhou sub-repticiamente na direção de Mark e pensou se mais alguém da equipa reparara que naqueles últimos dias ele tinha muito melhor aspeto. Perdera peso, ganhara cor, e o olhar atormentado desaparecera por completo. Helen pensou se iria ser um dia em que andariam educadamente a abordar com pinças a subtil alteração no relacionamento deles, mas Charlie rapidamente pôs termo a isso. Ela apareceu cedo para pôr Helen a par dos últimos desenvolvimentos.

Helen socorrera-se do seu velho truque — manter o suspeito sob custódia o tempo suficiente para arranjar um mandado de busca — de modo que Hannah Mickery não dispusesse de tempo para preparar a sua defesa ou livrar-se de quaisquer provas. Levaram-lhe o computador (ela passou-se com isso) e a maioria das suas agendas, registos, entre outras coisas. Obviamente, não podiam tocar nos dossiês dos casos dela — eram confidenciais —, mas com engenho havia formas de obter informações sobre os pacientes. Mas isso ficaria para mais tarde.

Uma coisa ficou desde logo clara. Ela sabia bastante sobre os homicídios. Tinha todos os recortes relativos às mortes de Sam, Ben, Marie e Anna, mas também fotografias. E não apenas recolhidas nos jornais locais (que, por sua vez, tinham sido retiradas do *Facebook*, álbuns de escola, etc.). Não, aquelas eram fotos que tirara a Amy e a Peter depois do ocorrido. Helen também encontrou o número de telefone de Amy rabiscado na sua agenda. Por que razão tinha ela aquele número, se nunca se encontrara com Amy nem, de acordo com o seu testemunho, alguma vez lhe fora permitido falar com ela?

Tinha os pormenores sobre o emprego de Peter, endereços de e-mail e, mais intrigante ainda, um plano de trabalho para ele, embora, irritantemente, fosse posterior a Peter ter regressado ao emprego, pelo que não havia forma de estar ligado ao rapto.

O computador revelou-se um osso mais duro de roer. Pediram a Hannah que revelasse a palavra-passe, mas ela recusara-se a cedê-la, por isso tiveram de ir pelo caminho mais difícil. Costuma-se achar que estas coisas são seguras, mas não são; e, embora pudessem ter aguardado pela documentação necessária, Helen decidiu fazer pressão, e o pessoal da informática rapidamente acedeu ao sistema.

A Charlie coubera quase todo o trabalho de sapa, por isso sentou-se enquanto Helen a conduziu por entre os ficheiros do *MacBook Air* de Hannah. A maioria não tinha interesse, mas havia um tesouro escondido. Longe da vista do *Finder* do computador havia um ficheiro bloqueado, com um nome muito simples, «B». Torturante... mas mais uma vez não demorou muito a ser aberto.

Helen sentou-se muito direita assim que viu o que continha. Uma transcrição integral do depoimento oficial de Amy, tal como fora entregue a Helen na zona de detenção.

Helen estreitou os olhos, sem querer acreditar. Clicou no ícone *RealPlayer* igualmente presente no ficheiro «B», e os seus piores temores concretizaram-se. Ali, com uma definição de imagem perfeita, estava a gravação vídeo da traumatizada Amy a prestar o seu depoimento a Helen. Fosse qual fosse o seu papel no meio daquilo tudo, Hannah tinha, sem dúvida, um polícia lá dentro a trabalhar para ela. Um polícia que lhe passara aquele vídeo. Mas com que propósito?

Charlie expirou ruidosamente. A investigação dera um importante passo em frente, mas potencialmente arrasador. Tratar-se-ia de corrupção? Conluio? Ou haveria algum polícia de certa forma envolvido nos homicídios?

— Fecha isso. E não fales disto a ninguém.

Charlie assentiu com a cabeça. Helen levantou-se e tranquila e discretamente foi falar com o seu superior.

Tinha a cabeça enevoada. Esforçou-se por se levantar, com pouca firmeza, e estremeceu. Ainda tinha a visão turva, mas sentiu o cheiro a humidade e o frio de imediato a açoitá-la. Onde estaria?

Aos poucos, começaram a formar-se imagens na sua mente, mas cada uma delas apunhalou-a como a pior das dores de cabeça de uma ressaca e teve de voltar a sentar-se. O chão era duro e implacável. Recordou-se da carrinha, de Cyn, de Caroline... Olhou para o relógio e teve de o fazer duas vezes. Teria mesmo dormido durante 48 horas?

O som de alguém aos arrancos para vomitar levou-a a olhar para cima. E lá estava Caroline. Tinha acabado de vomitar e chorava agora sobre o que tinha posto para fora.

*Controla-te. Acorda.* Mas não era um sonho. Era demasiado estranho para ser inventado. Será que fora Cyn a levá-la ali? Martina gritou, mas em resposta recebeu apenas um eco abafado. Estavam numa espécie de cave, com uma abóbada arqueada em tijolo, escassamente iluminada por uma candeia antiga. Miserável e putrefacta; talvez um arrumo esquecido de uma casa grande. Não fazia qualquer sentido. Nada daquilo fazia qualquer sentido.

A porta encontrava-se trancada por fora. Metal sólido, mas, ainda assim, ela bateu lá. Bateu até ficar com as mãos a latejar e sentir uma tremenda dor de cabeça. Deixou-se abater no chão, derrotada.

— Caroline?

Chamou por ela, mas não obteve resposta. Por isso, recompôs-se e foi ter com ela. Independentemente do que ali se passasse, pelo menos estavam naquilo juntas. A caminho de lá, o pé de Martina embateu em algo duro que foi a deslizar pelo chão. Gritou de dor e percebeu então que estava praticamente em cima de algo: um telemóvel.

Martina pegou nele. Não era o dela, e não lhe pareceu que fosse de Caroline. Premiu um botão, e uma luz verde pálida iluminou o ecrã. «Tem uma mensagem.»

Instintivamente, carregou em «OK».

«Junto a este telemóvel está uma pistola. Tem uma bala dentro. Para a Martina ou para a Caroline. Juntas devem decidir quem vive e quem morre. A libertação virá pela morte. Não há vitória sem sacrifício.»

Era tudo. O olhar de Martina incidiu no objeto que fizera deslizar pelo espaço. Uma arma. Era o raio de uma arma.

— Foste tu que fizeste isto? — resmungou com Caroline. — É esta a tua ideia de brincadeira?

Mas Caroline limitou-se a choramingar e a abanar a cabeça.

— O que estás a querer dizer? Não sei o que...

E Martina atirou-lhe o telefone.

— Isto.

Nervosamente, Caroline pegou no telefone. As mãos tremeram-lhe ao ler a mensagem. O telemóvel caiu-lhe da mão, fazendo barulho ao embater no chão. Ela agarrou a cabeça e desatou a soluçar. Marina sentiu-se a agonizar; Caroline obviamente não sabia de nada.

Martina conseguia ver a respiração a congelar à sua frente. Ficaria ainda mais frio naquele túmulo? Morreriam de frio antes que alguém as encontrasse?

A sua vida não devia terminar daquela forma. Passara por muito para morrer naquele buraco húmido e frio.

Lentamente, na obscuridade fragmentada, os olhos de Martina pousaram na arma.

Ela estava a ser vigiada.

Uma carrinha *Transit* estava há dias parada no mesmo local. Mas não havia sinais de atividade em volta dela. Tinha de lado o logótipo de um canalizador, mas nunca houve canalizadores por perto, e, além disso, ela procurara na Internet o nome da empresa: não existia. Teve de tratar de tudo no seu novo *smartphone*, dado que a polícia ainda não lhe devolvera o computador.

Hannah Mickery espreitou para a carrinha por entre as cortinas. Estariam naquele preciso momento a olhar para ela através das janelas fumadas, a tirar fotografias? Ou estaria apenas a ser paranoica?

Esteve tanta gente envolvida na busca em sua casa que se revelou difícil estar de olho em todos. Terão disposto de tempo para instalar escutas no local? Depois de terem partido, Hannah passou a pente fino todos os possíveis esconderijos. Não encontrou nada. Talvez fosse tudo muito Guerra Fria para um trabalho corriqueiro.

Mas vale a pena ter cautelas quando há tanta coisa em jogo.

Aquela hora, aquela vaca ranhosa da Grace já teria pilhado o computador dela. Provavelmente, deveria ter-lhes dado a palavra-passe, mas porque não obrigá-los a esforçarem-se um pouco mais? De qualquer forma, por aquela altura já saberiam. Seria difícil fazer passar aquilo por interesse profissional ou até desculpar-se como sendo uma obsessão mórbida. Mas poderiam acusá-la de algo? Claro que não. Teria apenas de ser cautelosa. A fasquia estava muito elevada, e bastaria um erro para deitar tudo por terra. Tanta reflexão e planeamento tinham levado a que chegasse até ali. Seria um crime estragar tudo agora.

A noite estava a cair. Já não faltaria muito. Será que conseguiriam monitorizar as chamadas dela no telemóvel? Se isso era suficientemente bom para o *News of the World*, então...

Esperou que tivesse estado à escuta. Facilitar-lhe-ia as coisas. Seria mais fácil escapar. Hannah sentiu um tremor de entusiasmo: quando o jogo podia balançar para qualquer lado, todos os lances eram vibrantes.

Caroline apertou os joelhos contra o peito para se proteger do frio, mas não conseguia parar de tremer. Seria o frio a fazê-la tremer? Ou o medo? Caroline já não sabia ao certo. Perdera o controlo... sobre tudo. Não tinha a noção se seria dia ou noite. Não sabia ao certo há quanto tempo estariam ali encarceradas. Não sabia o que teriam feito de errado nem a razão de ali estarem. Sabia apenas que se tratava de um sofrimento horrível.

O estômago dela reclamava por comida, tinha a garganta seca e os ossos enregelados até ao tutano. Quando fechou os olhos, surgiram formas estranhas a dançar na escuridão: padrões multicoloridos que se transformaram em borboletas, em pássaros e até em arco-íris. Estava a começar a alucinar. Seria o corpo dela a entregar-se? Seria uma sorte. Talvez se tratasse da mente dela a desfazer-se, o início de uma lenta descida até à paranoia e à loucura. *Por favor, meu Deus, isso não.*

De início, tentaram manter a fome ao largo comendo formigas. Viera o período a Caroline, e o sangue menstrual coagulou no canto mais afastado da divisão. A sua doçura pegajosa atraía insetos, e ela e Martina atropelaram-se mutuamente para os aspirar. Fora talvez há um dia que apanhara uma barata, e que se deliciara com o estalar da carapaça quando a trincou. Mas a comida desaparecera. Só lhes restara o cheiro horrível. O frio terrível. E a solidão.

Andaria alguém à procura delas? Ninguém iria sentir a falta de um par de acompanhantes. Martina não convivia com muita gente e tinha poucos amigos, se é que os tinha. Caroline partilhava o apartamento com uma colega — uma rapariga chamada Sharon oriunda de Macclesfield —, mas não poderia chamar-lhe amiga. Teria sido ela suficientemente sensata para chamar a polícia ou ter-se-ia limitado a colocar um anúncio à procura de uma nova companheira de casa? O mais provável era ter-se dado este último caso; Sharon não aprovava o que Caroline fazia por dinheiro e ficaria agradada com a possibilidade de se ver livre dela. Naquele momento, estaria provavelmente a limpar o quarto dela. Cabra.

Martina tinha uma irmã, mas seriam próximas? Caroline não fazia a mínima ideia. Pela primeira vez em anos, deu por si a sentir saudades da família. Tivera bons motivos para fugir de casa — embora ninguém alguma vez o tivesse reconhecido —, mas agora arrependia-se amargamente. A mãe dela era fútil mas não maldosa, e o pai... bem, não fora talhado para pai nem marido, mas nunca lhe teria desejado mal. Porque não retomou ela o contacto? Já tinham decorrido vários aniversários, todos na casa dos 60 anos, natais, páscoas, houve inúmeras oportunidades para preencher o vazio e concretizar uma reconciliação, mas ela nunca se dera ao trabalho. Iriam eles perguntar-lhe por que razão fugira de casa a meio da noite? Sentiriam aversão pelo modo de vida que ela levava?

Sentiu a raiva a apoderar-se do seu coração, e Caroline percebeu a razão exata de nunca mais os ter contactado. Porque os culpava. Por não repararem. Por não a protegerem. Ainda se sentia furiosa com a negligência deles, e era por isso que ainda permanecia sozinha no mundo. Dessa forma, não andava agora ninguém à procura dela. Ela e Martina teriam algo — ou alguém — por que valesse a pena viver? Martina seria muito próxima da irmã? Gostaria de lhe perguntar, mas qual era o interesse? Não era

uma competição.

Ou seria?



Como seria de esperar, o detetive-superintendente Whittaker não aceitou lá muito bem as novidades.

— Que merda é essa que me está a dizer? Que um polícia lhe passou isto?

A natureza macabra dos homicídios exigiu um bloqueio absoluto de informação. O *Evening News* e um par de jornais nacionais pegaram nas mortes locais e andavam a tentar esgaravatar algo mais, mas ainda nenhum deles se apercebera da existência de um marionetista a orquestrar aqueles crimes terríveis. Os peritos forenses e o pessoal auxiliar não estavam a par do ultimato de morte que era feito às vítimas. O acesso àquelas informações — os telefones, o vídeo do interrogatório e as transcrições — só era permitido a um grupo bem restrito. Obviamente, Whittaker e Helen estavam ao corrente, tal como Mark e Charlie e um ou outro agente do núcleo duro da equipa, mas ficou por ali. Por isso, a não ser que um agente responsável pelo tratamento de dados tivesse sido avisado do conteúdo, ou tivesse tropeçado acidentalmente no mesmo, teriam de olhar para a sua própria casa para detetar a fuga de informação. Whittaker não contornou a questão. Todos os elementos da equipa seriam investigados à procura de provas de eventual corrupção ou conluio. Teria de ser feito de forma desapaixonada, e rapidamente.

Helen fez progressos rápidos. Hoje em dia já não havia fitas com interrogatórios ou minidiscos: todo esse material obsoleto já há muito caíra no esquecimento. O vídeo do interrogatório era agora gravado diretamente numa rede digital segura. Assim que se concluía o interrogatório, o ficheiro digital era encriptado e carregado para o servidor protegido. As gravações e transcrições armazenadas só poderiam ser acedidas por utilizadores autorizados. Havia apenas uma única fonte — o servidor —, e quem quer que acesse a ele teria de deixar um rasto.

A gravação do interrogatório fora visionada inúmeras vezes como parte da investigação, e uma extensa lista dessas visualizações estava a correr agora diante dos olhos de Helen, enquanto ela vasculhava o historial. Mas tinha sido apenas em três ocasiões que a gravação fora descarregada ou gravada num disco ou *pen*. E em duas delas Helen estivera presente; além do mais, ainda tinha consigo os *downloads*. Pelo que restava um *download* sem autorização. Com aquelas coisas, era impossível disfarçar o rasto sem destruir todo o servidor, e ali estava, preto no branco: «Quarta-feira, 11 janeiro, 16.15.»

Não seriam, provavelmente, os analistas de dados, pois nesse dia estiveram envolvidos numa ação de protesto laboral, mas talvez tenha sido por tal razão que o ladrão escolhera essa altura em particular para agir. Whittaker estava de licença, enquanto Helen passara toda a tarde no laboratório forense. Nesse dia, os agentes subalternos tinham andado em diligências porta a porta (Helen teria de verificar isso de novo), por isso sobravam no edifício dois agentes com conhecimentos para aceder ao servidor protegido: Mark e Charlie.

Helen estava chateada consigo própria. Deveria ter cancelado o jantar com Mark, inventar uma desculpa, mas ele apanhara-a desprevenida. Não poderia recusar o jantar

sem o ofender ou sem agir de um modo que teria levantado suspeitas, por isso alinhou. Ele brincou com o facto de ter feito um grande esforço para impressioná-la, e era por isso que comiam agora *bucatini* de gambas praticamente em silêncio. Helen estava plenamente consciente da decepção e embaraço de Mark — destruída que estava a perspetiva dele de uma noite de amor ardente —, mas era impossível deixar de pensar no assunto. A não ser que estivesse completamente equivocada, era provável que ou Charlie ou Mark tivessem traído em grande a equipa. E pelo caminho tinham escancarado a investigação a alguém de fora. Se um polícia corrupto quisesse dinheiro, daria informações à imprensa. Por isso, naquele caso teria de ser outra coisa. Chantagem. Sexo. Ou algo mais sinistro.

Helen estava desfeita. Queria ser direta com ele, mas, se o fizesse, colocar-se-ia a si própria na corda bamba. Tratava-se agora de uma investigação interna, e, se partilhasse informações com um *suspeito*, então também ela seria corrupta. Por isso, mordeu a língua e fez conversa de ocasião.

Rapidamente puseram de parte a refeição e passaram para a sala de estar. Helen desviou a sua atenção para a prateleira do fogão. Já há muito tempo que as fotografias da família feliz e da ex-mulher tinham desaparecido. Tudo o que restou foram inúmeras fotografias de uma rapariguinha, com um amoroso puxo louro e um grande sorriso.

— É a Elsie.

— Quantos anos tem?

— Sete. Vive com a mãe. Não muito longe daqui.

Mas, claramente, demasiado longe para o gosto de Mark. Helen fez mais umas quantas perguntas, e Mark respondeu como um típico pai orgulhoso. Um historial dos feitos e interesses de Elsie. Histórias sobre as idiossincrasias e patéticas dela. Era difícil de ouvir; era bem evidente o desgosto dele por estar separado da filha. Há um ano, era um polícia de sucesso, com uma mulher adorável e um anjinho que só tinha olhos para ele. Agora perdera tudo para outro homem: o amante da mulher, Stephen. O caso deles pusera fim ao casamento, mas ainda assim fora a Mark que coubera ficar ao relento. Fora magoado — profundamente magoado — por alguém que ignorara os votos de casamento. Ela ficara com tudo. Ele acabou num apartamento arrendado e com visitas à filha em fins de semana alternados.

Helen deu o seu melhor para confortá-lo, mas, entretanto, uma vozinha dentro dela começou a dizer-lhe que se fosse embora. De modo a afastar-se daquele tipo que estava obviamente a apaixonar-se por ela. Mark acabou por acalmar-se. Agradeceu-lhe por ela ter dado ouvidos às suas divagações e passou-lhe a mão pela face, um agradecimento terno e mudo. Depois tentou beijá-la.

Helen deu por si a dirigir-se à porta de entrada. Mark correu atrás dela, desculpando-se. Assim que ela abriu a porta para sair, ele agarrou-lhe o braço, puxando-a. Helen rodou para se afastar, como se queimasse.

— Por favor, Helen, se te ofendi... — gaguejou Mark.

— Não implores, Mark. Não precisas de descer tão baixo.

— Não sei o que se passa entre nós.

— Não se passa nada.

— Achei que tu e eu... que nós...

— Achaste mal. Foi sexo. Só isso.

— Estou a ser abandonado.

— Não sejas infantil.

— O que é que hei de dizer? Pensei que gostavas de mim.

Helen fez uma pausa, tentando escolher cuidadosamente as palavras.

— Mark, só vou dizer isto uma vez, por isso ouve com atenção. Não te apaixonas por

mim, OK? Nem eu nem tu queremos isso.

— Porquê?

— Porque não.

E, dito aquilo, Helen foi-se embora. Enquanto descia a caminho da rua, repreendeu-se pela sua estupidez. A sua intuição estava certa: nunca deveria ter ido ali.

Charlie Brooks bocejou e espreguiçou-se. As suas articulações estalaram ruidosamente; estava há demasiado tempo na mesma posição. Já se decidira a dar umas voltas com mais frequência, a esticar-se, a fazer exercício... e logo bateu com a cabeça no teto baixo de metal.

Charlie detestava vigilâncias. O espaço fechado, a dieta de comida de plástico e a proximidade com agentes masculinos que ou engraçavam com ela, ou deixavam a desejar em termos de higiene pessoal, ou ambas as coisas. Às vezes resultava, mas a impressão geral era a de que a diversão, o verdadeiro trabalho de polícia, acontecia noutro lado qualquer. Helen não poderia ter encontrado outra vítima para aquele trabalho? O seu estado de espírito piorou ainda mais quando olhou para o detetive Grounds, que, com naturalidade, estava a espremer uma borbulha.

Charlie estava absolutamente convencida de que se encontrava de castigo, embora não soubesse ao certo porquê. Ultimamente, Helen andava muito distante no trato com ela. Por diversas vezes, Charlie sentiu-se tentada a perguntar-lhe diretamente o que se passava de errado, mas, no momento, recuava sempre, preocupada com a possibilidade de passar por paranoica. No entanto, a sensação persistiu. De algum modo, irritara Helen, e talvez a vigilância à casa de Mickery fosse a sua penitência.

Hannah Mickery mal saía de casa desde que deixara de estar sob custódia. Um par de idas à mercearia, ao quiosque, e pouco mais. Não usara uma única vez o telefone fixo, e as chamadas pelo telemóvel foram breves e corriqueiras. Nitidamente, não iria permitir que a nuvem de suspeição perturbasse a sua vida profissional, daí a visita de uma cliente. As duas já estavam enclausuradas há uma hora. Charlie não conseguiu evitar pensar qual seria o problema, insegurança ou pecadilho que estaria a ser discutido. E de repente deu-se um movimento. Charlie pôs-se direita de um salto e girou a câmara para posicioná-la. Mas foi uma desilusão. Era apenas a cliente a sair da consulta, abrigando-se da chuva copiosa com o seu alegre guarda-chuva amarelo. Charlie voltou a recostar-se no assento, mal-humorada, e viu-a partir.

Era preciso ser-se muito excêntrica para usar aquele conjunto, pensou Charlie, impiedosa. Aquela boina roxa e o batom vermelho... Acharia a mulher que tinha acabado de saltar de um teledisco do Prince? E os tacões? Eram tacões de *stripper*, pura e simples...

Foi então que Charlie reparou que a mulher que acabara de sair da casa não usava tacões. Calçava sapatos rasos.

Charlie saltou de imediato para fora da carrinha, ordenando a Grounds que fosse à casa enquanto ela apanhava a cliente. Caminhando discretamente mas com rapidez, aproximou-se da mulher, mas então, a uns 35 metros dela, esta virou-se um pouco de lado. Charlie viu-a apenas de relance, mas foi o suficiente para ter a certeza de que se tratava de Mickery com a roupa da cliente. Mickery desatou de imediato a correr, e Charlie perseguiu-a. Reuniu mais forças só de pensar no que Helen diria se a perdesse.

Charlie achou que a perseguição seria fácil, mas Mickery era boa. Disparou sem hesitar pelo meio da rua movimentada, encontrando, sem se perceber muito bem como, um caminho por entre o trânsito rápido. Charlie correu atrás dela, determinada em não

ser batida, mas os carros a travar revelaram-se um estorvo.

Elas esquivaram-se para uma rua lateral. A distância entre ambas era agora de uns 90 metros, e, dada a ausência de pessoas naquela rua tranquila, Charlie começou a aproximar-se da sua presa. Setenta metros, 60 metros, 50 metros. Cada vez mais perto.

A rua movimentada começou a desenhar-se mais à frente. Hannah Mickery chegou lá primeiro e lançou-se para atravessá-la. A boina por esta altura já fora pelo ar, e o seu cabelo comprido castanho-avermelhado espalhava-se atrás dela. Chegou ao outro lado e sem hesitar virou para a acolhedora entrada do Marlands Shopping Centre. Charlie estava alguns segundos atrás.

Um mar de crianças da escola, entediadas e agitadas. Um segurança a palitar os dentes. Um par de palermas com camisolas dos Saints. Mas não havia sinais de Mickery.

E então um clarão de castanho-avermelhado. Na escada rolante mais distante. Charlie lançou-se de novo no encalço dela, saltando, conforme ganhava velocidade, por cima de vasos de plantas e de crianças a gatinhar. Correu cada vez mais, com os pulmões a queimar devido ao esforço. Afastando com um encontrão um empata de meia-idade, Charlie disparou rumo ao mezanino.

O casaco vermelho. A desaparecer na Topshop. Ali não havia por onde escapar. Charlie entrou lá a correr, já a exhibir o distintivo quando os seguranças começaram a despertar. Charlie ia finalmente poder olhar Helen nos olhos: tinha um troféu valioso para lhe entregar.

Só que... não era o casaco vermelho certo. Tom certo, utilizadora errada. Uma solteira às compras para ir a um encontro e de alguma forma surpreendida por ser tratada com rudeza por uma detetive a transpirar.

— Que raio está a fazer?

— Merda!

Charlie estava já a afastar-se da espantada vítima. Apanhou o segurança mais próximo.

— Viu uma mulher de casaco vermelho a passar aqui a correr? Alguém viu uma mulher de casaco vermelho?

Charlie fitou o mar de rostos inexpressivos, percebendo desde logo que não valia a pena.

Mickery escapara.

Já há dias que não se mexiam. Estavam derrotadas, esmagadas pelo desespero. Morrer à fome seria a salvação delas — não havia dúvidas de que não escapariam dali.

Já de si Caroline se confundia com uma sem-abrigo. Agora parecia uma vítima de fome, com as costelas a ameaçarem a qualquer momento romper-lhe a pele. Martina era a mais musculada das duas e, de alguma forma, apesar dos dias consecutivos de fome, conseguiu levantar-se, embora a custo.

— Vamos tentar outra vez.

Martina tentou injetar energia e esperança na sua voz, mas Caroline limitou-se a gemer.

— Por favor, Caroline, temos de voltar a tentar.

Caroline ergueu então a cabeça para ver se Martina falava a sério. Não valia a pena, então porquê torturarem-se? A porta não cedera um milímetro, apesar dos golpes pesados delas. Tinham os ombros magoados, as unhas partidas. Não havia mais nada que pudessem fazer.

— Pode ser que alguém nos ouça.

— Não há ninguém lá fora.

— Temos de tentar. Por favor, Caroline. Ainda não estou pronta para morrer.

Seguiu-se uma demorada pausa, e depois, lenta e relutantemente, Caroline levantou o seu corpo esgotado do chão. O desespero era mais fácil do que a esperança. A esperança era cruel, pois prometia a Caroline coisas que ela temia nunca mais experimentar: amor, afeto, felicidade. Nenhuma dessas coisas era possível — não passavam de sonhos — com ela ali sepultada viva naquele túmulo. Tudo o que Caroline desejava agora era ser deixada a sós com o seu desespero, e se empurrar a porta por alguns infrutíferos minutos servisse para calar Martina, então que assim fosse.

Sem querer saber de si própria, atirou-se a correr contra a porta, embatendo nela com força. A dor foi intensa, uma sensação quente e abrasadora no ombro que lentamente se transformou numa dor sádica entorpecedora. Ela voltou-se para trás, furiosa.

— Não vais ajudar-me...

A sua voz soçobrou quando viu Martina a apontar-lhe a arma. Fora enganada. Aquela cabra desonesta enganara-a.

— Lamento muito — murmurou Martina, após o que puxou o gatilho, cerrando os olhos, para não ver o horror. O tiro reverberou pela divisão de tijolo.

Mas não se ouviu qualquer grito. Nenhum som de carne a rasgar. Apenas o baque abafado da bala a enterrar-se na porta. Falhara.

Voltou a premir o gatilho, uma e outra vez, mas sabia que a arma só tinha uma bala. Um tiro de salvação.

Caroline lançou-se pelo ar, derrubando Martina. Lutaram ferozmente no meio da imundície, mas Martina foi apanhada desprevenida, e rapidamente Caroline estava por cima. Com os joelhos, infligiu uma forte pressão sobre o peito de Martina, e depois abriu-lhe os braços, para prendê-los. E agora os dedos ensanguentados em carne viva de Caroline estavam a apertar a garganta de Martina.

Estava enfurecida, desvairada. Mas triunfante.

Gritou e berrou de alegria quando estrangulou até à morte a jovem prostituta.  
Vencera.

— Onde é que ela está? — gritou Charlie. Martha Reeves sentou-se calmamente na cadeira da sala de estar, com um dos robes de Mickery vestido. Apesar de enfrentar uma potencial acusação, não pareceu minimamente arrependida. Do seu ponto de vista, a polícia percebera tudo mal, estavam injustamente a incomodar uma mulher inocente, por isso, se a podia ajudar, porque não?

— Ela está a ser investigada enquanto suspeita de um *homicídio*. E o seu comportamento faz de si cúmplice. Sabe quantos anos pode apanhar? Dez anos. Dez anos a esquivar-se às duronas da prisão de Holloway.

Desafio puro e duro.

— Seja como for, o que veio cá fazer?

— Oh, deixe-se disso, de certeza que não está à es...

— O que é você? Uma pervertida? Uma viciada? Qual é o seu peccadilho, que tanto deseja atirar para trás das costas, a ponto de estar disposta a pagar 300 libras por hora àquela impostora?

Foi a deixa para o detetive Grounds se afastar. Não gostava de cenas, e Brooks parecia estar numa tremenda escalada. Para benefício de quem, era algo que ele desconhecia. Fosse como fosse, não iria levá-los a lado nenhum, por isso aproveitou a oportunidade para comunicar via rádio, com o intuito de verificar se alguém tivera sorte.

A chamada não deu em nada. Todas as unidades disponíveis deslocaram-se para a zona, mas não encontraram sinais de Mickery. Um Agente de Apoio à Comunidade com olho de falcão encontrara um casaco vermelho abandonado num caixote do lixo no exterior do Marlands Shopping Centre, mas foi só isso. Ela desaparecera por completo. Praguejando, Grounds regressou à casa.

— Ela pode fazer isto? — rosnou Martha a Grounds assim que ele entrou. Charlie estava atarefada a vasculhar a mala de mão dela.

— Sim, senhora. Quando ela está assim, o melhor é pôr-se ao largo.

Ambas as mulheres lançaram-lhe um olhar carrancudo. Telemóvel, batom, *BlackBerry*, um preservativo, lenços, chaves numa argola com uma família sorridente encaixada em plástico barato, doces, outro preservativo...

— É casada?

Pela primeira vez, notou-se uma hesitação da parte de Martha. Mas Charlie já estava a passar em revista a lista de contactos do telefone de Martha.

— Adam? Não? Será Chris? Colin? David? Graham? Experimentemos o Graham...

E premiu o botão de chamada...

— Tom. O nome dele é... Tom.

Charlie desligou.

— Ele sabe que está aqui?

Martha olhou para o chão.

— Bem me pareceu que não. Muito bem, vamos ligar-lhe para que venha buscá-la e levá-la para ca...

— Basta.

— Está a tocar.



- Eu disse basta!
- Anda lá, Tom, atende!
- O Valley.
- Desculpe?
- Ela disse que ia para o... Valley.

Naquela altura, já se ouvia a voz confusa de Tom a sair pelo auscultador, mas Charlie desligou o telefone.

— Prossiga.

— Não sei ao certo onde, mas ela disse que ia a Bevois Valley, e que era ir e vir. Não estaria fora mais de uma hora.

Charlie saiu disparada porta fora em direção ao carro. Grounds poderia não aprovar os seus métodos, mas ninguém se atreveria a alegar que não eram eficazes. A perseguição fora retomada, e o clímax estava iminente. Mickery fora a Bevois Valley, onde ficava Empress Road, o conhecido bairro da luz vermelha de Southampton.

Caroline estava a afundar-se cada vez mais no inferno. E o corpo sem vida de Martina era o seu demónio pessoal que lhe indicava o caminho. Por mais que Caroline fechasse os olhos, virasse costas, gritasse, berrasse, chorasse e gemesse, era-lhe impossível bloquear o som do silêncio acusatório de Martina.

Pior era o som das gargalhadas. As gargalhadas da cabra demoníaca que preparara aquilo tudo. Ela fizera-lhes uma promessa. Dissera que se uma delas... Caroline foi acometida por um novo acesso de choro, mas as lágrimas já eram secas. Não tinha mais nada para dar.

Tudo aquilo fora um embuste. A mulher há muito que partira. E Caroline? Caroline matara uma rapariga. Uma rapariga inocente. E qual era a sua recompensa? A morte.

Talvez devesse suicidar-se? Foi acometida por um estranho júbilo. Andou de um lado para o outro na cela à procura de um meio para pôr fim à vida. Poderia enforcar-se com a roupa de Martina, só que... não tinha onde se pendurar. O teto era liso, e a divisão, despidida de mobiliário. Não havia cantos salientes nem nada que pudesse fazer as vezes de uma arma. Num acesso de loucura, rapidamente deu por si a esgaravatar o buraco da bala — *sai daí, filha da mãe* — até que desistiu e cedeu mais uma vez ao desespero.

A seguir, sem aviso, uma chave rodou na fechadura, e a porta abriu-se.

— Muito bem, Caroline.

Conseguia ouvi-la, mas não conseguia vê-la. Por momentos, Caroline ficou totalmente paralisada. A sua carrasca reaparecera, e o medo tomou-a por completo.

Mas não aconteceu nada. Ainda ali estaria a mulher? Não lhe pareceu, e não conseguiu ouvi-la. Caroline levantou-se de repente e dirigiu-se à porta. Se a mulher ainda ali estivesse, iria apertar-lhe o maldito pescoço. *Vamos a isso!* Mas então, quando se preparava para se lançar rumo à liberdade, Caroline deteve-se. E virou-se.

Martina. Ali estava ela, sem vida e inerte. Tinham sido duas a chegar ali, e só uma ia partir. Caroline ficou parada à soleira da porta. Enquanto ali ficasse dentro, seria uma vítima. Assim que saísse, seria uma assassina. Mas que escolha tinha ela? Para viver, teria de assumir o crime. Dessa forma, atravessou tropeadamente a entrada. Estava na base de um lanço de escadas. A luz infiltrava-se desde o alto — através de alguma espécie de alçapão —, o que a cegou por uns momentos. Mais uma vez, hesitou. Estaria a sua raptora lá em cima à espera? Lentamente, com firmeza, começou a subir os degraus rangentes. Emergiu num mar de luminosidade.

Estava sozinha. No interior de uma casa decadente. Das grandes. Mal-amada e indesejada, como sempre sucedera com Caroline. E, naquele preciso momento, adorou aquela casa. A sua luz, o vazio, a liberdade. Podia caminhar em qualquer direção, sem medo, sem constrangimentos. Era, mais uma vez, senhora do seu destino.

Começou a rir-se discretamente. Não demorou muito a desatar a rir-se ruidosamente às gargalhadas, um riso selvagem, rouco e louco. Sobrevivera!

Ainda a rir-se, avançou para a porta de entrada. Puxando-a com força para abri-la, arrastou-se pelo curto carreiro do jardim e atravessou o portão, de regresso às movimentadas ruas da cidade.

Charlie chegou a Bevois Valley em exatamente 15 minutos. Poderiam tê-lo feito em dez, com as luzes e a sirene ligadas, mas essa possibilidade nem se chegou a pôr. Não queriam espantar Mickery. O detetive Grounds ficara para trás para tomar conta da profundamente irritada Martha Reeves; não poderiam pôr de parte a possibilidade de ela contactar Mickery para avisá-la.

Foi enviada uma descrição aos agentes no terreno, e Charlie tratou imediatamente de coordenar esforços. Bevois Valley é um amontoado miserável de supermercados de renda baixa, propriedades industriais e armazéns. É um lugar pequeno, e muitos dos polícias locais conhecem superficialmente as prostitutas e drogados que também ali residem, tirando partido dos inúmeros terrenos ocupados ilegalmente e das casas abandonadas que desfiguram as ruas. As novidades podem viajar incrivelmente depressa naquela comunidade fechada, e o assunto já era falado. Uma boa dica poderia agora ajudar a resolver o caso. Conseguiriam apanhar Mickery em flagrante? Charlie sentiu a batida a acelerar: a emoção da perseguição deixava-lhe sempre o coração aos saltos. Mas dessa vez havia algo mais em jogo. Desta feita era pessoal; ela nunca iria permitir a Mickery que lhe escapasse duas vezes.

Cinco minutos. Dez minutos. Quinze. E ainda nenhum sinal dela. Entradas e saídas em garagens e oficinas. Supermercados e escritórios de táxis. Mas em todos os lados era o mesmo: uma espreitadela à fotografia e um polido sacudir de cabeça.

A seguir, houve um distúrbio na rua. Pedidos de socorro. Uma mulher estendida no chão. Charlie percorreu a distância em segundos até dar com uma jovem muito maltratada. De olhar desvairado, com sangue a escorrer-lhe de cortes no rosto. Mas não tinha nada que ver com ela. Uma rapariga da zona, embriagada e alvo da insatisfação violenta do seu namorado. Charlie retomou a caçada quando os polícias levaram embora o agressor, irado.

Vinte minutos. Trinta minutos. E o rádio ainda em silêncio. Charlie amaldiçoou a sua sorte. O que tinha aquela mulher para conseguir desaparecer completamente? Estava certa de que Reeves não mentira quanto à localização dela — teve de lhe arrancar a informação à força —, por isso, onde raio é que se enfiara? Tentaria por outros 30 minutos, talvez mais. Algo teria de surgir.

Começou a chover. De início, uma chuva ligeira, mas depois vieram as pingas grossas e de repente um ataque súbito de granizo. Amaldiçoou mais uma vez a sua sorte conforme o gelo lhe ressaltou no cabelo encharcado. Mas as coisas estavam em vias de piorar ainda mais.

— Cancela a busca.

Charlie virou-se para trás. Helen chegara. E não parecia contente.

No caminho de regresso à esquadra, nenhuma delas abriu a boca. Nenhuma explicação para o cancelamento da busca nem a esperada repreensão por ter perdido de vista a principal suspeita (duas vezes). Charlie não percebeu o que se passava, e não gostou. Pela primeira vez na vida, conheceu a sensação de ser apanhada pela polícia. De ser uma suspeita. Charlie queria desesperadamente falar, afastar o nervosismo e

de descobrir o que se passava. Mas essa não era claramente uma opção. Por isso, sentou-se e sofreu em silêncio, imaginando um milhar de cenários sombrios.

Percorreram a esquadra em silêncio. Helen solicitou uma sala de interrogatórios e desligou o telemóvel. As mulheres entreolharam-se.

— Porque é que te tornaste polícia, Charlie?

*Merda, é grave.* Se era aquela a pergunta de abertura, estava mesmo em maus lençóis.

— Para fazer a minha parte. Apanhar os mauzões.

— E consideras-te uma boa agente?

— Claro.

Helen só voltou a falar após um prolongado silêncio.

— Fala-me da Hannah Mickery. E de como a deixaste escapar.

Charlie não ia irritar-se com aquela pergunta. Independentemente do que tivessem contra ela, teria de manter a calma. Tudo poderia depender disso. Dessa forma, Charlie contou-lhe como Hannah a despistara. Como a perderam. Não valia a pena embelezar as coisas estando já ela, nitidamente, em muito maus lençóis.

— Há quanto tempo conheces a Hannah Mickery?

— Conheço?

— Há quanto tempo?

— Não conheço. Fomos buscá-la, interroguei-a, vasculhámos o computador... e é isso. Conheço-a tanto quanto a Helen.

De novo o silêncio.

— Os crimes dela excitam-te?

Aquilo estava a tornar-se cada vez mais esquisito.

— Claro que não. Os crimes são desprezíveis. Abomináveis. Se a Mickery é culpada, espero que a prendam e deitem fora a chave.

— Primeiro, temos de encontrá-la.

Golpe baixo, mas provavelmente merecido. Charlie estragara tudo com Mickery, disso não havia dúvidas. Haveria mais mortes? E dessa vez iriam pesar na *sua* consciência?

— O que sentiste quando soubeste que o Peter Brightston se suicidou?

— O que é que «senti»?

— Achaste que ele era fraco?

— Não. Claro que não. Tive pena dele. Deveríamos ter feito mais...

— E em relação à Anna e à Marie? Sentiste pena delas? Ou elas mereceram? Eram sem dúvida fracas. O que é que os rapazes de lá lhes chamavam? Mongoloides?

— Não. Claro que não. Ninguém merece morrer daquela forma. E com o maior respeito...

— Precisas de dinheiro, Charlie? Estás endividada?

— Não.

— Precisas de uma casa maior? De um carro melhor?

— Não. Não preciso de mais dinheiro.

— Toda a gente precisa de dinheiro, Charlie. Porque é que haverias de ser diferente? Jogas? Bebés? Pediste dinheiro emprestado às pessoas erradas?

— Não! Mil vezes não.

— Então, porque é que o fizeste?

Desgastada, Charlie finalmente olhou para cima.

— Fiz o quê?

— Se me contares agora, posso ajudar-te.

— Por favor, não sei o que quer que eu diga...

— Não vou fazer de conta que entendo por que lhe permites que te use desta forma. Na melhor das hipóteses, ela tem algo que pode usar contra ti. Na pior, és tão perturbada

quanto ela. Mas entende isto, Charlie, se não me contares agora a verdade, com todos os pormenores, vais parar à cadeia para o resto da tua vida. Sabes o que acontece na cadeia a bófias corruptos?

E de repente tudo fez sentido.

— Não fui eu.

Silêncio.

— Sei que acha que há alguém a ajudá-la. Alguém desta esquadra. Alguém da equipa. Mas não sou eu.

— Mas já sei que és tu.

— Não pode saber. Tenho um álibi. Sabe bem que tenho um álibi. Sim, estive na esquadra, mas na altura estive a falar com a Jackie Tyler dos Desaparecidos. Estive lá pelo menos 40 minutos, a investigar pares que tinham desaparecido...

— Ela diz que não estiveste.

— Não, não, não, isso não está certo. Ela fez um depoimento a dizer...

— Corrigiu-o. Enganou-se nas horas.

Um silêncio pesado, de desorientação. Pela primeira vez, jorraram lágrimas dos olhos de Charlie. Helen prosseguiu:

— De início, ela não achou que fosse importante, mas lembra-se agora que foste ter com ela ao início da tarde...

— Não, não, ela está a mentir. Eu estive lá, estive com ela, posso dizer-lhe o nome de todos os pares que anali...

— Deixaste-me ficar mal, Charlie. E traíste-nos a todos. Se tivesses tido um pinga de decência ou de honestidade, poderia ter-te ajudado, mas agora está nas mãos do Departamento Anticorrupção. Vão chegar daqui a cinco minutos, por isso é melhor alinhavares a tua história...

Charlie esticou o braço e agarrou a mão de Helen.

— Não sou eu.

Uma longa pausa.

— Sei que não gosta de mim. Sei que não me dá valor. Mas juro que não sou eu. Eu... As lágrimas começaram a correr abundantemente.

— Eu nunca... não podia. Como é que pode achar que eu faria algo assim?

Falou com um grande fervor. E depois foi-se abaixo, com um soluçar profundo e gutural.

— Não sou eu.

Helen fitou-a e disse:

— Não há problema, Charlie. Acredito em ti.

Charlie olhou para cima, incrédula.

— Mas...

— A Anticorrupção não vem aí. E a Jackie nunca corrigiu o testemunho, deu-te um álibi inatacável. Desculpa ter tido de agir assim, mas não tive outra hipótese. Tenho de descobrir quem anda a fazer isto.

— E?

— Estás limpa, Charlie. Ninguém precisa de saber que tivemos esta conversa, e não vais ficar registada. Vais recompor-te e regressas ao trabalho.

E, dito aquilo, foi-se embora. Charlie enterrou a cabeça nas mãos. Alívio e cansaço misturados com um profundo desgosto. Nunca, como naquele momento, sentira tanta aversão por Helen Grace.

Lá fora, Helen inspirou fundo. Sentiu um aperto no estômago. Não pelo que fizera Charlie passar, mas pelo que implicava a inocência dela. Agora, sobrava apenas um culpado: Mark.

Caroline sentia uma grande rigidez em todo o corpo e tinha os ouvidos a sondar quaisquer sons de movimentos. Já tinham passado quatro dias desde que fora libertada, mas praticamente ainda não pregara olho. As imagens de Martina não lhe saíam da mente — ela a arquejar, os olhos esbugalhados —, mas o que efetivamente a mantinha acordada era o medo. A euforia da sobrevivência lentamente dera lugar a um terror torturante. Porque fora libertada? Que destino terrível a aguardava agora que se revelara uma assassina?

Caroline escapulira-se do hospital assim que lhe deram alta e regressara rapidamente ao seu apartamento. Precisava de estar num local familiar, num local seguro. Mas bastou a Sharon olhar para ela para fugir para casa dos pais, apesar de Caroline lhe ter implorado que ficasse. Mais tarde, ao ver-se ao espelho, compreendeu por que razão fugira a sua companhia de casa. Tinha um ar enlouquecido e inumano, parecia um zombie. Tinham-lhe sido sugados todos os resquícios de vida: estava pálida, com um ar fantasmagórico, e revelava-se completamente incoerente. Não conseguira encontrar palavras para descrever o seu suplício; a corrente infundável de obscenidades e incongruências pouco sentido fez.

Ali sozinha, as suas dúvidas e receios começaram a multiplicar-se. Com um grande esforço mental, acabou por conseguir lembrar-se de um tipo capaz de desenrascar o que quer que fosse e dirigiu-se apressadamente ao estaminé dele, lançando a cada cinco segundos olhares assustados sobre o ombro. Tinha a mão a tremer quando usou a caixa multibanco, mas conseguiu obter o que desejava. Bastavam 500 libras para arranjar uma pistola e seis balas. Ao regressar a casa com a arma na mala, sentiu-se aliviada. Pelo menos estaria armada e a postos, se — quando — a crise se anunciasse.

Os dias decorreram lentamente sem quaisquer incidentes, e não demorou muito a passar-se da cabeça com a sua própria companhia, de tal forma que tentou regressar ao trabalho. Os clientes ficaram nitidamente alarmados com o seu aspeto, desejando saber por onde andara, por que razão estava tão magra, tão aérea, mas ela mandou-os dar uma volta. Contou-lhes umas mentiras simples e tentou concentrar-se na tarefa que tivesse em mãos. Entretanto, ia bebendo, e bebendo. Vodca, uísque, cerveja, o que quer que fosse. É difícil bater uma a alguém com a mão sempre a tremer.

Deixou de sentir culpa, apenas medo. Cyn continuava algures à solta. A Cyn armada em deusa que brincara com a sua vida, que fizera dela uma assassina, ainda andava à solta. Sempre que o chão rangia, sempre que batia uma porta, Caroline dava um salto. Na noite anterior, assustara-se de tal maneira com o estouro de uma bombinha de carnaval que começou a gritar em frente a um cliente. O olhar perplexo dele ao fugir levou Caroline a decidir-se e foi a correr para casa. Fora um erro regressar tão cedo ao trabalho.

Por isso estava agora em casa, onde se deitou na cama com os lençóis puxados até ao pescoço e com a mão pronta a pegar na arma pousada na mesinha de cabeceira. Estava alguém a tentar entrar no apartamento. Eram 5 da manhã, e lá fora continuava escuro com breu. Era aquele o plano de Cyn? Ir atrás dela a coberto da noite? Caroline deslizou para fora da cama, pois manter-se quieta era mais assustador do que efetivamente fazer

algo. Abriu a porta do quarto, já à espera da dar com Cyn do outro lado, mas o corredor estava vazio.

Avançou sorrateiramente, amaldiçoando cada tábuia do chão que rangia. A sala de estar estava limpa, o *hall* estava limpo... mas ali estava de novo. Um leve arranhar, como se alguém forçasse uma fechadura ou tentasse entrar. Caroline apertou um pouco mais a arma. O barulho vinha da cozinha. Reunindo forças, dirigiu-se até lá sem fazer barulho e abriu a porta com um pé.

Estava vazia, mas de repente ouviu um ruído junto à janela. *Bum!* Caroline disparou sem hesitar. Uma, duas, três vezes. Depois, deu por si a correr na direção da janela estilhaçada. Olhou para fora, para a rua lá em baixo, determinada a eliminar de uma vez por todas a sua carrasca... mas a única coisa que viu foi o gato da casa ao lado a correr desenfreadamente. Afinal era um gato. Um estúpido gato.

Caroline deixou-se cair no chão, com o peito a subir e a descer conforme era assolada pelo desespero e pela aflição da sua situação. Só teoricamente se mantinha viva — a sua vida não lhe pertencia. Um terror sem limites apoderara-se dela e retirara todo o sentido e valor à sua vitória sobre Martina. Deitando a arma ao caixote do lixo, ligou à polícia e confessou o seu crime.

Helen fitou Caroline por cima da mesa conforme esta, aos soluços, apresentou a sua confissão formal. Caroline estava a contar com uma punição. *Queria* ser punida. Por isso, pareceu quase desapontada quando Helen lhe garantiu que o mais certo era não ser acusada, se a história dela, naturalmente, batesse certo e se ela promettesse manter-se calada em relação ao seu suplício.

Caroline levou-os à casa onde tudo aconteceu. Comprada por um investidor posteriormente apanhado pela recessão, foi deixada a apodrecer. Tal como aconteceu a Martina, que já chamara a atenção a ratos e moscas. O fedor — um corpo em decomposição numa cave húmida — leva qualquer um a vomitar, mas Helen tinha de ver o corpo.

O que esperaria ela? Algo revelador? Esperou e temeu, em simultâneo, reconhecer a vítima, para alimentar aquela linha de investigação, mas nunca vira a jovem em toda a sua vida. A verdade é que era parecida com muitas outras prostitutas cheias de silicone que acabavam numa valeta. Porque é que a assassina a escolhera?

Caroline contou-lhes o que sabia sobre Cyn. Que agora, ao que parecia, tinha cabelo castanho-avermelhado. Caroline explicou em pormenor os números que representou para o deleite dela com Martina. Nunca houve contacto físico, e os encontros tinham lugar na carrinha da assassina.

— Como é que ela vos contactava?

— Online. A Martina tinha um site. Ela enviava-lhe e-mails para lá.

Iam averiguar isso, verificar se o e-mail podia levar a um endereço IP. Mas Helen não estava muito confiante. A couraça que envolvia aquela mulher era demasiado elaborada para permitir uma falha assim. Por isso, voltou a sua atenção para as vítimas.

Caroline não tinha nada de extraordinário. Fugira de casa aos 16 anos para escapar às atenções de um avô que não aceitava um «não» como resposta. Começou a aldrabar clientes crédulos levando-lhes dinheiro sem entregar a *mercadoria*, até encontrar alguém que corria mais do que ela. Esteve dias sem conseguir andar, mas, assim que o fez, virou costas a Manchester e rumou a sul. Primeiro, Birmingham; depois, Londres. E, finalmente, Southampton. É triste, mas não passava de uma prostituta vulgar. Abandonada pela família, escoraçada pela vida, sobrevivendo à custa do seu esforço. Era uma história deprimente e corriqueira.

Seria então Martina a peça importante no jogo? Ou foram escolhidas completamente

à sorte? Das duas, Martina era a mais interessante. Pelo menos seria, se soubesse algo sobre ela. Chegara a Southampton há apenas dois meses. Não tinha amigos, nem família, nem número de Segurança Social. Era uma folha em branco. O que, só por si, já era interessante.

Helen conduziu sozinha o interrogatório. O regulamento indicava que precisava de estar acompanhada, mas naquele momento isso não lhe interessou. Não se podia dar ao luxo de mais fugas de informação. Mas, precisamente quando estava a terminar, chegou uma novidade que alterou tudo. Finalmente uma oportunidade de descobrir quem andava a traí-los.

Mickery reaparecera.



Ele estava mesmo a precisar de uma bebida. Os últimos dias tinham sido uma verdadeira tortura, e o seu corpo, mente e alma ansiavam pela libertação facultada pelo álcool. O primeiro gole era sempre o melhor — não é preciso ser-se alcoólico para saber disso —, e ele estava agora a esforçar-se ao máximo para resistir à curta caminhada até à loja de bebidas.

Estava no exterior, ao frio, e não fazia a mínima ideia da razão. Dever-se-ia ao facto de ser fraco? Na altura, chorar no ombro de Helen parecera ser o comportamento mais natural — sincero, honesto, genuíno —, mas talvez ela agora o desprezasse pela sua vulnerabilidade. Será que se arrependia de ter dormido com ele? Ou seria outra coisa qualquer?

Já há dias que não via Charlie ou Helen. Tinham andado de serviço no exterior da esquadra, ou trancadas juntas em salas de interrogatório. O clima entre as duas era ainda mais perturbado do que o habitual: nos dias melhores, Helen era curta e seca com Charlie. Passava-se algo. Mas Charlie, pelo menos, fazia parte do mundo de Helen, o que era mais do que sucedia com Mark.

Já era tarde, mas Mark sabia que Charlie nunca perdia a sua aula de boxe no ginásio da polícia. Chovesse ou fizesse sol, ela lá estaria, e por isso aguardava no parque de estacionamento do ginásio, atraindo olhares curiosos por parte de quem passava.

E lá estava ela. Mark foi rapidamente ao seu encontro, chamando-a pelo nome. Charlie — que segundos antes ia a atravessar o parque de estacionamento na direção do ginásio — pareceu abrandar ligeiramente o passo. Estaria ela a entrar em pânico, a conquistar alguns segundos para encontrar a melhor forma de lidar com ele? *Quero lá saber*, pensou Mark, e lançou-se na direção dela.

— Não quero pôr-te numa posição delicada, mas preciso de saber o que se passa, Charlie. O que é que eu fiz?

Após uma breve pausa, ela falou:

— Não faço ideia, Mark. Ela tem sido uma cabra com todos. Se soubesse, dizia-te, juro.

Ela atrapalhou-se; falou muito, mas pouco disse. Mark percebeu que mentia. Nunca fora lá muito boa atriz. Mas porquê? Sempre se entenderam bem, sempre foram bons colegas. O que lhe teria dito Helen?

— Por favor, Charlie. Por mais que seja embaraçoso, ou mau, tenho de saber o que fiz. Este emprego é tudo o que tenho. Se o perder, bem posso dizer adeus à Elsie e a todas as coisas boas da minha vida, por isso, se souberes algo...

Ela voltou a mentir, alegando ignorância, enquanto desviou os olhos do olhar de descrença dele. Mark deixou-a ir; por uma vez, a sensatez subjugou a fúria crescente. Regressou, desolado, à esquadra. Para onde quer que se dirigisse, caminhava sob uma nuvem, mas era mais seguro para ele estar na esquadra. A tentação era menor. E foi quando estava a sentar-se à secretária, esboçando mentalmente o seu CV, que veio a chamada. Era Jim Grieves.

— Achei que devias saber que ela era um ele.

— Desculpa?

— Martina, a prostituta. Podia ter umas boas formas e tudo, mas sem dúvida que era um camarada. Provavelmente terá feito a cirurgia nos últimos anos, e, pelo aspeto do traseiro, pode muito bem ter andado nesse ramo antes, embora para um tipo diferente de clientela. Se fosse a ti, começaria por aí.

Então, Martina nascera rapaz. Mark sentiu-se de repente cheio de energia: uma pequena migalha que, se resultasse em algo, poderia iniciar o processo de amaciar Helen. De repente, Mark estava de regresso ao jogo.

— Um maço de *Marlboro Gold*, por favor.

Helen andava a fumar em demasia, tinha noção disso. Mas queria ordenar os pensamentos antes de se sentar defronte de Micky, e fumar sempre servira para que se acalmasse. Por isso, deu uma escapada até ao quiosque local. O dono esticou o braço para trás e retirou de lá o reconfortante pacote branco e dourado. Pousou-o no balcão e, com uma expressão séria, anunciou-lhe o preço escandaloso.

— Eu pago.

Emilia Garanita. Outra emboscada. *Eu devia estar mais vigilante*, pensou Helen; ser assim apanhada desprevenida servia apenas para encorajá-la.

— Não é preciso — disse Helen, passando uma nota de 10 libras para a mão estendida. O dono estava a olhar descaradamente para Emilia. Terá sido por reconhecê-la do jornal ou por causa do rosto desfigurado dela? Por momentos, Helen sentiu um pouco de compaixão pela sua adversária.

— Como é que está, Emilia? Está com bom ar.

— Esplêndida. É consigo que estou preocupada. Como é que está a aguentar-se a investigar *três* homicídios?

— Tal como já disse, a morte do Ben Holland foi um acid...

— Sam Fisher, Ben Holland, Martina Robins. Todos assassinados. É algo sem precedentes em Southampton. Todos apareceram em locais remotos, os homicídios são incharacterísticos. Com o que é que estamos a lidar?

O gravador estava bem à vista na mão de Emilia, ela estava nitidamente com a esperança de registar o desconforto de Helen. Ou seria de humilhação que andava à procura? Helen olhou fixamente para ela, apreciando a tensão, antes de responder.

— Especulação, Emilia. Mas espero em breve ter algo mais para lhe dar. Temos neste momento alguém sob custódia que está a ajudar-nos na nossa investigação. Se quiser, pode publicar isso. Não se trata de especulação, mas sim de um facto. Ainda publica factos, não é assim?

Dito aquilo, afastou-se. Dirigiu-se de volta à esquadra em passadas enérgicas. Era agradável estar por cima, por uma vez que fosse. Deu uma grande passa no seu cigarro, saboreando a ideia do que estava para vir.

Mickery não estava a revelar nada. Há mais de uma hora que ela e Helen olhavam uma para a outra sobre a mesa do interrogatório, mas não se mostrava disposta a contar onde tinha estado.

— Foi tudo muito inocente — disse Mickery, prestes a suprimir um sorriso.

— Então, porquê o disfarce? A perseguição? Uma agente da polícia ordenou-lhe que parasse e não obedeceu. Só por isso, devia mandá-la para a cadeia.

— Fui visitar um cliente — replicou Mickery —, e não me pareceu correto levar a polícia local toda atrás. Eles já têm problemas que cheguem, acredite.

— Mas o problema é precisamente esse... não acredito.

Mickery limitou-se a encolher os ombros; nitidamente estava a marimbar-se para o que pensava Helen. O advogado colocou-se ao seu lado, com um ar igualmente presunçoso. O relógio foi fazendo tiquetaque. Um minuto de silêncio. Dois minutos. E então:

— Vamos começar de novo. Onde é que esteve ontem à tarde? Com quem foi encontrar-se e porquê? — perguntou Helen, irritada.

— Já disse tudo o que tinha a dizer. Não posso violar, nem violarei, segredos profissionais.

Helen exasperou-se por completo.

— Faz a ideia da gravidade de tudo isto?

As duas mulheres entreolharam-se fixamente.

— É a principal suspeita de um caso de múltiplos homicídios. Quando a detiver e acusar, vou fazer pressão para que sejam cinco sentenças de prisão perpétua. Sem liberdade condicional e sem qualquer hipótese de redução de pena. Vai passar o resto da sua vida na prisão, e as únicas e insignificantes atenuantes de que vai desfrutar serão devidas ao que fizer neste momento. Neste instante, nesta sala. Se me disser que o fez, que matou a Martina e os outros, então poderei ajudá-la.

— Martina? — questionou Mickery.

— Não se arme em engraçadinha. Quero respostas, não perguntas. E se não começar a dar-me algumas nos próximos cinco segundos, vou detê-la e acusá-la de cinco mortes.

— Não vai nada.

— Desculpe?

— Não vai prender-me. Nem vai acusar-me. E é por isso que não vou contar-lhe absolutamente nada.

Helen fitou-a fixamente. Era real, aquela mulher?

— Não há mais nada em jogo, Hannah. É a principal suspeita. E vai ser acusada. Desta vez não tem escapatória.

— Penso que não costuma jogar póquer, inspetora, caso contrário o seu *bluff* seria bem melhor do que isto. Deixe-me ajudá-la.

Helen teve vontade de dar-lhe um soco no meio dos olhos, e Mickery percebeu. Ela prosseguiu:

— Anda presentemente atrás de um assassino em série. Não vamos fazer de conta que se trata de outra coisa. Mas, mais do que isso, anda atrás de uma espécie muito rara de

assassinos em série. Uma mulher. De quantas assassinas em série consegue lembrar-se? Eileen Wournos, Rose West, Myra Hindley. A lista não é longa. É por isso que são tão populares. Toda a gente adora assassinas em série. Os tabloides, os realizadores de cinema, as pessoas comuns: toda a gente fica fascinada com mulheres que matam repetidamente. Mas esta... — fez uma pausa para dar mais dramatismo — ... esta bate a concorrência. Porquê? Por ser tão astuta, tão organizada e, ainda assim, tão esquiva. Como é que ela seleciona as vítimas? E porquê? Odeia ambas as pessoas que rapta, ou apenas uma delas? Como consegue prever o desfecho? Importa-se com quem vive ou morre? E porquê aqueles? O que lhe fizeram? Será a primeira assassina em série de História a entusiasmar-se com os que sobrevivem aos seus crimes, e não com os que morrem? É um exemplar único, ímpar. E vai ser uma atração extraordinária.

Helen nada disse. Sabia que Mickery estava a lançar-lhe um isco e não ia dar-lhe o gozo de reagir. Mickery sorriu e prosseguiu:

— Esta história extraordinária tem vários finais possíveis. Mas o melhor de todos, e o que qualquer jornalista-zeco de tabloide e os leitores desejam, é aquele em que o polícia determinado apanha a rapariga no final. E depois todos podemos divertir-nos a ver atentamente a típica fotografia dela tirada pela polícia na esquadra e a ler um destaque de 12 páginas cheio de pormenores sangrentos, opiniões de «especialistas» e curiosidade mórbida muito mal disfarçada.

Mickery estava a começar a apreciar a ideia.

— O final que ninguém deseja, especialmente a inspetora, começa com um erro. A detenção de uma inocente e respeitada profissional — acentuou a palavra —, que será a história a vir a público antes de a assassina ser apanhada. Os tabloides ficam furiosos, o cidadão comum aterroriza-se, e de repente tem um milhão de olhos a vigiar um milhão de rostos, permitindo à assassina que se esconda enquanto enche a sala de operações com um milhar de pistas falsas. A assassina desaparece, você é encostada, e eu recebo uma compensação avultada com a qual compro o barco que sempre desejei.

Fez uma pausa para criar mais efeito.

— Por isso, inspetora, a pergunta que tem de fazer a si própria — prosseguiu — é se tem a certeza absoluta de que fui eu. E pode prová-lo? Porque, se não puder, ainda vai a tempo de parar. De dar o passo certo. Libertar-me e retomar a sua investigação. Sou inocente, Helen.

O nome dela nunca lhe soara tanto a «vai-te foder». Sem dúvida que se tratara de um bom discurso. E levantara questões pertinentes. Poderia Mickery ser assim tão patologicamente perturbada e, ao mesmo tempo, tão convincente e eloquente? Poderia alguém com uma ligação tão forte ao modo como os outros pensam e sentem ser assim tão sociopata?

— Já me posso ir embora? — Mickery não conseguia parar de mexer na ferida.

Antes de responder, Helen fitou-a por um minuto.

— Ainda não vou apresentar acusações formais sobre os assuntos que discutimos nesta sala. Assuntos que, não deveria ser preciso lembrar, devem permanecer confidenciais enquanto a investigação estiver em curso.

Mickery sorriu e reuniu os seus pertences para sair.

— Mas não parou face a uma ordem de uma agente da polícia, e penso que isso vale, pelo menos, uma noite numa cela, não lhe parece?

E, dito aquilo, Helen saiu, deixando por uma vez Mickery sem saber o que dizer.

Milhares de perguntas varreram a mente de Helen. Estaria Mickery a dizer a verdade? Talvez Mickery não fosse a assassina; talvez a obsessão dela com aqueles homicídios tivesse que ver com algo completamente diferente: dinheiro. Mickery sabia que aquela história, quando rebentasse, iria correr o mundo e talvez estivesse desesperada por usar os seus conhecimentos privilegiados do caso para seguir na liderança da matilha.

Quanto mais Helen pensava no assunto, mais aquilo fazia sentido. Já estaria provavelmente a esboçar um relato avalizado dos homicídios, completado com perspectivas psicológicas da forma de pensar da assassina e provas genuínas da investigação policial. A sua ligação fortuita com duas das vítimas colocara-a no rasto certo, mas ela era uma mulher ambiciosa e queria mais. Quando encetara ela a primeira aproximação a Mark? E porquê ele? E aonde fora buscar a coragem para subornar um agente para que este lhe contasse tintim por tintim os pormenores da investigação em curso? Se fosse possível provar que a influência da corrupção dela prejudicara as tentativas da polícia de apanhar a assassina, estaria prestes a ir para trás das grades. *Pelo menos, isso serviria de consolação*, pensou Helen, amargamente.

Com Hannah enfiada numa cela, Helen tinha uma oportunidade para agir. Mas teria de ser cuidadosa e seguir as regras. Por isso, a sua primeira paragem seria para falar com Whittaker. Conforme lhe foi apresentando o caso, ele ficou ali sentado com uma expressão severa. Naturalmente, teriam de afastar Mark da investigação, mas conseguiriam fazê-lo sem levantar suspeitas, dele ou dos outros? Não, claro que não. Portanto, teria de ser suspenso e acusado. Ele poderia ir diretamente ter com a imprensa para se vingar e obter lucro. Mas Whittaker achou que uma indemnização choruda, talvez até a manutenção da sua pensão de polícia e de pagamentos de serviço, pudessem incentivá-lo a manter-se calado. Já antes resultara, e Mark não era visivelmente de um meio abastado. Embora incomodasse seriamente Helen pensar em recompensar, daquela forma, a traição de Mark, Whittaker revelou-se mais pragmático.

— Quer que trate eu disto? — perguntou ele.

— Não, deixe comigo.

— É habitual ser o oficial de maior patente a assumir a pasta quando questões disciplinares...

— Sim, eu sei, e compreendo por que razão assim é, mas necessito de saber as informações que ele passou e a quem. Acho que terei mais hipóteses de obter isso se o apanhar a sós.

Whittaker fitou-a.

— Tem alguma influência especial sobre ele?

— Não, mas ele respeita-me — explicou Helen de imediato. — Sabe que não sou de tretas e que, se lhe proponho um acordo, ele será genuíno e oferecido de boa-fé.

Aquilo pareceu apaziguar Whittaker. Por isso, Helen saiu. Nunca se sentira tão satisfeita por deixar aquele gabinete. Mais uma vez, aquela fora a parte fácil. A difícil seria enfrentar Mark.

Helen entrou no seu carro e fechou a porta. Por momentos, foi abafado o som do mundo e de todas as suas preocupações. Um momento de paz de um mundo que não

parava de lhe lançar pedras. Porque permitira que Mark se aproximasse tanto dela? Porque o escolhera para desabafar, quando ele estava nitidamente a passar para o exterior todas as informações sobre a investigação? Estremeceu ao recordar as conversas deles no *pub*, na sala de operações, a passar teorias em revista, a considerar suspeitos. Se calhar já haveria uma horrível caricatura dela — a polícia desastrada e ineficaz — a formar-se no bloco de notas de Mickery. Um belo espectro de uma assassina, desgraçadamente perseguida por agentes ignorantes.

Helen gritou de dor e olhou para baixo para ver as suas unhas cravadas nas palmas das mãos. Com a frustração e a raiva, até fez sangue. Amaldiçoando a sua estupidez, tentou voltar a concentrar-se. Não era altura para se distrair, fosse com o que fosse. Não valia a pena travar batalhas. No passado, já perdera muito tempo com isso. Estava na altura de se mostrar calma, forte e decidida. Estava na altura de agir.

Alvío foi a primeira sensação que experimentou. Mark passara o dia a tentar apanhar Helen para pô-la a par dos desenvolvimentos relativos a Martina, mas sem sucesso. Agora, ali estava ela, encostada à porta de casa dele. A satisfação deu lugar a algo mais — esperança?, excitação? —, dado que ela regressara para junto dele, em vez de o deter no gabinete. Talvez gostasse de ser misteriosa, quente e fria, difícil de lidar. Mas algo na expressão dela indicou-lhe que não seria esse o caso.

Ela nada disse quando ele lhe abriu a porta para que entrasse. Não valia a pena fazer mais nada que não fosse alinhar no jogo. Ver o quanto seria efetivamente negro o cenário, assim sendo, ele puxou de uma cadeira e sentou-se diante dela. Quem iria lançar a primeira jogada?

— Esta pode ser a última vez que nos encontramos nestas condições. Fomos amigos, e mais do que isso, por isso nada de gritos e berros, nem de acusações ou mentiras, nem de tornar isto ainda mais penoso do que tem de ser.

Enquanto falava, Helen observou Mark atentamente, de forma penetrante, muito atenta às reações.

— Traíste-nos, Mark. Não há outra forma de o dizer. Traíste-me a mim, à equipa, à força policial que fez de ti o que tu és. Pior do que isso, traíste homens e mulheres inocentes que foram assassinados por este demónio...

— Não estou a perceber.

— Já falei com o Whittaker — interrompeu Helen —, por isso não há interesse em tentares escapar com mentiras. Estamos prestes a dar início aos procedimentos oficiais que muito provavelmente irão culminar na tua expulsão das forças policiais. A tua secretária foi limpa, não terás acesso a quaisquer áreas restritas, e fui incumbida de levar o teu distintivo assim que terminarmos esta conversa.

Mark olhou fixamente para ela.

— Já viste outros a passar pelo mesmo, sabes como as coisas podem ficar feias. Mas podes facilitar as coisas a ti próprio, Mark. Não penso que sejas maldoso, não penso que estejas corrompido por dentro e tenho a certeza de que haverá razões, boas razões, que te levaram a fazer algo horrível. Se estiveres preparado para me apresentar abertamente essas razões e cooperar de todas as formas que eu pedir, então poderemos chegar a um entendimento. Não precisas de sair disto de mãos a abanar.

Seguiu-se um longo silêncio.

— Porquê aqui?

A reação de Mark apanhou Helen de surpresa. Não houve uma negação fervorosa, apenas mais um lance no jogo. Foi dito com grande amargura, mas havia algo mais em curso. Qual seria a abordagem dele?

— Porque é que vieste aqui dizer-me... isso? — A última palavra foi praticamente cuspidada. Um desafio.

Helen olhou-o com atenção, após o que respondeu:

— Porque quis ouvir da tua boca antes de qualquer outro o fazer. Quero que me digas o que te levou a fazê-lo, antes de o teres de dizer para que fique registado. Quero que me digas.



A voz dela de repente falhou devido à emoção, finalmente afetada por uma real sensação de traição. Mark limitou-se a olhar. Pareceu perplexo, como se ela estivesse a falar grego.

— O que é que achas que fiz, Helen? — O tom dele era neutro, mas soou a gozo.

— Não faças isto, Mark. Apesar de tudo, és melhor do que isso.

— Diz-me. Diz-me o que fiz.

A expressão de Helen endureceu face ao regresso da sua raiva. Porque permitira que aquele estupor anormal se aproximasse dela?

— Revelaste a nossa investigação à Micky. Vendeste-nos.

Ali estava: finalmente as cartas na mesa.

— E quero saber porquê.

— Vai-te foder.

Helen sorriu afetadamente, embora sem saber bem porquê. Um acesso de raiva por parte de Mark, e de repente ele estava de pé, parecendo prestes a avançar para ela. Helen retraiu-se, mas Mark já virara costas e andava às voltas pela sala, em silêncio. Helen nunca pensara que ele pudesse reagir com violência, que pudesse revelar-se perigoso. Até que ponto aquele tipo poderia estar perturbado? Talvez, na verdade, não o conhecesse de todo.

Quando Mark voltou a falar, estava nitidamente a esforçar-se ao máximo para conter toda a sua raiva.

— O que te leva a pensar que fiz isso?

— Porque mais ninguém poderia tê-lo feito, Mark.

— Tu tinhas acesso, o Whittaker, a Charlie, os informáticos...

— Apenas tu e a Charlie estavam na esquadra quando os dados foram levados. Os informáticos estavam de greve, o Whittaker estava de licença, e eu andava no terreno.

— Então só podia ser eu? E a Charlie? Alguma vez pensaste que poderia ser...

— Não é ela.

— Como é que sabes?

— Porque ela tem um álibi. E porque ela me olhou nos olhos e me disse que não era ela. Porque é não fizeste o mesmo, Mark? Em vez de esticares até ao limite, porque não me olhaste nos olhos para me dizer que não o fizeste?

Uma breve pausa, e depois:

— Porque não terias acreditado em mim.

A tristeza na voz dele era esmagadora. Inexplicavelmente, Helen quis levantar-se e reconfortá-lo; debateu-se para se controlar, cravando as unhas na sua mão magoada. A dor fluiu pelo corpo dela, acalmando-a.

Quando ela olhou para cima, Mark estava a servir-se de um grande copo de vinho.

— Que se lixe, certo? — E bebeu o copo de um trago, embatendo com ele na mesa à frente dela. Fitando-a, bateu mais uma vez com o copo. E mais uma vez, e outra, até que por fim o pé estalou e o vidro se partiu. Atirou o que restou pela sala e depois passou as mãos ensanguentadas pelo cabelo. A raiva dele flamejou e depois pareceu dissipar-se.

— Não poderias ter-me perguntado primeiro, antes de pores isto em marcha?

— Sabes que isso seria impossível. Se houvesse alguma pista de que eu te tinha dado tratamento preferencial por eu... por nós...

— Nem sabes como dizer, não é?

— Não é isso. E sabes muito bem.

— Sabes, durante muito tempo acreditei genuinamente que tinha feito algo de errado. Que te tinha ofendido. Que tinha dado um terrível passo sentimental em falso. Depois pensei se seria por causa da diferença de posto. Que tinhas pensado melhor. Mas, para ser sincero, nunca acreditei muito nisso, por isso pensei que fosses apenas um caso de

deesequilíbrio mental. Uma bela e imprevisível desequilibrada. E sabes o que mais? Teria ficado feliz com isso. Teria lidado bem com isso.

Para surpresa de Helen, ele riu-se. Mas foi um riso breve e manchado de amargura. Ela ia reagir, mas ele falou antes.

— Mas nunca, nunca pensei que fosse isto. Que fosse por causa disto que me pusesses de parte. O que é que te levou a teres tanto a certeza, a convicção, de que iria pôr em causa o meu emprego, o meu futuro, as minhas hipóteses de ser um bom pai, de, foda-se, me apaixonar de novo, por causa de um suborno?

— Quem é que falou em suborno?

— Não seas parva.

— Nunca falei em pagamento.

Mark expirou ruidosamente. Depois baixou o olhar para observar a mão ensanguentada.

— Ela pagou-te, Mark?

Seguiu-se um longo silêncio antes de ele responder.

— Estás a cometer um grande erro.

— Ela pagou-te?

— Poderia ficar aqui todo o dia e toda a noite e explicar-te porque é que nunca falei com ela, porque é que nunca conspirei com ela nem fui subornado por ela, porque é que nunca fiz nada de errado, porra, mas não interessa, pois não? O comboio já partiu da estação, e não há como voltar atrás. E provavelmente nunca saberei porque me fizeste isto sem sequer teres quaisquer provas concretas, seja uma coisa de polícia, ou uma coisa da cabeça, ou uma... sei lá bem o quê. Mas digo-te uma coisa. Não vou ficar aqui sentado a ser tramado por ti, na minha própria casa, sem um advogado presente. Fizeste tudo segundo as regras. Claro que fizeste segundo as regras. Por isso, terás estado com o Whittaker e falado com a Charlie e enviado o medonho formulário amarelo para a Anticorrupção. Por isso, também vou seguir as regras. Não vou ser espremido como um qualquer... criminoso. Vou sentar-me na sala de interrogatórios com o meu advogado e com o representante do meu sindicato e lenta e cuidadosamente desmontar seja qual for o caso que achas que tens contra mim, para ser exonerado e tu passares por idiota.

Puxou a cadeira repentinamente para trás e dirigiu-se à porta de entrada, abrindo-a para trás. Helen não teve alternativa que não fosse obedecer; só por estar ali pisava terreno minado.

— Não será melhor dizer-lhes que demos uma queca? — disparou Mark. — Seria um dado interessante? Pode explicar porque me estás a arruinar a carreira. Talvez eu não tenha sido bom na cama. Talvez te tenhas sentido desiludida. Talvez aches que se voltasse contra ti. Bem, podes apostar que agora isso vai acontecer.

Helen já chegara à porta. Só queria sair dali, mas Mark ainda não terminara.

— Deveria odiar-te, sabes? Mas não odeio: só tenho é pena.

Helen passou apressadamente por ele e desceu muito depressa as escadas. Porque é que a pena dele a magoava? Era um polícia corrupto, uma maçã podre; quem queria saber da opinião dele? Isso foi o que ela pensou, mas de nada serviu. Mesmo no meio da sua raiva, sabia que Mark a deixara enervada. Parecera tão indignado, tão ultrajado, tão certo da sua inocência. Todas as provas apontavam para ele. Ela não poderia ter percebido assim tão mal as coisas, pois não?

Ou poderia?

Lembro-me perfeitamente daquele dia. Tudo o que veio depois — a infelicidade, a violência, a desolação — teve origem nesse dia. Sem dúvida que já antes as coisas eram deprimentes, mas eram o que seria de esperar. Daquilo, não estava eu à espera.

Tinha havido uma espécie de festa em nossa casa, o aniversário do meu tio Jimmy. Tinham passado o dia a embriagar-se — alguém ganhara dinheiro nas apostas — e todos estavam mais bêbedos do que o habitual. Os vizinhos já tinham aparecido duas vezes, a gritar obscenidades por causa do barulho, mas os meus pais não fizeram caso. Ainda pioraram as coisas: puseram a tocar no máximo Enjoy Yourself, dos Specials. Andámos por ali às voltas a pedinchar um cigarrito, mas não erámos bem-vindas. Como não há nada mais deprimente do que um grupo de cabrões de meia-idade a dançarem e a arrastarem-se, fui para a cama, irritada. A minha mãe caiu para o lado naquela altura em que o meu pai e os seus «amigos» frequentemente se aproveitavam da inconsciência dela para lhe pregarem partidas estúpidas. Certa vez, ele mijou-lhe em cima enquanto ela estava a dormir — todos o fizeram —, e eu não gostava de ver isso, por isso achei melhor afastar-me.

Inicialmente, achei que ele se enganara no quarto. Que estava tão bêbedo que nem sabia onde estava. Depois, fiquei profundamente irritada: praticamente ainda não dormira. Que hipótese teria agora de dormir, com ele inconsciente ao meu lado? Mas ele não estava a dormir. E nem sequer estava interessado em adormecer.

De início, não me mexi. Estava demasiado chocada. Ele tinha a mão direita assente na minha mama direita. Depois, tentei afastar-lhe a mão, mas não consegui. Ele apertou ainda mais. Lembro-me de ter doído muito, conforme ele apertou ainda mais. Eu já estava a debater-me. Tive a esperança de que não passasse de uma piada estúpida, mas acho que já sabia que não era. Agora ele trepava para cima de mim, prendendo-me à cama estreita.

Acho que nessa altura comecei a implorar, suplicando-lhe que parasse, mas ele tinha já os dedos dentro da camisa de noite, à procura de uma abertura. Tinha as mãos ásperas e peludas, e lembro-me de estremecer de dor quando ele enfiou o punho dentro de mim. Eu ainda era virgem — tinha apenas 13 anos —, não fora feita para alguém como ele. A outra mão pressionou-me a cabeça contra a almofada. Fechei os olhos e desejei que ele morresse. Que aquilo parasse. Mas não foi isso o que aconteceu: ele prosseguiu, implacável, sempre a grunhir.

Acabou por se aborrecer ou ficou sem fôlego. Limpando as mãos nas calças de ganga, saiu da cama e dirigiu-se à porta. Virei-me, para ter a certeza de que estava mesmo de saída, e só então percebi que tínhamos tido assistência. Jimmy e um par de amigos estavam a ver, todos a sorrir e a rir-se. O meu pai passou por eles a cambalear rumo ao corredor. Jimmy deixou-o ir e depois começou a desapertar o cinto.

E percebi que era agora a sua vez e que aquilo era apenas o início.

— Desculpa. Não deveria ter falado contigo naqueles termos. Não queria dizer-te o que disse, não quis magoar-te e lamento tê-lo feito.

As palavras jorraram de dentro dela, e Jake aceitou as desculpas com graciosidade, assentindo suavemente com a cabeça para indicar o seu perdão. Quando ela aparecera, pensou duas vezes antes de a deixar entrar, mas após uma breve hesitação acabou por ceder. É muito bonito o princípio de se dizer que se vai cortar alguém da nossa vida, mas, quando essa pessoa nos aparece à porta, a pedir ajuda, é difícil voltar-lhe as costas.

— As coisas entre nós podem voltar à normalidade?

Foi dito de modo pouco eloquente, mas com sinceridade, e naquele momento Jake percebeu que toda a gente tem a sua própria noção de «normalidade», com a definição de cada um sobre a mesma a ser tão estranha e perturbada como a de qualquer outro. Precipitara-se a julgá-la, mesmo tendo a raiva e os insultos dela sido tão abjetos e injustificáveis. Ela nitidamente sofrera — ele não sabia quando ou porquê —, e se a fazia sentir-se melhor, então isso seria algo positivo. A sua própria jornada até à vida que agora levava fora imprevisível e pessoal. Nascido no seio de um casal que na verdade nunca desejara ter filhos, Jake fora impingido inúmeras vezes a avós e tias — todas elas igualmente desinteressadas — até acabar por entrar no carrossel das famílias de acolhimento. Sofreu ao longo do caminho — não de forma negativa —, mas é difícil não ser amado e escapar à dor. Aprender a controlar e a usar essa dor acabou por ajudá-lo a crescer, foi uma maneira de gerir a ansiedade e de expiar os seus demónios de formas que o excitavam, a ele e aos outros. Tentara a via submissiva e, depois de ter ultrapassado muito bem o seu medo inicial, apreciou bastante aquilo, mas, na verdade, ele gostava mesmo de assumir o controlo. Sabia bem lá no fundo que eram as suas inseguranças que faziam a escolha por ele, mas com isso era capaz de viver. Agora estava aos comandos, e só isso interessava.

Alcançara uma posição na vida em que as coisas estavam ordenadas e eram boas. E por isso sabia que a aceitaria de volta. Ela magoara-o, mas arrependera-se. Será que tinha mais alguém? Jake achou que não e pela primeira vez percebeu que ela necessitava dele. Rejeitá-la seria cruel e perigoso.

— Sim, podemos voltar à normalidade. Mas tenho um cliente às 5, por isso...

Ela percebeu a deixa e partiu, mas não sem que antes tivesse atravessado a sala para abraçá-lo. Mais uma quebra do protocolo, mas Jake deixou passar em branco, porque lhe soube bem.

Observou-a a partir, surpreendido com o alívio sentido. Não havia dúvidas de que ela precisava dele, mas talvez Jake começasse agora a compreender que também necessitava dela.

A noite de Hannah Mickery não fora nada boa. Por motivos profissionais, já por muitas vezes visitara prisões e sempre se sentira revoltada com a experiência. Encarara com muito temor a sua noite nas celas. E, na verdade, nada de mal lhe acontecera. Mas fora uma noite longa, fria e deprimente, na companhia apenas de uma drogada de 17 anos, uma drogada que se mijara de medo a meio da noite. A urina escorrera até ao canto da cela e ali permanecera, deixando o local a feder para o resto da noite.

Ela só queria chegar a casa, tomar um duche e dormir. Permaneceu calma ao longo da noite, mas agora sentia-se exausta e ressentida. Por isso, quando o seu advogado, Sandy, apareceu para recolhê-la, suspirou profundamente de alívio. Beijou-o — algo que nunca acontecera antes — e pediu-lhe que a levasse a casa. Sandy, contudo, tinha outras ideias.

— Há alguém que devia conhecer.

— Bem, seja lá quem for, terá de esperar. Vou direita para a cama.

— É uma oferta única, Hannah. Acho que desta vez deveria aceitar o meu conselho.

Hannah abrandou o passo e virou-se para Sandy.

— Uma hora, é tudo o que lhe peço. Trouxe-lhe roupa de sua casa. Pode tomar um duche na minha casa, se for rápida. A reunião começa daqui a menos de uma hora. Acredite em mim, Helen, é a oportunidade por que tem esperado.

Em casa de Sandy, a água caiu em cascata sobre Hannah, revitalizando-a de imediato. A experiência deveria ter sido um bálsamo, mas Hannah estava demasiado elétrica para isso. Tinha uma montanha de interrogações na mente, mas a sensação dominante era uma excitação típica de uma rapariguinha. Ganhara o *jackpot*. Ela e Sandy conseguiram o que queriam.

No caminho até casa dele, Sandy explicara-lhe a proposta. Era mais generosa do que alguma vez esperara. Exigiam muito em troca, naturalmente, mas ela preparara-se escrupulosamente e tinha todo o material de que necessitava. Depois do acordo com o jornal, iriam concentrar-se num contrato com uma editora, que levaria a presenças na televisão e sabe-se lá a mais o quê. Iria ganhar fama, ser rica e quem saberia o que mais? Talvez se mudasse para os Estados Unidos. Lá havia suficiente criminalidade retorcida para mantê-la ocupada a vida inteira.

Não contara que se tratasse de uma mulher. E especialmente uma mulher tão atraente. Era apenas preconceito, na verdade: esperava-se sempre que qualquer jornalista de segunda de um tabloide fosse um homem. Ainda assim, pareceu extremamente bem informada, impressionando Hannah tanto com o seu trabalho de investigação como com o seu descaramento de ir diretamente à questão. Tudo se resumia a pôr-se à cabeça da competição. O acordo foi rápida e generosamente talhado, e os três chegaram ali mesmo a um entendimento. Nesse ponto, ela sacou de uma garrafa de champanhe que levara consigo, caso fosse necessário. Mais uma vez, Hannah ficou descaradamente maravilhada.

Era de boa qualidade. E teve efeito imediato. Hannah aguentava bem a bebida, por isso terá sido o fluxo de adrenalina devido ao êxito a levá-la a sentir-se atordoada. Ao que parecia, também Sandy estava a sentir-se do mesmo modo.

Helen postou-se diante da secretária de Whittaker como se fosse uma aluna malcomportada. Sabia por que razão fora ali chamada. Ele sabia que ela sabia. Mas, ainda assim, ele levou o seu tempo, passando folha a folha o *Evening News*, antes de dobrá-lo e pousá-lo cuidadosamente na mesa, com a capa virada para cima.

— SEM PISTAS!

A manchete estava a gritar-lhe. Ela lera o artigo de Emilia Garanita logo pela manhã e percebeu de imediato que iria criar ondas, de cima a baixo, na cadeia de comando. Tinha uns poucos pormenores de relevo sobre Amy/Sam e Ben/Peter, bem como um par de indicações vagas relativas a Martina. Mas aludiu à libertação de Mickery e à suspensão de «um agente superior envolvido na presente investigação». Caiu mal. Helen percebeu que já tinham puxado, e bem, as orelhas a Whittaker, dado o olhar ameaçador com que a brindou quando ela entrou.

— Eu chamo-a — deu Helen por si a dizer. — Vejo se consigo fazer com que se contenha.

— Já é um pouco tarde para isso, não? Além disso, não é necessário. Eu próprio já a chamei. Chega daqui a cinco minutos.

Emilia entrou na sala com um irritante ar triunfal. Levou o seu tempo a decidir-se entre chá e café, entregando-se a conversas de ocasião e coisas do género. Fora convocada, o seu trabalho tinha sido reconhecido, e claramente iria aproveitar o momento.

— Tem alguma coisa a acrescentar, detetive-superintendente? Ainda confia na liderança da inspetora Grace nesta investigação? Houve algum desenvolvimento?

— Não estou aqui para falar do caso. Estou aqui para falar de si — disparou bruscamente Whittaker.

— Não estou a perceber...

— Está na altura de se afastar. As suas intervenções levam a conclusões erradas e não ajudam, e quero que pare com elas. Acabaram-se os artigos até haver algo genuíno a relatar. Está a perceber?

Helen divertiu-se com o arrojo da abordagem dele; ninguém se imiscuía entre Whittaker e a sua promoção.

— Espero que não esteja a instruir a imprensa...

— É mesmo essa merda que estou a fazer. E, se fosse a si, prestaria atenção ao que estou a dizer-lhe.

Por uma vez, Emilia foi apanhada desprevenida, mas rapidamente se recompôs.

— Com o maior respeito...

— O que é que a Emilia sabe sobre respeito? — ladrou Whittaker. — Que respeito demonstrou pela família Anderson durante o suplício deles? A gritar pela caixa do correio, a telefonar-lhes para casa noite e dia, a sentar-se no exterior de casa deles horas a fio, a remexer-lhes no caixote do lixo.

— Está a exagerar. Tenho um dever...

— Estou? Tenho aqui um registo pormenorizado de todas as vezes que o seu *Fiat*

vermelho com a matrícula BD50 JKR estacionou à frente da casa. O registo foi feito pelo pai da Amy e ocupa duas páginas. Coloca-a lá à meia-noite, 2 da manhã, 3 da manhã. E segue por aí fora. Isso é assédio. Perseguição. Tenho de lhe recordar o inquérito Leveson? E o código de conduta que todos os jornalistas, nacionais ou regionais — esta última palavra foi proferida com verdadeiro desprezo —, concordaram respeitar?

Dessa vez, Emilia não soube o que dizer. Assim sendo, Whittaker prosseguiu:

— Poderia exigir uma capa com um pedido de desculpas à família. Poderia multá-la. Foda-se, provavelmente, se quisesse, poderia fazer com que fosse despedida. Mas sou um homem bondoso, por isso vou ser clemente. Mas guarde para si as suas opiniões mal sustentadas, ou irá dar por si corrida do jornalismo local, e, que diabo, esse é um caminho sem retorno, certo?

Emilia saiu pouco depois, irritada mas de mãos atadas. Helen ficou sem saber o que dizer — e impressionada.

— Tem mesmo um registo das visitas dela? — perguntou ela.

— Claro que não — foi a resposta. — Agora regresse ao trabalho e, por favor, Helen, faça alguns progressos, está bem? Comprei-lhe mais algum tempo. Aproveite-o bem.

E, dito aquilo, foi dispensada. Helen não escondeu o seu espanto e ficou impressionada com a lealdade dele face à equipa — e a ela. Mas, ao percorrer o corredor, não pôde deixar de sentir que aquele ataque sem rodeios sobre aquela jornalista muito determinada iria virar-se contra eles. Emilia sobrevivera a muito pior e sempre regressara para dar luta.

Charlie reparou no ambiente assim que entrou na sala de operações. Quando uma investigação está na sua fase mais intensa, as salas de operações são lugares barulhentos, dinâmicos e atarefados. Mas naquele dia estava tranquila, até sombria, e não foi difícil perceber porquê. A secretária de Mark estava vazia, o quadro não tinha fotografias nem recordações pessoais. Era como se ele nunca tivesse existido.

Mas Mark fora um elemento popular da equipa, e toda a gente sentiu a sua falta. Podia ter-se mostrado vulnerável, um trapalhão, mas isso fazia parte do seu charme, especialmente entre as mulheres. O rapazinho perdido. Era também inteligente e divertido e, quando se aplicava, um bom polícia. Mas toda a gente se questionava intimamente se teria conhecido o verdadeiro Mark. Seria possível que ele os tivesse vendido? Teria todo o trabalho deles sido em vão? As carências financeiras dele seriam assim tão terríveis para traí-los daquela forma? Charlie ficou muito perturbada — sempre gostara de Mark — e tomou nota mentalmente para verificar o que tinha acontecido aos pertences dele. Retomou o seu trabalho, mas a cadeira vazia era sempre visível pelo canto do olho.

Helen apareceu pouco depois das 9 da manhã, e todos fizeram um esforço hercúleo para se mostrarem animados e para agirem como se nada tivesse acontecido. Helen, tal como era seu hábito, não perdeu tempo, chamando Charlie para que a pusesse a par dos últimos desenvolvimentos. Pareceu estar nos limites e mostrou-se impaciente por saber novidades.

— Fala-me da Martina.

— Bem, ela nasceu um ele e provavelmente foi operado nos últimos três a cinco anos. A cicatriz sugere que não terá sido antes disso.

— Publicitou os seus serviços como transexual operado?

— Não, a deixa dela era que gostava de se divertir e que sabia agradar. Uma prostituta divertida, esse tipo de coisas.

— Porquê? É sempre mais fácil arranjar clientes sendo transexual. Mais exótico, mais especializado. O que a terá levado a não salientar esse facto?

— Talvez não gostasse do pessoal que atraía?

— Ou talvez tivesse algo a esconder?

A interrogação ficou a pairar no ar, e então:

— Ela era de cá? — prosseguiu Helen.

— Não me parece. As outras raparigas dizem que começou a trabalhar por cá há uns meses. O site dela confirma-o: tem um endereço IP local e foi montado há oito semanas.

— E a verdadeira morada dela?

Charlie abanou a cabeça.

— Até agora nada. As outras raparigas achavam-na um pouco misteriosa, não se abria muito.

— E o rasto do dinheiro?

— Estamos a falar com os bancos locais, mas até agora ainda não descobrimos qualquer conta em nome dela.

Helen expirou. Naquele caso, não havia nada que fosse fácil.



— Bem, a nossa melhor aposta são então as clínicas. Quantas clínicas locais fazem esse tipo de trabalho?

— Quinze. Estamos a falar com todas, embora a maioria se mostre muito reservada em falar dos seus clientes.

— Bem, faz com que se deixem de reservas. Diz-lhes o que fizeram à Martina, mostrá-lhes as fotografias. Temos de saber quem ela era. Quem ele era.

Charlie não conseguiu reprimir um sorriso irónico, e dessa vez foi imitada por Helen. Seria impressão sua ou a relação delas estaria a melhorar desde que Helen a sujeitara ao interrogatório? Depois do confronto, Charlie ficara furiosa — não gostou que a sua integridade fosse posta em causa — e até ponderou pedir transferência. Todavia, ainda queria que Helen gostasse dela, ainda desejava o seu respeito. A verdade é que a maioria das mulheres da força policial ambicionava ser como ela. Era a inspetora-detetive mais jovem da polícia de Hampshire, e a sua subida na hierarquia revelara-se excecional. Não era casada nem tinha família, o que lhe dava uma vantagem injusta aos olhos de muitas mulheres, mas ainda assim safara-se muito bem. Era um exemplo para todas.

Helen voltou-se para a equipa.

— Hoje vai ser a detetive Brooks a comandar as operações. Prioridade principal: as clínicas. Sei que temos agora um elemento a menos e que todos têm interrogações em relação a isso. Quando for a altura certa, revelo-vos mais. Mas por ora preciso que todos se concentrem. Temos uma assassina para apanhar.

E, dito aquilo, abandonou a sala. Charlie começou de imediato a distribuir tarefas por Sanderson, McAndrew e pelos restantes, que as acataram sem queixas, apesar de muitos terem um posto semelhante ao de Charlie. Determinada a mostrar um ar sério e profissional, Charlie foi direta ao assunto, mas intimamente sorria. Era a primeira vez que Helen Grace passava o leme a alguém.

Ela acabou por ter de chamar a polícia; não era isso o que pretendia, mas não teve alternativa. De início, ficou assustada — Stephen não se encontrava em casa àquela noite, e os vândalos bêbedos que batiam com estrondo à porta estavam a assustá-la bastante —, mas, quando descobriu o que efetivamente se passava, mais do que assustada, ficou enojada.

Há meses que não via Mark embriagado. Ele estava limpo, pensara ela, recompusera-se. Mas agora era algo triste de se ver. Tinha a roupa manchada, o cabelo desganhado e arrastava as palavras. Dos seus lábios jorraram invetivas patéticas enquanto se lamentava pelo seu infortúnio, contando a toda a rua que Christina não conseguia manter as pernas fechadas, que Stephen era um burro, um dildo com pernas. As batidas na porta estavam a tornar-se mais intensas; não tardaria nada a acordar Elsie, pelo que Christina teve de agir.

Abriu um pouco a porta, embora mantendo a corrente a trancá-la, e tentou apaziguá-lo. Quis entabular uma conversa, mas aquilo só o enfureceu ainda mais. Que direito tinha ela de lhe barrar a entrada, gritou ele. Só queria ver a filha. A filha que ela lhe roubara. Christina tentou fechar a porta, mas ele enfiou o braço lá dentro, afastando-a e retirando a corrente do suporte.

Ele abriu caminho e subiu as escadas rumo ao quarto de Elsie. Christina deitou a mão ao telefone e ligou para o 112. Já lera sobre tipos perturbados que mataram os próprios filhos após o divórcio. Seria Mark capaz disso? Não lhe pareceu, mas não ia correr quaisquer riscos. Contou ao operador o que se passava, indicou a morada e depois foi a correr pelas escadas acima.

Não imaginava o que iria encontrar ao entrar no quarto e de muitas maneiras fora pior do que tinha pensado. Elsie estava de pé na cama. Estava a tremer de medo, a soltar um grito mudo de choque e terror. E Mark estava tombado no chão, em convulsão e a soluçar. O que Christina iniciara, Elsie concluíra. O olhar de terror no rosto dela foi o suficiente para lhe quebrar o coração. A bebida derrotara-o por fim, levando tudo o que nele havia de bom.

Era a imagem perfeita de um homem destroçado; no seu futuro perspetivava-se apenas uma vida de autocomiseração e recriminação. E, pela primeira vez em muito tempo, Christina sentiu algo que intimamente sempre negara.

Culpa.

Ela tinha de ter a certeza. Já arruinara a carreira de Mark, e provavelmente algo mais, e o caso contra ele tinha toda a lógica, mas... Helen estava cheia de dúvidas. Ele parecera tão magoado, tão ultrajado, tão desafiador — aquilo tudo não poderia ser a fingir, pois não? Tendo de início ficado espantada com a existência de uma toupeira no seio da equipa, mais tarde Helen ficou esperançosa de que esse traidor acabasse por levá-los diretamente à assassina. Em vez disso, acabara por desviá-los, distraíndo-os do objetivo principal. Helen sentiu-se tentada a esquecer o assunto. A virar para trás e regressar à sala onde decorria a investigação, mas agora já era demasiado tarde para isso. Entregara os papéis da execução do condenado, e havia procedimentos a seguir. Mas, com o machado a pairar sobre a cabeça, Helen tinha de ter a certeza.

E encontrou algo intrigante ao rever os ficheiros pessoais. Helen estivera no laboratório de medicina legal no dia em que o testemunho de Amy foi ilegalmente descarregado. Whittaker andava a velejar em Poole, e Charlie já se justificara, pelo menos no entender de Helen. Com isso sobrou Mark e os informáticos: Peter Johnson, Simon Ashworth e Jeremy Laing. Nesse dia todos fizeram greve, por isso não poderia ter sido um deles... mas havia algo curioso em relação a Simon Ashworth. Algo a que Helen antes não prestara atenção. Ele viera da Unidade de Crime Nacional de Londres para a polícia de Hampshire, onde ajudara a montar a nova base de dados, tendo ali chegado no seguimento de uma promoção. Ambientara-se bem, revelara-se um bom trabalhador, mas agora estava de novo a ser transferido para Londres. Permaneceu com eles apenas quatro meses. Era um passo ao lado, e bastante estranho, especialmente depois de ter arrendado um apartamento em Portsmouth por 12 meses. Passara-se algo. Mas não oficialmente. Algo oculto e inquietante recambiara-o precipitadamente para Londres.

Helen estava agora a seguir a pista certa, e a sua suspeita intensificou-se ainda mais devido ao facto de Ashworth não estar à vista. Estava doente, se bem que ninguém parecesse saber o que se passava com ele. Não, não era bem assim. As pessoas sabiam o que se passava de errado com ele, apenas não sabiam se estava ou não doente. Levou um bom bocado até Helen conseguir vergar Peter Johnson — levá-lo a falar dos seus colegas —, mas, quando o fez, rapidamente descobriu que Simon Ashworth não era um homem popular.

Ele furou a greve. Quando ele o revelou, Helen sentiu os pelos da nuca a eriçarem-se. Ashworth não era sindicalizado, mas, ainda assim, seria de esperar que seguisse o exemplo do chefe e dos colegas e honrasse o dia de greve. Mas não o fez. Era por natureza um solitário, socialmente desajustado, e muitas vezes irritava as pessoas. Faria isso com que não fosse bom a trabalhar em equipa e se tornasse potencialmente acessível a uma abordagem por parte de alguém como Mickery? Peter Johnson deixou bem clara a sua antipatia por Ashworth, mas negou que o tivesse transferido. Ele e os colegas muito provavelmente fizeram-lhe a vida negra — o tratamento habitual para um fura-greves —, mas não iria revelar-lhe mais do que isso, temendo uma acusação de assédio ou até de intimidação. A transferência só pode ter sido ideia de Ashworth.

— Mas terá de lhe perguntar a ele — concluiu Johnson.

Helen iria fazer precisamente isso, mas teria de encontrá-lo primeiro. Há semanas que

ninguém lhe punha a vista em cima.

Ela só conseguia sentir o sabor a vômito. A vômito e a sangue seco. Sentiu a boca ressequida, a garganta arranhada e a cabeça a latejar com uma dor entorpecedora e enervante. Já há dias que não comia, e sentia úlceras a formarem-se no estômago. Mas isso não a incomodou; o que ela queria mesmo, aquilo de que necessitava, era água. Por norma, bebia vários litros por dia e ficava ligeiramente nervosa quando descobria de repente que não tinha água por perto. Que irónicas lhe pareceram agora essas privações quando estava genuinamente a *morrer de sede*. Nunca antes pensara nessa expressão, mas agora conhecia o seu significado, sabia como era. O desespero estava a apossar-se dela; sabia por instinto que não teria escapatória.

Sandy estava desmaiado no meio do caminho, na esperança, eventualmente, de ser ceifado durante o sono. Uma morte tranquila para pôr fim àquele pesadelo. Alguma esperança. Estavam encurralados. E nada mais havia a dizer. Os olhos de Mickery voltaram-se para a esquerda, observando o voo das moscas que pairavam sobre a poça que se formava ao canto. As moscas, de início, não estavam ali, por isso, como é que entraram? Por que fissura minúscula entraram naquela lata de lixo? As filhas da mãe provavelmente poderiam entrar e sair conforme lhes apetecesse.

Quando despertou pela primeira vez do seu entorpecimento, Mickery ficara aturdida, baralhada. Estava de tal forma escuro que nem percebeu em que altura do dia se encontrava, onde estava e o que lhe acontecera. Apanhou o susto da sua vida quando ouviu Sandy a mexer-se. Até àquela altura, achara-se no meio de um sonho, mas a perturbação agitada de Sandy devolveu-a à triste realidade da sua situação.

Começaram de imediato a explorar o cárcere, batendo nas paredes, passando as mãos pelas junções no metal, e aos poucos chegavam à chocante conclusão de que estavam numa espécie de caixa gigante de metal. Seria um contentor? Provavelmente, mas o que é que isso interessava? Era sólido, firme e não tinha saída. Era tudo aquilo que necessitavam de saber. Pouco depois, encontraram por acaso a pistola e o telemóvel. Foi então que finalmente soçobraram as corajosas tentativas de negação de Mickery.

— Ela apanhou-nos, Sandy.

— Não. Não, não, não, não. Tem de haver outra explicação. Só pode.

— Leia a mensagem na merda do telefone. Ela apanhou-nos.

Sandy não iria olhar para o telefone. Não iria aceitar aquilo. Mas, na verdade, o que havia a dizer? Era evidente que não havia uma escapatória fácil — as alternativas eram morrer à fome ou matar. Foi Mickery quem colocou essas duas terríveis opções na mesa. Sandy estava a revelar-se um cobarde, um fraco, incapaz de enfrentar a situação. Mas Mickery obrigou-o.

Optaram por agir. A espera era demasiado insuportável. O desespero, demasiado esmagador. A vida deles não passava agora de uma tortura lenta, e estava na altura de fazer algo. Por isso, decidiram tirar à sorte, escolhendo palhinhas — ou melhor, moscas, pois foi a única coisa que conseguiram encontrar. Por isso, Mickery deu por si de braços estendidos na direção de Sandy. Numa das mãos, uma mosca morta. A outra estava vazia. Se Sandy escolhesse a mosca, viveria. Se não, seria morto.

Sandy hesitou, desejando que a sua visão penetrasse a pele e revelasse o tesouro

presente nas palmas de Mickery. Esquerda ou direita? Vida ou morte?

— Vamos, Sandy. Porra, vamos lá a despachar.

A voz de Mickery revelava desespero, era suplicante. Mas Sandy não sentiu pena, era incapaz de sentir qualquer tipo de pena. Estava paralisado, não conseguia mover um músculo.

— Não consigo.

— Faça-o já, Sandy. Ou juro por Deus que decido por si.

O tom de Mickery era feroz e despertou Sandy da sua inércia. Murmurando o pai-nosso, lentamente esticou o braço, tocando com firmeza na mão esquerda de Mickery.

Um demorado e terrível momento. E então, vagarosamente, Mickery rodou a mão e abriu-a para que ambos vissem.

Tinha sido um dia muito estranho. O melhor e o pior dos dias. Charlie deixou-se ficar na cama a refletir sobre tudo aquilo.

Depois de Helen se ter ido embora, a equipa lançara-se ao trabalho, incitada pela energia e pelo zelo de Charlie. Encorajando o seu pessoal a ser rude com as gerências das clínicas que se mostravam evasivas e se escudavam na confidencialidade dos clientes, a equipa progrediu bastante e percorreu a lista com firmeza, perseguindo os cirurgiões da zona de Hampshire com conhecimentos para efetuar uma operação de mudança de sexo. No final, no entanto, não deu em nada. Toda a gente fora interrogada, mas ninguém reconheceu Martina ou dera quaisquer indicações de quem ela poderia ter sido quando era homem.

Portanto, chegara a hora de alargar as buscas. Havia algumas dezenas de clínicas por todo o país que faziam aquele tipo de operações, e teriam de as contactar. *Por favor, meu Deus, não permitas que a Martina tenha feito a operação no estrangeiro.* Isso seria demasiado para os recursos limitados deles, e estavam desesperados por detetar uma pista, algo que os mantivesse no trilho certo. Charlie deixou o pessoal a braços com essa tarefa. Sentia-se completamente estourada de cansaço e necessitava de uma pausa. Ao conduzir o carro de regresso a casa, o seu estado de espírito animou-se face à possibilidade de passar uns momentos agradáveis com o namorado e o gato, comer algo decente e, melhor do que tudo, dormir um pouco.

Obras na rua. E um desvio. Irritante, mas apenas isso. Mas implicou que Charlie tivesse de seguir por um caminho a que não estava habituada. Um caminho que a levaria a passar mesmo em frente ao apartamento de Mark. Sentindo uma súbita pontada de culpa, percebeu que se esquecera momentaneamente dele. Estivera tão empenhada em provar a si mesma (e a Helen, claro) que tinha capacidades para liderar a equipa... Ao fazê-lo, demonstrara a si própria que era uma má líder e uma amiga sem valor: ninguém deveria esquecer os feridos envolvidos numa batalha que tenta desesperadamente vencer.

Recriminando-se pela sua insensibilidade, estacionou o carro e saiu. Seria boa ideia? Provavelmente, não, mas queria dormir em paz à noite, e a única forma de aplacar a sua consciência seria saber do estado de Mark. De certeza que mais nenhum colega o faria.

De que estava ela à espera? Que ele estivesse a aguentar aquilo sem qualquer problema? Ele estava em frangalhos; fedia a suor e a bebida.

— Acreditas nela?

A pergunta sem papas na língua apanhou Charlie de surpresa.

— Acredito em quem?

— Nela. Achas que vos traí?

Seguiu-se um longo silêncio. Havia a resposta oficial e a resposta genuína. No final, triunfou esta última.

— Não.

Mark expirou profundamente, como se tivesse estado a sustentar a respiração. Olhou para o chão para esconder o que sentia.

— Obrigado — murmurou sem olhar para cima, mas a voz traiu-lhe a intensidade dos

sentimentos. Instintivamente, Charlie aproximou-se dele. Sentada ao seu lado, envolveu-o com o braço. Ele inclinou-se na direção dela, satisfeito com o apoio.

— O mais triste é ter achado que estava a apaixonar-me por ela.

*Uau.* Aquilo apanhou Charlie completamente de surpresa.

— Vocês...?

Mark assentiu com a cabeça.

— E, estúpido como sou, achei que poderia ser algo bom. E agora isto...

— Talvez ela não tivesse alternativa. Talvez achasse genuinamente...

Charlie hesitou. Não havia uma forma agradável de concluir aquela frase. Uma acusação de corrupção era a pior coisa que poderia acontecer a um polícia.

— Imagino o que andam a dizer na esquadra. Mas estou inocente, Charlie. Não fiz nada de errado. E quero regressar. Quero mesmo muito regressar... Por isso... se houver algo que possas fazer... alguma forma de a influenciares e levá-la a parar com isto...

Mark deixou-se abater. Charlie não soube o que dizer. Ambos estavam cientes de que agora não havia como voltar atrás. Mesmo que ele fosse ilibado de culpas, quem o aceitaria, tendo em conta o seu historial de falsas partidas e problemas? Numa época em que ninguém anda a contratar, não se aposta em algo incerto, especialmente quando há sinais de incerteza ou de desonestidade. O que poderia Charlie dizer que fosse conciliatório mas verdadeiro?

— Vais ultrapassar isto, Mark. Eu sei que vais.

Ela não estava certa de acreditar naquilo. E nem sequer estava certa de que Mark acreditava.

Deixou o apartamento dele com a promessa de que em breve lá daria outra saltada. Mark, na realidade, nem se apercebeu da partida dela, ficando mais uma vez absorto nos seus próprios pensamentos.

Ao conduzir a caminho de casa, Charlie ia repleta de dúvidas. Mark não era o tipo de pessoa que faria algo estúpido, pois não? Achou que não, mas quem poderia dizer? Estava nitidamente arrasado. Sem mulher nem filha em casa, sem ter emprego para onde ir, uma tendência para a bebida... De repente, todos aqueles pensamentos invadiram a mente de Charlie. Sentiu a cabeça a doer, o estômago a embrulhar-se. Começou a sentir-se enjoada, por isso guinou o carro para a berma, e ainda estava a abrir a porta quando vomitou o almoço no alcatrão. Um, dois arrancos fortes e depois acabou.

Mais tarde, em casa, aconchegando-se no abraço acolhedor do namorado, Steve, foi assolada por dúvidas de outra espécie. Esgueirando-se suavemente daquele abraço terno, foi em bicos de pés à casa de banho e abriu a farmácia. A ansiedade misturou-se com o receio quando abriu o pequeno tubo de cartão.

Cinco minutos mais tarde, obteve a sua resposta. Estava grávida. Há anos que andavam a tentar, mas ali estava. Uma cruzinha azul. Um segundo teste deu um resultado idêntico. Coisas tão pequenas que provocam uma tão grande reviravolta na vida das pessoas. Steve apareceu, ainda meio a dormir, quando Charlie permanecia ainda apoiada no lavatório, em choque. Não foi a primeira vez naquele dia que os olhos dela ficaram marejados de lágrimas. Mas aquelas não eram lágrimas de tristeza, eram lágrimas de alegria.



Por momentos, ela fitou-o nos olhos. E depois ele desapareceu. Helen procurara o apartamento de Simon Ashworth no centro da cidade e tocou respeitosamente à campainha, o que foi revelador de alguma contenção, dada a vontade dela de bater com força. Uma longa espera, sem sinais de movimento. Voltou a tocar à campainha. E mais uma vez. Fez uma pausa e pôs-se à escuta. Seria aquilo um ranger do soalho, um leve vestígio de passos? E o globo ocular voltou a aparecer no visor. Helen já contava com aquilo, daí estar a olhar pelo visor. O olho sobressaltou-se de imediato e desapareceu. Os sinais denunciadores de passos a afastarem-se levaram Helen a sorrir; ele fora apanhado, qual era o interesse de ir em bicos de pés?

Numa situação como aquela, um polícia tem várias hipóteses de escolha. Pode seguir a via oficial, solicitar um mandado, etc., mas quando se trabalha a sós isto implica quase sempre a fuga da presa enquanto se anda a tratar da papelada. Pode seguir a via paciente, fingindo que se vai embora, mas ficando na rua à espreita. Por norma resulta, dado que o fugitivo está desesperado por deixar o apartamento por ter sido descoberto e nem uma hora depois já está na rua. Mas Helen nunca fora muito paciente. E por isso foi de imediato ao encontro do porteiro — assustando-o em plena merenda matinal — para exigir que abrisse o apartamento.

Ele teria estado no seu direito caso tivesse pedido — ou exigido — um mandado de busca, mas é engraçado constatar quantas mentes bloqueiam quando veem um distintivo da polícia. Temendo uma repreensão, ou excitados com o dramatismo do momento, por norma obedeciam. E assim aconteceu neste caso, com o desorientado porteiro a abrir sem hesitações o apartamento. Pareceu, de alguma forma, surpreendido e desiludido quando Helen lhe fechou a porta na cara — um breve sorriso de gratidão foi tudo o que levou pelo seu esforço.

Ashworth preparava-se para fugir. As malas prontas, as chaves do carro — era um homem em movimento. Mas ficou completamente imóvel quando Helen atravessou a divisão na direção dele. Pareceu assustado, vociferando com a ilegalidade do que Helen estava a fazer — mas não de uma forma convincente ou ameaçadora. Guardando o seu crachá, Helen apontou para uma cadeira metálica vazia. Após uma breve pausa, enquanto Ashworth pareceu avaliar tanto Helen como a situação em si, ele acedeu.

— Porque é que o fez, Simon?

Helen nunca fora muito dada a pezinhos de lã, por isso optou por um ataque frontal. Enumerou rápida e bruscamente as acusações — descarga ilegal de informações, comprometimento de investigação em curso para proveito financeiro —, com a pretensão de não permitir a Ashworth que tivesse tempo para desculpas ou subterfúgios. Para surpresa dela, ele apresentou uma defesa intrépida para os seus atos.

— Não é possível que tenha sido eu.

— Porque não?

— Porque todos os consultores técnicos envolvidos em algo deste calibre têm o seu próprio código de acesso. É a única forma de se entrar ou sair e é sempre possível verificar quando acedemos ao sistema e de que forma o utilizámos.

— Deve haver formas de contornar.

— Para nós, não. O pessoal de apoio contorna o sistema de muitas formas, às vezes dentro do serviço policial, outras vezes fora. De modo a não comprometer uma investigação e para lidar com a rotatividade do pessoal técnico, foi criado o sistema de acesso. Se verificar...

— Então, porque é que mentiu? — atirou Helen. Não estava ali para assistir a uma aula.

— O que quer dizer com isso?

— Pedi a toda a gente com acesso à investigação que relatasse os seus movimentos nesse dia, e o Simon, assim como todo o pessoal técnico, alegou estar em greve. Mas não esteve. Furou a greve.

— E depois? Não concordava com a greve, e por isso fui trabalhar um pouco. Não estive lá muito tempo e quando me interrogaram achei que era melhor meter uma petição para que os outros não descobrissem.

— Não resultou lá muito bem, pois não? Quem lhes contou?

Pela primeira vez, Ashworth pareceu atrapalhado. *Finalmente estamos a fazer progressos*, pensou Helen.

— Não sei como descobriram — resmungou ele, olhando para os sapatos.

— É ambicioso, Simon?

— Acho que sim.

— Acha? É muito jovem para já ganhar o que ganha, teve boas avaliações. Pode ir a qualquer lado. Na verdade, a sua mudança para a polícia de Hampshire foi uma grande promoção, não foi?

Ashworth assentiu com a cabeça.

— No entanto, depois de passar apenas quatro meses no seu novo e pomposo cargo, está de regresso ao emprego antigo. Um emprego que, a crer na sua candidatura ao cargo em Hampshire, achou que já não tinha nada para lhe oferecer e com o qual se entediava.

— Nas entrevistas de emprego, dizem-se sempre essas coisas. — Não desviou os olhos dos sapatos.

— O que é que aconteceu?

Um demorado silêncio, até que:

— Mudei de opinião. Não me adaptei a Southampton, não tinha amigos com quem falar e então... quando os rapazes começaram a pôr-me de parte por eu não ser um pausado do sindicato, achei que era melhor pôr-me a andar.

— Só que o Simon pediu a transferência antes de o pessoal descobrir que tinha traído a causa. Eles foram muito claros neste ponto. Quando o departamento foi beber uns copos ao Lamb and Flag no dia 18, foi obrigado a admitir que furara a greve. O seu pedido para retomar o antigo emprego foi feito a 16.

— Devem estar enganados...

— Há várias testemunhas da conversa no *pub*. Não podem estar todos a mentir.

Um silêncio ainda mais prolongado.

— A verdade é que... A verdade é que eu pura e simplesmente não gosto disto aqui. Não gosto das pessoas nem do emprego. Quero ir-me embora.

— Isso é curioso, Simon. Porque na sua avaliação trimestral disse que se sentia muito feliz por aqui estar. E que estava a adorar o facto de ter cada vez mais responsabilidades. E teve excelentes avaliações ao seu trabalho, e mesmo a dica de que poderia ser promovido se ficasse por cá um ano ou mais. Tenho aqui uma cópia da sua avaliação, se quiser ler.

Helen passou-lha, mas Ashworth nada disse. O tipo parecia profundamente abatido, o que deixou Helen feliz. Começava a dar sinais de estar a ceder. Ela decidiu pressionar

ainda mais.

— Fez treino de polícia, Simon, por isso não vou estar aqui com um discurso condescendente sobre os efeitos que isso pode ter na sua carreira, se for obrigado a admitir que mentiu a uma agente da polícia envolvida numa investigação de homicídio. Se for obrigado a admitir que recebeu dinheiro para passar informações confidenciais da polícia.

Ashworth ficou completamente paralisado, mas tinha as mãos a tremer.

— Seria o fim da sua carreira. Irremediavelmente. E sei o quanto é importante para si.

Helen suavizou então o tom de voz.

— Sei que é um tipo dotado, Simon. Sei que pode ir para qualquer outro lugar. Mas, se me mentir agora, vou destruí-lo. Não haverá volta a dar.

Os ombros de Ashworth abateram e começaram a tremer. Estaria ele a chorar?

— Porque é que está a fazer isto?

— Porque preciso de saber a verdade. Passou o interrogatório à Mickery? E se o fez, porquê? Só posso ajudá-lo se me ajudar.

Uma longa pausa, e depois:

— Pensei que soubesse. — A voz dele revelou-se estrangulada, a falhar. — Ele disse-me que sabia.

— Quem é que lhe disse?

— O Whittaker.

*Whittaker.* A palavra ficou a pairar no ar, mas Helen não conseguiu acreditar.

— O que lhe disse ele? O que já devia eu saber?

Ashworth abanou a cabeça, mas Helen não ia deixar passar aquilo.

— Diga-me. Conte-me já, ou prendo-o por conspirar para corromper...

— Foi o Whittaker quem descarregou o interrogatório.

— Mas ele nesse dia estava de licença.

— Eu vi-o. Entrei no departamento. Por causa da greve, não andava por lá ninguém. Mas o Whittaker estava lá. Sozinho. Disse que tinha passado por lá por causa do material do caso e, quando verifiquei mais tarde, ele tinha descarregado o interrogatório. Nem pensei mais no assunto. Ele é que manda, por isso, porque não? Mas, quando mais tarde descobri que a Helen andava a verificar os movimentos das pessoas, percebi que o Whittaker cometera um erro. Tinha baralhado os dias. Fui ter com ele. Não queria que ele fosse censurado por causa de um mero erro.

— O Simon tentou cair-lhe no goto.

— Mais ou menos. O Whittaker gostava de mim, viu que eu tinha futuro. Daí ter lá ido dar-lhe o toque... mais vale jogar pelo seguro, sabe? Ora, ele não gostou. De todo. Disse que estava enganado, mas eu sabia que não era bem assim.

Fez uma pausa, com receio de adiantar mais qualquer coisa.

— Prossiga. Que aconteceu a seguir?

— Disse-me que lhe bastaria uma chamada para me arruinar a carreira. Que eu não sabia na que estava a meter-me. Nós... decidimos na hora que, mal fosse possível, eu iria ser transferido de novo para Londres. Acho que foi ele quem espalhou a história da greve. Para arranjar uma justificação para a minha partida. Ele disse-me que a Helen estava a par de tudo isto. Que fora ideia sua.

Helen sentiu a raiva a apoderar-se de si, mas depois conseguiu de repente dominá-la. Teria de se manter calma e concentrada. Estaria aquilo a acontecer?

— Ele disse que eu estava envolvida?

— Sim, que estava a tratar do assunto, por isso não havia interesse em dizer-lhe.

— Qual foi o seu passo seguinte, Simon?

— Tentei seguir em frente, mas não foi possível, pois tinha também os colegas à perna. Por isso, meti baixa. Tenho aqui estado escondido deste então, a ganhar tempo até à minha transferência...

A voz dele foi falhando conforme se foi apercebendo da realidade da situação em que se encontrava. Pela primeira vez nesse dia, Helen mostrou-se conciliatória.

— Isto não tem de acabar mal, Simon. Se o que me contou hoje é verdade, posso fazer com que fique tudo bem para si. Pode aceitar a transferência, aprender a lição e começar de novo com o registo imaculado. Pode fazer as coisas que deve fazer, conquistar o que deseja conquistar.

Ashworth olhou para cima, com a descrença a debater-se com a esperança.

— Mas, em troca, preciso que faça uma coisa por mim. Venha comigo agora a minha casa e, quando lá chegarmos, vai escrever um depoimento, no qual irá colocar tudo o que acabou de me contar. Depois, vai esperar. Não irá atender o telefone nem fazer chamadas. Não vai escrever e-mails e SMS nem abrir o bico. Vai ficar muito quietinho, e o resto do mundo nunca vai precisar de saber que alguma vez falámos, até eu dizer que chegou a hora. Estamos entendidos?

Ashworth assentiu com a cabeça. Naquele momento, faria tudo o que ela mandasse.

— Ótimo. Então, vamos a isso.

Agora não havia como voltar atrás. O acordo tinha sido firmado. Gostassem ou não, estava na hora de avançar. Quando Mickery abrira a mão esquerda, bem ciente de que estava vazia, Sandy desabara no chão, a lamentar-se. Mickery ficara a observá-lo, assolada por um turbilhão de emoções. Por um lado, sentia-se alegre, por outro, horrorizada, mas em geral sentia... alívio. Iria viver.

Pouco depois, Sandy começou a implorar. Alegou que falara a sério, que estava louco, que tinham de se manter unidos, que não deveriam permitir que ela ganhasse.

— O que é que teria feito se tivesse ganhado? Ter-me-ia poupado? — replicou Mickery. Sandy não conseguiu responder, o que só por si foi revelador. Ele teria premido o gatilho para se salvar. No fundo, era um merdas de um egoísta.

— Por favor, Hannah. Eu tenho uma vida. Tenho duas filhas. Já as conhece, já esteve com elas. Por favor, não lhes faça isto.

— Não temos escolha, Sandy.

— Claro que temos. Há sempre por onde escolher.

— Morrer à fome? É isso que quer?

— Talvez consigamos fugir. Forçar a porta...

— Por amor de Deus, Sandy, não torne isto pior ainda do que já é. Não há saída. Não há como escapar. É assim. Não há outra forma.

Nesse momento, ele começou a chorar ruidosamente. Mas dessa vez Mickery não sentiu pena. Se Sandy tivesse ganhado, por aquela altura já ela estaria morta, sem qualquer dúvida. De repente, sentiu o ódio a instalar-se dentro de si — como é que ele se atrevia a implorar pela piedade que nunca sentiria? — e, quando ele se agarrou a ela, afastou-o com rudeza. Ele tropeçou e caiu, aterrando pesadamente no chão sujo de metal.

— Imploro-lhe, Hannah, por favor, não faça isso...

Mas Mickery já pegara na arma. Nunca antes disparara uma, nunca pensara em fazer mal a alguém, mas estava calma e serena enquanto se preparava para executar alguém que em tempos considerara seu amigo.

— Lamento muito, Sandy.

E premiu o gatilho.

*Clic.*

A câmara encontrava-se vazia. *Merda.* Sandy, que momentos antes colocara atabalhoadamente os braços à sua frente num esforço vão para se proteger da dor iminente, acalmou-se. De repente, estava a levantar-se.

*Clic. Clic.*

Mais duas câmaras vazias; a arma, a dada altura, deve ter saído da sequência. Agora, Sandy estava prestes a atirar-se a Mickery.

*Clic. Clic.*

Ele lançou-se contra ela, arrancando-lhe a pistola das mãos. Mickery voou para trás e bateu com a cabeça no chão duro. Quando olhou para cima, Sandy tinha a arma na mão. Esperou ver ódio na expressão dele, mas o rosto era a imagem da incredulidade.

— Está vazia. Merda, está vazia.

Atirou a arma na direção dela. O que disse ele? A mente dela não conseguia acompanhar os desenvolvimentos. Mas ele tinha razão. As câmaras encontravam-se vazias. Nunca lá estivera qualquer bala.

Um grito à sua esquerda assustou Mickery. Mas era apenas Sandy a rebolar no chão, com lágrimas de tanto se rir a escorrerem-lhe pelas faces. Parecia louco. Loucamente feliz. Tudo aquilo era uma piada de muito mau gosto.

Mickery gritou. Um grito de gelar o sangue e capaz de rasgar a garganta. Prolongado, alto e agonizante. Tudo aquilo para nada. Ela enganara-os, transformara-os em animais, mas depois negara a Mickery o seu triunfo. Não eram aquelas as regras do jogo. Não deveria ser assim. Ela devia viver. Ela queria viver.

Mickery ajoelhou-se no chão, com as forças a escaparem-lhe. Estava derrotada, destroçada. O riso horripilante e trocista de Sandy soou como um dobre a finados.

Helen assumiu de novo as rédeas do poder quando Charlie entrou na manhã seguinte na sala de operações. Charlie sentiu uma pontada de irritação — o seu papel como líder da equipa nem um dia durara —, mas a seguir deixou-se levar de imediato pelo entusiasmo que se apoderou da sala, e todos os ressentimentos desapareceram. Algo acontecera.

Duas coisas, na realidade. Uma boa, uma má. Encontraram «Martina»: uma clínica de Essex onde se faziam operações de mudanças de sexo indicou ter uma correspondência. Mas tinham perdido Hannah Mickery. Ela e o seu advogado, Sandy Morten, estavam desaparecidos há dias.

— Porque é que não me informaram? — exigiu saber Helen, furiosa.

— Não sabíamos — esclareceu Charlie. — O desaparecimento do Morten foi comunicado há uns dias, ao contrário do da Mickery. Só ao passarmos em revista os e-mails do Morten é que constatámos que ele marcou uma reunião a três, onde iria participar juntamente com a Mickery e uma mulher chamada Katherine Constable. Ela apresentou-se como jornalista do *Sunday Sun*, mas confirmámos com eles e não há ninguém com esse nome a trabalhar lá.

— Constable? [4] Ela anda a gozar connosco.

Helen estava irada. Consigo própria e com a situação. Empenhara-se tanto em apanhar a toupeira, em pôr fim àquela fuga de informação, que desviara o olhar de Mickery. Se tivesse permanecido junto dela, talvez não tivesse desperdiçado a oportunidade de enfrentar a assassina.

Incumbiu Charlie e o resto da equipa de irem a casa de Morten. Por certo, seria um exagero, mas fora lá que «Katherine» se encontrara com Mickery e Morten; talvez, se lá fossem todos, encontrassem algo, uma pista forense, a declaração de uma testemunha, qualquer coisa. Entretanto, Helen acelerou rumo a Essex.

Sabia bem estar de regresso à caçada. Era bom afastar-se da prisão que era Southampton; necessitava de tempo para pensar. Ashworth estava agora escondido no apartamento dela, fora de perigo, e o depoimento dele encontrava-se escrito e assinado. Desde a explosiva conversa que tiveram, ele efetuara mais algumas verificações. Antes, Helen não pusera em causa o álibi de Whittaker e repreendeu-se a si própria por isso, pois uma averiguação mais atenta permitiu constatar que tinha falhas. Embora nesse dia houvesse boas condições para velejar a partir de Poole — o tempo apresentara-se bom, e a maior parte dos barcos de recreio aventurara-se a sair do porto —, alguns não saíram do lugar, entre os quais o *Green Pepper*, a embarcação de oito metros de Whittaker à qual dava exagerados cuidados e atenção.

Portanto, Whittaker mentira-lhe em relação ao seu paradeiro, e outro agente de serviço colocara-o no local do crime. Além disso, Ashworth acusara Whittaker de intimidação, de coerção e de desviar o curso da justiça. Whittaker estivera incessantemente a proteger os seus próprios interesses. O aperto a Garanita fora destinado a impedi-la de revelar a história da assassina em série — não tivera nada que ver com proteger Helen ou a equipa.

Era uma situação incendiária com a qual Helen teria de lidar com pinças. O sucesso da investigação — para não mencionar o futuro da carreira de Helen — dependia de dar

o passo acertado.

A Clínica Porterhouse, em Loughton, era sumptuosa e profissional. No interior, a entrada tinha um aspeto imaculado, assim como o pessoal, e todo o espaço apresentava um ambiente bastante relaxante. Faziam-se diversos tipos de cirurgias na clínica, mas esta especializara-se em resolver questões relacionadas com disforia de género. A terapia era a primeira etapa numa jornada que, nove em cada dez vezes, acabava em cirurgia e numa mudança completa de sexo.

A equipa enviara informações detalhadas enquanto levava a cabo a busca por Martina. O lapso de tempo era suficientemente amplo para complicar a busca. No entender deles, a operação teria sido realizada entre três a cinco anos antes, o que resultava numa grande quantidade de eventuais candidatos. Mas, ainda assim, a mudança de sexo não era muito comum. E, dado que puderam facultar a altura, o tipo de sangue, a cor dos olhos e uma boa parte do historial médico «dela», havia boas hipóteses de ter sido encontrada uma correspondência. Ainda assim, Helen sentiu-se nervosa quando foi acompanhada até ao diretor da clínica. Estava muita coisa em jogo.

O diretor, um cirurgião tranquilo com mãos surpreendentemente peludas, quis assegurar-se de que a clínica não iria ser envolvida em qualquer tipo de publicidade negativa ligada àquele «assassino de prostitutas», como lhe chamou, e Helen teve de se esforçar para o fazer alinhar. Mas, quando lhe lembrou com gentileza que, num caso tão grave quanto aquele, ele poderia ser obrigado a ajudá-los, a atitude dele alterou-se.

— Acho que poderemos ajudar — disse, pegando numa pasta. — Um jovem na casa dos vinte e tal anos procurou-nos há uns cinco anos. Nitidamente sofrera um bom bocado, física e mentalmente. Recomendámos aconselhamento para que lidasse com a sua situação antes de se submeter à mudança de sexo e sugerimos que poderia querer, no mínimo, reduzir a sua lista de tratamentos adicionais. No final, levámos a que abdicasse de um par de procedimentos, mas nada mais do que isso. Estava determinado a submeter-se a uma grande reconstrução. Além da mudança de sexo, aumentou as nádegas, retocou pernas e braços e quis uma alteração radical no rosto.

— Que tipo de alteração?

— Nova forma nas maçãs do rosto, lábios mais grossos, nariz mais fino, pigmentação da pele, encher...

— Quanto é que isso lhe custou?

— Bastante.

— Faz ideia do que o levou a esse extremo de mudar de aparência?

— Nós perguntámos, naturalmente. Discutimos sempre todos os procedimentos para ver se é... necessário. Mas ele não disse nada. E não podíamos obrigá-lo.

Sentiu-se uma atitude defensiva a apoderar-se do tom dele, pelo que Helen foi direta ao assunto. Apontou para a pasta.

— Posso?

Ele entregou-lha. Assim que viu o nome, Helen sentiu um nó na garganta. A fotografia dele — jovem, otimista, vivo — confirmou-o. Os piores receios dela concretizaram-se.

Aquilo estava relacionado com ela. Sempre estivera relacionado com ela.

---

[4] «Constable», além de ser um nome, é uma das designações existentes em língua inglesa para «polícia».  
[N. T.]



Ela estava morta. Tinha de estar morta. Ali não havia oxigénio suficiente para uma mosca respirar, quanto mais um ser humano. Não havia resquícios nem de força nem de vida no corpo dela, e quase já não tinha consciência do que a rodeava. Estava consumida pelas trevas. O calor era insuportável. Não havia ar.

Hannah tentou convencer-se a si própria, mas sabia que não estava morta... ainda. A morte seria uma libertação agradável para aquela tortura lenta. E não houve alívio nem descanso no sofrimento dela. Fora reduzida ao nível de um animal, espojada na sua própria miséria e esterco.

Quando fora a última vez que ouvira Sandy? Já não se lembrava. *Meu Deus, que fedor vai ficar aqui dentro se ele morrer.* Os excrementos a apodrecer era uma coisa, mas um corpo em decomposição? Se ainda restassem lágrimas a Mickery, tê-las-ia vertido agora. Mas já há muito que tinham secado. Estava de rastos. Por isso, deixou-se ficar ali, à espera de que a morte a reclamasse.

Então, de repente, aconteceu. Sem aviso prévio, surgiu uma luz ofuscante que queimou os olhos de Mickery. Ela uivou de dor — pareceram *lasers* direcionados ao seu cérebro — e tapou a cara com as mãos. Um súbito sopro de ar fresco, gelado mas abençoado, derramou-se sobre ela. Mas o alívio não durou muito.

Estava a ser puxada. Levou um bocado até ter a noção do que se tratava, mas sem dúvida que estava a ser puxada. Alguém apertava com força o braço dela e estava a arrastá-la pelo chão até ao exterior, até à luz. Estaria a ser salva? Seria Grace?

Embateu em algo metálico e berrou. Agora, as mãos estavam debaixo dela, a içá-la. Instintivamente, percebeu que não se tratava de um resgate, que não haveria salvação. Aterrou com um baque num espaço pequeno e fechado. Tateou em seu redor e lenta e cautelosamente começou a abrir os olhos.

A luz era ainda penosamente brilhante, mas estava agora à sombra de alguém, por isso quase conseguiu aguentar olhando de relance. Estava na mala de um carro. Indefesa e enfiada de lado na mala de um carro.

— Olá, Hannah. Surpreendida por me ver?

Era a voz de Katherine, a sua carrasca e carcereira.

— Não esteja. Não sou do tipo sádico, por isso resolvi poupá-la.

Mickery olhou para cima para ela, incapaz de processar o que estava a ouvir.

— Mas preciso que me faça um favorzinho.

Hannah esperou. Zonza como estava, percebeu de imediato que faria qualquer coisa que Katherine pedisse. Mais do que tudo o que alguma vez desejara na vida, queria viver.

Assim que o carro arrancou, Hannah deu por si a sorrir. Algo — não sabia o quê — se passara. E ela fora libertada do purgatório. Por isso, valeria a pena pagar qualquer preço, o que quer que fosse.

Nem sequer lhe ocorreu pensar no que sucedera a Sandy. No que lhe dizia respeito, ele já não existia.

Deixaria ela alguma vez de se rir deles? Mickery e Morten eram o quinto rapto, e a assassina ainda não dera um passo em falso. Sanderson, Grounds e McAndrew orientaram diligências porta a porta na esperança de encontrarem uma testemunha do último rapto. Whittaker destacara mais agentes fardados para ajudá-los, mas tudo em vão. Charlie e Bridges passaram o dia na casa da família Morten a inspecionar o local do crime, mas não encontraram uma única prova forense. O trio estivera nitidamente a beber champanhe — duas *flûtes* com sedativo estavam tombadas onde tinham caído no chão, e a marca de uma terceira fora limpa na mesa de café —, mas aquele último copo e a garrafa haviam desaparecido. Charlie atendeu uma chamada irada de Whittaker e foi obrigada a reconhecer que não tinha desenvolvimentos positivos para lhe comunicar.

Fora uma ousadia fazer aquilo na própria casa de uma das vítimas. A mulher de Sandy estava fora, de visita a familiares, mas ainda assim fora arriscado. Seria a assassina intocável? Começava a parecer que sim. A casa dos Mortens transformara-se num local barulhento e stressante. O circo forense estava montado, e ali encontrava-se a mulher — Sheila — em plano secundário, que se recusara a ir para casa de amigos, crente, sem dúvida, de que a sua persistente presença ali, ou pelo menos a sua recusa em abandonar o lar da família, de alguma forma garantiria um regresso seguro de Sandy. De nada valeria, disse Charlie tinha a certeza, embora obviamente não pudesse dizer tal coisa à mulher. Sandy regressaria num saco para cadáveres ou como um farrapo humano traumatizado e balbuciente. Todo o ambiente era opressivo, e Charlie correu para o exterior quando foi assolada por mais uma onda de náuseas.

Tinha acabado de se distanciar o suficiente para não ser vista quando vomitou. Uma regurgitação enorme e vigorosa do seu pequeno-almoço. Charlie sentira-se enjoada ao longo de todo o dia, e de várias maneiras. Havia algo de profundamente bizarro no modo como era trazida uma nova vida àquele mundo sombrio. Ela e Steve tinham ansiado tanto por constituir família, mas agora Charlie estava cheia de dúvidas. Que direito tinha ela de trazer um bebé para o meio de tudo aquilo? Quando havia tanta violência e crueldade à volta. Era uma ideia extremamente deprimente, que gerou mais arrancos a Charlie.

Estava a limpar-se quando o seu telefone tocou. Estridente e pouco adequado. Despachou-se a atender.

— Charlene Brooks.

— Ajude-me.

— Quem fala?

Um prolongado silêncio, alguém a inspirar, como se do outro lado alguém reunisse forças para falar, e então:

— É a... Hannah Mickery.

Charlie levantou-se de imediato. Efetivamente, parecia um pouco a voz dela. Seria possível?

— Onde é que está, Hannah?

— Em frente ao Fire Station Diner, em Sutton Street. Venham já, por favor.

E, dito aquilo, desligou.

Em poucos minutos Charlie já estava na estrada. Bridges, Sanderson e Grounds iam igualmente a caminho, seguidos pelo Apoio Tático. Era óbvio para toda a gente que poderia tratar-se de uma armadilha. Mas, grávida ou não, Charlie iria avançar até lá. Conforme se aproximaram de Sutton Street, desligaram as sirenes e a equipa de Apoio Tático deu discretamente a volta ao quarteirão para montar uma vigilância discreta, como era habitual.

Mickery parecia mal se aguentar de pé. Tinha o cabelo emaranhado, e o seu casaco vermelho destacava-se de forma berrante em contraste com a palidez mórbida da pele dela. Parecia estar apoiada na parede para não cair. Charlie ficou chocada com aquela transformação. Foi rapidamente ter com ela, com o olhar a incidir para a esquerda e para a direita à procura de qualquer sinal de perigo. Estranhamente, agora que estava cara a cara com Mickery, sentiu-se mais vulnerável do que esperaria. Surgiram-lhe na mente visões do bebé que crescia dentro de si, mas afastou-as. Tinha de se concentrar.

Mickery caiu-lhe nos braços. Charlie susteve-a por alguns momentos, perscrutando-a com o olhar. Estava num estado lastimável. O que teria ela suportado para ser reduzida àquilo?

Charlie chamou uma ambulância e, enquanto aguardaram, tentou extrair informações da aterrorizada psiquiatra. Mas Mickery não se mostrou disposta a falar com ela.

Até pareceu que tinha instruções e que estaria determinada em segui-las à letra. Mickery, que em tempos parecera tão arrogante, mostrava agora um ar assustado.

— Grace. — Mickery falou num tom baixo e rouco.

— Desculpe?

— Só falo com a Helen Grace.

E a conversa acabou ali.

Ela tinha o telefone desligado e a porta trancada. Estava completamente sozinha. Não era o protocolo padrão de uma agente superior cortar todo o tipo de contactos com a sua equipa durante uma investigação tão importante, mas Helen precisava de um tempo sozinha. Precisava de pensar.

Fora buscar o seu próprio dossiê aos Recursos Humanos e folheava o seu historial profissional, enquanto em simultâneo passava em revista os arquivos do *Southampton Evening News* e do *Frontline*, a publicação mensal da polícia de Hampshire. Procurava o elo perdido, a pista que provaria de uma vez por todas que a assassina a tinha a ela por alvo.

Já não poderia haver dúvidas de que a seleção de vítimas da assassina era governada pelos sucessos passados de Helen enquanto agente da polícia. Ela salvara James Hawker (mais tarde conhecido por Ben Holland) de uma morte certa, quando abateu o seu pai enlouquecido. A assassina, contudo, tratou de se assegurar de que James/Ben não tivesse um final feliz. Helen salvara Anna e Marie de um grupo de incendiários adolescentes, mas a assassina também tratara delas. Martina nascera Matty Armstrong e trabalhava como prostituto em Brighton quando a vida dele sofreu um rude golpe. Fora encurralado, torturado e abusado por um gangue de homens na cave de um apartamento, até Helen e um colega fortuitamente ouvirem os gritos dele e arrobarem a porta para porem fim àquele suplício. Mais uma vez, a assassina assegurou-se de que ele não sobrevivesse. Mickery seria provavelmente apenas um bónus, uma pequena graça às custas de Helen — o tempo confirmaria —, pelo que restavam apenas Amy e Sam. Eram o elo perdido. Qual era a ligação deles com Helen? O que fizeram para chamarem a atenção da assassina?

Helen recebera louvores oficiais pelas suas ações relativas a James e a Martina. Havia uma fotografia dela a receber o certificado em exemplares antigos do *Frontline*, facilmente acessíveis a qualquer pessoa com acesso a um computador. Não havia nenhum louvor oficial relativo ao modo como ajudara Anna e Marie, mas o *Echo* de Southampton publicara a história e Helen fora citada. Mais uma vez, informação facilmente acessível online. Mas onde se encaixariam Amy e Sam? Não ocorreu a Helen qualquer incidente grave na sua carreira que envolvesse pessoas da idade deles. Não fazia qualquer sentido.

Helen recebera mais um par de louvores, o mais importante dos quais resultou do raciocínio rápido dela durante um grave acidente de trânsito. Mais isso fora há mais de 20 anos, antes de Amy e Sam terem nascido. Frustrada, Helen recuou até aos números desse ano do *Frontline*. Ainda tinha os pormenores bem claros na sua mente, mas voltou a passar-lhes os olhos. No regresso de Thorpe Park, um motorista de autocarro adormeceu ao volante. O veículo cruzou o separador central numa faixa de rodagem de via dupla junto a Portsmouth e atravessou-se no caminho do trânsito que seguia em sentido oposto. O motorista teve morte imediata, tal como diversos condutores e passageiros de outros carros. O choque em cadeia gerou um incêndio, e muitos mais dos automobilistas feridos teriam perecido se não fosse pelo heroísmo de um par de polícias de trânsito, que tinham sido os primeiros a chegar ao local. Um desses agentes era a

jovem Helen. Ocupava as funções há três semanas na altura em que ocorreu o acidente. Não gostava das funções, e era conhecido o seu desejo de passar para outro serviço, mas regras são regras, e ela teve de cumprir o sistema de rotação. Portanto, fez o que melhor que pôde, vendo pelo caminho muitas coisas horríveis, e foi no acidente que demonstrou melhor as suas capacidades e coragem. Juntamente com a sua colega Louise Tanner, retirou muitas pessoas em choque e feridas dos destroços quando o fogo se espalhou. Logo depois, os bombeiros apareceram e o incêndio foi extinto. Mas tornou-se evidente para todos os presentes que o raciocínio rápido de Helen e da colega Louise salvara dezenas de vidas.

Helen e Louise foram mencionadas no *Frontline*, e os nomes das vítimas foram divulgados no *Southampton Evening News* e no *Portsmouth Echo*, mas sem dados sobre os sobreviventes. Toda a gente estava mais interessada na tragédia dos que morreram. Helen deixou-se afundar na cadeira. Mais um beco sem saída. Seriam Amy e Sam vítimas aleatórias? Talvez o fossem, mas a assassina revelara-se tão diligente a seguir os outros que teria de haver alguma ligação.

Helen decidiu vasculhar os arquivos dos jornais nacionais, dado que muitos dos apanhados no choque em cadeia seguiam para Portsmouth para apanharem o *ferry* a caminho das suas férias. Passou em revista as coberturas noticiosas do *Guardian*, do *Times*, do *Mail*, do *Express*, do *Sun*, do *Mirror*, do *Star*... nada de interesse.

Estava prestes a desistir quando lhe ocorreu uma derradeira ideia. O jornal *Today* era um verdadeiro tabloide e adorara aquele tipo de coisas durante a sua curta vida enquanto jornal nacional, por isso decidiu analisar a respetiva cobertura daquele dia terrível.

E foi então que ela encontrou. Entre as duas páginas dedicadas à carnificina, havia uma fotografia de uma jovem agente de trânsito a encaminhar uma mulher para um lugar seguro. A fotografia terá sido captada por um mirone e vendida ao jornal, pois não ostentava o habitual crédito sob a imagem. Por isso, nenhum outro jornal a publicara, e era por essa razão que Helen até então não a vira.

Era uma boa foto e serviu para que Helen ficasse completamente esclarecida. O seu rosto estava perfeitamente visível, assim como o da jovem que ela ajudava a sair do meio dos destroços. De súbito, tudo passou a fazer sentido.

Helen premiu a campainha e deixou o dedo lá colado. Era tarde, e não iria ser bem recebida, mas tinha de insistir. Diane Anderson, de início hostil, mandou Helen entrar quando percebeu que ela não ia sair dali. Ela e a família já tinham tido a dose suficiente de vizinhos de boca aberta a verem estranhos a ir a sua casa. Não queria dar-lhes mais motivos de alegria.

— Vou chamar o Richard — anunciou Diane, por cima do ombro, conforme se dirigia às escadas. Já não se sentia em condições de aguentar sozinha mais uma ronda de perguntas.

— Antes que o faça, gostaria que desse uma vista de olhos a isto.

Helen estendeu uma cópia impressa da fotografia do *Today* que ela reproduzira mais cedo na esquadra. Diane deteve-se, irritada, e regressou à sala de estar, arrancando a folha das mãos de Helen. Ao olhar para lá, a irritação deu lugar ao espanto.

— Reconhece as pessoas na imagem? — questionou Helen; já não havia tempo para apalpar terreno.

Diane não reagiu. O espanto estava a ceder face à ansiedade. Richard estava lá em cima e poderia aparecer a qualquer instante.

— E então?

— Sou eu — murmurou em resposta.

— Então, já nos conhecemos.

Diane assentiu com a cabeça, mas sem levantar os olhos do chão.

— Sabia? Quando me encontrei consigo depois de a Amy ter... de o Sam ter morrido, já sabia que nos havíamos cruzado antes?

— De início, não. Estava muita coisa a acontecer ao mesmo tempo. Mas mais tarde... pensei... não tive a certeza.

— Merda, porque é que não disse nada? — A raiva de Helen começava a evidenciar-se.

— Mas o que interessa isso? O que tem isso a ver com o que quer que seja?

— Interessa porque a liga às forças policiais... e particularmente a mim. Porque não disse nada?

Diane abanou a cabeça, sem vontade de seguir por aquela via.

— Tenho de saber, Diane. Se me ajudar agora, prometo-lhe que apanhamos a assassina do Sam, mas, se não o fizer...

Diane conteve um soluço e depois lançou um olhar para as escadas. Não havia sinal de Richard — para já.

— Nesse dia eu não estava com o Richard. Vinha de carro de Salisbury com outra pessoa.

Agora Helen percebia.

— O seu amante?

Diane assentiu com a cabeça; agora as lágrimas eram grossas e intensas.

— Fui ter com ele porque... porque estava grávida. Era dele. A Amy era... é dele. Ele queria que eu deixasse o Richard e ficasse com ele... mas... no regresso tivemos o acidente. Ele morreu. De início, eu não consegui sair, fiquei com os pés presos, pensei

que ia morrer carbonizada, mas...

— Eu puxei-a para fora.

Helen incidiu o olhar na fotografia. Se se olhasse com atenção, era visível uma saliência na barriga. Helen salvara a vida de Diane, mas, mais importante ainda, salvara a de Amy. Sentiu-se enjoada ao pensar naquilo — a assassina era ainda mais demoníaca e retorcida do que imaginara.

— Porquê isto tudo? Porque é que quer saber o que se passou nesse dia?

A pergunta que valia o primeiro prémio.

— Neste momento não posso dizer, Diane, mas estamos muito mais perto de compreender o que levou a que a Amy fosse raptada. Assim que tenha mais para lhe dizer, eu informo-a. Mas tenho de lhe pedir que por ora mantenha esta conversa apenas entre nós.

Diane anuiu; não teria problemas com isso.

— Vamos apanhar a assassina do Sam — prosseguiu Helen — e será feita justiça à Amy. Tem a minha palavra. Quanto ao resto, é consigo. Não tenho interesse em estragar o casamento de ninguém.

Diane levou-a à porta. Helen pegou de imediato no telemóvel. Havia várias mensagens de Charlie e, quando Helen falou com ela, foi rapidamente informada sobre a situação de Mickery. A cada lance, o jogo revelava-se progressivamente mais estranho, e Helen teve a triste sensação de que as coisas estavam a ser encaminhadas para um clímax muito bem planeado. Helen cruzara-se com muitas pessoas desagradáveis desde que era polícia, e a sua mente passou-as em revista, desesperadamente à procura da culpada.

— Já vou a caminho, Charlie, mas primeiro preciso que me faças uma coisa.

— Sim, chefe.

— Preciso que vejas por onde anda uma Louise Tanner.

Hannah Mickery nunca fora de roer as unhas. Mas, presentemente, os seus dedos estavam roídos até ao sabugo. Na realidade, era irónico. Grande parte do seu trabalho consistia em transformar puxadores de cabelos e roedores de unhas em seres humanos racionais e estáveis. Mas olhe-se só para ela. Um farrapo humano, com todo o autocontrolo perdido depois daquela terrível provação.

Onde estava Grace? A espera era uma tortura. Quando estabelecera o acordo com a sua raptora, tudo fora extremamente simples. Faria como fora instruída e depois seria livre. Era divertido pensar que nos breves momentos arrebatados depois do acordo tivera um vislumbre de uma vida sem medo nem desespero. Uma vida em que poderia dar bom uso à sua provação e mais especificamente à sua recuperação. Para ajudar os outros. Para se ajudar a si própria. Agora, tudo aquilo parecia um perfeito disparate. Um devaneio frágil e o resultado de uma mente perturbada. Talvez nem sequer se encontrasse com Grace. Talvez ela não aparecesse. A tortura ainda não terminara.

De repente, Grace entrou na divisão. Mickery rejubilou, embora Grace se mostrasse nitidamente chocada com a sua aparência. Estava a tentar mostrar uma expressão solidária, mas Mickery sentiu-se como uma criatura exótica e repugnante a ser admirada com espanto num reptilário.

Helen, por seu lado, ficou espantada com o que viu. Mickery, impávida e serena em conversas anteriores, parecia uma daquelas loucas que se viam todos os dias nas sopas dos pobres. Mulheres sem-abrigo tão maltratadas pela vida que parecem completamente transtornadas.

— Não a quero aqui — atirou de imediato Mickery, dirigindo um olhar acusador a Charlie.

— A detetive Brooks necessita de estar aqui por uma questão de procedi...

— Ela não pode estar presente. Por favor.

Agora havia um tom queixoso no seu pedido, e parecia prestes a chorar. Todo o corpo dela deu ar de tremer. Depois de Helen lhe fazer sinal com a cabeça, Charlie abandonou a sala.

— O que lhe aconteceu, Hannah? Consegue contar-me?

— Já sabe o que me aconteceu.

— Posso adivinhar, mas gostaria de saber por si.

Mickery abanou a cabeça e olhou para o chão.

— Não está detida e não tenho a intenção de acusá-la por coisas que foi obrigada a fazer. Se matou o Sandy... diga-me onde...

— O Sandy não está morto — interrompeu Mickery —, pelo menos não me parece que esteja. E não lhe fiz nada.

— Então, onde é que ele está? Se pudermos ir ajudá-lo...

— Estávamos num contentor de metal, um contentor de carga junto às docas, calculo. Senti o cheiro a mar quando fui puxada para fora.

— Quem é que a puxou para fora?

— Ela. A Katherine.

— Vamos lá esclarecer isto. Ela puxou-a para o exterior e poupou-a, apesar de o



Sandy estar vivo e ileso?

Mickery assentiu com a cabeça.

— A pistola não estava carregada. Ela nunca pretendeu que morrêssemos. Não passou da merda de uma piada.

Helen recostou-se na sua cadeira, a processar aquele novo desenvolvimento.

— Porquê, Hannah? Porque é que a poupou?

— Porque queria que eu lhe entregasse uma mensagem.

— Uma mensagem?

— Eu devia contactar a Brooks, mas falar consigo. Apenas consigo.

— E qual é essa mensagem?

— «Eu louvo-te.»

Helen esperou por mais, mas não surgiu mais nada.

— Só isso?

Mickery anuiu.

— «Eu louvo-te» — repetiu.

Não havia engano, ela estava efetivamente a transmitir aquela mensagem, pensou Helen para si mesma.

— O que quer isso dizer? — A pergunta de Mickery era desesperada. Como se a resposta de Helen pudesse dar significado às suas terríveis experiências.

— Quer dizer que estamos cada vez mais próximos da assassina.

— Quem é ela?

Helen fez uma pausa. O que haveria de lhe dizer?

— Não posso ter a certeza, Hannah. Ainda não.

Hannah resfolegou; a sua expressão revelava pura descrença.

— E o que é que eu devo fazer enquanto anda a brincar aos polícias e ladrões?

— Podemos assegurar-lhe um alojamento seguro e proteção pessoal, se é isso que...

— Não se mace.

— Estou a falar a sério, Hannah, podemos procu...

— Acha que há alguma coisa que possa fazer para a deter? Ela não vai ser derrotada. Vai ganhar. Ainda não percebeu?

Os olhos de Mickery pareceram lançar faíscas. Parecia completamente treloucada.

— Vou chamar-lhe um médico, Hannah. Acho que...

— Espero que consiga dormir à noite.

Mickery agarrou-lhe o braço, cravando-lhe os dedos na pele.

— Seja o que for que tenha feito, espero que consiga dormir à noite.

Helen saiu da sala de interrogatórios para ir procurar o médico da esquadra, ainda com as palavras de Mickery a ecoarem-lhe nos ouvidos. A acusação dela revelara-se profética e perturbadora. Helen estava tão ensimesmada na sua linha de raciocínio que de início não reparou que alguém a chamava.

Whittaker. Ela já deveria esperar aquilo. Intimamente, amaldiçoou-se por não ter um plano de combate pronto para aquela situação espinhosa.

— Como é que ela está? Conseguiu sacar alguma coisa dela?

O tom de voz dele era do tipo profissional, mas Helen percebeu que estava tenso. Era um bom político, um bom ator, mas revelava agitação. Não fazia ideia do estado de Mickery e do que ela estaria a dizer. Ela, com uma ou duas frases, poderia destruir a carreira dele.

— Ela não está lá muito bem, chefe. Mas está a aguentar-se e a cooperar.

— Ótimo, ótimo.

*Não foi lá muito convincente*, pensou Helen.

— E o advogado? — prosseguiu Whittaker. — Ele...?

— De momento, não temos a certeza. Mas, aparentemente, ela poderá ter libertado os dois.

Aquilo deixou-o claramente nervoso.

— Bem, mantenha-me ao corrente. Não vamos conseguir manter isto muito mais tempo em segredo, por isso...

Dito aquilo, foi-se embora. E agora? Helen sabia que não tinha muito por onde escolher. Foi difícil encontrar um espaço reservado na esquadra, onde pudesse falar livremente. Mas atrás dos caixotes do lixo da cantina havia um lugar assim. Dirigiu-se até lá e ligou para a Anticorrupção.

— O que vos vou revelar não sai desta sala, OK?

Helen estava já de regresso à sala de operações. Charlie, Bridges, Grounds, Sanderson e McAndrew: todos tinham sido convocados para uma reunião da equipa e estavam a ouvir, tensos e expectantes. Assentiram em simultâneo com a cabeça em resposta à pergunta de Helen e esperaram pelo resto.

— Até agora, a nossa assassina visou cinco pares. Todos eles, de alguma forma, estão ligados a mim.

Foi visível a reação da equipa, mas, dada a tensão de Helen, ninguém estava preparado para a interromper, por isso ela prosseguiu.

— Marie e Anna Storey: ajudei a salvá-las de um gangue. Ben Holland, nascido James Hawker, estava prestes a ser morto pelo seu pai tresloucado quando eu intervim. Martina, a nossa prostituta, era, na realidade, Matty Armstrong, um prostituto que foi torturado e abusado por um grupo de homens, até eu e o meu colega o salvarmos.

A equipa voltou a murmurar.

— Diane Anderson, na altura grávida, esteve num choque em cadeia junto a Portsmouth. A Louise Tanner e eu trabalhávamos na altura no trânsito e ajudámos a salvá-la e à sua bebé por nascer, Amy. A Diane nunca nos contou a verdade porque na altura não viajava com o marido... mas agora admitiu tudo.

— A Mickery? — Finalmente alguém se atreveu a perguntar algo. A coragem veio de McAndrew.

— A Mickery e o Sandy foram um bónus. Uma piadinha às nossas custas e às deles. A assassina obviamente achou que não estávamos a avançar suficientemente depressa e, portanto, decidiu enviar-nos uma mensagem. A Mickery foi libertada na condição de me procurar para me dizer a seguinte frase: «Eu louvo-te.»

A frase ficou a pairar no ar. Ninguém se arriscou a reagir.

— Recebi louvores oficiais da polícia por todos estes casos que mencionei, com a exceção de um. A nossa assassina escolheu deliberadamente pessoas que eu ajudei e esforçou-se por destruí-las. A ela, não lhe interessa se foram mortas ou se mataram. De uma maneira ou de outra, estão destroçadas. Ela aprecia esse fator desconhecido, acrescenta o elemento-surpresa ao espetáculo dela.

A pergunta óbvia era «quem é a assassina?», por isso Helen ficou impressionada com a reação de Charlie.

— Recebeu mais algum louvor?

A equipa voltou a murmurar, e depois Helen respondeu:

— Sim, um. Devido a uma jovem australiana chamada Stephanie Bines. Trabalhava como empregada de bar em Southampton. Assistiu a um tiroteio junto às docas, quis testemunhar e depois tentaram matá-la. Nesse dia protegemo-la, e as detenções efetuadas permitiram enviar um gangue inteiro para a prisão. Já enviei um agente à última morada conhecida dela, mas quero dois de vocês já em cima disso. Tu não, Charlie.

Charlie voltou a sentar-se quando Helen selecionou dois outros elementos da equipa.

A seguir, Helen chamou-a à parte.

— Quero que me faças uma coisa e quero que sejas o mais discreta e cuidadosa possível. Entendido?

Charlie assentiu com a cabeça.

— A Louise Tanner estava a trabalhar comigo no dia em que resgatámos a Diane Anderson daquele choque em cadeia horrível.

Helen hesitou por uns momentos — seria aquele o passo acertado a dar? —, após o que prosseguiu.

— Ela não... ela, mais tarde, não lidou muito bem com a situação. Nunca mais regressou em pleno ao serviço e uns tempos mais tarde desapareceu por completo do radar. Quero que descubras tudo o que possas sobre onde tem andado e o que tem feito e que depois me contes a mim, e só a mim. Estamos entendidas?

— Claro que sim, chefe. Vou já tratar disso.

— Mas, antes de ires, tenho de conversar contigo sobre outra coisa. Vai dar-se aqui em breve uma grande confusão, e preciso que me ajudes a geri-la.

— Como assim?

— O Mark está inocente. Ele não nos traiu.

Charlie fitou-a com os olhos arregalados. Destruíu-lhe a vida e estava enganada?

— Sei quem nos traiu, e vai explodir como uma bomba aqui dentro. Preciso de ti ao meu lado para manter toda a gente calma e concentrada. Corrupção é importante, mas temos uma assassina à solta. O que quer que suceda aqui, quero que sigamos em frente até o trabalho estar feito. Posso contar contigo?

— A cem por cento.

E Helen percebeu que podia. Aquela investigação revelara-se um pesadelo, e o pior ainda estava para vir. Mas Charlie já provara o seu valor durante a caçada, e Helen sentia-se satisfeita por ela estar ali, ou por perto, quando tudo chegasse ao fim.

Por isso se sentiu tão mal por estar deliberadamente a enganá-la.

O cabo do chicote acelerou no ar, mordendo a firme carne feminina assim que descobriu o alvo. Ela contorceu-se e arqueou as costas quando lhe foi infligida a dor, permitindo que esta lhe percorresse o corpo. Seguiu-se a inevitável picada aguda, e depois o corpo dela começou a descontrair-se. Já sofrera 15 golpes e começava a cansar-se, mas ainda assim disse:

— Outra vez.

Jake obedeceu, mas percebeu que deveria interromper agora a sessão. Fora um encontro agradável — quase como nos bons velhos tempos —, e se fossem espertos parariam enquanto ainda estava tudo bem.

— Mais uma.

Jake ergueu o chicote com alívio, lançando-o com um pouco mais de velocidade e força do que o habitual. Ela gemeu, um gemido saciado e feliz. Jake deu por si a pensar se estaria em curso alguma mudança. Estaria ela a começar a retirar prazer sexual do castigo? Muitas das mulheres que açoitava acabavam por se autossatisfazer desavergonhadamente à frente dele depois de quase serem levadas ao orgasmo pelos cruéis mas deliciosos golpes que ministrava. Permitir-se-ia ela chegar àquele ponto? Conseguiria ele levá-la até lá?

Jake deu por si a passar cada vez mais tempo a pensar nela. Sempre fora curioso, mas, desde que se desentenderam e reconciliaram, descobrira que era complicado deixar de tentar sondar o que ia na mente dela. Porque é que se odiava tanto? Na cabeça dele, ensaiara uma dúzia de maneiras diferentes de abordar o assunto, mas no final a pergunta acabou por vir ao de cima — surpreendendo ambos.

— Antes de ires, há algo de que queiras falar?

Ela parou e observou-o com curiosidade.

— Quer dizer... Sabes que tudo o que se passa aqui é privado e discreto, por isso, se quiseres conversar, não tens de te preocupar. O que for dito não sai daqui.

— De que é que haveria de falar? — A resposta dela revelou curiosidade, mas sem se comprometer.

— De ti, calculo.

— E porque haveria de fazer isso?

— Talvez por queres. Por te sentires confortável aqui. Talvez este seja o lugar ideal para me dizeres como te sentes.

— Como me sinto?

— Sim. Como é que te sentes quando aqui vens? E como te sentes quando te vais embora?

Ela fitou-o com estranheza; depois, enquanto pegava nas suas coisas, disse:

— Desculpa, não tenho tempo para isto.

E começou a dirigir-se para a porta. Jake avançou e, com gentileza mas de modo firme, colocou-se à frente dela.

— Por favor, não me interpretes mal. Não quero meter o nariz onde não sou chamado e sem dúvida que não quero magoar-te. Só desejo saber como posso ajudar-te.

— Ajudar-me?

— Sim, ajudar-te. És boa pessoa, e forte, com tanto para dar, mas odeias-te e isso não faz qualquer sentido. Por isso, deixa-me ajudar-te. Não tens motivos para te fustigares desta maneira. Se desabafasses comigo...

Ele aos poucos acabou por calar-se, face à ferocidade do olhar que ela lhe lançou. Era uma mistura tóxica de ira, mau humor e desilusão.

— Vai-te foder, Jake.

Dito aquilo, ela afastou-o do caminho e foi-se embora. Jake deixou-se cair na cadeira; interpretara tudo mal e agora iria pagar por isso. Percebeu com toda a certeza que nunca mais voltaria a ver Helen Grace.

*Toda a gente tem um ponto de rutura. Uma linha que não deve ser cruzada. Eu não era diferente. Se o estúpido filho da mãe tivesse sido sensato, nada daquilo teria acontecido. Mas ele era idiota e ganancioso, por isso decidi matá-lo.*

*Nessa altura eu estava de rastos. Desistira da vida; sabia que o meu fado era ser magoada e abandonada. Aceitei isso. Afinal de contas, era o que acontecia com as raparigas que eu conhecia. Nenhuma delas deu o salto para o outro lado. Veja-se a minha mãe: um traste de pessoa. Era um tapete, um saco de pancada, mas, pior do que isso, era uma cúmplice. Ela estava a par do que ele me fazia. O que o Jimmy e os outros me faziam. Mas não mexeu uma palha. Assobiou para o lado e seguiu em frente. Se ele a pusesse fora de casa, ela provavelmente morreria na rua, ninguém a queria. Por isso, ela optou pela via mais fácil. Acabei por odiá-la ainda mais do que a ele.*

*Pelo menos, foi o que achei até àquele dia. Quando o vi a encaminhar-se para o nosso quarto e a hesitar. Por norma, limitava-se a atacar e a satisfazer-se; gostava que as coisas fossem curtas e violentas. Mas nesse dia parou e, pela primeira vez, o olhar dele desviou-se para o beliche de cima.*

*Percebi o significado daquele olhar, os pensamentos demoníacos que rodopiavam naquela cabeça. Estranhamente, ele recuou e foi-se embora. Talvez ainda não se sentisse totalmente pronto. Mas eu percebi que seria apenas uma questão de tempo. E nesse momento decidi-me.*

*Decidi ali, naquele momento, que ia matar o filho da puta.*

*E, mais do que isso, iria adorar fazê-lo.*

— Não é difícil de fazer. Quer que lhe mostre como é?

Pela primeira vez em dias, Simon Ashworth ganhara alguma cor nas faces. Escondido no apartamento de Helen, tornara-se um ser nervoso e inquieto, comendo pouco e fumando muito. Mas, agora que Helen tinha algum trabalho para ele — e verdadeiro trabalho de detetive —, arrebitara. Adorava qualquer oportunidade para exibir as suas capacidades técnicas, e Helen entregara-lhe de bandeja essa possibilidade.

Ele surpreendera-se com a chegada repentina dela. Helen entrou intempestivamente e começou a disparar questões, sem lhe perguntar sequer como se sentia nem o pondo a par da situação de Whittaker. Pareceu agitada, alheada, e conforme o foi atualizando com os pormenores da investigação, ele percebeu porquê. Simon interiorizou tudo, mas, ainda assim, era espantoso. No entanto, era notório que houvera progressos. A inspetora-detetive Grace descobrira a lógica da seleção das vítimas, agora queria saber como a assassina o fazia. Como é que a assassina conhecia tão bem os passos das vítimas a ponto de estar no local certo e à hora certa para lhes oferecer boleia e raptá-los?

Nalguns casos, como a reunião semanal de Ben Holland, qualquer vulgar perseguidor chegaria lá. E Marie e Anna nunca saíam de casa. Mas e Amy? Ou Martina? Os seus passos eram impulsivos e imprevisíveis. Como é que se lhes acedia à mente?

— Partindo do princípio de que eles não anunciam aonde vão nas redes sociais, a melhor forma de monitorizar os planos deles é pirateando as suas comunicações — começou por explicar Simon. Por uma vez Helen manteve-se em silêncio, e Simon apreciou a breve troca de papéis.

— É complexo aceder às comunicações telefónicas deles e exige que se deite a mão aos respetivos telefones para inserir um *chip*. Possível, mas arriscado. É bem mais fácil violar as contas de e-mail.

— Como?

— O primeiro passo é ir ao *Facebook* deles, ou algo semelhante onde constem as informações pessoais. Por norma, é possível obter lá o endereço de e-mail — (*Gmail*, *Hotmail*, seja o que for —), assim como montes de informações sobre as respetivas famílias, data de nascimento, destinos preferidos de férias, etc. Depois, contacta-se o fornecedor do serviço de e-mail e comunica-se que não se consegue aceder à conta, por esquecimento da palavra-passe. Eles vão fazer uma série de perguntas de segurança padrão (o nome de solteira da mãe, nome de uma mascote, datas importantes, local favorito), à maioria das quais se consegue responder caso se tenha feito adequadamente o trabalho de casa. Eles revelam então a palavra-passe antiga e perguntam se deseja mantê-la ou alterá-la. Diz-se que é para manter tal como está, de modo que o titular da conta não se aperceba, e entretanto é possível aceder aos e-mails a partir de qualquer aparelho. Simples.

— E seria capaz de dizer se a conta de alguém foi acedida a partir de mais de um dispositivo?

— Claro. Os fornecedores dos serviços deles seriam capazes de lhe dizer, se os conseguissem convencer. São um bocado esquisitos em relação a isso, mas, se lhes disser que está relacionado com uma investigação de homicídio, provavelmente alinharão.

Helen agradeceu a Simon e regressou à esquadra. Ele revelara-se crucial para aquele caso de formas que Helen nunca poderia ter previsto. Amy enviara um e-mail à mãe a indicar com pormenor quando iria pedir boleia para casa. Teria a assassina acedido a esses e-mails e ficado à espera? Martina também enviara um e-mail à irmã — a única pessoa da sua antiga vida com quem ainda mantinha contacto — a perguntar se poderia visitá-la, para se afastar de Southampton. Fora assim que a assassina localizara Matty? E terá sido por isso que «Cyn» os raptara na altura em que o fez, temendo perder a oportunidade se Matty/Martina partisse para a casa da irmã em Londres?

Mais perguntas do que respostas, mas Helen sentiu finalmente que estava a aproximar-se da verdade.



— Afasta-te de mim.

Mickery sibilou as palavras, mas Whittaker ignorou-a, dirigindo-se a ela.

— Se me tocares com um dedo que seja, deito isto tudo abaixo com um berro.

Ela fora colocada na enfermaria da esquadra para passar a noite. Ali poderia repousar e ser protegida 24 horas por dia. O imberbe polícia de serviço no último turno não estranhara o facto de lhe ser concedida uma pausa por parte do chefe da esquadra. Era apenas mais um sinal de que se tratava de um tipo porreiro. Whittaker sabia que dispunha, no máximo, de cinco minutos e tinha a intenção de aproveitá-los bem.

— Preciso de saber o que pretendes fazer.

— Estou a falar a sério. Não te aproximes mais.

— Por amor de Deus, Hannah, não vou fazer-te mal. Sou eu, o Michael.

Ele estendeu a mão, para consolá-la, mas ela afastou-o com rudeza.

— A culpa é tua. Tudo isto é...

— Não sejas ridícula. Tu é que vieste ter comigo.

— Porque é que não me encontraste?

Ele ficou chocado com o tom de vulnerabilidade da voz dela.

— Eu estive no inferno, Mike. Porque não me encontraste?

De repente, dissipou-se toda a raiva dele, e encheu-se de pena. Sentiu um aperto na garganta, uma profunda tristeza a apoderar-se de si. Conhecera Hannah no rescaldo do tiroteio mal sucedido que pusera termo à sua carreira na linha da frente. Aconselhara-o, tratara-o, e acabaram por se apaixonar. Ele não revelara a ninguém a existência dela, pois não queria que se soubesse que tinha uma psiquiatra, mas os sentimentos por ela eram genuínos.

— Nós tentámos, Hannah, por Deus, se tentámos. Pusemos no terreno todos os meios ao dispor. Todos os agentes que consegui mobilizar sem...

Hannah olhou furiosamente para cima.

— Sem te denunciarees?

Aquilo foi dito com uma amargura bem patente.

— Eu tentei, acredita. A sério que tentei ao máximo. Mas não havia sinais de ti. Ou do Sandy. Vocês desapareceram da face da Terra. Não sei se a assassina é humana... ou o raio de um fantasma. Mas não conseguimos encontrar-lhe o rasto. Lamento mesmo muito. Se isso fosse possível, acredita que teria trocado de lugar contigo...

— Não digas isso. Não te atrevas a dizer isso.

— O que queres que eu diga?

A pergunta ficou a pairar ente eles. Whittaker sabia que já lhe restava pouco tempo: tudo lhe indicava que deveria sair.

— Quero que me digas que nunca aconteceu. Queria nunca ter-te conhecido. Queria nunca me ter apaixonado por ti. Queria que tivesses mantido a tua assassina para ti. Quero que tudo desapareça. Gostaria de já não estar aqui. Gostaria de já não existir.

Whittaker ficou pasmado a olhar, sem saber o que dizer no meio de todo aquele desespero.

— Mas escusas de te preocupar. Não lhes vou falar de ti. Vou manter-me calada. Vou

agir como me disseram e talvez sobreviva.

Ela regressou à cama e virou-se para a parede.

Foi inadequado, tremendamente inadequado, mas o tempo urgia, e Whittaker esgueirou-se dali. Pouco depois, o jovem agente reapareceu, a feder a cigarros baratos, e Whittaker deu-lhe uma palmada nas costas e foi-se embora. Já de novo no seu gabinete, Whittaker expirou profundamente. O plano original passava por reformarem-se juntos com uns milhões no banco. Isso agora fora por água abaixo, mas pelo menos ele permanecia com a folha limpa. Tudo corraera extremamente mal, mas iria safar-se. Permanecera acordado toda a noite e estava exausto, mas, assim que o sol começou a erguer-se, Whittaker sentiu uma torrente de energia e otimismo.

E foi nessa altura que bateram com vigor à porta. Antes de ter a oportunidade de responder, Helen entrou, flanqueada por dois agentes da Anticorrupção.

Stephanie Bines não se encontrava em lado nenhum. Os trabalhadores itinerantes eram particularmente difíceis de localizar, especialmente os que trabalhavam em bares. Trata-se de uma profissão ocasional, na qual a promessa de mais uns trocos leva as pessoas a saltarem constantemente de poleiro. Stephanie Bines trabalhara na maioria dos bares de Southampton — era atraente e divertida, mas também fútil e temperamental —, e já há uns tempos que ninguém a via.

Depois do caso em tribunal, ponderara regressar a casa, mas havia um motivo para ter fugido da Austrália, e não a empolgou a ideia de lá voltar com o rabo entre as pernas, ainda falida e sem companheiro. Por isso, deu o salto de Southampton para Portsmouth para fazer o que fazia antes: trabalhar, beber, foder e dormir. Era uma tábua flutuante que andou à deriva até surgir na Costa Sul.

Ninguém atendeu na sua última morada conhecida. Sanderson fora até lá, mas era um local onde se entrava e saía e se pagava à semana, e já há muito que ninguém punha os olhos em Stephanie. O dono, desconfiado face à polícia e sem saber ao certo quem ou o quê poderia ser descoberto nos seus quartos baratos, não se mostrou disponível para ajudar, exigindo um mandado antes de abrir quaisquer portas. A equipa solicitou de imediato um mandado, mas isso levaria o seu tempo. Por isso, retomaram a busca nas discotecas e bares do centro da cidade, nos hospitais locais, empresas de táxis, etc. Mas não detetaram quaisquer vestígios dela.

Desaparecera.

Whittaker fitou Helen. Nenhum deles abriu a boca — a Anticorrupção estava a anunciar formalmente as acusações —, mas, ainda assim, Helen sentiu-se como se estivesse a ser inquirida. O olhar furioso de Whittaker penetrou o crânio dela como se tentasse adivinhar-lhe os pensamentos.

— Devo dizer que estou surpreendido consigo, Helen. Pensei que fosse uma pessoa mais sensata.

O detetive-superintendente Lethbridge, da Anticorrupção, deteve-se abruptamente, surpreendido com a súbita interrupção.

— Achei que tínhamos esclarecido isto — prosseguiu Whittaker —, e agora dou por si de novo a bater-me à porta. Não tenho de a recordar de que há uma investigação em curso que deveria merecer toda a sua atenção.

Helen recusou-se a desviar o olhar, recusou-se a deixar-se intimidar. Lethbridge retomou o discurso, mas Whittaker voltou a interrompê-lo.

— Só posso partir do princípio que se deve à sua ambição. Talvez sinta que não está a subir suficientemente depressa. Talvez o facto de a ter promovido de modo a ser a mais jovem inspetora-detetive que alguma vez existiu na esquadra não tenha sido suficiente. Mas deixe-me dizer-lhe uma coisa: apunhalar maliciosamente pelas costas os superiores talvez não seja a melhor forma de subir. Como estará prestes a descobrir.

Nunca desviou os olhos dela. Helen foi a primeira a quebrar o contacto ocular — uma pontada de consciência, de culpa —, embora não percebesse por que razão haveria de sentir-se culpada. Era típico de Whittaker recordar-lhe o quanto lhe devia, enquanto dissimuladamente a ameaçava. Ele era adepto de não passar os limites, embora não se incomodasse em intimidar e neutralizar quem quer que ameaçasse a sua posição. Era verdade que Whittaker a «detetara», a resgatara de detetive promissora e a ajudara a subir a cadeia de promoções até ao cargo de inspetora. E depois ela virara-lhe as costas. Mas o que ele fizera era tão mau — não só a relação com Mickery como o facto de ter revelado informações essenciais e também de ter feito de Mark e Simon Ashworth bodes expiatórios — que ela deveria sentir apenas desprezo.

Helen ficou satisfeita quando terminou o interrogatório ao fim de apenas 20 minutos. Teriam de reunir-se com o representante sindical e com o advogado de Whittaker, e daí em diante Helen seria excluída do processo. Whittaker, como seria de esperar, pouco disse e negou todas as acusações. Acabaria por ceder?

Havia demasiado fumo para não haver fogo. Charlie parecera inocente. E, para ser justa, Mark apresentara também uma história convincente. E Simon Ashworth fora extremamente consistente no seu relato. Tudo apontava para que Whittaker fosse culpado. Mas Helen tinha a noção de que raramente se lavava em público a roupa suja dos superiores. E, naquele caso, isso seria ainda menos provável, dado que a investigação que ele comprometera era bastante sensacional. Aqueles casos de corrupção tendiam a arrastar-se por detrás de portas ao longo de meses, se não anos. E seria de apostar que no final ele iria aposentar-se sem quaisquer reprimendas ou castigos efetivos. Helen odiava toda aquela *realpolitik*.

O processo iria levar o seu tempo, mas havia duas coisas que saltavam de imediato à

vista. Primeiro, que Helen iria desempenhar o papel de Whittaker em termos de capacidade de ação. Segundo, que ela queria Mark de regresso à equipa.

Helen inspirou fundo e tocou à campanha dele. Não ia ser fácil, mas não havia tempo para hesitações. Charlie ainda andava a perseguir Louise Tanner, não havia sinais de Stephanie Bines, e eles não estavam mais próximos de pôr fim àquele pesadelo. Precisava de ter os melhores perto de si.

— Anda lá, anda lá — murmurou Helen, à escuta de sinais de vida. Passou um minuto. E depois outro. Estava prestes a desistir e ir-se embora, quando escutou alguém a mexer desajeitadamente na fechadura. Voltou-se para trás no preciso instante em que a porta se abriu e Mark apareceu. Ou, pelo menos, o que restava dele.

Era uma visão penosa. Por barbear, de olhos raiados de sangue e mal se aguentando de pé. Alguém a beber durante o dia com nada — ou ninguém — que o detivesse. Vestia um fato de treino, mas não era propriamente para fazer exercício. Estava de rastos. Helen sentiu uma estocada do arrependimento. Oferecera-se para salvar Mark e depois empurrara-o de novo para a bebida. Ele olhou-a com uma mistura de surpresa e desdém, por isso Helen foi direta ao assunto:

— Mark, já passámos por muito juntos para estar aqui com rodeios ou para tentar embelezar as coisas, por isso vamos ao que interessa. Sei que és inocente de tudo aquilo de que te acusei. Sei que fiz merda da grossa. E quero-te de imediato de regresso à equipa. Se não tens forças ou não consegues estar na mesma sala onde eu estou, eu compreendo, mas quero encontrar uma forma de te ter de volta. És um polícia demasiado talentoso para ser despachado. Enganei-me. Mas agora já apanhei o verdadeiro culpado e quero corrigir as coisas.

Um longo silêncio. Mark pareceu espantado. E depois:

— Quem é?

— O Whittaker.

Mark assobiou e depois riu-se. Ficou incrédulo.

— Ainda não sabemos se tinha um relacionamento financeiro com a Mickery, ou se era uma ligação sentimental, mas estou plenamente convencida de que foi ele. Mentiu em relação ao álibi, pressionou outros agentes a mentir... uma grande confusão.

— E quem é que vai assumir o comando?

— Sou eu.

— Bem, parabéns.

Até agora mostrara-se polido, mas começavam a notar-se os primeiros sinais de sarcasmo.

— Sei que te transtornei, Mark. Sei que traí a nossa... amizade. Não quis magoar-te, mas fiz-lo pelas melhores razões. Só que percebi mal. Muito, muito mal.

Ela inspirou e depois prosseguiu.

— Mas houve desenvolvimentos, e preciso que voltes. Sei agora que a assassina é motivada por um ódio pessoal em relação a mim. Estamos cada vez mais próximos, Mark, mas necessito da tua ajuda para lá chegar.

Ela explicou rapidamente a situação: as vítimas, os louvores. Mark assimilou tudo, de início de forma passiva, mas aos poucos foi começando a fazer perguntas, cada vez mais envolvido no relato. Os velhos instintos estavam a despertar, pensou Helen.

— Já disseste ao resto da equipa? Que estou inocente? — disparou Mark, arrancando a Helen a iniciativa.

— A Charlie já sabe, e mais logo conto aos outros.

— É o mínimo que tem de acontecer antes sequer de eu poder pensar no que me disseste hoje.

— Claro.

— Quero que peças desculpa. Sei que não és muito boa ni...

— Desculpa, Mark. Lamento muito. Nunca deveria ter desconfiado de ti. Deveria ter prestado atenção aos meus instintos. Mas não o fiz.

Mark fitou-a atentamente, surpreendido com a dimensão do pedido de desculpa.

— Sei que te levei a isto, mas quero corrigir as coisas. Recompõe-te e ajuda-nos a apanhá-la. Por favor.

Ele não iria comprometer-se de imediato. Helen sabia disso, embora em parte tivesse a esperança de que o fizesse. É sempre desejável o perdão instantâneo, ainda que não muito provável. Assim sendo, deixou-o a matutar e regressou ao trabalho. Seria já demasiado tarde para corrigir os danos? O tempo diria.

Charlie Brooks não apreciava álcool. Nunca apreciara. E *pubs* que abriam às 9 da manhã não eram o seu *habitat* natural. Mas hoje andava a passá-los a pente fino, penetrando num mundo diferente e mais sombrio. Há alguns *pubs* aonde se vai para se fazer a corte a alguém. Há outros aonde se vai para se saltar para cima das mesas para cantar. E há outros onde se bebe até cair para o lado. Ainda era bem cedo, mas o Anchor já estava bastante cheio: de aposentados, de alcoólicos e daqueles que gostariam de se afastar de si próprios.

Apesar da proibição de fumar, era notório o forte cheiro a cigarros. Charlie pensou a que mais fariam vista grossa naquele estabelecimento insalubre. Durante anos, a Câmara tentara encerrar aqueles *pubs* junto ao porto, mas o poder da indústria cervejeira era imenso, e casas que vendiam copos de cerveja forte a 1,99 libras seriam sempre populares.

A busca revelara-se cansativa. Junto às docas de Southampton, havia inúmeros antros duvidosos onde beber, e Charlie teria de visitá-los a todos. Assim que entrava, todos os olhares incidiam nela e toda a gente se punha à escuta. Apesar de se vestir de modo discreto, continuava a ser demasiado atraente e jovial, pelo que em lugares como aqueles a clientela ficava de imediato intrigada ou, nalguns casos, em alerta. Ninguém a recebeu calorosamente, e estava a ficar desanimada quando finalmente teve um pouco de sorte.

Louise Tanner, ou Louie, como ela era conhecida na zona, era uma presença regular no Anchor. A qualquer momento, teria de aparecer. Bastava sentar-se e esperar por ela.

Seria aquilo um progresso? Era melhor do que nada, por isso Charlie pediu uma bebida e sentou-se a um canto nas traseiras. Dalí tinha uma boa perspetiva da entrada sem se revelar, e seria um bom ponto de observação.

Tentou imaginar qual seria o aspeto de Louise. Só dispunham da fotografia oficial da associação de polícias, que já tinha anos. Na altura, era uma agente musculada, com cabelo louro preso atrás num rabo de cavalo e uma pequena abertura entre os dentes da frente. Pouco atraente, dir-se-ia, mas ainda assim uma personagem imponente e impressionante. A sua força física revelara-se útil quando ela e Helen puxaram aquelas pessoas para um lugar seguro, mas os tempos seguintes vieram a revelar uma notória falta de força mental. Nunca se sabe como alguém reagirá face a uma experiência traumática, mas, ao passo que Helen Grace conseguira reprimir aquilo, ou enterrá-lo bem fundo, ou lidar de algum modo com a situação, Louise Tanner não chegara lá. Teriam sido as queimaduras nalgumas das jovens vítimas? Teria sido o condutor esmagado entre o autocarro e o pilar? Teria sido o calor, o cheiro, o medo e a escuridão? Fosse o que fosse, Louise esforçou-se por afastar os danos colaterais. Recebeu aconselhamento, reduziu as horas de trabalho e teve todo o apoio que seria de esperar, mas um ano mais tarde acabou por desistir.

Colegas e amigos tentaram manter o contacto, mas Louise foi ficando cada vez mais agressiva e amarga. Houve quem dissesse que bebia demasiado, especularam até que poderia estar envolvida em crimes menores. E, um a um, foram quebrando os laços com ela, até que no final não restou ninguém, nem sequer a família, para tratar dela. A sua vida não poderia ser mais oposta, pela negativa, à de Helen, que chegara rapidamente ao

topo da carreira profissional e gozava do dinheiro e do estatuto inerentes ao posto de inspetora-detetive. Tanner, de certa maneira, culpava Helen pelos seus problemas, daí a correspondência carregada de ódio que ocasionalmente enviara para a esquadra de Southampton. Helen não deu importância, mas isso veio agora a revelar-se útil, com o carimbo de Southampton a revelar que Tanner ainda lá vivia. Fora avistada por vezes em Southampton, e o instinto de Helen disse-lhe que Louise não se afastaria muito daquilo que lhe era familiar. Daí que Charlie estivesse agora a segurar um sumo de laranja morno nas traseiras de um dos *pubs* mais nojentos em que já entrara.

O tempo foi passando devagar. Charlie começou a pensar se aquilo não passaria de uma partida bem orquestrada. Será que, de alguma forma, o dono teria avisado Louise? Talvez estivessem ambos a rir-se entredentes da imbecil detetive, fazendo-a perder tempo numa vigilância sem sentido.

Mas houve um movimento na entrada. Uma mulher de anoraque e calças de treino entrou a balançar no local. Nitidamente, era uma cliente habitual. Um vislumbre do rosto e uma madeixa de cabelo louro escorrido. Seria Louise?

Dirigiu-se descontraidamente até ao bar e trocou umas graçolas com o dono. Um par de palavras em resposta, e ela virou-se de imediato para olhar para Charlie. O dono nitidamente dissera algo, e não restaram dúvidas a Charlie, quando olhou com atenção por entre a escuridão do bar, que se tratava de Louise. O olhar dela encontrou o de Charlie, uma fração de segundo para avaliar a situação, e então Louise Tanner virou costas e fugiu.

Charlie saiu rapidamente atrás dela. Louise seguia 30 metros à frente e corria desalmadamente. Pelas estreitas ruas calcetadas e entrelaçadas daquela antiga zona medieval, e depois cruzando a rua principal em direção aos armazéns de mercadorias das Docas Ocidentais. Charlie acelerou ainda mais e sentiu desde logo os pulmões a queimar. Louise estava claramente em dificuldades — ao correr, tinha uma passada estranhamente arrastada, que indiciava uma lesão já antiga —, mas, ainda assim, revelou-se surpreendentemente veloz, estimulada pelo desespero.

Charlie estava apenas dez metros atrás dela quando Louise subitamente virou para o armazém 24, um depósito de mercadoria polaca onde os contentores tinham sido empilhados até às alturas. Charlie mudou de rota e entrou a toda a velocidade. Mas não viu Louise em lado nenhum.

Charlie praguejou. Deveria estar muito próximo dela, mas, com tantas passagens minúsculas entre os contentores e tantos recantos em que se esconder, por onde é que haveria de começar? Mergulhou para a esquerda e parou logo a seguir. Pôs-se à escuta. Sim, ali estava de novo. Uma tossidela abafada. Louise era uma fumadora inveterada, e a corrida certamente não lhe teria feito muito bem à tosse. Contornando cuidadosamente a parte de trás do contentor mais próximo, avançou suavemente, guiada pela tosse dissimulada mas persistente. E ali estava ela, de costas para Charlie, encurralada se esta conseguisse aproximar-se.

Charlie estava a dez metros dela quando Louise deu a volta, com um olhar arregalado e desesperado. Foi então que Charlie se apercebeu da faca, uma coisa pequena mas de mau aspeto com que Louise a atacou. Charlie recuou instintivamente, apercebendo-se pela primeira vez da situação perigosa em que se colocara — a si e ao seu bebé por nascer.

Louise avançou então na sua direção. Charlie despachou-se a retirar, recuando furiosamente enquanto tentava incitar à calma.

— Só quero conversar consigo, Louise.

Mas a sua presa não abriu a boca, puxando o capuz para cima da cabeça como se pretendesse ocultar a sua identidade face à perseguidora. Cada vez mais perto, os olhos



de Charlie estavam fixos na lâmina em aproximação.

*Bum!* Charlie embateu na parede de metal de um contentor. Deu a volta e percebeu demasiado tarde que se enfiara num beco sem saída. Só lhe restou tempo para se virar para a frente e erguer os braços em sinal de rendição, na altura em que Louise a agarrou pela gola e a empurrou para trás. Com a faca apontada à garganta de Charlie, Louise começou a vasculhar os pertences dela. O olhar de raiva transformou-se em aversão quando deparou com o distintivo e o rádio da polícia. Atirou-os ao chão e cuspiu-lhes em cima.

— Quem é que a mandou cá? — ladrou Louise.

— Estamos envolvidos numa investigação...

— Quem é que a mandou cá?

— Helen Grace... A inspetora-detetive Grace.

Uma pausa, e depois Louise mostrou um sorriso desdentado.

— Bem, é capaz de lhe enviar uma mensagem minha?

— Claro.

Dito aquilo, Louise golpeou Charlie no peito, falhando por pouco a garganta. Escorreu sangue da extensa ferida logo acima dos seios. Charlie ficou petrificada com o choque, antes de ser despertada pelo horrível riso abafado de Louise.

— Não lhe chega?

De repente, uma explosão de estática emergiu do rádio de Charlie, que tinha sido lançado ao chão. Louise olhou de relance, temendo ser interrompida, e Charlie ergueu de repente o braço esquerdo, levando-a a largar a faca. Charlie lançou-se para a frente, mas, ao fazê-lo, o punho esquerdo de Louise apanhou-a na garganta. Por momentos, pareceu-lhe que lhe esmagara a laringe. Sentiu-se a sufocar, não conseguiu respirar e teve de apoiar-se na parede. Quando olhou para cima, Louise já saía porta fora, correndo rumo à liberdade. Charlie lançou-se no seu encalço, mas parou de imediato e vomitou. Não conseguiu dar mais nenhum passo.

Charlie pediu ajuda via rádio e depois caminhou lentamente até à entrada. Ainda estava a assimilar o que se passara e precisava de ar puro. Inspirou profundamente, enchendo os pulmões com a brisa marítima, e por momentos sentiu-se melhor. A seguir, ergueu os olhos e ficou surpreendida ao ver agentes a correrem na sua direção. Atrás deles, vislumbrou que a polícia já delimitara uma cena de crime nas proximidades do armazém 1. Já não era utilizado há anos, ou pelo menos assim acharam. Algo se passara ali, e os agentes, assim que se aproximaram de Charlie, puseram-na ao corrente. Miúdos da escola que faltaram às aulas tinham encontrado mais cedo nessa manhã um homem de meia-idade — não estava morto, mas pouco faltava — estendido em estado de coma num contentor de carga com um cheiro pestilento.

Tinham encontrado Sandy Morten.

O serviço local de liberdade condicional estava sediado em Southam Street, no que em tempos fora o edifício de uma escola. Sarah Miles, antiga colega da academia de polícia de Netley, trabalhava lá, e foi a ela que Helen recorreu de imediato. Detestava ter de enganar uma boa amiga, mas não tinha alternativa. Não poderia revelar abertamente as suas suspeitas até ter a certeza absoluta. Mais tarde, haveria muito tempo para explicações. Se houvesse um «mais tarde».

Pediu para ver o que tinham sobre Lee Jarrot, um pequeno criminoso reincidente que, segundo Helen, poderia ter violado as condições da sua liberdade condicional. Era um truque mesquinho para aplicar a Sarah, e provavelmente também a Lee, pois tanto quanto Helen sabia ele não fizera absolutamente nada de errado, mas teve de ser. Enquanto Sarah passava em revista os registos na cave, Helen seguiu-a. Não era permitido o acesso a agentes exteriores ao departamento, mas Helen acompanhava frequentemente Sarah, enquanto conversavam sobre futilidades. Iam a meio dos «J», percorrendo as inúmeras filas de arquivos, quando Helen percebeu que deixara o telemóvel no carro.

— Disse que estaria contactável 24 horas por dia. Importas-te de levar o dossiê para cima?

Sarah revirou os olhos e seguiu em frente. Era uma mulher cheia de energia que não gostava de perder tempo.

O que significava que Helen teria de agir com rapidez. Encaminhando-se para a receção, guinou abruptamente à esquerda. Olhou rapidamente para todos os lados — onde raio estavam os «C»? Ouviu o ritmo do bater dos tacões de Sarah a abrandar lá em baixo. Deveria estar a aproximar-se do ficheiro de Jarrot.

«C.» *Cá estamos.* Helen passou os dossiês em revista, cada vez mais depressa. Casper, Cottrill, Crawley... Sarah já estava a regressar. Só restavam uns segundos a Helen quando... ali estava. Noutras circunstâncias, teria hesitado em deitar-lhe a mão, e só de pensar no assunto ficou incomodada. Mas, dessa vez, Helen agarrou-o e enfiou-o na mala.

Quando Sarah regressou à receção, Helen estava à espera dela.

— Afinal tinha-o na mala. Se não tivesse a cabeça presa ao corpo, era bem capaz de a perder.

Sarah Miles voltou a revirar os olhos, e o par saiu, com Helen a soltar um dissimulado suspiro de alívio.

O ferimento de Charlie, afinal, era superficial, mas dada a sua gravidez os médicos retiveram-na por mais tempo do que o habitual para inspecionar o seu estado. Em consequência disso, quase toda a gente na esquadra ficou a saber que se encontrava grávida. Assim que entrou na sala de operações, a equipa reuniu-se em volta dela, perguntando-lhe como se sentia e sugerindo que fosse para casa, mas Charlie estava determinada a ficar e a ajudar a equipa.

As pessoas ficaram impressionadas com o estoicismo dela, mas, na realidade, Charlie sentia-se bastante abalada com o ataque de Tanner. O seu único pensamento fora para o bebé, que inadvertidamente pusera em perigo. Como poderia encarar Steve se perdesse o bebé por que ambos tanto ansiaram? Só lhe apetecia ir para casa, enroscar-se em Steve e chorar à vontade. No entanto, Charlie tinha a noção de que a força policial era ainda incrivelmente misógina e que qualquer sinal de fraqueza — mesmo que justificado — seria aproveitado pelos seus colegas masculinos. Seria catalogada como fraca e tratada como tal. E o que seria de alguém que pusesse os bebés à frente do trabalho? Assim que a catalogassem como mãe-galinha, iriam pô-la de parte. Mais valia que quem pretendesse gozar de uma licença de maternidade prolongada ou trabalhar em part-time pedisse transferência para os serviços administrativos. Ninguém apreciava uma pessoa em part-time na linha da frente.

Não havia lugar para sentimentalismos: era tudo ou nada. Daí toda a gente respeitar Helen Grace, porque ela nunca estava fora de serviço, não permitia interferências da sua vida pessoal, era a agente feminina perfeita. Tornava tudo mais complicado para as outras, elevava a fasquia bem alto, mas ela era assim. Por isso, Charlie ficou. Apesar de profundamente abalada, não iria permitir que a pusessem de lado depois de se ter esforçado tanto para ali chegar.

Mark esperou pelo momento certo, aguardando que a multidão se dispersasse, antes de atravessar a sala para dar um grande abraço a Charlie. Esta percebeu a razão da contenção dele: havia na sala quem ainda tivesse dúvidas, pessoas que iriam levar o seu tempo até voltarem a confiar em Mark, por isso ele não ganharia nada em dar um passo em frente. Eles que se lixassem, pensou Charlie, dando um valente abraço a Mark, mais demorado do que seria necessário. Ela quis marcar uma posição face ao resto da equipa. Talvez alguma da santidade dela passasse para ele e lhe acelerasse a redenção.

Em breve teriam de engolir as suas suspeições face a Mark e deixarem-se de insinuações: Mickery estava a falar. Charlie não deveria, obviamente, saber disso, mas as paredes tinham ouvidos, e Mickery quase não tinha saído da enfermaria da polícia desde que fora resgatada. Era o refúgio dela, e foi lá que teve todas as conversas com o departamento Anticorrupção. Charlie tinha amigas suficientes entre as agentes entediadas e mexeriqueiras a quem cabia vigiar Mickery. Relataram-lhe o que escutaram, e constava que Mickery mantivera uma ligação amorosa com Whittaker depois de ele ter recorrido aos serviços dela. Andariam ainda a dormir juntos depois de iniciada a vaga de homicídios? E de quem fora a ideia do esquema para enriquecerem? Na verdade, isso não era importante. Mark iria ser ilibado — isso é que interessava.

A grande questão residia em saber como iria reagir Mark quando Helen estivesse

presente na sala. Mas conseguiu descobrir uma forma de se sentirem bem e a ressurreição dele estaria assegurada. Se isso não fosse possível, estaria metido numa grande alhada.

Nem de propósito, Helen entrou. Não deu importância ao regresso de Mark e, em vez disso, reuniu toda a gente para distribuir tarefas.

— Sabemos agora que o Sandy Morten teve uma apoplexia — começou. — A Mickery não lhe fez mal, o corpo dele é que não conseguiu lidar com as limitações. Está nos Cuidados Intensivos a lutar pela vida, mas, acreditem ou não, ele teve sorte. Se aqueles rapazes não o tivessem encontrado naquele momento, teríamos agora outro corpo nas mãos. Os médicos acham que ele se safa. O que é que isso nos diz?

— Que ele não fazia parte do plano — respondeu o detetive Bridges.

— Exatamente. Ela poupou a Mickery e o Morten. Nunca teve a intenção de matá-los. Não passaram de uma brincadeira. Foi a forma que encontrou de apressar o jogo.

Helen observou atentamente a equipa e ficou satisfeita por ver a raiva a misturar-se com a determinação. Os agentes da polícia odiavam ser picados.

— Por isso, está na altura de avançar mais depressa, de, para variar, seguir um passo à frente dela. A prioridade das prioridades passa por encontrar a Stephanie Bines. Ela é a próxima vítima mais evidente, e não quero a morte dela a pesar-nos na consciência. Charlie, és capaz de coordenar esforços nessa questão? Recorre a quem e ao que for preciso. Temos de encontrá-la. Mark, preciso que te concentres em encontrar a Louise Tanner. Ela é altamente perigosa, tem um ódio especial por mim e já tentou matar um dos nossos. Assim sendo, escolhe pessoal para levar contigo e vai buscá-la, OK?

Mark assentiu com a cabeça, com os olhos de toda a equipa a incidirem nele. Estava a agir como devia, pensou Helen — de modo frontal, despreocupado e determinado. Estava a fazer um esforço sobre-humano, com os colegas, com o seu aspeto (OK, ainda estava com um ar horrível, mas estava lavado e sóbrio) e com ela. Helen sentiu-se tremendamente grata e agradada por ele ter decidido voltar a confiar nela.

A equipa entrou em ação. Agora que Helen era comandante da esquadra, os seus agentes estavam ainda mais determinados em obter a aprovação dela, e pairava a sensação de que o homem ou a mulher que apanhasse a assassina ocuparia a *pole position* para suceder a Helen enquanto inspetora-detetive. Por isso, toda a gente redobrou esforços, pressentindo a glória.

Helen retirou-se para a privacidade do gabinete de Whittaker. Embora estivesse suspenso e, na realidade, nunca mais fosse regressar à esquadra, ainda parecia o gabinete dele. Dessa forma, Helen evitou sentar-se por enquanto na cadeira dele, ficando de pé junto à secretária enquanto mais uma vez folheava o dossiê que furtara.

Pegou no telefone, ligou para os Serviços Sociais e rapidamente obteve o número de telefone de que necessitava.

O resto da equipa andava no exterior no encalço de Bines e de Tanner, pelo que a Helen ainda restavam algumas horas de folga. Mas isso não seria suficiente, e tinha um longo caminho para percorrer, pelo que acelerou a fundo. A M25 estava engarrafada como era habitual, e por isso foi com algum alívio que virou para a M11. Rapidamente estava na A11 a rumar a Norfolk.

Seguindo a placa para Bury St Edmunds, Helen deu por si em território praticamente desconhecido. Ao aproximar-se do seu destino, percebeu que se sentia nervosa. Era um lugar desconfortável para ela, e regressar até lá era como abrir uma caixa de pandora.

A casa era uma residência de aspeto agradável em frente à baía com jardins bem tratados. Tecnicamente, tratava-se de um albergue, mas tinha um ar bem mais agradável. As gentes da terra sabiam que não deveriam confiar nisso, mas quem estivesse de

passagem acharia a casa atraente, um lugar acolhedor.

Helen ligara antes, por isso levaram-na rapidamente até ao diretor. Ela confirmou as suas credenciais, apresentou a sua fotografia mais recente e, confiante, debitou a história que inventara para encobrir a verdade. Sabia que era um tiro no escuro, mas ainda assim sentiu-se desanimada quando o diretor lhe disse que já há mais de um ano que não punha a vista em cima de Suzanne Cooke. Ela nunca se encaixara bem, confidenciou o diretor, nunca pareceu interessada em levar os programas deles a sério. Naturalmente, alertaram os serviços de liberdade condicional depois de ela ter desaparecido, mas, com os cortes e a reorganização, nunca falaram duas vezes com a mesma pessoa, e o caso não foi acompanhado.

— Gostaríamos de fazer mais, mas é o que podemos fazer. Já assim, estamos completamente ocupados — concluiu o diretor.

— Eu compreendo... é complicado. Fale-me um pouco mais da Suzanne. O que é que ela fazia enquanto aqui estava? Tinha amigos? Alguém em quem confiasse?

— Que eu saiba, não. Ela não se integrou. Manteve-se muito fechada. Gostava essencialmente de fazer exercício. Tinha um corpo bem trabalhado, musculado, atlético. Fazia muita musculação e, quando não estava no ginásio, ajudava nas caçadas. Diziam que era mais forte do que a maioria dos rapazes.

— Caçadas?

— Na floresta de Thetford. Fica a poucos quilómetros daqui, e todos os anos autorizamos alguns dos residentes a ajudar nas caçadas de verão, caso queiram. Obviamente há vigilância apertada, essencialmente por causa das armas de fogo, mas há quem goste. É trabalho manual duro, e pode passar-se um dia ao ar livre.

— Como assim?

— Em Thetford há essencialmente veados-vermelhos. São abatidos de manhã bem cedo, por norma em zonas remotas da floresta. Os carros não chegam lá, por isso levam pessoas para arrastá-los até ao trilho mais próximo, para poderem ser carregados.

— Como?

— Com um arnês de veados. Ata-se as patas do veado, depois prende-se com uma corda de lona. A corda é presa a um arnês, parecido com os arneses dos alpinistas, que se coloca em volta dos ombros. Depois, arrasta-se o veado atrás de nós. Bem mais fácil do que tentar transportá-lo.

Mais uma peça do quebra-cabeças acabara de ser encaixada no lugar.

Charlie olhou fixamente para o ecrã do computador, sentindo uma grande tensão no estômago. O *Skype* estava a saltar o seu trinado, e Charlie esperou que alguém atendesse. Estava em jogo o destino de Stephanie Bines.

Fora uma busca exaustiva, mas Charlie nunca perdera a esperança. Na companhia dos detetives Bridges e Grounds, passara por todos os *pubs*, cafés e clubes noturnos de segunda categoria de Southampton e mais além. Todas as conversas seguiram o mesmo rumo:

— Sim, conhecemos a Stephanie. Trabalhou aqui há uns meses. Muito popular, especialmente entre os homens.

— E sabe onde está ela agora?

— Não faço ideia. De um dia para o outro, deixou de aparecer.

De início, Charlie ficou extremamente nervosa. Naquele caso, qualquer menção a desaparecimentos súbitos deixava-a nesse estado, mas aos poucos Charlie formou uma imagem de uma jovem que por natureza andava sempre em movimento, que não se sentia bem consigo própria, que não criava laços fortes com pessoas ou lugares. Era uma viajante que lançara âncora na Costa Sul, mas algo disse a Charlie que seria apenas uma amarração temporária. Por isso, deixou de bater as ruas e regressou à sala de operações para fazer uma verificação relativa a viagens internacionais. O último vestígio dela em Southampton datava de setembro, pelo que começou por aí. Auxiliada pelos seus detetives, tentou os telefones da Qantas, da British Airways e da Emirates, até acabar por acertar no *jackpot* com a Singapore Airlines. Dezasseis de outubro, Stephanie Bines, bilhete de ida para Melbourne. Novas buscas permitiram-lhe ficar a saber que Stephanie tinha uma irmã a viver num subúrbio de Melbourne, pelo que acabou por encontrá-la — aparentemente viva e bem de saúde — na casa dela.

Mas Charlie não ia arriscar, daí a chamada por *Skype*. A capacidade da assassina para criar pistas falsas e enganar era tal que Charlie não ia, não podia, relaxar até ver Stephanie com os seus próprios olhos.

E ali estava ela. Mais bronzada do que antes, mais loura do que antes, mas era sem dúvida Stephanie. Uma pequena vitória para Charlie, Helen e toda a equipa. Finalmente, tinham salvado alguém. Teria a súbita decisão de Stephanie de regressar a casa estragado os planos perfeitos da assassina?

Stephanie não necessitava de ser encorajada a viajar. Estivera apenas umas semanas em casa, mas já se sentia sufocada e reprimida. Charlie teve de improvisar, inventando um relativo risco de segurança ligado ao julgamento do gangue que Stephanie ajudara a apanhar. Mostrou-se calma e tranquilizadora, mas sugeriu que seria melhor para Stephanie e a sua família se ela fizesse uma pequena viagem — até Queensland, ao remoto Red Centre, onde quer que fosse — enquanto eles tratavam ali do assunto.

Charlie finalizou a sessão de *Skype* com uma sensação de otimismo. Talvez, afinal de contas, a assassina não fosse assim tão invencível.

De repente, focou a sua atenção em Mark, que estava a gesticular na direção dela desde o outro lado da sala de operações. Foi ter rapidamente com ele.

— A esquadra acabou de receber uma chamada. A Tanner foi vista a pedir junto ao

velho hospital pediátrico de Spire Street.

— Quando?

— Há cinco minutos. Uma mãe com um carrinho de bebé chamou-nos. Deu 1 libra à Tanner e quase ia ficando sem a carteira.

Iam de carro a caminho do centro. Seria Tanner a assassina? Em breve iriam descobrir. Charlie sentiu o coração a bater mais rapidamente enquanto acelerava na companhia de Mark rumo ao local. Era bom estarem os dois de novo juntos em ação e a apertarem o cerco para a machadada final.

Há inúmeros momentos ao longo da vida de uma pessoa em que é necessário optar entre abrir-se ao mundo ou enterrar-se cada vez mais em si próprio. No amor, no trabalho, em família, com amigos, há momentos em que é preciso decidir se se está pronto a revelar o seu verdadeiro eu.

Helen deliberadamente fez de si um enigma. Tinha uma carapaça grossa que exibia ao mundo, e era isso que a definia: era dura, resistente, incapaz de duvidar ou de se arrepender. Sabia que isso estava distante da verdade, mas era espantoso o modo como os outros acreditavam. Questionamo-nos sempre a nós próprios mais do que questionamos os outros, e a maioria dos colegas dela e namorados ocasionais pareciam aceitar a imagem de uma polícia de carreira dura e empenhada, incapaz de se surpreender, assustar ou intimidar. Quanto mais tempo assim se mostrasse, mais pessoas acreditariam, e por isso assumira uma aura de desprendimento, especialmente quando tinha o uniforme posto.

Helen tinha noção disso e fez uma pausa para respirar, agora que estava prestes a esmagar o ídolo que criara. Permitir que os outros soubessem era a decisão certa e poderia salvar vidas, mas iria sair caro a Helen, pois desenterraria acontecimentos e decisões que estavam enfiados bem no fundo do baú.

O detetive Bridges entrou, despertando Helen do seu transe introspetivo. Trazia consigo os dossiês de casos que ela requisitara. Conforme foram passando, em conjunto, as páginas, discretamente enfiados no gabinete dela, Helen avaliou constantemente qualquer ligação na cadeia de acontecimentos, confirmando duas e três vezes as suas assunções. Não podia haver dúvidas.

Então, de repente, o coração dela deteve-se.

— Anda para trás.

— Até aos objetos pessoais? Ou...

— Até ao relatório forense. Da casa do Morten.

No seguimento do desaparecimento de Sandy Morten, peritos forenses tinham passado a casa dele a pente fino. Sabiam que a raptora tinha lá estado, que bebera champanhe com Morten e Mickery, por isso analisaram tudo demoradamente à procura de vestígios dela.

— Aqui não há nada, chefe. Os peritos encontraram muito ADN da Mickery, do Morten, da mulher dele, todos os principais...

— A segunda página.

— Só há amostras incompletas, a maioria das quais dispensa...

Helen tirou-lhe o relatório das mãos e fitou-o atentamente. Agora não podia haver dúvidas. Sabia quem era a assassina e por que razão andava a matar.

Tanner não estava à vista, mas uma carteira abandonada junto ao hospital pediátrico entaipado sugeriu que ali estivera recentemente e talvez tivesse caçado o prémio que procurava. Estavam prestes a partir quando escutaram algo que os deteve. Um ruído metálico agudo vindo do edifício devoluto, como se algo tivesse sido largado.

Mark fez sinal a Charlie. Instintivamente, ambos desligaram os rádios e telefones e



deslizaram até ao edifício. Uma das tábuas das janelas estava solta; poderia ser o esconderijo perfeito para alguém que desejasse entrar e sair sem ser visto.

Charlie e Mark treparam até lá dentro, içando-se o mais silenciosamente possível sobre um peitoril apodrecido. No interior, apresentava-se destruído e deserto o esqueleto do lugar animado e vibrante que ali existiu em tempos antes de o novo centro hospitalar lhe ter selado o destino. Charlie retirou o cassetete do cinto e preparou-se para a ação. Tinha a mão a tremer; estaria pronta para aquilo? Agora era demasiado tarde para voltar atrás. Avançaram lentamente, à espera de que a qualquer momento alguém lhes saltasse ao caminho.

De repente, um movimento súbito. Tanner, de sweat com capuz e leggings curtas, irrompeu do seu esconderijo e transpôs umas quantas portas de vaivém. Mark e Charlie saíram no seu encalço, esforçando-se ao máximo para chegar ao corredor e perseguir a presa. *Bum!* Esbarraram contra portas, mas já estavam 20 metros atrás de Tanner.

Irrompendo numa caixa de escada, olharam para cima e viram Tanner a subir as escadas saltando de três em três degraus. Correram atrás dela, com Mark a tomar a dianteira graças à sua determinação em deitar-lhe a mão. Sempre a subir. E depois mais um embate.

Quando se deram conta, já estavam no 4.º andar. Teria virado à esquerda ou à direita? As portas de vaivém à esquerda balançavam ligeiramente. Pela esquerda seria. Mark empurrou as portas, e esgueiraram-se lá para dentro.

Vazio. Mas havia portas na outra extremidade — nenhuma delas se mexia — e quatro quartos em frente. Poderia estar em qualquer um deles. Caso assim fosse, estaria encurralada. Verificaram um e outro. E depois outro. Só restava um.

*Pum!* Ocorreu tudo tão depressa que a mente de Charlie praticamente nem conseguiu processar. Um tubo metálico embateu na cabeça de Mark, e ele tombou no chão. Charlie rodou o seu cassetete com força na direção de Tanner e embateu no tubo de metal com um forte baque. Voltou a atacá-la uma e outra vez, enquanto Tanner se esquivava aos golpes.

Só que não se tratava de Tanner. Isso já deveria ter-se tornado evidente pela forma como saltara pelas escadas acima durante a perseguição. E pela astúcia demonstrada ao fazê-los optar pelo corredor errado, antes de lhes aparecer sorrateiramente por trás. Não se tratava de Tanner, era a assassina deles, e Charlie estava agora cara a cara com ela.

Chegara a hora de enfrentar o inimigo. Ordenando ao espantado Bridges que reunisse a equipa, Helen sacou do telemóvel e ligou para Charlie. Voicemail. Praguejando, ligou a Mark. Teve o mesmo resultado. Que raio andavam eles a fazer? Helen deixou apressadamente uma mensagem, após o que se dirigiu à sala de operações.

Não lhe agradou a ideia de arrancar sem os seus dois melhores agentes, mas não teve alternativa. Mesmo sem eles, a equipa era constituída por 20 elementos, e podia contar com McAndrew, Sanderson e Bridges para orientar com eficácia os esforços do grupo.

Helen queria o mais rapidamente possível todas as cartas na mesa, por isso avançou de imediato.

— A mulher que procuramos chama-se Suzanne Cooke.

A equipa passou de mão em mão as fotografias, até todos terem uma.

— Anexado à parte de trás, encontrarão o registo de queixas contra ela. Cometeu um duplo homicídio e cumpriu uma pena de 25 anos. Há 12 meses saiu sem permissão do albergue de liberdade condicional. Estava na zona de Norfolk, mas acredito que agora estará em Hampshire e pode ser a responsável por estes homicídios.

Ouviu-se um murmurinho a percorrer a sala de operações. Helen fez uma pausa e depois prosseguiu:

— Acredito que está deliberadamente a querer atingir-me através da seleção das vítimas. A Stephanie Bines, por enquanto, parece estar a salvo, mas quero contacto permanente com os nossos homólogos Australianos para a podermos manter segura. Ela é a última pessoa que ainda pode integrar a lista, mas, tal como comprova o rapto da Mickery, a Suzanne é imaginativa e capaz de se desviar do plano. Por isso, quero todos os agentes possíveis envolvidos no caso. Eu trato da imprensa. Quero que vocês concentrem os vossos esforços em encontrá-la. Detetive Bridges, pode informar os agentes de rua, quero toda a gente a fazer perguntas. A Suzanne Cooke é agora a nossa principal suspeita, e quero todos os olhos à procura dela. Entendido?

— Porque é que a escolheu a si, chefe? — questionou o detetive Grounds, verbalizando aquilo que todos queriam saber. — Porque é que deliberadamente fez de si o alvo?

Helen hesitou. Tinha chegado ao fim o tempo dos segredos, mas ainda assim teve de respirar fundo antes de responder:

— Porque é minha irmã.

Charlie retesou-se, pronta a encetar uma luta de vida ou morte. Mas a adversária não avançou na sua direção e, em vez disso, largou o tubo metálico. Estrepitou ao embater no chão, com o som a ecoar pelo edifício deserto. Charlie ficou paralisada, à espera de um truque. Mas a assassina limitou-se a baixar o capuz, revelando um rosto duro mas atraente. Por um momento, Charlie teve uma estranha sensação de reconhecimento. Mas desapareceu tão depressa quanto surgiu. Quem era aquela mulher? Era bem constituída, com os músculos dos ombros proeminentes, mas tinha um rosto magro atraente, apesar de não usar qualquer maquilhagem. Presumivelmente, seria para ficar o máximo possível parecida com Tanner.

— Não sei porque nos trouxe aqui, mas podemos dar um fim pacífico a isto. Vire-se e encoste as mãos à parede.

— Não vou lutar consigo, Charlie. Não é para isso que aqui estamos.

Escutar o nome dela na boca daquela assassina revelou-se tremendamente perturbador. Mas pior foi o que se seguiu. Sorrindo, a assassina retirou descontraidamente do bolso uma pistola, que apontou a Charlie.

— Sabe do que é capaz esta arma, não sabe? Se bem se lembra, fez o seu treino com uma *Smith & Wesson*, não é assim?

Inexplicavelmente, Charlie anuiu. Aquela mulher tinha um poder estranho; seria a sua personalidade ou o simples facto de saber tudo em relação a si?

— Por isso, pouse o cassetete e tire o cinto. Se vai ter de puxar o seu colega até lá abaixo, não vai querer ir carregada.

A assassina atirou-lhe uma espécie de arnês e com um gesto indicou-lhe que o colocasse. Charlie ficou a olhar para ela. Foi incapaz de se mexer.

— Agora! — gritou a assassina, com a sua expressão a mudar de amabilidade para fúria.

Charlie deixou tombar o cassetete no chão. Tinham caído numa tremenda armadilha. Provavelmente, teria sido ela a ligar para a esquadra a alertar para o avistamento de Tanner. E caíram que nem patos. Fora terrível enfrentar Tanner, mas aquilo era infinitamente pior.

A equipa lançou uma torrente de perguntas a Helen — algumas carregadas de raiva, outras de curiosidade —, e ela manteve-se firme, respondendo com o máximo de sinceridade e de calma que lhe foi possível.

— Há quanto tempo suspeitava?

- Há quanto tempo é que sabe?
- O que é que ela quer?
- Vai fazer de si um alvo direto?

Mas havia ainda muito que Helen desconhecia, e especular serviria apenas para afastá-los ainda mais do cerne da questão. Por isso, após uma meia hora frenética, pôs fim à discussão. Precisava deles lá fora à procura de Suzanne.

Ao percorrer o corredor em direção aos jornalistas que a aguardavam, Helen reparou que tinha a mão a tremer. Enterrara o seu passado durante tanto tempo que revelá-lo agora era como abrir uma velha ferida. Continuaría a equipa dela a segui-la? Continuaría a acreditar nela? Helen rezou para que sim, pois tinha a preocupante sensação de que o pior estaria ainda por vir.

— Há risco para a população, inspetora? — Emilia Garanita tratou de assegurar que seria a primeira a fazer uma pergunta. Com jornalistas de tabloides e de jornais sérios nacionais presentes, não iria perder a oportunidade de dar uma alfinetada. O ataque de que fora alvo por parte de Whittaker ainda lhe estava bem fresco na memória.

— Não cremos que a população em geral corra perigo, mas aconselhamos as pessoas a não se aproximarem da suspeita. Pode estar armada, e o seu comportamento é imprevisível. Se alguém vir a Suzanne Cooke, deve ligar de imediato para o 112.

— Qual é a ligação dela com as recentes mortes em Southampton? — foi a pergunta assassina do *Times*.

— Ainda estamos a tentar determinar todos os factos relacionados com o caso — respondeu Helen, reparando no imediato erguer de sobrelance cínico de Emilia —, mas acreditamos que pode ter estado ativamente envolvida, incitando os homicídios de Sam Fisher e Martina Robins.

Helen teve de se conter. Fora uma tarefa difícil decidir se iria ou não falar de Martina no *briefing*. Se a imprensa pegasse naquilo e procurasse Caroline, o jogo estaria terminado. Não haveria forma de evitar revelar-lhes tudo, tintim por tintim, sobre o papel demoníaco de Suzanne naqueles homicídios.

— É verdade que foi promovida, inspetora? — Garanita impôs de novo a sua participação na conversa. — Corre o rumor de que o detetive-superintendente Whittaker foi suspenso e enfrenta possíveis acusações de corrupção.

A sala entrou imediatamente em ebulição, com perguntas sucessivas a derramarem-se sobre Helen. Tratou-se de um ataque contínuo, mas Helen não teve outra hipótese que não fosse aguentar, por mais que as questões fossem danosas ou provocadoras. Necessitava que a população se mantivesse atenta, por isso precisava da comunicação social. Era difícil de engolir, mas a situação era crítica. Há alturas na vida em que é preciso dar de comer à mão que nos morde.

Sentiu a dor a percorrer-lhe o corpo. Mark fechou os olhos ao ser possuído por todo aquele sofrimento atroz e depois desabou no chão. Que diabo lhe acontecera? Instintivamente, levou a mão à nuca e estremeceu assim que os seus dedos tatearam o ferimento profundo e sangrento. Sentia uma terrível dor de cabeça, mas, na verdade, o mesmo se passava com todo o corpo: parecia que tinha sido objeto de um espancamento selvagem e persistente.

Aos poucos, começou a lembrar-se de tudo. A caçada a Tanner, a perseguição pelo hospital e depois... uma terrível branca. Lembrou-se vagamente de um nanossegundo de alarme, a sensação de ter algo ou alguém atrás de si. *Que estúpido.* Devia ter virado costas a Tanner e pagou bem caro por isso.

Observou atentamente o ambiente que o rodeava. O lugar cheirava a antisséptico, mas também a mofo. Tentou de novo erguer a cabeça, ambientando os olhos à escuridão. Estava numa espécie de sala de caldeiras. Seria a cave de um hospital? Se sim, como chegaram ali abaixo?

— Mark.

Charlie. *Graças a Deus.* Mark esticou e rodou lentamente o pescoço, ignorando as dores agudas que acompanhavam qualquer movimento, para ver Charlie recolhida a um canto. Ela segurava com cuidado uma lanterna de campismo amolgada, a única fonte de iluminação de que dispunham.

Assim que começou a assimilar aquela estranha imagem, soou um alarme na sua cabeça.

— Ela apanhou-nos, Mark.

— A Tanner?

Mas Charlie limitou-se a abanar a cabeça, para a seguir a enterrar nas mãos. Até que acabou por murmurar:

— Era uma armadilha. Ela apanhou-nos.

De súbito, Mark estava de pé, a cambalear, e a observar o espaço. Mas levantara-se demasiado depressa, viu estrelas e sentiu-se a desabar no chão com um baque.

Quando recobrou os sentidos, tinha a cabeça apoiada no colo de Charlie, que lhe soprava no rosto. Ele estava quente e frio, transpirado, e tinha a garganta bastante inflamada. Sentiu-se feliz com o conforto proporcionado pelo toque de Charlie. Olhou para cima para lhe agradecer, mas viu que ela chorava.

— Ela apanhou-nos.

Não passara de uma ilusão. Ali não havia qualquer conforto.

A *Glock* encaixou bem na mão dela. Já decorrera algum tempo desde que Helen segurara uma arma, mas sentiu-se poderosa e tranquila por estar agora a agarrar uma. Preencheu o formulário e foi buscar as munições que lhe foram destacadas. No pedido, escrevera que se tratava de segurança pessoal face à possibilidade de a sua vida ser ameaçada. Mas seria por isso? Ou haveria uma necessidade mais sombria a incitá-la a transportar uma arma?

O protocolo estipulava que, dado o nível de ameaça, não poderia trabalhar sozinha, mas aquela não era uma viagem que pudesse partilhar com alguém, por isso mentira, dizendo que fora convocada à central para os pôr a par da situação em curso. A equipa aceitou a explicação, mas nem todos se deixaram enganar tão facilmente: ao rumar velozmente para norte, Helen reparou que era seguida pelo *Fiat* vermelho de Garanita. A jornalista não foi demasiado óbvia — não era uma amadora —, mas bastou para ser detetada. Helen sentiu a raiva a apoderar-se de si e deu uma grande aceleradela. Passou a 110 quilómetros por hora numa zona onde a velocidade máxima era de 65, desafiando a sua perseguidora civil a imitá-la. Felizmente, esta entendeu que não valia a pena violar a lei para perseguir uma agente da polícia, pelo que abdicou da perseguição. Assim que se viu fora do alcance da vista, Helen fez meia-volta rumo à circunvalação e daí na direção de Londres.

A lista de refúgios da infância de Helen era curta, e, assim que descobriu que a Torre Chatham tinha demolição marcada, decidiu dirigir-se lá primeiro. Tendo em consideração o *modus operandi* de Suzanne, era o local ideal. Teria de ser um lugar com significado. Era engraçado como continuava a pensar nela como Suzanne, como se isso de alguma forma fosse menos doloroso do que recorrer ao seu verdadeiro nome. Na verdade, a própria Helen acolhera bem o seu novo nome — optara por «Grace» pela sua associação a redenção e por «Helen» em honra da sua avó materna —, e seria profundamente estranho e perturbador ter agora alguém a chamá-la pelo seu verdadeiro nome.

Helen percebeu que seguia a 150 quilómetros por hora e desacelerou. Deveria tentar manter-se calma. Não imaginava qual seria o fim traçado para aquele jogo, mas deveria controlar-se se queria ser ela a impor as regras.

Percebeu agora que andava há muito tempo em negação, afastando insistentemente a ideia de que a sua irmã poderia estar envolvida nos homicídios. Há mais de 25 anos que não contactava com ela, e era assim que gostava. Longe da vista e longe da mente. Mas, quando viu o relatório forense relativo à casa de Sandy Morten, já não podia continuar a negar. Os peritos encontram um elemento de ADN comprometido, um fragmento de uma impressão digital. Conseguiram obter alguns resultados e, como aparentemente combinava com a sequência de ADN de Helen, consideraram que seria dela e descartaram-no. Faziam sempre isso para evitar demandas vãs originadas por descuidos de agentes nos locais de crimes. Só que houve um problema. Helen nunca fora a casa de Sandy Morten. Essa anomalia foi ignorada, mas não passou em branco a Helen, confirmando os seus piores receios.

Estava agora nos subúrbios mais pobres do sul de Londres. A Torre Chatham não

demorou muito a aparecer à vista. Fora projetada como uma utopia dos anos 1960, mas já estava destinada a ser demolida. O sonho passara a pesadelo. A Arrow Security, que vigiava o local, tinha sido contactada, mas ainda assim Helen teve de esperar que aparecesse alguém com a chave. O segurança mal-humorado destrancou a porta de madeira do local, enquanto Helen o interrogou sobre falhas de segurança nas tábuas de madeira que delimitavam o edifício devoluto. Ele insistiu que não ocorreram nenhuma — os miúdos andavam demasiado ocupados a esfaquearem-se uns aos outros no centro comercial da zona para se darem ao incómodo de ali irem —, mas, ainda assim, Helen deu uma volta completa à vedação do perímetro, à procura de buracos ou de algum ponto fraco. Acabou por reconhecer que era seguro, e entraram. Seria possível atravessar as tábuas com uma escada? Talvez.

O elevador estava inacessível, pelo que subiram a pé até ao 11.º andar. Helen, a ritmo de marcha; o seu companheiro, caminhando penosamente atrás. Quase sem se aperceber, Helen deu por si diante do número 112. Assentou a mão na parede para se recompor enquanto o segurança tentou abrir a porta. Não estava trancada, e abriu-a suavemente. Ele estava prestes a entrar quando Helen o deteve.

— Espere aqui.

O segurança pareceu surpreso, mas cedeu.

— À vontade.

Sem dizer mais nada, Helen entrou no apartamento e desapareceu da vista, engolida pela escuridão.

— Temos de ser fortes, Mark. Se formos fortes, se nos mantivermos unidos, ela não ganhará.

Mark assentiu com a cabeça.

— Ela não vai derrotar-nos. Não vou permitir — prosseguiu Charlie.

Mark ergueu-se com esforço, ajudado por Charlie, e juntos exploraram as imediações. Se estivessem no hospital, ninguém conseguiria ouvi-los. Há anos que o município tentava, sem sucesso, impingir o edifício a investidores. Ficou ali sozinho numa zona da cidade decrépita e esquecida.

Estavam cercados por paredes de cimento. Não havia janelas, e o chão fora recentemente reforçado em grande — renovação que não combinava com a, de resto, dilapidada sala. Tentaram desmontar as dobradiças, mas, sem qualquer espécie de ferramenta, era difícil fazer uma alavanca. Ainda assim, era algo em que poderiam trabalhar. Se de alguma forma conseguissem soltar um pouco as dobradiças, então...

Mark ignorou as dores de cabeça e a sua temperatura a subir para se dedicar às dobradiças, enquanto Charlie bateu violentamente à porta com os punhos. Bateu vezes sem conta. Cada vez com mais força, acompanhando com gritos vindos bem do fundo dos pulmões, suplicando por ajuda. Estava a fazer barulho suficiente para despertar um morto, mas estaria alguém a ouvir?

Já havia redemoinhos de pó a erguerem-se e a envolvê-los a ambos, infiltrando-se pelas orelhas, pelos olhos e pela garganta. Charlie estava a ficar sem voz, mas não desistiu. E assim prosseguiram, incitando-se mutuamente para não desistirem, mas, após mais de uma hora de esforço em vão, tombaram no chão, exaustos.

Charlie recusou-se a chorar. Estavam presos no pior pesadelo que poderiam imaginar, mas tinham de se manter animados. Isso era crucial, caso pretendessem dispor de alguma hipótese de sobrevivência.

— Lembra-te do Andy Founding? — perguntou Charlie no tom mais vivo que lhe foi possível, com a voz rouca a comprometer a pretensão de descontração.

— Claro — respondeu Mark, confuso.

— Ao que parece, está a processar a polícia de Hampshire. Alega ter sido vítima de assédio sexual por parte de agentes femininas.

Em resposta, Mark deu uma gargalhada curta. Andy Fondling<sup>[5]</sup>, como era carinhosamente tratado, era um sargento de secretária de Portsmouth, cujas mãos errantes eram lendárias, especialmente no que tocava às agentes mais novas. Charlie continuou a contar a sua história, e embora Mark ansiasse por dormir, por ter alguma paz, correspondeu ao estímulo de Charlie, sabedor de que deveriam manter o desespero ao largo.

Enquanto foram trocando histórias, nenhum dos dois mencionou a arma pousada no chão entre eles.

[5] «Fondling», cujo som se assemelha ao nome «Founding», significa «carinhoso» ou «meigo». [N. T.]



Eu tinha a certeza de que eles acordariam e impediriam a minha diversão, mas é fantástico o efeito de sete copos de sidra. O meu pai sempre aguentara bem a bebida — cerveja, sidra, algo a que deitasse a mão —, e a minha mãe acabou por acompanhá-lo. Permitia-lhe suportar melhor os espancamentos e fazia com que parasse de pensar. Se se tivesse mantido sóbria durante mais tempo, teria percebido que a vida dela era uma porcaria e enfiado a cabeça no forno. Às vezes, gostaria que o tivesse feito.

Planeei o momento de muitas maneiras diferentes. Nos meus sonhos, recorri sempre a uma faca. Adorava a ideia de artérias cortadas, de sangue a esguichar para as paredes, mas, na realidade, não tinha coragem. Receei estragar tudo. Não golpear com força suficiente, falhar uma artéria. Quando o fizesse, teria de ser da maneira correta, ou seria a minha morte, sem qualquer dúvida. O estupor também levava o seu tempo — só Deus sabe o que ele me fazia —, por isso teria de ser certaíra.

Encontrei fita adesiva guardada na casa do porteiro e peguei em três rolos. Acabei por utilizar apenas um, mas estava nervosa e queria ter a certeza de que não me faltava fita. Tratei primeiro dele. Agarrei-lhe o pulso e envolvi a fita suavemente em volta. Quase senti carinho, como se estivesse a tratar-lhe de uma ferida. Dei voltas e mais voltas, depois ergui-lhe o braço e coloquei-o junto à cabeceira da cama, enlaçando a fita nas barras de metal, até o braço dele ficar bem atado. Depois repeti o processo com o outro braço.

O meu coração parecia prestes a explodir. O meu pai começava a mexer-se, sentindo-se desconfortável, por isso tive de me despachar.

Tratei rapidamente do braço esquerdo da minha mãe, mas, enquanto estava a dedicar-me ao direito, ela despertou. Ou, pelo menos, assim me pareceu. Abriu os olhos e fitou-me diretamente. Gosto de pensar que ela se apercebeu do que se passava e não se opôs. Concordeu comigo. Seja como for, rapidamente voltou a fechar os olhos e não me deu mais problemas.

Já estavam os dois bem presos, por isso corri até à cozinha. Agora já não interessava se fazia barulho. Era uma questão de rapidez. Peguei na película aderente e voltei ao quarto deles em passo de corrida. Tinha visto num filme e sempre pensei em como seria na vida real. Arranquei uma grande folha de película e depois reforcei-a com uma segunda e uma terceira. Depois, subi para a cama, sentando-me com uma perna para cada lado em cima do tronco do meu pai adormecido e delicadamente ergui-lhe a cabeça. Assentei-lhe a película em volta do rosto e depois passei-a rapidamente por trás, uma e outra vez, até os olhos, nariz e boca ficarem completamente revestidos pelo plástico flexível e tenso.

Então ele começou a debater-se como o raio. Abriu os olhos e fitou-me com um ar enlouquecido. Tentou gritar, tentou libertar as mãos. Tive de me esforçar bastante para ali me aguentar enquanto o corpo dele estrebuchava, mas não iria abdicar do meu momento de glória. Fiz ainda mais força. Ele já tinha os olhos esbugalhados, o rosto ruborizado. Junto dele, a minha mãe estava lentamente a despertar, irritável e sonolenta.

Ele já estava a ir-se abaixo. Fiz cada vez mais força. Agarrei-me de tal maneira às bordas que já me doíam as mãos. Mas tinha de ter a certeza de que não se tratava de um truque. Tinha de dar cabo do velho.

Então, de repente, ele ficou quieto. A minha mãe já despertara e fitava-me com um ar completamente baralhado. Sorri-lhe e depois pressionei a película sobre o rosto dela. Neste

caso, apenas uma folha. Dali não esperava grande luta.

Não demorou muito a acabar. Levantei-me e percebi que estava ensopada em suor. Comecei a tremer. Não me sentia feliz, o que se revelou uma desilusão — achei que me sentiria feliz. Mas estava feito. Foi tão simples quanto isso.

Ela estava parada no quarto, a olhar para a devastação em seu redor. Os pósteres desbotados e o mobiliário em segunda mão que ali havia já há muito tinham desaparecido; agora havia apenas lixo deixado por vagabundos e drogados que por ali passaram desde que o edifício fora condenado.

Aquele quarto estava pejado de recordações. Boas, más, horríveis. Sempre que imaginava o quarto, Helen recordava o seu medo, a incompreensão, a sensação de desamparo enquanto permanecia deitada, muito quieta, a ouvir a irmã a ser violada na cama de baixo do beliche. Tais pensamentos redemoinharam na mente de Helen. Fora tão impotente, tão indefesa em criança, que era bastante estranho estar ali parada enquanto adulta — uma mulher com uma arma na mão. Como é que na altura teria lidado com a pessoa que se tornaria no futuro? Alguém capaz de impor a ordem, suavizar o sofrimento e administrar a justiça. Talvez tudo aquilo pudesse ter sido evitado, se alguém — quem quer que fosse — tivesse escutado os gritos suplicantes dela.

O beliche fora encostado ao canto mais distante. Ali já não havia nada, apenas um póster desbotado de Britney Spears, recentemente riscado a marcador. Helen deu por si a atravessar o quarto para rasgar o póster. Passando a mão pelo estuque áspero atrás, encontrou o que procurava. «J. H.» As suas iniciais. Gravara-as há muitos anos na parede com um compasso da escola. Fazê-lo fora um sinal do horrível desespero que marcara a sua infância, na esperança de que as iniciais sobrevivessem, mesmo que ela não.

Pensamentos sombrios invadiram a mente de Helen, pelo que saiu rapidamente do quarto. Entrou no outro quarto de dormir, na cozinha fétida e na sala de estar bolorenta. Mas era já evidente que ali não havia nada para ela. Achara sinceramente que uma visita ali lhe seria útil, mas afinal ficou de mãos a abanar.

Seria a derradeira vez que veria aquele lugar. Fez uma pequena pausa para interiorizar tudo aquilo. Era engraçado como nunca tiveram dificuldade em arrendar a casa, mesmo depois do que sucedeu naquela noite. Quando se é pobre, não se pode dar ao luxo de se ser excessivamente escrupuloso ou supersticioso. No espaço de uma semana, já estava outra família lá a viver. E lentamente, ao longo dos anos, a estrutura daquele lar gastou-se e desfez-se, até servir apenas para animais. Um fim adequado, talvez.

Helen saiu apressadamente do bloco de apartamentos, e o segurança arrastou-se a resmungar de volta à sua chávena de chá fria. Ela deixou-se ficar por uns momentos sentada na moto, a pensar no passo seguinte. O seu instinto sempre resultara, mas daquela vez deixara-a ficar mal. Nada mais havia a fazer do que prosseguir por outras vias. Seguir cada uma das pistas.

Ligou o telefone e ficou de imediato assustada com a quantidade de chamadas perdidas. A preocupação transformou-se em horror assim que ouviu a primeira das muitas mensagens do detetive Bridges.

Mark e Charlie tinham desaparecido.

Por momentos, sentiu-se livre. Estava num centro comercial, a correr na direção das escadas rolantes. A mãe estava lá em cima, a falar com um segurança, dando-lhe uma lição sobre as suas responsabilidades. Nunca ficara tão agradada por ver a mãe e estugou o passo na sua direção. Ao aproximar-se, o segurança virou-se para ela, mas estranhamente não conseguiu falar, limitou-se a fitá-la, a gemer, a gemer, a gemer...

Charlie despertou sobressaltada, esmagada pela triste realidade que vivia. Mark estava deitado no chão ao lado dela, a gemer, a gemer, a gemer... Charlie conteve um acesso de fúria; a culpa não era dele. O ferimento na cabeça de Mark apresentava-se bastante feio, e não conseguiram tratá-lo. De início, Charlie recorreu a saliva e a uma camisa para o limpar, mas agora temia ter servido apenas para lá esfregar mais terra. Mark já estava em mau estado antes mesmo de serem raptados — demasiadas bebedeiras e noites sem dormir —, e a perda de sangue deixara-o ainda mais débil. Agora ele tinha uma ferida bem feia na fase inicial de uma infeção generalizada. A febre parecia estar definitivamente a instalar-se. O que faria ela se ele ficasse gravemente doente?

Afastando de imediato aquele pensamento, Charlie verificou o relógio. Quanto tempo estivera a dormir? Não o suficiente. O tempo progride muito devagar quando se perde a esperança. Na primeira manhã, estiveram ambos muito ativos, esperançosos até, determinados a arranjar uma forma de escaparem daquele túmulo. Resolveram dormir à noite e trabalhar de dia. Na segunda manhã, utilizaram as fivelas dos cintos para tentar rasgar as pesadas dobradiças da porta. Mas é difícil insistir quando todos os esforços são em vão. As fivelas acabaram por estalar, e na segunda tarde de cativeiro a apatia e o desespero começaram a impor-se.

Charlie nunca se sentira tão imunda, tão nojenta, tão tremendamente desamparada. Os exíguos limites da prisão estavam já a tornar-se repelentes. Tinham feito um pacto para defecar e (no caso dela) vomitar no canto mais afastado da divisão, e Charlie respeitou escrupulosamente o acordado, indo para lá a correr para esvaziar as suas entranhas no chão fétido quando era acossada pelos enjoos matinais. Mark pareceu já demasiado fraco ou indiferente para honrar o pacto. Ele acabara de se sujar, e o fedor infiltrou-se nas narinas de Charlie.

De imediato, foi acometida por náuseas e apressou-se para o canto sujo, soltando um longo fio de bÍlis. O estômago voltou a revolver-se, uma e outra vez, até por fim lhe dar descanso. De repente, sentiu a garganta arranhada — uma sede consumidora e castigadora. Charlie deu a volta ao espaço, à procura de uma qualquer fonte de humidade, sempre a esforçar os olhos, tentando chorar para poder lambe as lágrimas salgadas. Estava tudo perd...

Movimento. Pelo canto do olho, detetou movimento. Aterrorizada com a possibilidade de olhar — temendo o que poderia encontrar —, virou a cabeça, milímetro a milímetro. E ali estava. Uma ratazana grande e gorda.

Aparecera do nada. Para Charlie era uma miraculosa visão de esperança, como um oásis no deserto. Já se estava a imaginar a enterrar os dentes nela, rasgando a carne dos ossos, silenciando os gemidos de agonia do seu estômago. Dado o seu tamanho, poderia haver suficiente para os dois.

Teria de ser cuidadosa. Não ir demasiado depressa. Poderia ser a diferença entre a vida e a morte. Charlie despiu o casaco pelos ombros; não era uma rede brilhante, mas teria de servir.

Um passo em frente. A ratazana olhou de repente para cima, perscrutando a escuridão. Charlie deteve-se. Depois, após uma breve fungadela, e vencida pela ganância, a ratazana continuou a mordiscar.

Mais um passo em frente. Desta feita, a ratazana não se mexeu.

E outro passo. Charlie já estava perto.

Outro. Estava praticamente por cima dela.

Charlie saltou para a frente, lançando o casaco sobre a cabeça dela. A ratazana debateu-se furiosamente enquanto Charlie infligia golpes sucessivos no volume em contorção. Finalmente, parou de se mexer. Estaria morta? Mais uma pancada para ter a certeza e depois parou para verificar. A ratazana saiu disparada de debaixo do casaco numa corrida desenfreada pela liberdade. Charlie prendeu-a pela cauda, quase a arrancando, mas escapou-se-lhe por entre os dedos e fugiu. Esgueirou-se por uma fenda na parede rumo à segurança.

Charlie levantou-se. Foi tão desesperante que quase se tornou divertido. O estômago dela implorou por alimento, e tinha a garganta a arder. Precisava de ingerir algo. Algum alívio. Algum sustento.

Desistiu e fez aquilo a que prometera nunca se rebaixar. Baixando as cuecas, urinou para a mão em concha e depois, de uma golada, bebeu o líquido quente.

Seria imaginação dela ou estavam a culpá-la? Charlie e Mark estavam desaparecidos há mais de 48 horas, e a ansiedade da equipa transformava-se em comoção e aflição. Enquanto Helen orientava a caçada da equipa para encontrar os colegas desaparecidos, começou a aperceber-se de olhares acusadores provenientes de todo o lado, como se tivessem decidido coletivamente que tudo era responsabilidade dela.

A triangulação feita aos telefones permitiu estabelecer a última localização de Mark e Charlie em Spire Street. Batia certo com a dica anónima relativa a Tanner que os incentivara a dirigir-se àquela zona. Mas a pista esfriou. Eles desligaram os telemóveis e os rádios e deixaram de estar em contacto com os colegas. De início, a equipa teve a esperança de que o avistamento de Tanner fosse genuíno e que, de alguma forma — e algures —, Charlie e Mark ainda estivessem a trabalhar no caso. Mas aos poucos tornou-se óbvio a todos que a chamada telefónica era um embuste. Não houve qualquer tentativa de agressão: Mark e Charlie foram deliberadamente conduzidos àquele local. Só podia ser uma armadilha. Toda a gente estava a pensar o mesmo. Tê-los-ia ela apanhado?

Espalhando-se a partir de Spire Street, investigaram todos os edifícios, falaram com todos os lojistas e transeuntes, e à segunda passagem pelo antigo hospital pediátrico um agente mais atento detetou uma tábua solta numa das janelas. Havia lama fresca no parapeito, como se alguém tivesse trepado por lá recentemente. Helen quis de imediato enviar agentes para o interior, mas os seus superiores recusaram-se a autorizar sem o apoio de uma equipa tática.

Levou um frustrante tempo infinito a mobilizar uma unidade armada, mas Helen juntou uns quantos elementos e acelerava agora na direção do velho hospital com a equipa de operações especiais SO19 a reboque. Tratava-se de um edificio enorme com várias saídas, e ela não quis que Suzanne lhe escapasse por entre os dedos. Isso se ela ali estivesse, claro.

Entraram com muitas cautelas e discrição. A SO19 tomou a liderança, com Helen, o detetive Bridges e uma dúzia de polícias logo atrás. A área a vasculhar era enorme, mas, caso se dividissem, poderiam cobri-la com alguma rapidez, mantendo-se constantemente em contacto via rádio.

Helen tinha o corpo completamente tenso. Sabia que tinha de tentar controlar os nervos; nervos em excesso originam más decisões, especialmente quando se empunha uma *Glock*. Era um dia ventoso, e as rajadas que assobiavam pelas janelas partidas faziam com que o local parecesse fantasmagórico ou até assombrado. *Controla-te*, disse ela a si própria. Não deveria ver sombras ou fantasmas onde não existiam.

Mas era difícil relaxar com tanta coisa em jogo. Era tudo culpa dela. Não só por ter inspirado os homicídios, mas por ter implorado a Mark que regressasse ao trabalho. Se o tivesse deixado em paz, ele seria naquele momento um anormal triste, mas a salvo. Regressara ao trabalho sem a recriminar e sem ponta de rancor. Porque acreditava no que fazia e porque — apesar de tudo — confiava nela. E que bela recompensa obtivera pela sua dedicação.

Ela trepou até lá acima, violando o protocolo ao agir por conta própria. Espreitou

para dentro da primeira divisão. Estava abandonada e esquecida, um lugar escuro e cheio de pó. Helen soltou a cavinha de segurança da arma. O instinto indicou-lhe que a sua irmã não seria descuidada ao ponto de enfrentar uma unidade das SO19. O alvo dela era Helen. Levantou a arma e enfiou a cabeça na porta seguinte, convencida de que em breve iria estar cara a cara com a sua némesis.

Um súbito grasnido no rádio. Era o detetive Bridges. Parecia mais excitado do que alarmado. Ouvira ruídos. A vir lá de baixo. Estava a caminho do local, para ver do que se tratava. Helen deu de imediato a volta e desceu as escadas a correr.

Correndo muito depressa na direção das pancadas, o detetive ficou surpreendido por ver Helen a passar-lhe à frente. Sempre se orgulhara da sua velocidade, mas a sua inspetora-detetive era uma mulher possuída. Ela estava a tentar dominar-se, mas Bridges percebeu que não demoraria a explodir. Incitada pelo medo, pela preocupação e pela raiva, estava a assumir o protagonismo. Queria ser ela a pôr fim àquele pesadelo.

Assim que chegaram ao fundo das escadas, os corredores repartiram-se em quatro direções. O rádio voltou a dar sinal de vida, e Bridges desligou-o, movido por um olhar virulento de Helen. Apuraram os ouvidos para se porem à escuta.

Logo à frente. O ruído vinha, sem dúvida, do corredor mesmo diante deles. Correram para lá. A primeira porta estava trancada, mas o som vinha mais de cima. Estavam de novo em movimento. Ali estava o som, repetitivo e insistente: *pum, pum, pum*. Da porta ao lado, que estava trancada. Tinham de a transpor.

Enquanto Helen gritou através da porta, à espera de uma resposta, um agente foi rapidamente procurar um pé de cabra. Nem um minuto demorou e trouxe mais agentes com ele. Fazendo pressão com o ombro, tentou forçar a fechadura da pesada porta metálica. Para a frente e para trás, para a frente e para trás, até esta acabar por ceder com um rangido lamurioso. Afastando-o da frente, Helen e Bridges lançaram-se lá para dentro.

E depararam com uma divisão vazia.

Uma janela partida, parcialmente solta das dobradiças, batia a um ritmo constante no caixilho metálico, conforme era violentamente sacudida pelo vento.

Desejou morrer.

Para Mark, a morte, naquele momento, seria uma bênção, um alívio da dor que lhe atormentava o corpo. Tentara dar luta à febre, concentrar-se no aqui e agora, para descobrir uma forma de ele e Charlie conseguirem arranjar um modo de escapar, mas isso só lhe provocara ainda mais dores de cabeça do que o habitual, pelo que acabou por sucumbir à letargia.

Quanto tempo levaria até morrer de fome? Demasiado. Perdera a conta ao tempo, mas tinha a certeza de que ocupavam aquele cárcere há praticamente três dias. O estômago dele estava em permanente revolução, tinha a garganta inchada e seca, e mal conseguia levantar-se. Para passar o tempo, tentou evocar recordações da infância, mas os pensamentos relativos à escola transformaram-se em pensamentos sobre *Paraíso Perdido*, poema que estudara (e odiara estudar) na secundária. Sentiu-se como uma personagem dessa visão de pesadelo, incessantemente torturado pelo frio glacial das noites e pelos horríveis suores que o atormentavam ao longo dos dias intermináveis. Não havia tréguas.

Ele sabia que a febre estava a piorar. Tinha bons e maus momentos. Momentos em que estava lúcido e conseguia falar com Charlie e outros em que sabia estar a murmurar incoerentemente. Terá, a dada altura, perdido por completo o tino? Afastou tal ideia da mente.

Levou a mão à nuca para explorar o seu ferimento. O golpe era amplo e profundo, e sondava-o agora com os dedos sujos.

— Não mexas nisso, Mark. — A voz de Charlie percorreu a escuridão. Mesmo depois de três dias de purgatório, não desistia de olhar por ele. — Só vais piorar as coisas.

Mark ignorou-a, pois algo se movia contra o dedo dele. O ferimento estava vivo. Puxou os dedos para fora e levou aquilo ao nariz. Larvas. O ferimento estava infestado de larvas.

Levou os dedos à boca e com a língua apanhou os pequenos vermes para os engolir. Foi estranho senti-los a escorrerem-lhe pela garganta. Estranho mas bom. Arrancou mais uns quantos da ferida e enfiou-os na boca.

Charlie já estava ali perto. Baixou-se até ao chão ao lado dele. Mark fez uma pausa; a amizade deles e a pura decência mais uma vez impuseram-se. Com esforço, virou a cabeça, oferecendo-se para que ela se servisse. Hesitante, ela tirou dois dedos de larvas do ferimento e enfiou-as na boca. Saboreou-as, deixando que se dissolvessem na língua, e depois serviu-se de mais um pouco.

Acabou demasiado depressa. A refeição de larvas chegara ao fim. Os estômagos deles começaram a pulsar de fome; os pequenos pitéus que ingeriram serviram apenas para recordar às suas entranhas o quanto se encontravam tremendamente vazias. Mais, mais, mais. Os estômagos queriam mais, *necessitavam* de mais.

Mas não havia mais nada para lhes oferecer.



Vasculharam minuciosamente cada centímetro de terra num raio de três quilómetros em redor do velho hospital, mas continuava a não haver sinais de Mark ou de Charlie. O que encontraram foi sangue fresco, num corredor do 4.º andar do hospital. Os testes vieram a confirmar que se tratava de sangue de Mark. A detetive McAndrew começou a chorar e não foi a única da equipa a mostrar-se visivelmente perturbada. Até então, Helen não se apercebera do quanto gostavam dele na equipa. Não admirava que a odiassem.

Portanto, Mark e Charlie tinham sido atraídos ao hospital, atacados e levados para outro local. Não havia câmaras de vigilância nas imediações do hospital. As câmaras nas ruas da vizinhança com mais trânsito apanharam inúmeras carrinhas *Transit* na zona na hora estimada, mas qual seria? Para onde é que ela os levava? Não faltariam por certo edifícios e armazéns desocupados na zona. Havia já agentes a inspecioná-los, auxiliados pelos cães que Helen exigira. Andavam à procura de potenciais testemunhas, ou de pessoas que pudessem ter passado por lá, e a fazer minuciosos interrogatórios porta a porta. Se alguém se comportasse de modo suspeito, teria a sua casa revistada de cima a baixo — virada do avesso, se fosse necessário. Tinham de encontrá-los.

Helen estava a apostar tudo na ideia de que se manteriam por perto. Suzanne poderia tê-los levado para outro lado, mas tratava-se de agentes da polícia em estado de alerta, uma tarefa mais complicada do que com as restantes vítimas. Ela não iria querer estragar tudo, por certo que jogaria pelo seguro. Precisavam de olhos e ouvidos — tantos quanto possível — a bater Southampton, Portsmouth e mais além. Helen já solicitara agentes às forças policiais das terras vizinhas, convocara pessoal civil de apoio à polícia e cancelara as folgas de todos os elementos da Esquadra Central de Southampton. Mas não bastava.

Havia uma jogada mais lógica. Emilia Garanita ouvira falar da investida infrutífera ao antigo hospital pediátrico. Aborrecida por não ter sido informada a tempo, atormentara Helen com chamadas, desesperada por saber a razão da incursão e por que desde então andava toda a gente em grande agitação. Andavam à procura de Suzanne? Ou de mais vítimas?

Era um passo arriscado, mas Helen não tinha alternativa. Já iam no quarto dia de buscas, e sem resultados. Por isso, pegou no telefone e marcou o número dela.

Emilia Garanita adorava o seu trabalho. Não tinha horário, pagavam mal, e muitas autoridades eram abertamente grosseiras com os repórteres dos pasquins da terra, mas nada disso lhe interessava. Era viciada em adrenalina, na imprevisibilidade e na excitação que o seu emprego lhe oferecia todos os dias.

E depois havia o poder. Desdenhosos como eram os políticos, os polícias e os vereadores, ainda assim todos temiam terrivelmente os jornalistas. Confiavam bastante na benevolência da população para progredirem na carreira — e eram jornalistas como Emilia que diziam ao público como este haveria de pensar. Emilia sentiu-se na posse desse poder ao sentar-se em frente a Helen Grace. Emilia escolhera o local — e não Grace — e era ela agora a estabelecer a agenda. Grace necessitava da ajuda dela, por isso não haveria mais mentiras nem cortinas de fumo.

— Há dois agentes desaparecidos — começou bruscamente Grace. — Charlie Brooks e Mark Fuller... penso que já os conhece. Podem ter sido raptados, e precisamos da sua ajuda, da ajuda dos seus leitores, nas nossas buscas.

Conforme Grace prosseguiu, Emilia sentiu um formigueiro familiar. Era outra coisa que o jornalismo tinha de bom: a qualquer momento uma história sumarenta, uma verdadeira bomba, podia cair-lhe no colo. Era por esses dias que se ansiava. Todas aquelas horas passadas a cobrir casos nos julgados de paz — o vandalismo, as lutas, os roubos — eram o preço a pagar para se obter uma verdadeira notícia. E, quando surgia uma, o melhor era estar a postos. Eram essas histórias que davam fama.

Emilia não conseguiu escrever suficientemente depressa, apesar de recorrer a estenografia. Os desenvolvimentos daquela história eram espantosos, já era capaz de imaginar as manchetes. E estar à frente dos jornais nacionais num caso daquela dimensão era efetivamente um achado.

Emilia prometeu fazer tudo o que estivesse ao seu alcance, e Grace foi-se embora. A inspetora-detetive disse estar agradada com o resultado da «conversa», mas pareceu tremendamente abatida, pensou Emilia. Não era mulher para se sentir confortável a pedir ajuda ou a mostrar-se submissa perante outra mulher. Que se lixasse a irmandade.

Emilia regressou rapidamente à redação. Já se dissipara a excitação nervosa inicial e sentiu-se tremendamente calma. Sabia exatamente o que fazer.

Ao longo da sua carreira, usara o jornalismo como uma arma: para expor, ferir ou destruir quem o merecesse.

Dessa vez não seria diferente.

Eram 6.30 da manhã, e o sol recusava-se a aparecer. Um nevoeiro espesso e desagradavelmente húmido e frio envolveu Southampton — a perfeita personificação do estado de espírito de Helen. Ela bateu com força a porta de entrada atrás de si, subiu para a moto e acelerou pelo centro da cidade, puxando em demasia pelo motor.

Tinham decorrido mais 36 horas sem novidades. Não, não era bem assim, surgiram inúmeras «novidades», mas nenhuma se revelara prestável. Desde que saíra de junto de Emilia, Helen não parou de se fustigar, temendo ter cometido um grande erro. Não tivera, na realidade, muito por onde escolher. A comunicação social tinha de ser informada, mas, ainda assim, ela só piorara as coisas. Encontrara-se com Emilia já a noite ia longa, pelo que a história na manhã seguinte tinha mais de sensacionalismo do que de pormenores. Naquele dia, o que o *Evening News* trazia prometia ser algo bem diferente.

Quando Helen chegou, viu pousado na sua secretária um exemplar do jornal. Algum elemento da equipa a mostrar-se útil ou a querer marcar posição? Helen passou à frente da manchete sensacionalista e foi direta aos pormenores nas páginas interiores. Era horrível. Tortura a um nível pornográfico, exceto no nome. Com pormenores exaustivos e obscenos, os leitores eram transportados pelas várias etapas da fome e da desidratação, especulando sobre qual seria o agente a aguentar mais tempo e quais seriam as possíveis causas de morte. Para o leitor mais estúpido, até tinham um útil gráfico — um calendário do declínio físico e mental — que destacava como Charlie e Mark se sentiriam no dia 1. E no dia 2. Três. Quatro. Cinco. Sobre os dias seguintes, pairava uma grande interrogação, mas só poderia significar uma coisa.

Perdida no meio de toda aquela lascívia, estava a linha telefónica especial da polícia, o suposto tema de tão ampla cobertura. Como seria de esperar, não parou de tocar. A sensação de excitação gerada por aquela história extraordinária só poderia resultar naquilo. A maioria das chamadas era de pessoas desesperadas por atenção, e Helen ia tendo um ataque de nervos.

Quando se sentou com o namorado de Charlie e com os pais de Mark, Helen pouco consolo conseguiu dar-lhes. Tinham ficado arrasados com as reportagens sensacionalistas do *Evening News* e descarregaram a raiva sobre Helen. Ela teve de ser franca sobre as hipóteses de sobrevivência dos entes queridos deles, apesar de jurar que tudo estava a ser feito para trazê-los de volta. Estavam traumatizados, não conseguiram interiorizar a situação, como se aquilo não passasse de um triste pesadelo do qual em breve iriam despertar.

Helen estava desesperada por lhes dar algo, uma boa notícia que pusesse fim ao sofrimento, mas não valia a pena mentir. Ela sabia que Mark e Charlie seriam fortes, mas há quase uma semana que não havia sinais deles. Quem sabe em que estado estariam? Ou quanto tempo aguentariam? Afinal de contas, eram apenas humanos.

O relógio não parava, e todos os minutos contavam.

Charlie tentou erguer-se, mas, assim que se endireitou, sentiu a cabeça às voltas. Sentiu-se zozna, embriagada, e voltou a cair de rabo no chão. Rodando a cabeça para o lado, voltou a ter arrancos. Mas já não tinha nada para vomitar; já há uns dias que assim era.

Estava a morrer de fome. Era uma frase que usara descontraidamente muitas vezes, mas agora aprendia o seu verdadeiro significado. Ataques sucessivos de diarreia, espasmos nas articulações, manchas vermelhas por todo o tronco e a pele estupidamente gretada em redor da boca, cotovelos e joelhos. Parecia estar a mudar de pele, a desintegrar-se. Não faltaria muito até ser pouco mais do que um esqueleto. As larvas há muito que haviam desaparecido. Mark provavelmente morreria antes de elas regressarem.

Do outro lado da divisão, Mark começou a murmurar uma canção de embalar, «I Had a Little Nut Tree», como se fosse um acompanhamento. Desde há dias que andava a mutilar canções de embalar. Talvez a mãe dele as tivesse cantado, ou talvez as cantasse ele próprio à filha.

De uma maneira ou de outra, as letras estavam todas erradas, e as melodias todas misturadas. Na verdade, só fazia ruídos, para provar a si próprio que ainda se mantinha vivo. Quem queria ele enganar?

Charlie observou atentamente o cárcere deles pela enésima vez. E as mesmas quatro paredes devolveram-lhe o olhar. O chão era agora horroroso, seis dias de excreções, suor e vómitos combinados num cocktail medonho. E estavam a ficar com um frio tremendo. Charlie tentara agasalhar Mark, cujos dentes tremiam com a febre, com o isolamento da caldeira, mas aquilo arranhava-lhe a pele e incomodava-o, até acabar por cair.

Charlie chegou a pensar em comer o isolamento, mas sabia que não iria aguentá-lo muito tempo no estômago e já não se sentia capaz de enfrentar vómitos desnecessários. Por isso, sentou-se e dedicou-se a alimentar pensamentos sombrios.

Apoiou a cabeça na parede fria e húmida. Por momentos, a frescura da pedra relaxou-a. Aquele seria então o seu túmulo. Nunca mais voltaria a ver Steve. Nunca mais voltaria a ver os pais. Pior do que tudo, nunca veria o seu bebé.

Já não havia salvação. Já não esperava a equipa de resgate. Só lhes restaria aguardar pela morte.

A não ser... Charlie manteve a cabeça pressionada contra a parede, com os olhos bem fechados. Sabia que a arma estava ali perto, mas recusou-se a olhar para ela. Seria tão simples ir lá e pegar-lhe. Mark não a iria deter, e rapidamente tudo chegaria ao fim.

Mordeu os lábios com força. Algo que a distraísse daqueles pensamentos. Não iria fazê-lo. Não poderia fazê-lo.

Mas, de repente, não conseguia pensar noutra coisa.

Foi uma carnificina. Outros agentes da polícia poderiam ter-se encolhido face à tarefa, recorrendo a um bode expiatório para justificar algo que corra terrivelmente mal. Mas Helen sabia que fora ela a criar a situação, por isso não lhe restou alternativa que não fosse apresentar-se ao sacrifício.

Ladeada por enormes retratos com os rostos de Mark e Charlie, Helen reuniu-se com a imprensa nacional, pedindo a quem soubesse de algo suspeito que entrasse em contacto. O exclusivo de Emilia no *Evening News* gerara uma bola de neve. Todos os grandes tabloides e jornais sérios do Reino Unido marcaram presença na atulhada sala de conferências, havendo ainda de contar com jornalistas da Europa, dos Estados Unidos e de outras regiões do mundo.

Já não havia como esconder. Andavam no encalço de uma assassina em série. Era a admissão pública por que Emilia Garanita tanto ansiara, e ela não fez as coisas por menos e defendeu a demissão de Helen. Exigiu um inquérito oficial à liderança de Helen durante o caso. O *Evening News* iniciara outra grande campanha, listando as mentiras, meias-verdades, subterfúgios e incompetências que, do ponto de vista do jornal, até ali caracterizaram a investigação. Helen permitiu que o ataque incidisse sobre ela — desde que fizesse passar a mensagem para o exterior, os custos profissionais seriam de pouca importância.

Ela pretendia permanecer toda a noite embrenhada no trabalho, para dissipar a raiva e a frustração, mas a sua equipa, preocupada, finalmente conseguiu convencê-la a ir para casa, pelo menos durante uma ou duas horas. Todos tinham dado o seu máximo, mas começavam a faltar as forças a Helen.

Conduziu a moto até casa, a uma velocidade segura, pois ainda se sentia trémula e combatida. Assim que chegou, tomou um duche e vestiu roupa lavada. Soube-lhe bem sentir-se limpa e de imediato foi tomada por uma onda de energia e, o que era ainda mais ridículo, de esperança.

Por um breve e entusiasmante momento, teve a certeza de que os encontraria vivos e de boa saúde.

Mas, assim que olhou pela janela para a sombria paisagem noturna, esse breve espasmo de otimismo começou a evaporar-se. Tinham procurado em todo o lado e regressado invariavelmente de mãos a abanar. Enquanto a polícia de Hampshire virava Southampton do avesso na sua busca pelos agentes desaparecidos, Helen contactou os seus colegas da polícia metropolitana londrina. Haveria algo de pessoal na escolha da irmã pelo local de residência? Talvez tivesse optado por um lugar «divertido» para a última risada? Havia os armazéns devolutos aonde costumavam ir partir vidros, o cemitério em que se embebedavam, as escolas onde faltavam às aulas, as passagens subterrâneas aonde iam ver os rapazes a andar de skate. Pedira que todos fossem inspecionados.

Mas não dera em nada. Sempre o mesmo silêncio esmagador. Sempre a mesma frustração debilitante. Mark e Charlie estavam algures lá fora, e Helen nada podia fazer para ajudá-los.

Aguentou-se dez minutos em casa, antes de sair intempestivamente e regressar de imediato à sala de operações. Teria de haver algures uma pista. E Helen tinha de descobri-la.

A bebê não iria parar de berrar.

Charlie estava constantemente a imaginá-la dentro de si. De alguma forma, soube que se tratava de uma rapariga. E então imaginou a sua bebê, era já humana, com uma personalidade e necessidades, e não apenas um bando de células. Imaginou a bebê a gritar por comida, confusa e perturbada por não estar a receber nada por parte da mãe. As coisas não deveriam ser assim. Estaria o seu minúsculo estômago a doer com a fome, como o de Charlie? Poderia ainda nem sequer ter estômago, pensou Charlie, mas era uma imagem que não conseguia afastar da mente. *Estou a deixar a minha bebê morrer à fome. Estou a deixar a minha bebê morrer à fome.*

Mark e Charlie tinham-se colocado a si próprios naquela situação. A culpa era só deles. Mas a bebê era inocente. Pura e inocente. Porque é que a bebê haveria de pagar por aquilo? A raiva sentida face à sua estupidez despertou-lhe o espírito. A sua determinação pelo menos não enfraquecera, ao contrário do seu corpo descarnado e inútil.

Tentou conter a fúria. Tentou dormir. Mas a noite foi longa. E fria. E sossegada. Charlie tentou dormir, mas a bebê não parava de gritar.

Gritava-lhe para que pegasse na arma.

A equipa foi posta ao corrente das últimas informações e recebeu as suas tarefas. Enquanto Bridges, Sanderson e o resto da equipa se espalharam pelo condado e arredores, Helen permaneceu na retaguarda na sala de operações. Alguém tinha de coordenar a enorme operação de busca, e, além disso, Helen tinha a inquietante sensação de que lhe estava a faltar algo e quis ver de novo as provas.

Verificara todas as pistas, mesmo as mais pequenas. Todos os municípios do sul de Inglaterra tinham sido contactados, e o pessoal administrativo estudava atentamente a lista de instalações industriais abandonadas à espera de renovação ou demolição. As autoridades portuárias tinham sido contactadas; estava a ser compilada uma lista de armazéns e estabelecimentos inativos. Havia pessoal a analisar as propriedades para arrendar, mas só era possível processar os arrendamentos mais recentes, e era impossível saber se Suzanne não arrendara um espaço há semanas.

A operação de busca era gigantesca e abrangente, mas nem por isso Helen deixou de achar tudo aquilo fútil. Se o local onde estavam presos fora escolhido ao acaso, então quais seriam as possibilidades de serem encontrados? Incitada pelo medo do fracasso e por uma sensação de que a resposta estava debaixo do seu nariz, Helen retomou a análise dos locais fundamentais da infância que partilhara com a irmã. Sempre admirara Marianne, que era a mais forte das duas, e seguiu-a como uma sombra por todo o lado. Quando se encontrava Marianne, encontrava-se Jodie, era o que toda a gente dizia. Ao mudar de nome, e ao mudar de vida, Helen tentou sair dessa sombra, mas mais uma vez acabou por ir lá parar, rumo às trevas e ao desespero.

Foi ao ler o dossiê da irmã relativo à Arrow Security que Helen sentiu aquele arrepio de entusiasmo e regozijo que anuncia uma nova pista. Nesta era de igualdade entre sexos, a presença de um segurança do sexo feminino nas listas deles não deveria ter dado nas vistas. Mas, na realidade, quantas mulheres é que se viam a desempenhar trabalhos de segurança? Mais importante do que isso, aquela mulher apenas entrara para a Arrow há dois meses. Fora destacada para ajudar a vigiar as propriedades em redor de Croydon e Bromley, que era onde ela vivia. Mas as referências dela pareceram-lhe duvidosas — falsificadas —, e uma verificação rápida por parte do pessoal administrativo revelou que o endereço da casa dela era falso.

Helen enviou por fax à Arrow a identificação fotográfica de Marianne feita na polícia e uma imagem gerada por computador de uma Marianne «mais velha», e a empresa, assustada, respondeu de imediato. A mulher nas imagens poderia ser a nova funcionária deles, que dava pelo nome de Grace Shields.

*Grace.* Já não podia haver dúvidas. Mas seria aquilo um «vai-te foder» ou um «anda cá, querida»? Helen optou pela última e já estava mais uma vez em grande velocidade a caminho da Torre Chatham. Não poderia ter a certeza se — ou quando — a sua irmã pretendia que ela estabelecesse a ligação, mas não iria voltar atrás. Ou Marianne estaria algures na Torre Chatham, ou estariam Mark e Charlie, e ela iria encontrá-los.

Helen sentiu a esperança a interiorizar-se conforme acelerou para norte. O jogo chegara à sua fase final.



*Estava a chover quando eles me levaram.*

*Não tinha reparado quando me arrastaram lá para fora até ao carro da polícia, mas, quando me sentei no banco de trás como uma criminosa vulgar, vi as luzes azuis a piscar refletidas nas poças na rua.*

*Senti-me entorpecida. Os psicólogos viriam a dizer que se devia ao choque depois dos assassinios, mas nunca acreditei nisso. Sim, foi um choque, mas não por causa disso. Mais tarde tentaram fazer com que falasse com eles, mas não iria — não podia — dizer-lhes uma palavra que fosse. Já estava a desligar. Para mim, era o princípio do fim.*

*Olhei para cima e vi-a à entrada a olhar para mim. Estava envolvida num cobertor e já andava uma assistente social a rondá-la, mas ela limitou-se a olhar fixamente para a frente, como se não conseguisse acreditar em tudo aquilo. Mas era a realidade, e ela fizera com que acontecesse. Fora ela a dividir a família, e não eu.*

*Eu é que fui atacada pela imprensa, condenada à cadeia, maltratada e difamada. Mas ela é que cometeu o verdadeiro crime, e ela sabia-o.*

*Vi isso no olhar dela quando estavam a levar-me embora. Era como Judas. Não, era pior do que Judas. Ele traía apenas um amigo. Ela traía a irmã.*

*Sê rápido. Acaba com isto.*

Mark incitou-se a mexer-se, a reunir as suas derradeiras reservas de força e a fazer o que era necessário. Mas a febre arrasava-o, sentia muitas dores no corpo e tinha dificuldade em mexer as pernas. Mas era mesmo necessário, pelo que conseguiu avançar.

Charlie estava deitada no chão, a chorar e a gritar. Estaria a enlouquecer? Por norma tão calma e tão calorosa, estava agora enfurecida e violenta, uma harpia sibilante à beira da insanidade. Quem poderia saber o que ia na sua cabeça?

A arma estava equidistante em relação a ambos. Mark não conseguia desviar o olhar dela. Agora que tinham esgotado todas as tentativas de fuga, a pistola era a única solução que lhes restava.

Conseguiu erguer-se apoiado nos cotovelos. Estes cederam de imediato debaixo dele, e caiu ao chão, com o queixo a embater violentamente na pedra fria. Furioso, voltou a tentar, levando os músculos ao limite para erguer os ossos do chão. Dessa vez conseguiu, aproveitando para levantar os joelhos e enfiá-los sob o peito. Sentiu dores agudas no peito, pernas e braços — todo o seu corpo se amotinava, mas não iria permitir que triunfasse.

Espreitou mais uma vez para a arma. Agora com calma, nada de movimentos bruscos. Lentamente, apoiou-se sobre o traseiro e conseguiu sentar-se. Ao pôr-se direito, sentiu a cabeça a latejar, e inesperadamente surgiu-lhe uma recordação: a de Elsie a pôr-lhe um toalhete frio na testa para aplacar uma ressaca de Ano Novo. Ela sempre fora um anjinho. O seu anjinho.

A pistola estava a um metro e meio dele. Com que rapidez é que conseguiria lá chegar? Assim que se decidira a fazê-lo, não poderia voltar atrás. Uma pequena pausa e poderia perder a determinação. Um momento de hesitação e o seu corpo poderia soçostrar. Ele tomara a sua decisão e não deveria permitir que dúvidas de última hora o detivessem.

Arrastou-se pelo chão, apoiado nas mãos e nos joelhos. A dor era lancinante, mas conseguiu seguir em frente. Charlie ouviu-o e virou-se rapidamente, mas era demasiado tarde, Mark já lá chegara. Deitou a mão à arma e ergueu-a. Chegara a hora de matar.

Chovia intensamente. Rebentara uma tempestade, e a chuva fustigou Helen enquanto ela acelerava até à torre. Era como se o tempo estivesse imbuído da mesma fúria que incitava Helen a avançar.

A água a escorrer pela viseira do capacete turvou-lhe a vista, por isso, quando Helen a viu, pareceu-lhe um fantasma, como se fosse uma aparição. De início, achou tratar-se do funcionário da Arrow a ir ter com ela, mas depois percebeu que se tratava de uma mulher. Ficou desde logo tensa, abrandando a moto e levando a mão à arma.

Então, de repente, deixou de respirar. Cerrou bem os olhos e depois voltou a abri-los, desejando estar enganada. Mas não estava. Derrapou ao travar, saltou da moto e correu na direção do vulto encharcado e seminu.

Charlie passou a cambalear por ela como se não a tivesse reconhecido.

Helen agarrou-lhe o braço com força, puxando-a de volta para si. Charlie virou-se e, com uma cólera selvagem no olhar, tentou morder Helen no rosto. Helen afastou-a e deu-lhe uma bofetada violenta. O golpe pareceu espantar Charlie, que se deixou cair de joelhos. Suja e sem roupa, era uma versão apavorante da agente altiva que Helen em tempos conhecera.

— Onde? — A interrogação de Helen foi brusca e insensível.

Charlie não conseguiu olhar para ela.

— Foi ele. Não fui eu. Ele fê-lo para me salvar...

— Onde? — rugiu Helen.

Charlie estava agora lavada em lágrimas. Levantou o braço esquerdo e apontou para a Torre Chatham.

— Na cave — disse, com a voz rouca e débil.

Helen deixou-a ali ajoelhada e correu na direção da torre. Solto a cavilha de segurança da pistola quando atravessou a correr a entrada destrancada da propriedade. Já não havia tempo para estratégias ou cautelas. Tinha de encontrar Mark.

Empurrou para os confins da mente a possibilidade de ele já estar morto. Ainda iria a tempo de salvá-lo? Tinha de ser. Num segundo, Helen percebeu que sentia algo por Mark. Não era ainda amor, mas algo reconfortante e bom que poderia ter-se desenvolvido. Talvez houvesse uma razão para se terem juntado. Talvez devessem salvar-se mutuamente e reparar os danos do passado.

Entrou de rompante e vasculhou freneticamente as imediações. E depois desatou a correr para o átrio, abrindo com um pontapé a porta junto aos elevadores. Desceu, desceu e desceu, saltando os degraus três a três.

Chegou à cave. Abriu a primeira porta com um pontapé para dar com... uma arrecadação vazia. Não, aquilo não podia estar certo, a porta não era suficientemente forte para manter alguém preso lá dentro, ela teria necessitado... E então Helen viu-a, a porta de metal reforçada que balançava nas dobradiças. Helen correu pelo corredor e saltou lá para dentro.

Assim que entrou, os seus joelhos cederam e deixou-se cair no chão. Encontrara Mark. E vira o pior. Lentamente, ergueu a cabeça, mas à segunda vista não melhorou. Mark jazia numa poça formada pelo seu próprio sangue. Estava morto, com a arma que o

matará ainda presa na mão. Helen avançou atabalhoadamente pelo chão imundo até junto dele, aconchegando-lhe a cabeça nos braços. Mas estava fria e inerte.

Uma pancada bem audível levou Helen a olhar para cima. Quem é que ela esperaria que fosse? Charlie? Bridges? Era Marianne, só podia ser.

— Olá, Jodie. — Sorriu ao trancar a porta atrás dela. — Há muito tempo que não te via.

Não houve uma sensação de triunfo. Nem de felicidade. Nem sequer de alívio. Charlie sobrevivera. Iria viver. A sua bebé iria viver. Mas a velha Charlie estava morta e enterrada. Não havia volta a dar.

Estava deitada no alcatrão, com a chuva a desabar sobre ela. A sua mente andava à roda. Comoção misturada com repugnância. Aos poucos, o cansaço apoderou-se dela. Fechou os olhos e abriu a boca. A chuva precipitou-se para o interior da sua boca ressequida e em sangue. Uma breve sensação de alívio, de vida a fluir por ela e depois o esquecimento. De olhos fechados e com a mente a vaguear, sentiu-se a ser sugada para debaixo de água, arrastada para uma escuridão reconfortante e ao mesmo tempo debilitante.

Depois ouviu uma voz. Uma voz mecânica, estranha e distante. Charlie tentou afastar-se do abismo, mas o cansaço tomou conta dela. E ali estava de novo. A voz, premente e insistente. A custo, abriu um olho. Mas não estava ali ninguém.

— Onde é que está? Por favor, responda. — A voz, desesperada, começava a tornar-se mais nítida.

Charlie abriu o outro olho, conseguindo erguer a cabeça do chão.

O rádio de serviço de Helen, caído no chão junto à moto. E a voz... a voz era do detetive Bridges. Que a procurava.

Talvez ainda não tivesse acabado. Talvez Charlie ainda dispusesse de uma oportunidade de redenção. Sabia que tinha de tentar. Levantou-se a custo e caiu de joelhos. Todo o seu corpo tremia, os dentes trepidavam. Estava a ver a dobrar. Mas tinha de chegar ao rádio.

— Porquê?

Marianne riu-se. A pergunta de Jodie estava carregada de uma bela ironia. Fora exatamente o que Marianne lhe perguntara *a ela* todos aqueles anos. Um amplo sorriso tomou conta do rosto de Marianne; quem poderia prever que iria tudo resultar tão bem?

— É mais simples do que possas pensar. Os homens foram fáceis. Já sabes como se comportam face a uma cara bonita. E as raparigas, bem, elas foram muito... ingénuas. Gostaria de poder dizer que foi complicado, mas, como podes ver, levei a que fossem outros a tratar do trabalho pesado.

Deitou uma olhadela ao corpo de Mark.

— A propósito, viste a Charlie? — prosseguiu. — Como é que ela está? Passou a correr por mim assim que abri a porta, nem sequer a consegui ver bem.

— Está de rastos...

— Oh, não sejas tão melodramática. Ela fica bem. Vai melhorar, estar com o namorado e ter o seu bebé. Se ela vai conseguir olhar o miúdo nos olhos, isso já é outra coisa, mas ela ganhou. Sobreviveu. Achei que ela ia fazê-lo, mas o Mark tratou do assunto.

— Porque é que não te limitaste a vir atrás de mim? — quis saber Helen.

— Porque quis que sofresses.

Ali estava, sem rodeios.

— Eu agi bem. E faria tudo igual de novo. — Helen falava cada vez mais alto, devido à fúria que se ia impondo. E pela primeira vez notou-se um sinal de algo, talvez raiva, nos olhos de Marianne.

— Não quiseste saber do meu sofrimento, pois não? — cuspiu.

— Isso não é verdade.

— Não é que quisesses que eu sofresse, só que nunca te interessou se isso acontecia. O que é pior.

— Não, nunca senti ou desejei...

— Estive presa durante 25 anos. Tentaram vergar-me quando me enfiaram entre os jovens delinquentes e voltaram a tentar na prisão de Holloway. Escrevi-te, por isso não faças de conta que não sabes do que falo. A solitária, os abusos, os espancamentos. Conte-te tudo, *inclusive* a forma como pagaram por isso. Em Holloway arranquei um olho da merda da cara de uma rapariga, lembras-te? É claro que te lembras. Mas, ainda assim, não me escreveste nem me visitaste. Não me ajudaste de todo, porque querias que eu apodrecesse na prisão. Que definhasse e morresse. A tua própria irmã.

— Há muito tempo que deixaste de ser minha irmã.

— Por causa do que lhes fiz? Pelo menos tive tomates, cabra mal-agradecida.

O veneno estava finalmente a infiltrar-se.

— Salvei-te. Eras tu a seguir. Teriam destruído uma miúda como tu.

A verdade da acusação de Marianne ceifou a consciência de Helen.

— Eu sei disso. Sei que achaste que me estavas a salvar...

— Juntas, poderíamos ter sido felizes. Poderíamos ter ido para algum lado, longe das ruas, arranjar qualquer coisa. Nunca nos teriam encontrado. Se nos tivéssemos mantido

juntas, ainda hoje estaria tudo bem entre nós.

— Acreditas mesmo nisso, Marianne? Porque, se assim é, estás bem mais perdida do que pensei...

De repente, Marianne atravessou a divisão em passos firmes na direção de Helen, com o olhar enfurecido. Helen levantou de imediato a *Glock*, e Marianne deteve-se a meio caminho. O par estava agora separado por um metro apenas.

Helen fitou o rosto da irmã. Tão familiar na forma e nos traços, mas tão estranho na expressão. Parecia que um monstro se apoderara do interior dela e que aos poucos se revelava ao exterior.

— Não te atrevas a olhar de alto para mim — sibilou Marianne. — Não te atrevas... a julgar-me. Aqui, quem está a ser julgada és tu, e não eu.

— Por ter agido corretamente? Por ter feito o que era mais honrado? Mataste os nossos pais, Marianne. AssassinaSTE-os a sangue-frio.

— E tiveste saudades deles? Mais tarde? Sentiste a falta daqueles violadores?

Por momentos, Helen ficou sem saber o que dizer. Nunca se questionara quanto àquilo. Ficara tão obcecada com Marianne, tão envolvida com a sua desconcertante jornada por lares de acolhimento e pelos Serviços Sociais, que na realidade nunca teve espaço para sentir pesar.

— E então, tiveste? — exigiu saber Marianne.

Seguiu-se um longo silêncio antes de surgir a resposta.

— Não.

Marianne exibiu um sorriso rasgado. Um sorriso triunfal.

— Aí tens. Eles eram umas nulidades, pior do que nulidades. E mereciam um destino pior do que aquele que lhes reservei. Fui meiga com eles. Ou já te esqueceste do que eles fizeram?

Ela retirou a peruca loura que usava e destapou o couro cabeludo. O cabelo nunca tornara a crescer no local que o pai encostara ao aquecedor de três barras, deixando uma estranha e repelente porção careca na coroa da cabeça.

— Estas são apenas as cicatrizes visíveis. Ele iria acabar por nos matar. Por isso, fiz o que precisava de ser feito. Devias estar muito grata.

Helen fitou a sua irmã. O despeito e a raiva que exibira durante o julgamento mantinham-se patentes ao fim de todos aqueles anos. O que ela dizia era verdade, mas continuava a soar de delírios de uma mulher enlouquecida. Helen sentiu um súbito desejo de escapar daquela sala horrível para bem longe do seu ódio ardente.

— Como é que isto acaba, Marianne?

Marianne sorriu, como se já esperasse por aquilo. E respondeu:

— Acaba tal como começou. Com uma escolha.

E agora tudo começava a fazer sentido.

— Há muitos anos fizeste a tua escolha — prosseguiu Marianne. — Escolheste trair a tua irmã. A tua irmã que te ajudou. Que matou por ti. Preferiste salvar-te e deixar-me entregue às feras.

— E todas as tuas vítimas encararam uma escolha — interrompeu Helen, quando se tornou bem claro o horror do plano de Marianne.

— Achas que as pessoas são boas, Jodie, és muito otimista, mas não são. São más, egoístas e cruéis. Tu provaste isso mesmo. Assim como todos os merdosos egoístas que raptei. No final, não passamos todos de animais a arrancar os olhos uns aos outros para sobrevivermos.

Marianne aproximou-se um passo. Instintivamente, Helen apertou firmemente o gatilho da arma. Marianne deteve-se e sorriu, após o que ergueu a *Smith & Wesson* ao nível dos olhos de Helen.

— E tens outra escolha pela frente, Helen. Matas ou morres?

Então era aquilo. Helen e Marianne seriam as derradeiras participantes do jogo mortal dela.



O detetive Bridges deixou Charlie deitada onde ela estava e desatou a correr na direção do edifício. A SO19 vinha a caminho com equipamento próprio das forças de elite, e os paramédicos iam a correr para o local, mas ele não podia esperar. Helen encontrava-se lá dentro com a assassina — Suzanne, Marianne, fosse lá qual fosse o nome —, e ele não apostava muito nas possibilidades de sobrevivência dela. Tratava-se de um plano traçado desde o início para acabar num banho de sangue.

Entrou de rompante no átrio. Os elevadores já há muito que não se moviam, mas a porta da cave estava entreaberta, por isso foi para lá que correu. Pelas escadas abaixo e pelo corredor fora. Não estava armado, mas que se lixasse. Agora todos os segundos eram cruciais.

E ali estava. A porta metálica trancada. Lançou-se contra ela, e ouviu com clareza a voz de Helen, a ordenar-lhe que recuasse. *O tanas*, pensou ele, olhando com atenção em volta, desesperadamente à procura de uma ferramenta qualquer.

O corredor encontrava-se vazio, mas a última porta ao fundo dava acesso a uns arrumos, ainda atravancados com garrafas meio usadas de lixívia e desinfetante. Caído no chão, encontrava-se um extintor. Um daqueles à moda antiga, dos anos 1970, pesado e grosso. Bridges levantou-o do chão.

Percorreu de novo o corredor em ritmo de corrida e em poucos segundos chegou junto da porta de metal. Cerrou os dentes e depois bateu com o extintor na fechadura.

A porta estremeceu com o impacto, e um rugido metálico ecoou pelo corredor, mas Marianne nem pestanejou. Tinha os olhos fixos na irmã e o dedo a acariciar o gatilho da arma.

*Pum.* Mais um forte golpe na fechadura. Fosse quem fosse que estivesse do lado de fora, não lhe faltava determinação. A porta gemeu face ao persistente ataque.

— Está na hora de decidir, Jodie. — Marianne sorriu ao falar. — Disparo no preciso instante em que a porta se abrir.

— Não faças isso, Marianne. Não precisa de ser assim.

— É demasiado tarde para voltar atrás. Ele vai entrar. Portanto, escolhe.

A porta começava a ceder. Bridges fazia progressos.

— Não te quero matar, Marianne.

— Então a escolha está feita. É uma pena... Achei que ias aproveitar a oportunidade.

A porta rangeu ameaçadoramente — sobravam apenas uns segundos.

— Quero ajudar-te. Pousa a pistola.

— Tiveste a tua oportunidade, Jodie. E não quiseste saber de mim. Salvaste todas aquelas pessoas, todos aqueles estranhos, mas não quiseste saber de mim.

— E achas que não me sinto culpada por causa disso? Olha o que me fizeste. O que ainda estás a fazer-me.

Helen despiu a blusa para mostrar as cicatrizes nas costas. Por um momento, Marianne ficou paralisada, chocada com o que viu.

— Sou consumida pela culpa todos os minutos da minha vida. Claro que sim. Mas eu tinha 13 anos. Tinhas acabado de matar duas pessoas. Por amor de Deus, mataste a minha mãe e o meu pai na cama deles. Mataste os nossos pais. O que é que querias que eu fizesse?

— Queria que me protegesses. Devias ter ficado contente.

— Nunca te pedi que os matasses. Nunca quis que os matasses. Não percebes isso? Tudo o que fizeste foi por ti.

— Acreditas nisso? A sério, acreditas mesmo nisso?

— Sim, acredito.

— Então, não há mais nada a dizer. Adeus, Jodie.

Naquele preciso instante Bridges irrompeu pela porta, e soou um único disparo.

Charlie entreviu dois vultos por entre a chuva torrencial. Um homem a conduzir uma mulher para o exterior da torre. Charlie nunca fora religiosa, mas nos últimos dez minutos estivera a rezar, com uma esperança infundada num milagre. E agora teria a sua resposta.

Afastando para o lado os paramédicos que a tratavam, avançou rapidamente. Ao fim de apenas dez metros, as suas pernas cederam. Caiu de joelhos no chão encharcado. Escudando os olhos da chuva, esforçou-se por ver no meio da escuridão. Estava Bridges a ajudar a mulher ou a dominá-la?

De repente, o sol furou por entre as nuvens, e por momentos a obscuridade diminuiu.

Era Helen. Sobrevivera. Os paramédicos já iam a correr na sua direção, com os colegas dela a rodearem-na. Mas ela afastou-os. Charlie chamou-a, mas Helen passou por ela sem ouvir.

Libertando-se de Bridges, a inspetora-detetive Helen Grace caminhou sozinha à chuva. Terminara. Sobrevivera, mas não ganhara. A provação ia apenas no início. Pois, como Marianne percebera na pele, não há paz para quem derrama o sangue dos que lhes são mais próximos. Cabia agora a Helen carregar esse fardo.

## Sobre o livro

DOIS REFÉNS. UMA BALA.  
UMA DECISÃO TERRÍVEL.  
SACRIFICARIA A SUA VIDA  
PELA DE OUTRA PESSOA?

Uma jovem rapariga surge dos bosques após sobreviver a um rapto aterrador. Cada mórbido pormenor da sua história é verdadeiro, apesar de incrível. Dias mais tarde é descoberta outra vítima que sobreviveu a um rapto semelhante.

As investigações conduzem a um padrão: há alguém a raptar pares de pessoas que depois são encarcerados e confrontados com uma escolha terrível: matar para sobreviver, ou ser morto.

À medida que mais situações vão surgindo, a detetive encarregada deste caso, Helen Grace, percebe que a chave para capturar este monstro imparável está nos sobreviventes. Mas a não ser que descubra rapidamente o assassino, mais inocentes irão morrer...

Um jogo perigoso e mortal num romance de estreia arrebatador e de arrasar os nervos, que lembra filmes como *Saw* — *Enigma Mortal* e *A Conspiração da Aranha*.

«M. J. ARLIDGE VAI SER TÃO GRANDE COMO JO NESBØ.»  
Judy Finnigan, apresentadora britânica de televisão

## Sobre M. J. Arlidge

M. J. Arlidge trabalha em televisão há 15 anos, tendo-se especializado em produções dramáticas de alta qualidade.

Nos últimos 5 anos produziu um grande número de séries criminais passadas em horário nobre na ITV, rede de televisão do Reino Unido. Encontra-se presentemente a escrever uma série policial para a BBC, além de estar a criar novas séries para canais de televisão britânicos e americanos.

O seu romance de estreia *Um, Dó, Li, Tá*, que a Topseller se orgulha de publicar, tem estado a receber críticas excelentes de todos os meios de comunicação social internacionais.

A continuação deste livro será publicada pela Topseller em março de 2015.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Edição em formato digital: julho de 2022

UM, DÓ, LI, TÁ

Título original: *Eeny Meeny*

Texto: © 2014 M. J. Arlidge

Publicado pela Penguin Books, Ltd., Londres.

Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2014, PRH Grupo Editorial Portugal, Lda.

Topseller é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial Portugal

Av. da Liberdade, 245, 7.º A, 1250-143 Lisboa

[correio@penguinrandomhouse.com](mailto:correio@penguinrandomhouse.com)

Penguin Random House Grupo Editorial Portugal apoia a proteção do *copyright*.

Sem a prévia autorização por escrito do editor, esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por meio de gravação ou por qualquer processo mecânico, fotográfico ou eletrónico, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas.

Tradução: Rui Azeredo

Revisão: Paulo Santos

Capa: Luís Alegre/Wonder Book Design

Fotografia da capa: Corbis/VMI

ISBN: 978-989-623-704-2

Composição digital: Wonder Studio

Site: [penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)

Twitter: [penguinlivros.pt](https://twitter.com/penguinlivros)

Facebook: [penguinlivros](https://facebook.com/penguinlivros)

Instagram: [penguinlivros](https://instagram.com/penguinlivros)

*Um, Dó, Li, Tá* é uma obra de ficção. Nomes, personagens e episódios resultam da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, acontecimentos ou locais reais é pura coincidência.

## Índice

Um, Dó, Li, Tá

Sobre o livro

Sobre M. J. Arlidge

Créditos